

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

***PARA ALÉM DA INFLORESCÊNCIA: A
PRODUÇÃO INTELECTUAL DE REVOCATA
HELOÍSA DE MELO NO CONTEXTO DA
LITERATURA SUL-RIO-GRANDENSE***

LUCIANA COUTINHO GEPIAK

Rio Grande

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM HISTÓRIA DA LITERATURA

***PARA ALÉM DA INFLORESCÊNCIA: A
PRODUÇÃO INTELECTUAL DE REVOCATA
HELOÍSA DE MELO NO CONTEXTO DA
LITERATURA SUL-RIO-GRANDENSE***

LUCIANA COUTINHO GEPIAK


Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em História da Literatura, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Linha de pesquisa: Literatura sul-rio-grandense

Orientador: Dr. Francisco das Neves Alves

Rio Grande

Dezembro de 2017


	SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE INSTITUTO DE LETRAS E ARTES PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS MESTRADO EM HISTÓRIA DA LITERATURA
FURG	

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

ATA Nº 15/2017

No décimo nono dia do mês de dezembro do ano de dois mil e dezessete, no Miniauditório do Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande, Campus Carreiros, realizou-se a décima quinta sessão de defesa de dissertação do ano de dois mil e dezessete do Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração em História da Literatura. A mestranda **Luciana Coutinho Gepiak** apresentou e defendeu a dissertação *Para além da inflorescência: a produção intelectual de Revocata Heloisa de Melo no contexto da literatura sul-rio-grandense*, como requisito parcial e último para a obtenção do grau de Mestre em Letras, na área de concentração em História da Literatura. A sessão foi aberta às onze horas pelo Prof. Dr. Francisco das Neves Alves (FURG) – Orientador da dissertação e presidente da Comissão de Avaliação. A referida Comissão esteve integrada, além do presidente, pelos professores Dr^o. Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa) e Dr. Mauro Nicola Póvoas (FURG). Depois de cada integrante ter arguido a mestranda e esta ter tido a oportunidade de responder a cada um, a Comissão reuniu-se para liberar o conceito a ser atribuído ao trabalho. A Comissão de Avaliação atribuiu ao trabalho escrito o conceito A, e à defesa o conceito A. O conceito final foi A, que aprovou a candidata neste requisito parcial e último para a obtenção do grau de Mestre em Letras, na área de concentração em História da Literatura. Após, o presidente publicou o resultado, encerrou a sessão e lavrou a presente ata, que vai assinada por todos os membros da Comissão de Avaliação. Rio Grande, 19 de dezembro de 2017.


 Prof. Dr. Francisco das Neves Alves
 (FURG) – Orientador


 Prof^o. Dr^a. Isabel Lousada
 (Universidade Nova de Lisboa)


 Prof. Dr. Mauro Nicola Póvoas
 (FURG)

* Devido à qualidade do trabalho, a banca recomenda a sua publicação.

AGRADECIMENTOS

Agradecer não é tarefa fácil. Sempre há a possibilidade de algum esquecimento involuntário. Mas é importante destacar aqueles que colaboraram nesta caminhada.

Às mulheres da minha vida, Maria do Carmo Chaves Coutinho e Celonira Chaves Coutinho (*in memoriam*).

Ao Dr. Francisco das Neves Alves, pelo desafio desta orientação e pela recorrente dedicação.

Ao Dr. Mauro Nicola Póvoas, constante incentivador e pela participação na banca.

À Dra. Isabel Lousada, pelo tempo dispendido na participação desta banca.

Aos senhores Marco Antônio Cunha e Adão Monquelat, pelo apoio na coleta de dados.

Às instituições que preservaram os documentos que serviram de fontes a esta pesquisa.

Às professoras e aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da FURG, pelo incentivo na retomada da jornada acadêmica.

Muito obrigada a todos.

“Deixem-nos, pois, hastear nosso estandarte, soltarmos o grito não da rebeldia, nem da revolta anarquista, mas sim de apelo ao templo de Minerva, a luta em prol de nossos direitos.”

Revocata Heloísa de Melo – *A mulher e os seus direitos* (jun. 1879)

RESUMO

Revocata Heloísa de Melo é uma importante representante da escrita feminina rio-grandense e brasileira. Sua atuação literária fica mais reconhecida a partir do seu papel como fundadora e redatora do periódico *Corimbo*, cujo título, de inspiração floral, remete a uma inflorescência. Apesar deste ter sido um dos destaques de sua carreira, a ação literária da escritora é bem mais abrangente. Neste sentido, esta dissertação tem por objetivo estudar a obra de Revocata de Melo “para além da inflorescência”, destacando a sua produção bibliográfica e jornalística no rol da literatura gaúcha.

Palavras-chave: Revocata Heloísa de Melo, História da Literatura no Rio Grande do Sul; imprensa literária.

ABSTRACT

Revocata Heloísa de Melo is an important agent of Rio Grande and Brazilian women's writing. Her literary work is more recognized from her role as founder and editor of the newspaper *Corimbo*, whose title, inspired by floral, refers to an inflorescence. Although this was one of the highlights of her career, the literary action of the writer is much more comprehensive. In this sense, this dissertation aims to study the work of Revocata de Melo "in addition to the inflorescence", highlighting its bibliographical and journalistic production in the roster of the gaúcha literature.

Key words: Revocata Heloísa de Melo, History of Literature in Rio Grande do Sul; literary press.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	9
LISTA DE GRÁFICOS	10
CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
1 – A AUTORA, SEU CONTEXTO HISTÓRICO E O RECONHECIMENTO INTELLECTUAL	24
1.1 – Revocata Heloísa de Melo e seu tempo	24
1.2 – O reconhecimento intelectual	31
1.2.1 – Dicionários, arrolamentos de autores e similares	32
1.2.2 – Coletâneas	39
1.2.3 – Estudos sobre as mulheres, o feminino e o feminismo	48
1.2.4 – Abordagens acerca da imprensa literária e/ou feminina	57
2 – A PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA DE REVOCATA HELOÍSA DE MELO	64
2.1 – <i>Folhas errantes</i>	64
2.2 – <i>Coração de mãe</i>	82
2.3 – <i>Berilos</i>	98
3 – UMA INCURSÃO À PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DE REVOCATA DE MELO	122
3.1 – Periódicos literários	122
3.2 – Imprensa feminina	141
3.3 – Outros gêneros jornalísticos	158
3.3.1 – Almanques	158
3.3.2 – Semanários caricatos	162
3.3.3 – Diários	167
CONSIDERAÇÕES FINAIS	175
FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	187
Fontes	187
Referências bibliográficas	190
ANEXOS	200
O solitário do mirante	200
A mulher e os seus direitos	205
O moço do gorro negro	207
A educação no lar	211
A infâmia da fronteira	213
O dote	216

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Retrato de Revocata Heloísa de Melo no livro <i>Sonetos brasileiros</i>	43
Figura 2 – Autógrafo de Ana de Castro Osório para as irmãs Melo no livro <i>A grande aliança</i>	50
Figura 3 – Retrato das irmãs Melo no livro <i>Dicionário de mulheres do Brasil</i>	55
Figura 4 – Retrato de Revocata Heloísa de Melo no <i>Dicionário de mulheres</i>	56
Figura 5 – Capa do livro <i>Folhas errantes</i>	65
Figura 6 – Folha de rosto do livro <i>Folhas errantes</i>	65
Figura 7 – Folha de rosto do livro <i>Coração de mãe</i>	83
Figura 8 – Dedicatória à Revocata Heloísa de Melo da autora do livro <i>Lésbia</i>	92
Figura 9 – Folha de rosto do livro <i>Berilos</i>	99

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Gêneros literários no livro <i>Folhas errantes</i> (em %)	177
Gráfico 2 – Principais temáticas nos contos do livro <i>Folhas errantes</i> (em %) (em %)	177
Gráfico 3 – Principais temáticas nas crônicas do livro <i>Folhas errantes</i> (em %)	178
Gráfico 4 – Gêneros literários nas colaborações publicadas na imprensa (em %)	179
Gráfico 5 – Principais temáticas nas crônicas publicadas na imprensa (em %)	180
Gráfico 6 – Principais temáticas nos poemas publicados na imprensa (em %)	180
Gráfico 7 – Principais temáticas nos contos publicados na imprensa (em %) (em %)	181
Gráfico 8 – Textos encomiásticos publicados em prosa e poemas na imprensa (em %)	181
Gráfico 9 – Textos encomiásticos publicados na imprensa – destino das homenagens (em %)	182
Gráfico 10 – Gêneros literários no livro <i>Berilos</i> (em %)	183
Gráfico 11 – Principais temáticas nos contos do livro <i>Berilos</i> (em %)	184
Gráfico 12 – Principais temáticas nas crônicas do livro <i>Berilos</i> (em %) ...	184

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Desbravadoras, trilhando um terreno sociocultural pedregoso e pouco fértil às suas práticas e ideias, as mulheres escritoras do século XIX e primeiras décadas do seguinte seguem por tal caminho tortuoso, enfrentando resistências, preconceitos e adversidades de toda ordem. Elas perseveraram, não desistindo de seus ideais e levando em frente uma bandeira que permite para suas coetâneas e, ainda mais fortemente, no futuro, para aquelas que as seguiram, um novo espaço e uma nova concepção quanto à condição feminina.

No caso do Brasil, elas se espalham pelas várias regiões, algumas encontrando notoriedade e fazendo eco de seu ideário, enquanto outras ficam mais restritas aos tantos quadros geográficos regionais deste imenso país, havendo ainda aquelas cujas referências se perdem, restando apenas nomes desconhecidos, como meras lembranças de um passado longínquo. A mais meridional fronteira brasileira, representada pela Província, depois Estado, do Rio Grande do Sul também contou com a ação destas escritoras, desde as mais até as menos reconhecidas. Dentre elas, Revocata Heloísa de Melo é uma daquelas cuja ação permite um significativo reconhecimento.

Um dos pontos altos da carreira de Revocata de Melo é a sua participação como criadora, gerente e redatora do *Corimbo*, periódico literário voltado a um público preferencialmente feminino, que marca época no contexto brasileiro pela grande longevidade para tal tipo de publicação, chegando a marca de seis décadas de circulação, circulando na cidade do Rio Grande entre 1883 e 1944. É por esta atuação que Revocata será mais lembrada, entretanto sua obra não se limita apenas ao trabalho de administrar e redigir o *Corimbo*, folha que, como era muito comum à época, tinha uma inspiração floral para seu título, o qual tem por significado um “tipo comum de inflorescência em que as flores partem de alturas diferentes e alcançam o mesmo nível, na porção superior” (FERREIRA, 2010, p. 587).

É neste sentido que esta dissertação pretende abordar a carreira literária de Revocata Heloísa de Melo “para além da inflorescência”, ou seja, busca estudar a obra da autora publicada em meio bibliográfico e nas páginas de tantos periódicos espalhados pelo Rio Grande do Sul. Assim, o estudo recai

sobre os livros e matérias jornalísticas publicadas por Revocata, levando em conta as pesquisas realizadas junto aos acervos das bibliotecas Rio-Grandense, Pública Pelotense, Pública do Estado do Rio Grande do Sul, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e Nacional, além do Acervo Digital Imprensa Literária no Rio Grande do Sul no século XIX (Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

De acordo com tal perspectiva, o objetivo fundamental desta dissertação é analisar a produção literária de Revocata de Melo a partir de três de seus livros – *Folhas errantes*, *Coração de mãe* e *Berilos* – e através de uma amostragem em meio aos textos de sua lavra, acessíveis à pesquisa, publicados na imprensa das cidades do Rio Grande, de Pelotas e de Porto Alegre. As questões norteadoras do trabalho buscam responder a indagações quanto ao alcance da ação da autora para a difusão literária sul-rio-grandense, a sua relevância na construção do jornalismo feminino e literário no Rio Grande do Sul e a maneira pela qual seus escritos em prosa e verso refletem a conjuntura histórica na qual se desenvolve a sua carreira.

A base do enfoque da dissertação é em essência o papel de Revocata de Melo como articuladora da escrita feminina. Os “textos de autoria feminina se distinguem dos demais por possuírem um tom, uma dicção, um ritmo, uma respiração” própria, incorrendo em um universo com tendência intimista (BRANCO, 1991, p. 13-14). Mas, muitas vezes, o enfoque de tal escrita se estende também à conjuntura que cerca as autoras, pois “a própria noção de natureza feminina, sobre a qual assenta a de „escrita feminina” traz em si “contextos histórico-culturais e sociais específicos”, na elaboração da “produção literária” (MINGOCHO, 2005, p. 8).

A afirmação da escrita feminina, entretanto, não é um processo de fácil execução. O maior obstáculo está ligado à manutenção de uma tendência conservadora quanto à organização social e ao papel da mulher na sociedade. Por décadas ainda perdura para as mulheres “a regra da minoridade prolongada até a velhice, determinando nas senhoras a infantilidade”. A partir de vários “motivos, numa sociedade feita por homens e para homens, a mulher havia de ser mantida em sujeição, sob o poder dos pais, dos maridos, dos irmãos” (PEREIRA, 1954, p. 21, 23-24).

Sobrevive então “uma ordem social assente numa rígida e apertada distribuição de papéis”, que confina “a mulher ao domínio do familiar e do privado e remetendo o homem para o domínio do público”. Prevalece “o reduzido nível de instrução dos indivíduos do sexo feminino” e o “estatuto de menoridade intelectual e emocional que lhe eram atribuídos” constituem entraves para “não estimular a produção e a criação do espírito” (COUTO, 2003, p. 44). Em tal contexto, “as mulheres foram praticamente silenciadas, suas vozes abafadas, suas „penas” engavetadas”, de modo que “escrever, aliás, já se constituiria ousada insurreição, qualquer que fosse o teor da escrita” (MAIA, 2001, p. 17).

Apesar de alguns avanços, por vezes mais limitados, em outras, mais expressivos, durante significativo tempo, a mulher continua a ser “colocada fora da cultura” e “excluída de uma efetiva participação na sociedade, de modo a assegurar condignamente sua própria sobrevivência” e “de uma educação superior”. Desta maneira, “as mulheres no século XIX permaneciam literalmente fechadas” em suas casas (TELLES, 1990, p. 127).

O ato de “escrever, para as mulheres, não foi uma coisa fácil”. Muitas vezes “sua escritura ficava restrita ao domínio privado”, de forma que “publicar era outra coisa” bem mais complexa. Elas tiveram de vencer os preconceitos e “o sarcasmo que, no século XIX, acompanha as mulheres”, as quais pretendiam ser autoras, “fronteira de prestígio difícil de ultrapassar, por causa da resistência em aceitá-las como tais”. Houve também “as dificuldades de reconhecimento”, entre os tantos obstáculos “para uma mulher transpor a barreira das letras”. Entretanto, “apesar de tudo, as mulheres transpuseram essa barreira” e, “nos séculos XIX e XX elas conquistaram a literatura” (PERROT, 2015, p. 97-99).

Nesta linha, a escrita feminina começa a se espalhar por um quadro mundial em que diversas mulheres tiveram um papel fundamental na afirmação do feminino. Algumas se destacam internacionalmente, outras, no âmbito regional e nacional. Estas escritoras constituem casos que conseguem “impor-se numa sociedade fechada, tradicionalmente patriarcal, capaz de sujeitar o feminino ao foro do privado, num isolamento a que não sobreviveriam tantas outras mulheres da sua geração” (LOUSADA, 2010a, p. 23).

Assim, estas mulheres “mais cultas”, apesar de sofrer com uma repressão “feroz, constante e persistente”, mostram-se “dispostas a transpor as barreiras do preconceito” (PRADA, 2010, p. 28-29). Neste sentido, “as inúmeras escritoras brasileiras buscavam sair do obscurantismo e participar de uma vida ativa”. Elas “conseguiram trabalhar em jornais, escrever periodicamente”, atuando “com seriedade e objetivos de perenizar a obra de suas contemporâneas e criar uma obra própria” (MUZART, 2011, p. 24). Eram “figuras femininas”, que representam “exemplos de força interior, de tenacidade, defrontando os baixos interesses, os preconceitos, a hipocrisia, a intolerância, as prepotências da sociedade que as rodeava e constrangia” (BRAGA, 1980, p. 5).

O papel desempenhado por estas mulheres escritoras ganha ainda mais relevância pelo efeito produzido na condição de servirem de exemplo para as demais. Desta maneira, seu “périplo traçado revela a ousadia no ultrapassar de múltiplas barreiras, que às mulheres de Oitocentos estava porventura vedado”. Além disto, “o reconhecimento granjeado” por elas “junto de pares resulta do empenho e esforço empreendidos ao longo da carreira” para a qual se dedicaram. Fica então estabelecida “uma conquista que surgiria aos olhos das mais jovens mulheres”, que passam a tomá-las na condição de “modelo e precursora” (LOUSADA, 2012, p. 111).

Algumas conseguem publicar seus textos na forma de livros, ação mais restrita, principalmente por causa dos altos custos. Tendo em vista tal aspecto, os periódicos se tornam os principais propagadores da escrita feminina. Dá-se então o fenômeno pelo qual, “a partir de meados do século XIX, assistiu-se ao surgimento de uma infinidade de jornais e revistas dedicados à mulher e à família”, constituindo um “tipo de imprensa” que “dividiu com a leitura de romances e folhetins a esfera privada e íntima na qual vivia a maior parte do público feminino” (PRIORI, 2016, p. 9, 296).

Neste quadro, “é quase impossível estudar a literatura feita por mulheres no século XIX sem nos debruçarmos no estudo e levantamento do que foi publicado nos periódicos dessa época”. Tais escritoras “tiveram uma quota considerável de responsabilidade no despertar da consciência das mulheres brasileiras”, desempenhando “um papel fundamental” (MUZART, 2003, p. 225-226). Além disto, estas “publicações genuinamente feitas de „mulher para

mulher“ servem de termômetro para aferir os costumes de uma época”, uma vez que “retratam os paradigmas vigentes” (COSTA, 2012, p. 390).

Ocorre então, ao longo do “século XIX, a ascensão irreversível de jornais e revistas dedicados a mulheres, tal como uma grande diversificação de títulos”. São “publicações periódicas destinadas a mulheres e consumidas majoritariamente por elas”, as quais têm “um papel importante na emancipação feminina” (LAMAS, 1995, p. 20). Deste modo, “o espaço ocupado na imprensa pelas mulheres servia ao propósito de estimular e convocar para a batalha pela emancipação de outras irmãs” (LOUSADA, 2010b, p. 42). Este é um fenômeno mundial, mas também ocorre no Brasil e no Rio Grande do Sul, levando a escrita feminina a patamares até então impensáveis.

Progressivamente, e não sem sacrifícios, as mulheres vão deixando a “antiga situação de objeto de enunciações masculinas, que durante tanto tempo lhe foi atribuído”, para passarem “a ser sujeito que a si mesmo se enuncia” (MAGALHÃES, 2005, p. 21). É o anúncio de uma época em que as “mulheres escritoras” viriam a fazer “parte da sociedade civil e literária” num “nível perfeitamente paritário com os homens”, ou seja, são “mulheres integradas na vida e literatura nacionais, mulheres com uma autonomia intelectual e humana” (MAGALHÃES, 1987, p. 7). Fica também estabelecido um processo mais amplo de transformação, pois, “quando as mulheres se transformam em produtoras de escrita, algo começa a se modificar”, e o próprio “conceito de literatura sofre algumas mutações” (BESSE, 2001, p. 26).

Revocata de Melo convive e interage com este processo histórico de afirmação da escrita feminina, constituindo uma daquelas que teve ação mais perene no âmbito brasileiro. Esta época de transformações quanto à escrita de natureza feminina e à ação social destas agentes culturais são destacadas com entusiasmo por escritoras contemporâneas de Revocata. Desta maneira, uma de suas coetâneas, Inês Sabino, afirma que “a literatura feminina no Brasil tem caráter próprio e não se confunde com outra qualquer” e dela surge uma nova mulher, “que vive pelo cérebro”, tendo “mais percepção do que a que se ocupa de coisas frívolas” (SABINO, 1899, p. 270).

Em época próxima, levando em conta o contexto gaúcho, Andradina de Oliveira também se refere aos avanços da escrita feminina. Segundo ela, “a bastilha dos preconceitos ridículos está aqui, se derrocando”, de modo que a

“mulher rio-grandense procura quebrar as algemas do carrancismo desta educação retrógrada, oriunda de um convencionalismo primitivo”. De acordo com tal opinião, “a aurora da redenção do sexo apelidado fraco já assoma no horizonte”, com a previsão de que um “brilantíssimo papel está destinado às formosas filhas do pujante Rio Grande do Sul” (OLIVEIRA, 1907, p. 13-14).

Outra ativista do feminismo, Maria Lacerda de Moura, chama a atenção para “quantos e quantos nomes femininos gloriosos, obscuros uns, conhecidos outros”, todos apontam “feitos, dignificando o sexo, aureolando o passado que refulgirá sempre com o mesmo clarão de ingênua beleza” (MOURA, 1919, p. 66). Mais uma militante da emancipação feminina, que convive com Revocata, a portuguesa Ana de Castro Osório, destaca com esperança o “movimento feminino que se está pronunciando no Brasil, levando a mulher para um novo campo de ação e de trabalho”, resultando do mesmo “o máximo de progresso deste país, que será o mais admirado e o mais culto da América Latina”, caso este fosse o desejo feminino, “continuando a vencer a luta em que se empenhou pelo seu progresso e levantamento moral” (OSÓRIO, 1924, p. 59).

Tal perspectiva esperançosa também está em outra escritora feminista contemporânea, Mariana Coelho, ao afirmar que, no Brasil, “as mais idôneas representantes do sexo feminino estão revolucionando a sociedade brasileira opondo uma moderna educação feminina aos costumes arcaicos do passado”. De acordo com a escritora, a partir “desta revolução de costumes que reflete fielmente o movimento altamente progressista feminino e feminista, a mulher brasileira vai conquistando galhardamente as até aqui inacessíveis profissões masculinas”. Nesta linha, “as mulheres de responsabilidade social, pela sua posição, pelos seus méritos e dotes intelectuais, formam uma plêiade simpática e considerável que desmente francamente os velhos e repisados preconceitos” (COELHO, 1933, p. 499).

Revocata Heloísa de Melo vivencia e participa ativamente deste processo de transformação e progressiva afirmação da escrita feminina. Para tanto, publica livros e divulga seus trabalhos em incansáveis colaborações por meio da imprensa. Sua ação literária ganha notoriedade principalmente a partir do forte intercâmbio realizado com outras autoras e autores espalhados não só pelo Brasil e, inclusive, internacionalmente. Por meio de seus escritos, ela tanto apresenta ao público desde textos com teor intimista, até propostas voltadas a

uma ação social, interagindo com o meio no qual se estende a sua carreira e as suas vivências e refletindo a respeito de tal contexto.

Neste sentido, ocorre a correlação pela qual aparece “a escrita como produto da sociedade e a escrita como produtora da sociedade” (LEENHARDT, 1998, p. 44). Deste modo, “a arte é social nos dois sentidos”, pois “depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação”, bem como “produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo” ou ainda “reforçando neles o sentimento dos valores sociais”. Nesta linha, “sob esta dupla perspectiva, percebe-se o movimento dialético que engloba a arte e a sociedade num vasto sistema solidário de influências recíprocas” (CANDIDO, 2000, p. 20-21, 24).

A elaboração do texto “pode ser vivida ou contextual”, uma vez que o “discurso literário” traz em si “um certo número de significações implícitas”, originadas da “experiência total do mundo” (LEFEBVE, 1975, p. 156, 161). As “forças sociais condicionantes guiam o artista em grau maior ou menor”, de maneira que uma “obra é fruto da iniciativa individual” e das “condições sociais”, surgindo “na confluência de ambas, indissoluvelmente ligadas” (CANDIDO, 2000, p. 25-26). De acordo com tal perspectiva, “o mundo da ficção não abole a validade do mundo social ali presente”, de forma que “a análise da obra estética só pode ser entendida se texto e contexto não estiverem dissociados”, ou seja, “a história da literatura alinha o social ao todo estético, permitindo que a estrutura social esteja presente tanto no todo, como nas partes do texto” (BARROSO, 2013, p. 61-62).

O contexto pode ser “entendido como a soma dos nexos referenciais que o texto estabelece com o meio circundante”. Em questões envolvendo a biografia e a formação cultural do autor, “o contexto formar-se-ia dos significados provenientes da relação dos vocábulos do texto e a conjuntura externa amplamente divisada” (MOISÉS, 2004, p. 86). Quanto ao texto literário, “o seu contexto compreende elementos como as coordenadas ideológicas, as visões de mundo, os eventos históricos, os estilos de época, os dominantes de gênero” entre outros. Neste sentido, dá-se uma articulação do texto “com o contexto, entendendo-se nessa articulação uma certa forma de dialogar com determinado cenário histórico e cultural” (REIS, 2003, p. 199).

A obra de Revocata traz esta representativa inter-relação com o contexto no qual vive, de modo que seus escritos se originam de suas impressões pessoais, das influências recebidas pelo seu meio e das estratégias por ela utilizadas para atingir seus leitores. Em tal ação, ela incorre na prática de vários gêneros literários, principalmente o conto, a crônica e a poesia, atuando também na realização do drama teatral e na elaboração de textos de natureza encomiástica.

No que tange ao conto, no século XIX, ele autonomiza-se de outros gêneros, definindo-se e conhecendo “uma época de esplendor”, ganhando “categoria literária, estrutura diferenciada e passa a ser amplamente cultivado”. Tal gênero é aquele que “contém uma só unidade dramática, uma só história, uma só ação, enfim, uma única célula dramática”, de modo que “os ingredientes da narrativa devem convergir para um único objeto e ocasionar um único efeito no leitor”, ou seja, “oferta-lhe uma imagem, um aspecto, do dia a dia multitudinário”. Já “no tocante à linguagem, o conto prefere a concisão à prolixidade, a concentração de efeitos à dispersão” (MOISÉS, 2004, p. 87-89).

A narrativa do conto apresenta “uma sucessão de acontecimentos”, pois “há sempre algo a narrar”, é um “material de interesse humano, de nós, para nós, acerca de nós”, bem como traz uma “relação com um projeto humano”, no qual “os acontecimentos tomam significação e se organizam em uma série temporal estruturada” (GOTLIB, 1990, p. 11-12). O conto é um dos gêneros preferenciais de Revocata de Melo, principalmente na elaboração de seus livros, por apresentarem mais espaço para o seu desenvolvimento, mas não deixando de também publicá-los junto à imprensa.

Quanto à crônica, inicialmente confundida com o folhetim, “na derradeira quadra do século XIX”, ela “principiou o seu curso normal” e, desde então, “o prestígio da crônica não tem deixado de crescer”. A crônica “concentra-se num acontecimento diário que tenha chamado a atenção do escritor”. Ela se classifica “como expressão literária híbrida, em torno de personagens reais e/ou imaginárias”, trazendo em si “a visão pessoal, subjetiva, ante um fato qualquer do cotidiano” (MOISÉS, 2004, p. 110-111).

A crônica “elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural”, de maneira que, “na sua despretensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a

outra mão uma certa profundidade de significado”. Ela “está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas” (CANDIDO, 1992, p. 13-14). Revocata pratica com intensidade a crônica, tanto no conteúdo de seus livros, quanto nas tantas colaborações espalhadas por diversos periódicos.

No que se refere à poesia, ela “se identifica como a expressão do „eu” por meio de linguagem conotativa ou de metáforas polivalentes”. O estudo “de um texto poético deve basear-se em sua essência, não em sua forma”, uma vez que sua “caraterística específica reside antes na visão própria que oferece da realidade, do que no fato de ser expressa em versos”. Deste modo, analisar o poema implica, “sobretudo, e em última instância”, na observação da “concepção de mundo” do poeta. Na poesia, “o „eu” do poeta se dilata para fora de si”, refletindo ou personificando “um aspecto particular da realidade. (MOISÉS, 1977, p. 41, 81).

Nesta perspectiva, “a poesia exprime-se por intermédio de metáforas, tomadas no sentido genérico de figuras de linguagem, significantes carregados de mais de um sentido ou conotação”. Ela “é linguagem conotativa por excelência”, entretanto, “num texto poético, a conotação de cada frase ou segmento decerto depende do contexto”, bem como “apresenta uma carga própria, que prontamente estimula a sensibilidade e inteligência do leitor” (MOISÉS, 2004, p. 361). A própria Revocata afirma que poetisa é sua irmã, limitando-se ela a fazer versos (SCHUMAHER; BRAZIL, 2000, p. 478), ainda assim, embora seus poemas pouco apareçam em sua produção bibliográfica, eles surgem recorrentemente nas páginas dos jornais.

O texto para teatro tem suas distinções para com os demais, tendo em vista exatamente o “seu caráter teatral, ou seja, de texto consagrado à representação”. As partes integrantes de “uma peça teatral recebem o nome de atos” que, no século XIX, passam a ser três. Tais segmentos, “caracterizam-se pelo fato de entre eles suspender-se a representação, baixar a cortina e oferecer-se um intervalo”. No que tange à organização, “os componentes fundamentais de uma peça” são “a ação, o cenário e o diálogo” (MOISÉS, 1977, p. 204-206).

O sentido do drama teatral traz em si a ação e, a partir de tal “sentido fundador, torna-se decisiva, na caracterização modal do drama, a valorização

de tensões e conflitos”, que devem ser “resolvidos num determinado tempo e vividos por personagens em número normalmente não muito alargado”. Nos textos de teor dramático, “uma ação normalmente singular é vivida por um conjunto de personagens que entre si se relacionam de forma muitas vezes conflituosa e com recurso dominante ao diálogo”. Tais relações transcorrem num “processo evolutivo” e “num tempo concentrado”, conduzindo “a um desenlace” (REIS, 2003, p. 266-267-270-271).

Em linhas gerais, o leitor busca a “distração na leitura de uma peça, mas ao mesmo tempo”, ele pode “saber como o seu autor concebe o mundo e os homens, pois o seu modo de ver ensina a ver melhor” o próprio leitor/espectador, bem como “a realidade circundante”. Nesta linha, “o impacto do teatro, por ser direto, ainda quando lido, promove o nosso autoconhecimento e o conhecimento da conjuntura que nos rodeia” (MOISÉS, 1977, p. 218). Assim, no teatro, “o drama é uma dialética fechada em si mesma, mas livre e redefinida a todo momento” (SZONDI, 2001, p. 30).

As peças teatrais podem provocar “no espectador a reflexão sobre a eficácia dos valores ideológicos impostos pela sociedade”, vindo a demonstrar “que tais valores são falsos e hipócritas, o drama sugere a mudança de costumes e de comportamentos” (D’ONOFRIO, 2007, p. 280). Tais características essenciais podem ser identificadas nas experiências de Revocata de Melo no teatro, que são elaboradas em conjunto com sua irmã Julieta de Melo Monteiro. No drama *Coração de mãe*, as autoras incorrem nesta interação com o público, levando a ele reflexões sobre a realidade que o rodeia.

Finalmente, os textos de cunho encomiástico constituem uma homenagem a uma pessoa, um grupo de indivíduos, uma instituição ou um acontecimento. Eles podem ser em versos, como no caso da elegia, ou seja, um poema com “sentido especial, vinculado à ideia de lamento e pranto”, ou ainda encerrando em si “conceitos e máximas morais que visavam a fornecer aos ouvintes regras de bem servir e suportar os transes da fortuna”. Deste modo, “o assunto próprio da elegia são os sentimentos, especialmente dolorosos, que podem dizer-se naturais e comuns a todos os entes mortais” (MOISÉS, 2004, p. 138-139).

Além destes, os textos encomiásticos podem envolver também os poemas de circunstância, elaborados em uma ocasião específica. Também aparecem nesta categoria os panegíricos, ou seja, o “discurso solene numa reunião pública”, a “oração laudatória” ou os “escritos encomiásticos” propriamente ditos (MOISÉS, 2004, p. 335). Estes textos são recorrentes na carreira de Revocata, principalmente no âmbito jornalístico, neles homenageando vários representantes da intelectualidade, na rede de interligações culturais, típica da época, mas também outros artistas e políticos. São também alvo deste tipo de enaltecimento por parte da escritora as datas cívicas e algumas instituições.

Assim, esta dissertação tem por meta o estudo de parte da obra literária de Revocata de Melo como significativa manifestação da escrita feminina no contexto rio-grandino, sul-rio-grandense e brasileiro. São alguns livros e uma significativa quantidade de colaborações espalhadas em meio aos periódicos que constituem o objeto de análise deste trabalho. Para tanto, foi realizada a coleta de dados mais abrangente possível, percorrendo-se os centros de pesquisa anteriormente mencionados. Os exemplares remanescentes dos livros são poucos e as coleções de jornais normalmente incompletas e, por vezes, de acesso restrito.

Mesmo no caso dos jornais diários, quando a hemeroteca pode ser mais completa, há os problemas de conservação física que tornam os periódicos inacessíveis. Entretanto, significativa parte das colaborações de Revocata ocorre em publicações representantes da pequena imprensa, normalmente pouco longeva. Neste caso, os problemas para a pesquisa “ficam acrescidos da própria inexistência das fontes”, tendo em vista que, “com a pouca expressiva tiragem, as possibilidades de manutenção de exemplares através dos tempos ficaram ainda mais reduzidas” (ALVES, 1999, p. 22).

Tais fatores podem constituir uma dificuldade e não um impeditivo à realização da pesquisa, já que “a coleta de fragmentos de história da literatura e a posterior tentativa de organização desse material não pressupõem, no conjunto, um mosaico equilibrado e contínuo”, mas podem representar “a chance de uma mirada sincrônica que traz, consigo, possibilidades novas e menos viciadas de se estudar o campo literário” (PÓVOAS, 2012, p. 364). Nesta linha, “apesar da opção por um objeto de estudo fragmentário,

caracterizado pela descontinuidade e de amplas dificuldades na obtenção das fontes”, a persistência na pesquisa é fundamental no sentido da obtenção sistematização e organização dos dados (ALVES, 1999, p. 22).

Em direção a tal perspectiva, “há, naturalmente, alguns meios privilegiadíssimos, onde se fixam trajetórias de mulheres de relevo” e mesmo além delas, das “ideias que projetam”. Trata-se, assim, de um “crucial movimento de resgate”, ou seja, “é precisamente perscrutando a imprensa que o conseguimos efetuar”, já que “as publicações editadas com regularidade pelas organizações em que militavam as mulheres mais empenhadas são objetos de estudo imprescindíveis”. Nestas páginas encontram-se “algumas figuras notáveis de mulheres que se destacam no meio de uma massa gigantesca de tantas outras, anônimas, cujas existências se perdem no tempo” (LOUSADA, 2015, p. 48).

Desse modo, fica justificada a realização da presente pesquisa, uma vez que, nas últimas décadas, os estudos voltados às mulheres vêm ganhando cada vez mais espaço, resgatando-as do passado, por meio de “um ato de olhar para trás de maneira nova”, com “novos olhos” capazes “de penetrar um texto a partir de uma nova direção crítica” (TELLES, 1990, p. 134). A recuperação de ao menos “parte do processo intelectual brasileiro, desde o século XIX, no que concerne às mulheres” possibilita “investigar a ampliação do público leitor e o papel desempenhado pelas revistas e jornais”, e mesmo pelos livros, “como fatores propulsores da conscientização feminina de seus direitos, e de incentivo para a produção de textos literários” (DUARTE, 2012, p. 37).

Esta dissertação busca ir nesta direção, levando em conta a ação literária de Revocata Heloísa de Melo. Para tanto, o trabalho é dividido em três capítulos. O primeiro inter-relaciona alguns dados biográficos acerca da escritora com o contexto histórico no qual ela vive, chamando atenção também para o reconhecimento intelectual obtido por Revocata, utilizando por base as referências bibliográficas. O segundo capítulo apresenta o estudo de caso de três livros da autora, como representativos de sua produção bibliográfica. O terceiro segmento da dissertação traz uma amostragem da produção de Revocata em meio à imprensa periódica, levando em conta diferentes gêneros jornalísticos. Finalmente aparecem os anexos, contendo alguns dos textos

mais citados entre os biógrafos da autora e/ou envolvendo algumas das temáticas mais recorrentes na obra da escritora. Especificamente no que se refere a Revocata de Melo, os seus escritos em conjunto “nunca foram coletados em obra individual” (SCHMIDT, 2000, p. 251-252), de modo que esta dissertação visa a contemplar tal lacuna, de maneira ainda introdutória, pouco pretensiosa e realizando um levantamento parcial da obra da autora.

1 – A AUTORA, SEU CONTEXTO HISTÓRICO E O RECONHECIMENTO INTELECTUAL

A escrita feminina constitui um avanço significativo na condição da mulher no século XIX e primeiras décadas do seguinte. As resistências às escritoras são significativas, mas, “mesmo assim, muitas mulheres tomaram da pena e escreveram, desobedecendo o recato imposto e transgredindo o padrão cultural”. Desta maneira, “nunca será demais enfatizar a força extraordinária destas mulheres, lutando bravamente contra as dificuldades para escrever” (TELLES, 1990, p. 128, 134). Progressivamente, o carrancismo conservador quanto à participação feminina na vida literária passa a ser contestado, uma vez que “a literatura e o feminismo existem, como fenômenos culturais e sociais, dentro da história e modificam-se no tempo e no espaço”, surgindo “novas concepções e novos mundos” (LOBO, 2006, p. 25).

Aquela época foi caracterizada como um momento de grandes transformações e como uma era de avanços científicos e tecnológicos. Entretanto, no que tange às relações de gênero, os progressos são mais lentos e paulatinos, notadamente no Brasil, atrelado secularmente às tradicionais estruturas de cunho patriarcal e mais ainda no Rio Grande do Sul, uma unidade administrativa profundamente marcada pelo conservadorismo oligárquico. Mas contra tais condições fica estabelecida uma linha de resistência.

1.1 – Revocata Heloísa de Melo e seu tempo

Em um campo quase infértil à escrita feminina, dá-se a existência de algumas mulheres resilientes que, cada qual com seu modo de agir, conseguem se impor a um meio predominantemente masculino, aparecendo como escritoras ocasionais ou como literatas que viriam a conquistar certo reconhecimento intelectual. Dentre estas mulheres esteve Revocata Heloísa de Melo, nascida em Porto Alegre, a 31 de dezembro de 1853 e vindo a residir ainda jovem na cidade portuária do Rio Grande, na época uma das principais

localidades gaúchas, onde constrói sua carreira e permanece até a morte em 23 de fevereiro de 1944 (PÓVOAS, 2007, p. 29).

Revocata tem uma ligação umbilical com a escrita e com a literatura, em muito por causa de suas relações familiares. Em primeiro lugar, é praticamente indissociável fazer referência à Revocata, sem associá-la à figura de sua irmã, Julieta de Melo Monteiro. Elas acompanham e compartilham uma caminhada conjunta desde a juventude até a morte da caçula. Julieta é um pouco mais jovem, tendo nascido no Rio Grande a 21 de outubro de 1855 e falecido na mesma cidade, a 27 de janeiro de 1928 (PÓVOAS, 2007, p. 29). Elas interagem e criam conjuntamente, numa verdadeira simbiose literária refletida na ação em periódicos e na parceria na edição e redação de livros, ou mesmo na atuação profissional ligada às atividades do magistério.

A presença familiar é ainda mais incisiva no caso das irmãs Melo. São netas pelo lado materno de Ana Passos e Figueiroa e Manuel dos Passos e Figueiroa, latinista, poeta, teatrólogo, autor de obras didáticas e jornalista do período farroupilha. O pai, João Gomes de Melo é ligado aos negócios e às práticas comerciais e a mãe, Revocata Passos Figueiroa e Melo, é escritora, professora e poetisa, conhecida pelo pseudônimo de Americana. Ainda há dois tios, Manuel dos Passos e Figueiroa, engenheiro civil, matemático e escritor, e Deodato dos Passos e Figueiroa, professor e escritor. Também é tia a poetisa Amália Figueiroa, igualmente pertencente à Sociedade Partenon Literário (FLORES, 2011, p. 464; VIEIRA, 1997, p. 91; NEVES, 1987, p. 168).

Além de Revocata e Julieta, a família é composta pelos irmãos João, Romeu e Otaviano, este último também ligado às lides literárias, como escritor e ainda como criador e gerente do periódico literário *Arauto das Letras*. Para completar, Julieta casa-se com outro poeta, Francisco Pinto Monteiro (TEIXEIRA, 1921, t. 2, p. 194). Assim, “tantas Revocatas, Melos & Figueiroas apontam para a existência de um sistema literário curioso”, no qual “as mulheres tinham espaço para redigir e tornar público seus textos, mas talvez dependessem não apenas do prestígio social da escrita”, como “também do apoio familiar”. Nessa linha, “pertencer a um clã de letrados talvez fosse uma das condições para que a mulher não se sentisse diminuída, quando quisesse dar vazão a seu pendor artístico por meio das belas artes” (ZILBERMAN, 2011, p. 16).

A ação de Revocata de Melo como escritora está inevitavelmente ligada ao contexto histórico por ela vivido ao longo de sua longa existência¹. Por mais que muitas vezes tenha optado por certo silêncio diante das grandes transformações históricas, o meio e o tempo exercem influência direta sobre a escritora e a sua escritura. A jovem Revocata acompanha a família no retorno à cidade do Rio Grande, uma vez que tinham se deslocado para Porto Alegre, para buscar melhores condições de saúde para a mãe que acaba por falecer (NEVES, 1987, p. 168).

A cidade do Rio Grande é progressista, avançando economicamente, como único porto marítimo do Rio Grande do Sul e ponto estratégico para a chegada das importações e a partida das exportações gaúchas, principalmente o charque. Durante o século XIX e primeiras décadas do seguinte, a cidade portuária mantém uma certa tendência de progresso alicerçada no comércio para, posteriormente, alternar épocas de estagnação e crise. Desta maneira, Rio Grande, ao lado da capital Porto Alegre e da vizinha Pelotas são as cidades rio-grandenses mais importantes. Tal perspectiva progressista também serve como ambiente propício ao desenvolvimento cultural, havendo vários jornais circulando e, desde 1846, funciona no Rio Grande um Gabinete de Leitura, que viria a transformar-se, ao final dos anos 1870, na Biblioteca Rio-Grandense, uma das mais importantes instituições culturais gaúchas.

As irmãs Melo crescem neste ambiente e mantêm seus destinos entrelaçados nas opções, estudando e avançando até se tornarem professoras, mantendo a carreira docente ao longo de boa parte de suas vidas. Ao mesmo tempo, os avanços do jornalismo na Província, inclusive no que tange ao periodismo literário, vão possibilitando espaços para que os jovens escritores sul-rio-grandenses tenham oportunidade de divulgar seus trabalhos. Mais uma vez as três principais cidades são as mais destacadas neste tipo de jornalismo.

O Império Brasileiro também se encontra em sua fase de apogeu, com a estabilidade política, o predomínio das oligarquias e da escravidão e a exportação de bens primários, entre os quais o café está cada vez mais em destaque. A tendência é da alternância entre os dois principais partidos liberal

¹ Conjuntura histórica abordada a partir de: MENDES JÚNIOR et al, 1989-1991; FLORES, 2006.

e conservador, mas a substituição nem sempre é tranquila e progressivamente começa a intensificar-se um movimento republicano.

Nesta época, Revocata de Melo atua incessantemente nos jornais literários e de outros gêneros, havendo inclusive a referência de que teria trabalhado na redação do *Diário de Pelotas*. O início dos anos 1880 é marcante para a sua carreira literária, pois é quando ocorre o lançamento de seu primeiro livro, *Folhas errantes*, e o início da circulação do *Corimbo*, publicação a que destinaria todo o restante de sua longa vida, como proprietária e redatora, função que chega a dividir com sua irmã Julieta.

Embora alguns biógrafos atribuam à Revocata uma tendência republicana, a maioria de seus escritos não revela tal inclinação, de modo que seu pensamento se aproxima muito mais da perspectiva liberal. Mas o republicanismo avança no Brasil e consolida-se também no Rio Grande do Sul naquela mesma década de 1880. Não havendo tantos indícios de uma simpatia pela forma republicana, há outros que indicam Revocata de Melo como uma ardorosa defensora do abolicionismo, promovendo campanhas e realizando esforços pessoais para a eliminação da escravidão no país.

A monarquia começa a dar sinais de fraqueza e o desgaste político da questão da manutenção da escravidão só aumenta o processo de enfraquecimento. Com a Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, dá-se o ponto alto do desgaste monárquico. A transformação política ocorrida no Brasil em 15 de novembro de 1889 traz uma série de alterações na vida nacional. A forma republicana não muda a estrutura socioeconômica nacional, mas o regime político muda drasticamente, acabando uma tendência de valorização das liberdades individuais da época de D. Pedro II para um autoritarismo crescente, durante os primeiros anos republicanos.

No Rio Grande do Sul, esta transição foi mais drástica. Os seguidores do republicano Júlio de Castilhos constroem um modelo político que garante a permanência no poder apenas dos fiéis seguidores deste líder político. Aqueles que foram afastados do poder ou não conseguiram a ele chegar se sentiram prejudicados e, afirmando não ter outro recurso, buscam o caminho da revolta. É a Revolução Federalista, uma das guerras civis mais violentas enfrentadas pelos gaúchos, que ocorre entre 1893 e 1895, mas deixa em aberto feridas profundas na vida política rio-grandense. O regime autoritário proposto por

Júlio de Castilhos é o vencedor e o castilhismo domina o governo rio-grandense até o final dos anos 1920.

Nestas últimas décadas do século XIX, ficam demarcados alguns dos elementos que marcariam a vida intelectual de Revocata. Ela é influenciada pela tendência romântica e daí derivam muitos dos elementos que condicionaram suas obras, como o aflorar dos sentimentos, retratando as paixões juvenis, os amores impossíveis, os encontros e desencontros sentimentais e, em grande parte, os desenlaces em tons trágicos. Há também uma forte presença da natureza e do ambiente, com destaque para as belezas naturais típicas daquela época, na qual havia o predomínio do ambiente rural sobre o urbano, de modo que, mesmo nas cidades, a natureza se fazia muito próxima. Na sua obra também aparecem detalhes do ambiente sul-rio-grandense, como os invernos rigorosos, e o rio-grandino, como o constante contato com o mar.

Outro elemento bastante presente na obra de Revocata de Melo é a finitude da vida. A recorrência da morte é também uma influência da perspectiva romântica, tão afeita aos finais trágicos. Mas há ainda as próprias experiências e vivências da escritora e a suas perdas pessoais. Ela sofre com as mortes dos avós, dos pais e da tia poetisa. Mais tarde falece o irmão João. O outro irmão, Octaviano, e o cunhado Pinto Monteiro, também literatos, perecem em época próxima. Depois ainda ocorre o óbito da sobrinha Alda e de mais um irmão, Romeu. Finalmente, já ao final dos anos 1920, morre a sua mais importante companheira, a irmã Julieta, tão chorada nas décadas seguintes. Para Revocata resta usar as palavras, expressas em tantos de seus textos, para aliviar as dores de tantas mortes.

A guerra é outro elemento bastante presente na obra de Revocata e não é para menos. Por um lado, há mais de uma vez a presença do pensamento romântico e a valorização da Revolução Farroupilha, idealizada e valorizada como movimento que permeia a formação gaúcha, cunhando lendas, heróis e vilões que matizam muitos dos escritos sobre tal época. Mas, por outro lado, bem longe de um confronto do passado, observado por um viés romantizado, houve umas tantas guerras, com as quais ela convive.

Quando criança e já na juventude, ela percebe os confrontos bélicos muito próximos de si. O Brasil entra na Guerra do Paraguai e se surpreende

com a resistência dos adversários que sustentam o conflito por quase meia década. O Rio Grande do Sul chega a ser invadido pelos paraguaios e, além disso, há um receio histórico de uma invasão por parte da fronteira do Uruguai, colocando os gaúchos em alerta contínuo. Além disto, boa parte das tropas no fronte era formada por sul-rio-grandenses, gerando o receio pela perda das vidas e um retorno incerto que poderia deixar muitas famílias abandonadas.

Proclamada a República e tendo em vista o confronto entre as forças castilhistas e as oposições, o Rio Grande do Sul mergulha em uma feroz guerra, com ódios sanguinários que não se encerram com o conflito bélico. A Revolução Federalista coloca de um lado os positivistas castilhistas e de outro os liberais federalistas, que acabam por se aliar com os insurretos da Revolta da Armada, que se revoltam no Rio de Janeiro e depois se deslocam para o sul. Os governos de Castilhos e Floriano Peixoto não poupam o uso da força para vencer os revolucionários.

Terminada a guerra, os ódios não cessam e se arrastam até a deflagração de uma nova guerra civil em 1923. Neste meio tempo, os conflitos entre os governistas castilhistas e os opositoristas federalistas persistem. Em meio a tais conflitos, Revocata vê o irmão Romeu, partidário dos federalistas, ser perseguido, aprisionado e finalmente morto. Tal motivo só dá maiores certezas à escritora em relação a seu viés de teor liberal, aproximando-a decisivamente da causa federalista e colocando-a na resistência ao castilhismo. Ela chega a se manifestar abertamente em nome da causa opositorista e vem até mesmo a integrar o Clube Gaspar Martins, frente formada no Rio Grande para abrigar os federalistas. Além disto, ela não se conforma em viver sob a égide do autoritarismo castilhista-borgista, batendo-se em nome da liberdade de expressão.

Passada a agitação inicial, a República se consolida em meio a um sistema de poder controlado pelas oligarquias estaduais, com o predomínio da paulista e da mineira. A estabilidade política traz a econômica e o Brasil se afirma como exportador de café. Nesta época, Revocata consolida a edição do *Corimbo*, apesar de continuar enfrentando as dificuldades inerentes à pequena imprensa. Seus escritos já revelam uma maturidade e ocorre uma tendência mais reflexiva. Neste meio tempo, ela tem participação decisiva no Clube Beneficente de Senhoras em sua ação filantrópica e uma grande preocupação

com os desvalidos e com as mazelas de cunho social. Há nesta época também uma aproximação ainda mais evidente com a maçonaria².

Desde então, Revocata Heloísa de Melo vem a conviver com algumas das principais transformações ocorridas no Brasil, como a crise dos anos 1920, a Revolução de 1930, a ascensão do gaúcho Getúlio Vargas ao poder e a instalação do Estado Novo. Em termos internacionais, ela observa a conflagração bélica em escala global, com a I e a II Guerra Mundial. Nos seus últimos dias ela coexiste com o autoritarismo da ditadura estado-novista e com as agruras do maior confronto bélico até então visto. A única certeza é a de que o *Corimbo* continua sua caminhada literária e em defesa da causa feminina.

Aliás, Revocata de Melo dedica sua carreira inteira, da juventude à velhice, a promover o ideal de uma nova condição social para a mulher, principalmente no que tange ao acesso à educação. Quando “ler romances, saber ler e escrever, exercer uma profissão fora de casa, gostar de escrever eram considerados deslizes perigosos” ou mesmo “transgressões da „verdadeira“ missão feminina”, apenas como mãe e esposa, muitas escritoras entram na “luta em que se empenham contra toda uma tradicional desconfiança da educação” para as mulheres (LEITE, 1990, p. 60).

Nesta perspectiva, “a educação recebida no lar e nas escolas é criticada nos mais diversos aspectos, gerando protestos, reivindicações e programas de ação, não faltando considerações sobre o prejuízo cultural das jovens”. A busca por “melhores níveis educacionais” torna-se uma constante, já que “a precariedade educacional da mulher”, interpretada “como causa geradora de sua deplorável situação de passividade”, ou “como consequência da injustiça dos homens, provocou unânime e permanente reação de protesto” em meio às escritoras (BERNARDES, 1989, p. 123-124, 136). Revocata é uma delas e defende tais princípios não só no âmbito das letras, como também nas suas vivências.

² Os limites de tempo para execução da pesquisa e as amplas dificuldades no acesso às fontes não permitiram que nesta dissertação fossem aprofundados os temas voltados à participação de Revocata no Clube Gaspar Martins, no Clube Beneficente de Senhoras e mesmo junto à maçonaria. Havendo a oportunidade de continuidade em outra etapa da pesquisa, eles deverão ser retomados.

Para tanto, seus escritos têm um papel fundamental, seja pelo sistema de dedicatórias muito usual em seus textos em prosa ou poesia publicados em livros e em jornais, seja pelo intenso intercâmbio que os periódicos estabelecem na época com a troca de correspondências e exemplares, que ultrapassam fronteiras regionais e até nacionais. Ainda que os jornais tivessem limitações editoriais típicas da pequena imprensa, isto não os impedia de revelar certo alcance e interesse bem além do local onde ele era impresso.

Tal prática é comum ao periodismo não só no Rio Grande do Sul ou no Brasil, mas atinge termos globais, de modo que “interessante é a intercomunicação estabelecida entre as colaboradoras e os colaboradores” dos periódicos, como no caso do “relacionamento em especial, por meio de dedicatórias de poemas, passatempos e textos em prosa que o autor/autora oferece a outro(a) colaborador(a) ou a um leitor(a)” (CHAVES; LOUSADA; ABREU, 2014, p. 20). Além disso, os periódicos permitem permutas entre os autores quanto à publicação de textos e a recepção à leitura também amplia o alcance, uma vez que os leitores não se concentram apenas em uma cidade, “mas se espalham por toda a Província, pelo País e até pelo exterior” (PÓVOAS, 2004, v. 1, p. 123).

Desta maneira, também no caso sul-rio-grandense, por meio da publicação de livros ou por meio dos periódicos, “é preciso sublinhar nesta floração de mulheres escritoras” que “elas não estão isoladas umas das outras, mas, pelo contrário, formam uma espécie de rede feminina” que se estende por todo o Rio Grande do Sul “e mantém vínculos com os outros centros do país” (SOARES, 1980, p. 145). Revocata de Melo foi uma importante engrenagem neste mecanismo, que aproxima escritoras de pequenos rincões e de grandes cidades no âmbito gaúcho, brasileiro e internacional.

1.2 – O reconhecimento intelectual

Como parte de algo que não se circunscreve apenas à portuária cidade do Rio Grande, nem a sulina unidade administrativa brasileira, ganhando até o mundo, Revocata obteve amplo reconhecimento de sua ação como intelectual e como militante da causa feminina. Tal constatação pode ser observada a

partir de várias referências bibliográficas feitas ao seu respeito, tanto na época em que ainda era viva, quanto, principalmente, após a sua morte. Exemplos deste reconhecimento podem ser verificados a partir do estudo de alguns dicionários, levantamentos de autores e similares, coletâneas, obras sobre as mulheres e abordagens específicas acerca da imprensa literária e/ou feminina.

1.2.1 – Dicionários, arrolamentos de autores e similares

Em termos de dicionários, levantamento de autores e trabalhos similares, existem diversos que ressaltam a formação intelectual brasileira e sul-rio-grandense. Na maior parte, há uma ampla predominância da escrita masculina, e mesmo casos até de negligência para com a escrita feminina, mas há outros que garantem espaço para as prosadoras e poetisas atuantes, como foi o caso de Revocata de Melo.

Augusto Victorino Alves Sacramento Blake, biógrafo, historiador e poeta é responsável por um dos mais conhecidos dicionários brasileiros voltados à biografia, o *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Na abertura, o autor adverte que não tinha em vista estudar o desenvolvimento que vinham tendo “as letras no Brasil”, esclarecendo que seu trabalho era “propriamente bibliográfico”. Ainda assim, Blake ressalta que não poderia “deixar de dar algumas notícias biográficas relativamente a cada escritor”, vindo a guardar “nesta parte uma certa concisão, porque, de outra sorte, teria de dar à empresa uma amplidão, que não se coaduna com a natureza dela” (BLAKE, 1883, v. 1, p. XVII e XVIII).

No *Dicionário bibliográfico brasileiro*, Revocata é apresentada como “distinta cultora das letras e espírito superior”. É citado o artigo do filólogo Júlio Ribeiro, no jornal *Correio de Santos*, em “número a ela especialmente consagrado”, no qual aparece o destaque de que ela “soube quebrar as prisões estreitas com que nós procuramos conter as aspirações feminis, e fez voar seu nome dos pampas do Rio Grande do Sul às florestas do Amazonas”. Por Blake são enumeradas as obras *Folhas errantes* – identificada como “fantasias em prosa”, o drama *Coração de mãe* e *Mário*, que ele diz não ter visto. Ganha relevo também a sua colaboração em vários periódicos, como *A Grinalda* e *Pátria Ilustrada*, de Buenos Aires, além do seu papel de redatora no *Diário de Pelotas* e no *Corimbo* (BLAKE, 1902, v. 7, p. 128).

Luís Corrêa de Melo, escritor e jornalista redige o livro *Subsídios para um dicionário dos intelectuais rio-grandenses*, o qual pretende abordar o “vasto panorama mental” gaúcho, uma vez que o Rio Grande do Sul apresenta um rol de “grandes poetas e escritores”, de modo que se torna necessário “admirar a fertilidade do seu solo fecundo em homens e ideias”. O livro se refere à Revocata como nascida no Rio Grande e como “uma das primeiras poetisas do Rio Grande do Sul”. Ainda sobre a escritora, tal dicionário afirma que “seus versos saturados de romanticismo, revelam um estro superior, onde inspiração e sensibilidade se fundem admiravelmente. Ela é ainda descrita como “espírito superior”, irmã de Julieta e diretora do *Corimbo*, tendo publicado *Folhas errantes*, *Coração de mãe* e *Mário* (MELO, 1944, p. 7, 111).

Também quanto ao âmbito gaúcho, Walter Spalding, historiador, bibliotecário e jornalista, escreve “Itinerário da literatura sul-rio-grandense”, trabalho publicado na *Enciclopédia Rio-Grandense*, com o objetivo de traçar um breve histórico da evolução literária gaúcha, centrando a abordagem nos escritores que atuam no contexto rio-grandense (SPALDING, 1956, p. 191-193). Este trabalho tem uma continuidade no volume seguinte daquela *Enciclopédia*, com o título “Itinerário da literatura” (1900-1957). Em tal “itinerário”, Revocata de Melo é apresentada como “professora, jornalista, oradora e poetisa”, bem como “a primeira mulher no Brasil que subiu à tribuna da maçonaria”. Ainda aparecem como destaques a fundação e direção “por longos anos” do semanário *Corimbo*, “auxiliada por sua irmã Julieta”. Também é informado que ela “escreveu, além de inspiradas poesias que nunca reuniu em volume, dramas e comédias, algumas de colaboração com a sua referida irmã”. Finalmente, é destacado que a autora “em prosa publicou *Folhas errantes* e *Berilos*” (SPALDING, 1957, p. 277).

Vários levantamentos bibliográficos são organizados pelo pesquisador, dicionarista e enciclopedista José Galante de Sousa. Um deles é *O teatro no Brasil*, cujo primeiro tomo refere-se à evolução do teatro no Brasil e o segundo constitui uma relação de subsídios para uma bibliografia do teatro no Brasil. Assim, seus objetivos são elaborar “uma síntese histórico-evolutiva do teatro no Brasil”, e organizar “uns subsídios para a bibliografia do teatro no Brasil”, pretendendo realizar um trabalho “substancialmente informativo”, considerando que, “antes da crítica”, está “a informação exata”. Neste sentido, na segunda

parte de sua obra, Galante de Sousa esclarece que “subsídios é bem a denominação que cabe às notas bibliográficas reunidas”, buscando apresentar “alguns elementos que possam servir para uma futura” organização “de um dicionário biobibliográfico” (SOUSA, 1960, t. 1, p. 7-8, t. 2, p. 3). Outro levantamento realizado pelo mesmo autor é o *Índice de biobibliografia brasileira*, cuja meta é a realização de “um índice geral remissivo, que alcance o maior número possível de trabalhos biobibliográficos”, buscando sistematizar tais dados (SOUSA, 1963, p. 5).

Nos “subsídios bibliográficos” sobre o teatro brasileiro de José Galante de Sousa, as informações sobre Revocata Heloísa de Melo são sucintas, limitando-se a indicar o seu local de nascimento (erradamente como Rio Grande) e a sua colaboração “em vários periódicos do seu Estado natal”, tendo usado o pseudônimo de Sibila, escrevendo com a irmã os dramas *Mário* e *Coração de mãe* (SOUSA, 1960, t. 2, p. 348). Já no *Índice de biobibliografia brasileira*, aparece a referência de alguns dos trabalhos biográficos e bibliográficos na qual a escritora sul-rio-grandense é citada (SOUSA, 1963, p. 269).

O escritor, jornalista, crítico literário e historiador Raimundo de Menezes, escreveu o *Dicionário literário brasileiro ilustrado*, trazendo como uma de suas metas a supressão de uma lacuna de uma “fonte de referência fácil e acessível”, bem como “dados biobibliográficos concernentes aos nossos escritores antigos e contemporâneos”. O autor esclarece ainda que tenta “oferecer ao público leitor uma obra autêntica, isenta, tanto quanto possível, de falhas, omissões, lapsos e dúvidas” (MENEZES, 1969, v. 1, p. II e XV-XVI).

Em tal *Dicionário ilustrado*, é apresentado o pseudônimo de Revocata – Sibila – e apontado o seu local de nascimento como a cidade do Rio Grande, afirmando ainda ser ela irmã da poetisa Julieta Monteiro. Quanto às atividades de Revocata são citadas a fundação do *Corimbo* e a colaboração “na *Revista do Partenon* e noutras revistas e jornais gaúchos”, além da indicação de seu falecimento na localidade do Rio Grande. No que tange às suas obras, são destacadas *Folhas errantes*, identificada como versos, e *Coração de mãe* e *Mário*, como dramas em colaboração com a irmã Julieta (MENEZES, 1969, v. 3, p. 814).

Levando em conta o contexto gaúcho, o livro *Notas de bibliografia sul-rio-grandense* é publicado em 1974 pelo estudioso Pedro Leite Villas-Bôas que, mesmo autodidata, teve significativo reconhecimento no meio intelectual de sua época. Ele constitui até hoje um livro de consulta básica na busca de dados biográficos acerca da intelectualidade gaúcha. A publicação é apresentada como aquela que indica “o que existe, o que foi escrito e publicado, autor por autor”, chegando às minúcias, tratando-se de uma “obra de fôlego, de paciente pesquisa, de constante busca por todos os recantos” a respeito dos escritores rio-grandenses (VILLAS-BÔAS, 1974, p. 13).

Nestas *Notas*, Revocata é apresentada como “poetisa, jornalista, teatróloga e educadora”, com a indicação dos locais de nascimento e morte, como Porto Alegre e Rio Grande e o pseudônimo Sibila. As suas obras citadas são o conto *O solitário do mirante*, as fantasias em prosa *Folhas errantes*, a prosa *Berilos* e o drama escrito em parceria com a irmã *Coração de mãe*, sobre o qual aparece a informação de que foi representado no Grêmio Dramático Damasceno Vieira, em Triunfo. Finalmente o autor traz o seguinte apontamento: “consta que ficaram inéditos vários dramas, alguns escritos em parceria com sua irmã Julieta” (VILLAS-BÔAS, 1974, p. 313).

Mais tarde, as pesquisas de Villas-Bôas dão origem ao *Dicionário bibliográfico gaúcho*, apresentado como uma coleta de “informações preciosas”, originada de um “devotado trabalho de anotações sistemáticas” que perdurou por décadas, servindo para desvelar “o processo de produção intelectual do Rio Grande do Sul, indelevelmente marcado por identidade regional”. A base da publicação é identificada pela preocupação “com a informação pormenorizada e verídica”, e ela é definida como uma versão atualizada do livro publicado pelo autor em 1974. Neste *Dicionário*, as informações sobre Revocata de Melo são bastante similares ao livro anterior, com o acréscimo da fundação do jornal literário *Corimbo* e da filiação ao Partenon Literário. Quanto à atuação da escritora, ela é apresentada como “contista, poetisa, jornalista, educadora e teatróloga” (VILLAS-BÔAS, 1991, p. 5 e 152-153).

História da inteligência brasileira constitui um importante trabalho sobre a formação intelectual do Brasil, no qual os temas atinentes à literatura são relevantes no conjunto da obra, notadamente tendo em vista a ação

profissional do autor, Wilson Martins, que atua na área, como professor no contexto nacional e internacional e como crítico literário. Tal *História* estabelece a meta de ser “um amplo e minucioso panorama das atividades intelectuais no Brasil, do século XVI à atualidade” e foi anunciada como uma “obra verdadeiramente ímpar pela sua amplitude e riqueza de informações, bem como pela justeza dos seus enfoques críticos e interpretativos”. O autor pretende, assim, estudar “as estruturas do pensamento brasileiro”, visando a “pôr em evidência as relações profundas que entrelaçam, a cada momento histórico, todas as atividades em que se empregou a inteligência humana”, inclusive e notadamente no que tange à literatura. Em tal livro há uma brevíssima referência à Revocata, como autora das “fantasias em prosa” *Folhas errantes* (MARTINS, 1977, v. 1; v. 4, p. 117).

A bibliotecária, especialista em levantamentos bibliográficos, Celuta Moreira Gomes escreve *O conto brasileiro e sua crítica* que constitui um arrolamento abrangendo livros envolvendo tal gênero e publicados entre 1841 e 1974, propondo-se a trazer a referência bibliográfica acerca da crítica do conto em questão. O objetivo fundamental do livro é “inventariar o conto literário propriamente dito”. Da obra de Revocata Heloísa de Melo é citado *Folhas errantes*, categorizado como “divagações e contos” e *Berilos*, juntamente com Julieta Monteiro. A referência quanto à crítica é a do livro *História da literatura do Rio Grande do Sul*, do pesquisador Guilhermino Cesar (GOMES, 1977, v. 1, p. XIX-XX; v. 2, p. 324).

Outro dicionário biobibliográfico sobre a intelectualidade gaúcha foi publicado pelo crítico literário, poeta e teatrólogo Ari Martins, sob o título *Escritores do Rio Grande do Sul*, um copioso levantamento de autores sulinos. Uma das principais características pelas quais tal livro foi apresentado está ligada à “riqueza de dados informativos”, bem como à “meticulosidade do autor em registrá-los”. Ainda é destacado “que o autor conferiu certa ênfase à formação cultural do biografado”, servindo tais informações para a elaboração de dissertações e teses universitárias e para que os genealogistas pudessem dispor “de preciosas achegas nos registros de parentesco constantes nos verbetes”, constituindo, portanto, uma obra de referência (MARTINS, 1978, p. 11-13).

Neste livro de Ari Martins, o verbete destinado à Revocata Heloísa de Melo informa Porto Alegre e Rio Grande como os locais de nascimento e morte, e identifica seus pais como João Gomes de Melo e Revocata dos Passos Figueiroa de Melo. A escritora é apresentada como “professora por muitos anos no Rio Grande, redatora do *Diário de Pelotas*, cofundadora e codiretora da revista literária *Corimbo*”, além de “poetisa, prosadora e teatróloga”. Dentre suas obras são citadas *Coração de mãe* e *Mário*, dramas em parceria com a irmã Julieta, *Folhas errantes*, *Berilos* e *Grinalda de noiva*, além de outros contos, crônicas e colaborações em vários periódicos (MARTINS, 1978, p. 362).

O levantamento de autores também ocorre na cidade do Rio Grande, a partir do trabalho do biógrafo e genealogista Décio Vignoli das Neves que escreve *Vultos do Rio Grande* voltado principalmente aos escritores locais, em seu segundo tomo. O livro busca apresentar “o histórico da fundação da Academia Rio-Grandina de Letras, bem como traça a biografia dos seus quarenta patronos”, lista que é “acrescida de mais alguns rio-grandinos que muito mereceriam serem patronos, mas ficaram esquecidos” (NEVES, 1987, p. 26, 131).

Décio Neves informa que Revocata é patrona da Academia Rio-Grandina de Letras, identifica o local de seu nascimento e o da sua morte e sua ascendência genealógica, descreve sua vida familiar, sua participação no *Diário de Pelotas* e o seu papel na execução do *Corimbo* e junto do Clube Beneficente de Senhoras. O autor lembra as homenagens que Revocata de Melo recebera de parte da maçonaria, notadamente por ocasião de seu funeral. Quanto à atuação profissional da escritora gaúcha, Neves enfatiza que ela, “além de jornalista reconhecida tanto no Brasil como no estrangeiro, foi, outrossim, professora no Rio Grande, bem como inspirada poetisa, cronista, conferencista, teatróloga e inflamada oradora”. O autor ainda cita dois sonetos de Revocata, “Vida Nova” e “Carta querida” e aponta como fazendo parte de sua bibliografia: *Folhas errantes*, *Coração de mãe*, *Berilos*, *Grinalda de noiva* e *Mário* (NEVES, 1987, p. 168-170).

Uma importante obra a abordar a formação literária gaúcha, sem deixar de arrolar alguns autores, é a escrita pelo professor universitário, crítico literário e historiador Guilhermino Cesar, intitulada *História da literatura do Rio Grande*

do Sul (1737-1902). Ao elaborar seu livro, o autor destaca que adotou por parâmetro essencial “o método histórico-literário”, por considerá-lo “o mais adequado” às suas “limitações e até o mais construtivo”. Ao empregar tal método, Cesar destaca que não pretende prender-se aos “valores estéticos frios” e sim verificar a “motivação psicológica” e o “resultante cultural” das manifestações literárias. O historiógrafo também estabelece o objetivo de enfatizar a importância da literatura gaúcha, diante da “omissão da historiografia nacional” em relação à mesma, visando a ressaltar o significado “do Rio Grande dentro do processo cultural brasileiro” (CESAR, 2006, p. 19-21).

A presença de Revocata Heloísa de Melo no livro de Guilhermino Cesar se dá de uma forma associada à sua irmã Julieta, tanto que o autor afirma que ambas se ligaram “de tal modo que entre a obra de uma e de outra existe a mais completa identidade”. Cesar destaca a ação de Revocata como na poesia, no teatro e no conto e traça uma breve biografia, informando que ela nasceu e morreu no Rio Grande e “manteve durante muitos anos em sua cidade natal o *Corimbo*”, além de ter publicado *Folhas errantes* (CESAR, 2006, p. 285, 313).

A *Enciclopédia de literatura brasileira*, dirigida pelo professor universitário, ensaísta e crítico literário Afrânio Coutinho e pelo já citado José Galante de Sousa é realizada no sentido de sistematizar as informações sobre a formação literária nacional, notadamente a partir da “coleta de informações em obras de referência, especialmente antologias, e inúmeros periódicos”. O verbete acerca de Revocata de Melo apresenta-a como “poeta, teatróloga, professora e jornalista”, tendo nascido em Porto Alegre e falecido no Rio Grande e utilizando-se de Sibila como pseudônimo. Suas obras citadas são *Folhas errantes* – fantasia em prosa, *Berilos* – prosa, e *Coração de mãe e Mário* – dramas em parceria com Julieta Monteiro, além de indicar que ela colaborou em diversos periódicos (COUTINHO; SOUSA, 2001, p. IX e 1048).

Com formação em Arte Dramática e Letras, o escritor e dramaturgo Antenor Fischer publicou *Dicionário de autores da literatura dramática do Rio Grande do Sul*, cujos objetivos são possibilitar “a ampliação da quantidade de gêneros passíveis de análise, em futuros estudos temáticos da nossa literatura”, proporcionar “a visualização da expressividade da dramaturgia

gaúcha” e contribuir “para a „desmistificação” da crença de que o Rio Grande do Sul não possui autores teatrais e nem uma literatura dramática que mereça ser considerada” (FISCHER, 2014, p. 8 e 347).

Neste *Dicionário* há um verbete destinado a Revocata de Melo, apresentando Porto Alegre e Rio Grande como seus locais de nascimento e morte. Sua ação é indicada como “educadora, escritora, jornalista, poeta e dramaturga”, tendo colaborado em vários periódicos gaúchos e sido membro da Sociedade Partenon Literário. A escritora é apresentada como fundadora ao lado da irmã do *Corimbo*, sendo apontado erroneamente o mesmo para *O Escrínio*. De acordo com os interesses da obra, são destacados como de autoria das irmãs Melo *Coração de mãe*, *Mário* e *Grinalda de noiva* (FISCHER, 2014, p. 190).

1.2.2 – Coletâneas

Outra forma de registro da intelectualidade no âmbito nacional e regional é a organização de coletâneas. Em geral apresentam algum dado biográfico sobre os autores destacados e remetem ou transcrevem um exemplo ou um conjunto de textos do biografado. Normalmente em tais antologias há uma predileção pela transcrição, sem maiores preocupações com a biografia, mas ainda assim demarcam sua relevância, pois, por vezes, conseguem trazer ao público composições inéditas. Em diversas coletâneas se dá a presença de Revocata.

Sonoras é o título de uma coletânea organizada no início dos anos 1890, pelos escritores e jornalistas sul-rio-grandenses Francisco de Paula Pires, C. Bandeira Renault e Antônio J. Ferreira de Campos. Ela visa a reunir e compilar “poesias de diversos autores nacionais”, com destaque para os gaúchos e os fundos provenientes de sua venda deveriam reverter “em benefício da Biblioteca Pública Pelotense”. Os organizadores da obra apresentam-na “Ao leitor”, esclarecendo que pretendem “ser úteis” àquela biblioteca e juntar “em um volume essas belas composições que andavam dispersas por grande número de jornais e que, com trabalho e consciência, compilamos” (PIRES et al. 1891, p. 2,5).

Em tal coletânea fica marcada a presença feminina, a qual é representada com aproximadamente vinte por cento dos trabalhos apresentados. As irmãs Melo desempenham um papel importante, pois Julieta tem a primazia de apresentar a poesia de abertura e Revocata, a de fechamento, além de outros versos. Assim, em *Sonoras*, Revocata de Melo publica quatro poemas: “À mocidade do Congresso Português D. Luiz I”, “À mocidade”, “Saudosa” e “Este livro” (PIRES et al. 1891, p. 144, 150, 190, 257).

O primeiro poema publicado por Revocata na antologia intitulada *Sonoras* é o soneto “À mocidade do Congresso Português D. Luiz I”. Ainda que seja uma homenagem à história portuguesa e à juventude lusitana e também aos jovens membros da colônia lusa presente no Brasil, como era o caso daquela na cidade do Rio Grande, há certos indícios de uma simpatia pela forma monárquica, ou, ao menos pela dinastia de Bragança, que fora exilada do Brasil dois anos antes:

Oh mocidade ardente e esperançosa
Incansável obreira do porvir,
Deixai que nesta data gloriosa
Junto a vós eu também me faça ouvir:

Deixai que nos arroubos de uma ideia
De amor à liberdade, ao luso povo,
Relembre de *Bragança* aura epopeia
Exemplo de valor ao mundo novo.

Junto a vós que lembrais essa vitória
Que deixou mil lauréis à pátria história,
E ao marco – progredir – hoje a conduz.

Eu quero em expansões francas, ardentes,
A memória saudar desses valentes
Que à treva da opressão mostraram luz!

Os outros versos, intitulados “À mocidade”, são uma invocação aos jovens, traduzindo as esperanças no porvir, a partir das novas gerações. Revelando nuances liberais, o poema conclama por uma luta contra o “despotismo cruel” que bem poderia ser uma exortação ao combate contra o castilhismo, cujo poder avança pelo Rio Grande do Sul:

Vinde, pois, à grande luta
Oh! mocidade que exulta,
Banhando o século de luz!
Vinde armar as vossas tendas
Nas gentis, formosas sendas,
Que ao futuro nos conduz.

Dai curso às nobres ideias,
Levando-as como epopeias
Às modernas gerações;
Fazei nascer para os povos
Nas ciências mundos novos,
Traduzindo evoluções.

Lavando a nódoa nefanda,
Horrível, negra, execranda,
Do despotismo cruel,
Sede a horda audaz, pujante
Que avança firme, possante,
Livre de escudo ou broquel!

Já em “Saudosa”, Revocata de Melo apresenta um soneto que incorre pela abordagem sentimental nas relações a dois, trazendo as mágoas e as decepções originadas do esquecimento e das promessas vãs, culminando com os desalentos da separação:

É noite, na alcova tristonha, isolada
Quem sabe dos sonhos que alento a pensar?
Os lábios, baixinho, qual prece sagrada
Murmuram seu nome querido, sem par.

Os olhos se fitam às vezes chorosos
Num doce retrato de olhar cismador,
E então, à minha alma nuns véus luminosos
Teu vulto aparece visão deste amor!

E tu, tão distante, por sobre outros mares,
Talvez não te lembre tão agros pesares,
Talvez que nesta hora te esqueças de mim...

Eu sei, as promessas também desfalecem,
Também os afetos de amor emurhecem
E a ausência quebranta venturas sem fim.

Finalmente, Revocata encerra o livro *Sonoras*, trazendo exatamente o fechamento para a obra, ao apresentar o soneto “Este livro”, valorizando a publicação como uma preciosidade, mas revelando modéstia, por não se considerar à altura de realizar o arremate da mesma:

Este escrínio de pedras preciosas
Trabalhos de um labor aprimorado,
A rescender o aroma delicado
De um ramalhete de nevadas rosas;

Este cofre de gemas valiosas
Que a benfazejas mãos é destinado,
Para colher o óbolo consagrado
Ao templo das ideias luminosas;

Não parece guardar tanta riqueza,
Encerrar talismãs, joias e flores,
Tesouros de magia e de beleza;

Tem a fechá-lo tosca, sem labores,
Verdadeiro objeto de pobreza,
Feia chave, sem arte, sem valores.

Também no formato de coletânea de poemas, o professor, crítico e historiador Laudelino Freire organiza a obra *Sonetos brasileiros (século XVII-XX)*, reunindo versos de quinhentos sonetistas nacionais, acompanhados de pequenos verbetes sobre os respectivos autores. O organizador da publicação pretende reunir de cada autor “a melhor produção do gênero, seguida do respectivo retrato e de ligeiras notas biográficas”. Freire afirma também que seu livro poderia ser “o repositório de todos os frutos peregrinos do talento e da imaginação dos vates brasileiros”, ou, pelo menos, uma “obra capaz de palear o brilho e a excelência, o vigor e a exuberância da poesia nacional” (FREIRE, 1913, p. 2, 5).

Na antologia aparecem apenas vinte e seis representantes do sexo feminino, ou seja, aproximadamente cinco por cento e, dentre elas, está a presença de Revocada de Melo, destacada através de retrato (**Figura 1**) e pelo breve traço biográfico, de ser nascida na cidade de Porto Alegre e “ter inúmeras poesias avulsas” (FREIRE, 1913, p. 138). O soneto de sua lavra em destaque tem por título “A uma carta”, associando a imagem da missiva com a passagem do tempo e as decepções amorosas:

Bom tempo! se a saudade, em dor intensa,
Abria com a lâmina afiada
Uma ferida gotejante, imensa,
Na minha alma febril, dilacerada!

Eu te relia, oh carta idolatrada,
Palavra por palavra; em doce crença,
Soavas ao coração, pura afinada,
Qual voz de uma harpa, sedutora, extensa.

Hoje, porém, as letras desmaiadas,
De tanta vez que te aconcheguei ao peito,
Que te apertei entre as mãos frias, geladas.

És múmia de um sonho já desfeito,
Pois a ausência matou flores rosadas,
Meu coração à dor hoje é afeito!



Figura 1

As professoras de língua portuguesa Guilhermina Krug e Nelly Rezende de Carvalho realizam a compilação que dá origem ao livro *Letras rio-grandenses*. A ideia das organizadoras é a de oferecer “uma coletânea sobre literatura rio-grandense que permitisse aos professores fazê-la mais conhecida e mais prezada no nosso meio escolar”, além de prestar seu “pequeno concurso na divulgação das letras gaúchas”. Quanto à Revocata é elaborada uma pequena nota, apresentando-a como “poetisa e prosadora de linguagem expressiva e atraente”, tendo publicado *Folhas errantes* e *Coração de mãe*. Ainda aparece como destaque a fundação do *Corimbo*, “órgão literário da cidade do Rio Grande”. O soneto selecionado é “Vida nova”, uma versão modificada de outro que Revocata de Melo havia publicado no *Tudo*, em 1919, sob o título “Coração moribundo”³ (KRUG; CARVALHO, 1935, p. 5, 173).

Ainda no que tange às antologias, o jornalista, biógrafo e conferencista Antônio Carlos Machado publica a *Coletânea de poetas sul-rio-grandenses (1834-1951)*. Ao apresentar seu trabalho, o autor afirma que “a presente coletânea constitui uma pequena, mas expressiva amostra do opulento parnaso rio-grandense, tão ignorado pelos leitores e críticos patrícios”, bem como, “com raras exceções, sistematicamente excluído das antologias oficiais”. Nesta publicação, Revocata é apresentada como natural da cidade do Rio

³ Ver capítulo 3 desta dissertação.

Grande, onde funda o *Corimbo*, com a sua irmã Julieta, além de ter colaborado em vários periódicos. Suas obras citadas são: *Folhas errantes*, *Coração de mãe* e *Mário*. O poema da autora selecionado chama-se “O apóstolo da liberdade” e, apesar de pequena discrepância quanto ao título, é o mesmo editado nas páginas do *Maragato*, em homenagem a Gaspar Silveira Martins⁴ (MACHADO, 1952, p. 14, 185).

Bem mais tarde, outra antologia denominada *Rio Grande nos versos dos poetas* traz poemas da autoria de Revocata. Organizada pelo escritor, jornalista e médico Sued de Oliveira Rodrigues, a coletânea tem “o intuito de oferecer à comunidade rio-grandina e sul-rio-grandense uma coleção de 150 poemas dos mais diversos autores sobre a nossa terra”. Na abertura da obra, fica definido que o “livro dedica-se basicamente, no stricto sensu, a poesias sobre a cidade do Rio Grande, seus filhos, suas entidades e suas atividades”. São poetas de várias épocas, a maior parte deles contemporâneos à edição, cujos trabalhos versando sobre o Rio Grande encontram-se coletados. Aparecem autores do século XIX e primeiras décadas do seguinte, como é o caso de Revocata Heloísa de Melo que está representada por três poemas, um de título “Silva Paes” e outros dois com a mesma denominação – “Rio Grande” (RODRIGUES, 1989, 1, 11).

Os dois primeiros, “Silva Paes” e “Rio Grande” são poemas encomiásticos, alusivos ao fundador e à própria cidade do Rio Grande. A coletânea informa que no caso de ambos se trata de uma publicação original de 1935, editada no *Tudo Rio-Grandino*. Tal data indica que faz parte das comemorações do centenário da elevação do Rio Grande à condição de cidade. No primeiro, um soneto, é manifestado o desejo de que o personagem homenageado venha a ser imortalizado em forma de monumento estatutuário, o que se confirmará pouco depois, bem como de que ele servisse como um exemplo cívico às novas gerações. O segundo busca enaltecer aspectos da história e da geografia rio-grandina. Já o terceiro, é um poema de circunstância, transcrito do periódico rio-grandino *O Tempo*⁵ (RODRIGUES, 1989, 1, 11, 57, 59, 69). Os poemas “Silva Paes” e “Rio Grande” trazem respectivamente os seguintes versos:

⁴ Ver capítulo 3 desta dissertação.

⁵ Ver capítulo 3 desta dissertação.

Ergamos a ele, que vive, que fala
Na alma incendiada do bravo torrão.
A estátua, a coluna que o tempo não cala
E mostra aos vindouros real tradição;

Que sejam os moços, que a dor não abala,
Leves pioneiros do grande padrão!
Levantem o marco a glória trescala
Do feito a encher-nos de vivo clarão;

Levantem o preito que a alma reclama,
Que fique indelével na terra sulina
De Paes a memória que ao alto domina

Depois do civismo que é áureo, que é flama
De toda a grandeza que o homem produz,
É belo que surjam mais raios de luz!

Terra de luz, audaz, de farroupilha!
Implantada na gleba da coxilha,
Na gleba dos centauros da legenda,
Onde o bravo se vê, de tenda em tenda

Arvorando o pendão da liberdade
Nesse incontido sonho de igualdade!...
Terra vencendo as mais, nessa grandeza
De seres deste Sul a fortaleza;

Sempre ereta, possante, sobranceira
Calma, serena, sim; porém guerreira
Se aclara os ares da peleja a flama
E o coração da pátria aos filhos chama!...
Grande és no nome e grande no roteiro;
Escancaras a boca ao mar certo
És herdeira de glórias, tens eleitos!
Tem tua história, de heroísmo os feitos!

A Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul publica a coletânea *50 anos de literatura: perfil das patronas*, “em homenagem a essas admiráveis mulheres” que lhe serviram como patronas, notabilizando-se “pela afirmação do feminino como expressão positiva da sociedade moderna”. Dentre as homenageadas, o texto referente à Revocata fica a encargo da escritora e jornalista Lydia Mombelli da Fonseca que aponta as incertezas quanto à data de nascimento da patrona, ressaltando sua ação “para o enriquecimento de nossas letras e de nossa poesia”, na “batalha das justas causas”, na “luta pelo abolicionismo” e na “conquista dos grandes ideais”. É dada ênfase à atuação de Revocata de Melo em prol da abolição e à frente do “jornalzinho *Corimbo*”, às suas ligações familiares, às instituições a que pertenceu e às obras publicadas – *Folhas errantes*, *Berilos* e *Coração de mãe*, além dos inéditos *Marinhas* e *Missal de Ternura*. O poema selecionado é um preito à maternidade, com um soneto intitulado “Mães” (FONSECA, 1993, p. 63-65):

Mães, doces mães, sublimes criaturas
Que dão vida, carinho, luz, amor,
Mensajeiras de Deus nas desventuras,
Nas dores consolando com fervor.

São divinas, calando as amarguras
Transformando-as em risos de fulgor,
Acalentando os filhos nas ternuras
Que o coração lhes diz com tanto ardor.

Mães, fiandeiras de um amor sem nome,
De um amor que a desgraça não consome
E à noite não consegue deslembrar.

Não há pincel de mestre ou lira de ouro
Que possa retratar todo o tesouro
Que a alma das mães desprende no seu lar.

Escritoras brasileiras do século XIX é uma antologia organizada a partir da “constatação de uma ausência e de um esquecimento” daquelas escritoras as quais não se encontram “presentes nas histórias da literatura e em muitos dicionários”, de modo que a coletânea é realizada “com o intuito de reverter tal situação, contextualizar, criticar e fazer circular uma produção que permanece desconhecida”. O livro é organizado pela professora universitária e estudiosa do feminismo Zahidé Lupinacci Muzart, e o tópico a respeito de Revocata é da lavra da pesquisadora e professora universitária Rita Terezinha Schimidt, que descreve suas relações familiares e sua ação literária, notadamente à frente do *Corimbo* (SCHIMIDT, 2000, p. 892).

Rita Schimidt afirma que “o ambiente familiar foi responsável, em grande parte, pela predisposição às letras” de Revocata. A escritora gaúcha é descrita ainda como “uma mulher de índole romântica, de personalidade forte e de atuação combativa marcante em termos de luta por ideias em que acreditava, num contexto marcado por acirradas polarizações e preconceitos”. A atuação de Revocata de Melo ao lado dos ideais abolicionista e federalista são enfatizados, bem como a influência maçônica em seu pensamento. Há uma especial atenção para com as obras de Revocata, com análise específicas acerca de *Folhas errantes* e *Berilos* (SCHIMIDT, 2000, p. 892-897).

Os trabalhos coletados da autora rio-grandense são os poemas “O apóstolo da liberdade” e “Vida nova”, publicados originalmente junto à imprensa e também transcritos em outras antologias; e o conto “A confissão”, extraído do livro *Berilos*. Aparece ainda “A liberdade de imprensa”, um enaltecimento ao livre direito de expressão do pensamento. O texto se constitui numa reação contra “a torpe ambição de mando” que amordaça “a poderosa voz da razão e da verdade” e uma luta em nome daqueles que se viram “agrilhoados ao poste infamante da mais vil das iniquidades, a reclusão do pensamento”. No artigo citado, Revocata demarca que, em uma época na qual “a luz percursora do

progresso e da civilização” deveria predominar, era inaceitável “coatar a imprensa”, em clara alusão ao autoritarismo típico do regime castilhista (SCHIMIDT, 2000, p. 899-902).

A obra *Narradores do Partenon Literário* constitui uma antologia coordenada por Maria Eunice Moreira, professora universitária e pesquisadora da literatura, notadamente a gaúcha. Tal livro apresenta por meta a de “sanar uma lacuna”, pois, “ao mesmo tempo que coloca à disposição do professor ou especialista uma seleção da produção ficcional do grupo do Partenon Literário”, traz ainda a possibilidade do “conhecimento dos primórdios dessa literatura a novos leitores e interessados”. A coordenadora explica que, “apesar da importância deste material para o conhecimento das letras rio-grandenses e para a manutenção da memória dos gaúchos”, o acesso aos mesmos permanecia difícil ou inviável, daí a organização da antologia (MOREIRA, 2002, p. 12).

Nesta coletânea, Revocata de Melo é apresentada como “fundadora e diretora do jornal *Corimbo* e filiada à Sociedade Partenon Literário”, atuando como “jornalista, teatróloga e educadora”. É também indicado o seu pseudônimo de Sibila e *Folha errantes* e *Coração de mãe*, como “suas principais obras”. O texto de Revocata contido na antologia é o conto “O solitário do mirante”, que além de ter sido publicado na *Revista do Partenon Literário*, foi incorporado também ao livro *Folhas errantes*⁶ (MOREIRA, 2002, p. 173-179, 182).

O jornalista e escritor Luiz Rufatto publica uma antologia sobre as 25 *mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*. Ainda que a temática seja a literatura contemporânea, o autor apresenta um capítulo inicial intitulado “Mulheres: contribuição para a história literária”, no qual faz um breve apanhado sobre escrita feminina no Brasil nos séculos XIX e XX. Entre as várias escritoras citadas, há a referência pela qual “dignas de destaque são as irmãs gaúchas Revocata de Melo e Julieta de Melo Monteiro, contistas, poetisas e educadoras”, com ênfase para a ação, como jornalistas e editoras, na “revista feminina *Corimbo*, em cujas páginas brilharam vários nomes e pseudônimos

⁶ Ver capítulos 2 e 3 desta dissertação.

femininos pertencentes a alguns Estados da Federação” (RUFATTO, 2004, p. 7, 12-13).

1.2.3 – Estudos sobre as mulheres, o feminino e o feminismo

Os estudos acerca do feminino se acentuam no contexto brasileiro e sul-rio-grandense e até internacional na virada do século XIX para o seguinte, quando a mulher passa a ser objeto de pesquisa ou mesmo sujeito da mesma, assumindo as mulheres também o papel de pesquisadoras. São obras como dicionários e livros a respeito do feminino e/ou do feminismo que ganharam terreno notadamente nas últimas décadas. Muitos destes trabalhos fazem referência à ação de Revocata de Melo.

Andradina de Oliveira, professora, biógrafa, teatróloga e militante na imprensa feminina gaúcha, escreve *A mulher rio-grandense – escritoras mortas*, que seria a “primeira série” de um projeto editorial mais amplo com o objetivo de “escrever algo sobre as filhas do Rio Grande do Sul”, de maneira a “tornar conhecida a atividade feminina neste extremo-sul da nossa pátria”, realizando uma “homenagem à mulher e ao Rio Grande do Sul”. Como a proposta se direciona a trabalhar com escritoras já falecidas, a presença de Revocata se dá no capítulo destinado à sua mãe, a qual dera “educação moral e intelectual” às duas “adoradas filhas” – as irmãs Melo – consideradas como “herdeiras da rútila inteligência que as torna, incontestavelmente, duas glórias do Rio Grande do Sul mental” (OLIVEIRA, 1907, p. 7-9, 27).

O poeta e conferencista Leal de Souza reúne algumas de suas palestras proferidas entre 1913 e 1915 e publica-as no livro *A mulher na poesia brasileira*. Os temas abordados pelo autor são o ideal feminino dos poetas, a ação das poetisas brasileiras e várias questões em torno da figura da musa contemporânea. Em síntese, ele busca abordar as imagens criadas acerca do feminino nas obras literárias e destacar algumas representantes do sexo feminino dedicadas à poética. É exatamente no tópico das poetisas brasileiras, no qual destaca vários nomes que o autor faz referência às “irmãs sul-rio-grandenses Julieta e Revocata” como aquelas que “ocupam salientes lugares

visíveis entre as líricas que receberam a salutar influência parnasiana” (SOUZA, 1918, p. 5-7, 72).

Maria Lacerda de Moura, escritora, professora e ativista na luta pela emancipação feminina faz de seus livros uma bandeira de luta, como o caso de *Renovação* no qual ela exalta a importância da leitura e da instrução para a luta pelo independentismo da mulher. Segundo a autora, “falta instrução, a mulher continua ignorando, não temos literatura feminina” e “a brasileira não lê, e é preciso que ela sabia que o homem não a libertará”, de modo que se torna “necessário que mulher ocupe o lugar que lhe é reservado, de justiça, entre os homens”, ou seja, é preciso “que ela tome o seu posto de igual”. Desta maneira, Maria Lacerda Moura justifica que seu livro busca “a possibilidade dessa grande *Renovação*”. Em tal publicação, há um segmento destinado a destacar as “brasileiras célebres” e, dentre elas, a autora aponta as “senhoras jornalistas profissionais” que atuam no Rio Grande do Sul, figurando entre os nomes o de Revocata de Melo (MOURA, 1919, p. 2, 16, 76).

A escritora e pedagoga portuguesa, uma das mais importantes personalidades na luta pela emancipação feminina no contexto luso-brasileiro, Ana de Castro Osório, escreve *A grande aliança*, livro no qual aborda a propaganda que realiza no Brasil, em conferências realizadas nas cidades do Rio de Janeiro, Rio Grande, Pelotas, Porto Alegre, Santa Maria, Curitiba e São Paulo. Dentre os temas por ela abordados estão “a mulher de Portugal e do Brasil”, palestra na qual ela fala “da mulher em suas altas qualidades, honra e símbolo das nossas pátrias, irmanadas pelo coração e pelo ideal que as faz grandes”. De acordo com a autora lusitana, a sua “propaganda desinteressada no Brasil foi feita pela determinação da minha própria vontade, na convicção de cumprir o meu dever de portuguesa”, diante de lusos e brasileiros, “irmanados no mesmo grande sentimento de orgulho do passado e aspiração do futuro” (OSÓRIO, 1924, p. 5, 7, 39, 41, 201).

A presença de Ana de Castro Osório em várias cidades gaúchas e, especialmente, na localidade do Rio Grande revela o significado da mesma no contexto nacional da época. Além disso, tudo indica que houve o contato direto da escritora portuguesa com as irmãs Melo, quando de sua presença no Rio Grande, tanto que o exemplar de *A grande aliança* que faz parte do acervo da Biblioteca Rio-Grandense é exatamente aquele que foi autografado pela

feminista lusa dedicando-o às duas irmãs: “Às minhas queridas e ilustres amigas D. Julieta e D. Revocata de Melo, homenagem ao seu alto valor moral e intelectual” (Figura 2).

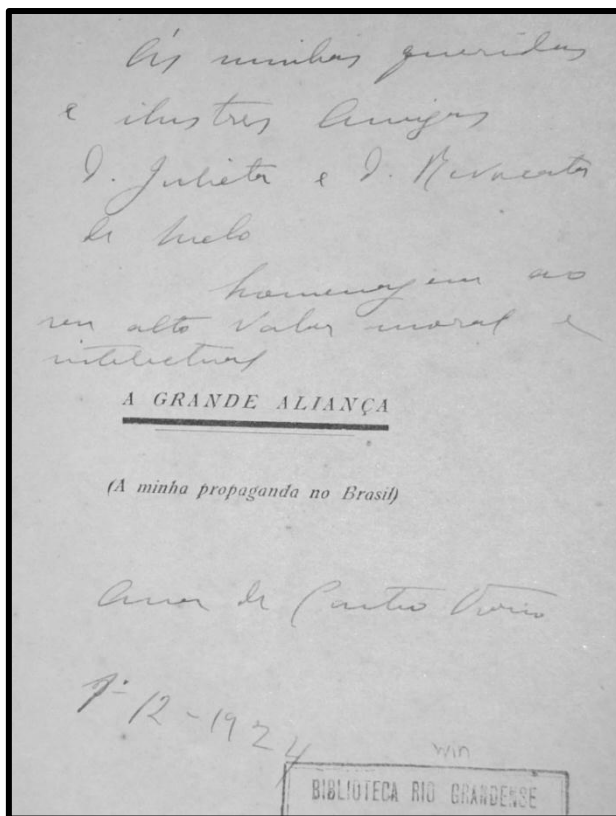


Figura 2

Além de tal deferência, as duas escritoras sul-rio-grandenses recebem significativo destaque nas páginas do livro de Ana Castro Osório:

Desde o Rio Grande ao Amazonas, de polo a polo deste imenso país, quanta mulher que se impõe pelo seu talento, que trabalha e vence na luta intelectual, quantas vezes mais dolorosa e cruel do que as outras! (...)

Propositadamente destacados dois nomes devemos evocar neste momento, pelo que de nobremente belo representam: são os de D. Revocata e D. Julieta de Melo, as senhoras que todo o Rio Grande do Sul respeita e venera como relíquias sagradas.

Poetisas, professoras, jornalistas combativas, as suas mentalidades colocam-nas a par dos mais nobres e dos mais modernos ideais femininos.

Elas são para todas as mulheres brasileiras um belo exemplo de inteligência progressiva.

Ainda há pouco se impuseram por um belo exemplo de civismo, pois ao primeiro “Congresso Brasileiro pelo Progresso Feminino” foram essas duas senhoras, vergadas ao peso de dores, que a vida impiedosamente acarreta a todos os corações generosos, que tomaram a iniciativa de enviar um telegrama, significando o desejo da mulher rio-grandense em trabalhar pela pátria, trabalhando pela elevação e progresso do seu sexo. (OSÓRIO, 1924, 58-59)

Mariana Coelho, nascida em Portugal, mas radicada no Brasil, é uma escritora e educadora de ampla dedicação à causa feminista e, dentre suas obras, está *Evolução do feminismo: subsídios para a sua história*. Com seu livro, a autora pretende “contribuir, com uma pequenina e conscienciosa pedra, para a conclusão do majestoso edifício em adiantada construção do ideal feminista”, de modo a “ir em auxílio das dignas companheiras de todo o mundo, para que a completa reabilitação do nosso sexo seja um fato em toda a parte”, colocando “a mulher no lugar que lhe compete entre a comunidade humana” (COELHO, 1933, p. 4, 11).

Na obra de Mariana Coelho, *Revocata*, ao lado de sua irmã, aparece quando a autora aborda o tema “a mulher nas ciências, nas artes e nas letras”:

Duas intelectuais tão distintas como modestas, são as irmãs Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro, do Rio Grande do Sul (...).

Além da sua festejada colaboração desde muitos anos em vários órgãos da imprensa, da sua constante e formosa colaboração em poesia e prosa no seu querido *Corimbo*, têm estas dignas intelectuais publicado vários livros em prosa e verso, e têm posto, na sociedade em que vivem e são condignamente respeitadas, o seu valioso préstimo moral e intelectual ao serviço das mais nobres causas – acompanhando e defendendo com firmeza de convicções, todos os ideais modernos e todos os atuais problemas sociais. A modéstia e mais virtudes que exornam a alma nobilíssima destas gentis publicistas – conhecidas até além das fronteiras do seu país, fazem *pendant* com os seus méritos de literatas e educadoras. Na colaboração da sua revista de arte *O Corimbo* brilham vários nomes e pseudônimos femininos pertencentes a alguns Estados da federação; pois que em todos eles, principalmente nos mais evoluídos, o sexo frágil se impõe pela cultura e intelectualidade de muitas senhoras, e pela organização de beneficentes associações femininas. (COELHO, 1933, p. 512-513)

A ação das irmãs Melo é mais uma vez abordada por Mariana Coelho, quando trata da “ação da mulher na imprensa”, destacando o papel de ambas na elaboração do *Corimbo* e da continuidade de *Revocata*, após a morte da irmã:

Distintas jornalistas no Brasil são as irmãs Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro, rio-grandenses-do-sul, que até 1928 – data em que faleceu a última – dirigiram a linda revista de arte *O Corimbo*, colaborado por boas penas e que, estando atualmente na segunda fase da sua publicação bimensal, há muitos anos o sustentam e conservam sempre na mesma elevação de ideias relativas à arte, à ciência, às letras, aos assuntos sociais da atualidade – como, por exemplo, o progresso do feminismo, que elas muito honram. Desde 1928 é esta revista sustentada com a mesma superioridade de vistas pela primeira jornalista indicada. (COELHO, 1933, p. 541)

A poetisa e funcionária pública Alzira Freitas Tacques elabora o livro *Perfis de musas, poetas e prosadores brasileiros*, com o projeto editorial de dois volumes, o primeiro voltado às mulheres escritoras, ressaltando “poetisas e escritoras de vários estados do Brasil”. Neste sentido, a autora se refere às irmãs Melo como “poetisas dotadas de estro fecundo e iluminado” e, especificamente sobre Revocata, afirma que, após a morte da irmã, ela continua “sem esmorecimentos a difundir, entre os adoradores de Erato, os raios de sua peregrina inspiração, através das colunas do *Corimbo*, o jornal que por tanto tempo dirigiu”. Também são ressaltados “seus versos plenos de arroubo, altamente aureolados de entusiástico amor às coisas belas da vida”, os quais cintilam ainda em vários periódicos, “em autógrafos que são verdadeiras relíquias”. Alzira ainda transcreve e faz breve apreciação do poema “Apóstolo da liberdade” e lembra que Revocata teria deixado “publicado o valioso volume de versos a que denominou „Heptacordium”” (TACQUES, 1956, p. 3, 5, 701-702).

Outro autor que aborda a questão da mulher é Domingos Carvalho da Silva, professor, jornalista e poeta, que escreve *Vozes femininas da poesia brasileira*, com o propósito de estabelecer um ensaio histórico-literário sobre o tema, seguido de uma breve antologia. Ao trabalhar a “época pós-romântica e parnasiana”, o autor refere-se às irmãs Melo, lembrando que elas pertenceram “a uma família de mulheres literatas”. O ponto básico lembrado por Carvalho da Silva é que Julieta e Revocata publicaram “durante muitos anos, na cidade do Rio Grande, a revista *Corimbo*” (SILVA, 1959, p. 4, 18, 21).

O reconhecimento intelectual da autora em pauta ultrapassa as fronteiras nacionais, estando Revocata presente no *Dicionário mundial de mulheres notáveis*, elaborado pelos escritores e pesquisadores portugueses Américo Lopes de Oliveira e Mário Gonçalves Viana. Ao organizarem o livro, os autores pretendem prestar um serviço “à cultura geral de todo o público leitor luso-brasileiro, especialmente aos estudiosos, sempre desejosos de boas obras de consulta”, e ainda mais “ao imenso e cada vez mais culto e mais interessado „mundo feminino””. Sobre Revocata, tal dicionário descreve-a como “escritora brasileira, natural do Rio Grande do Sul”, atuando como “dramaturga e poetisa, tendo escrito poesias que ficaram dispersas por revistas e jornais da época”. São destacadas também as suas publicações *Folhas errantes* e

Berilos, além da ênfase ao fato de que, “com sua irmã Julieta de Melo Monteiro dirigiu o semanário *Corimbo*” (OLIVEIRA; VIANA, 1967, p. 3, 904).

A escritora e advogada Adalzira Bittencourt, ao lançar o *Dicionário biobibliográfico de mulheres ilustres, notáveis e intelectuais do Brasil*, tem o objetivo de “oferecer biografias completas de quantas mulheres já escreveram no Brasil”, de modo que “os seus nomes não caíssem no esquecimento e pudessem receber o preito de admiração e encorajamento”. Seu projeto não fica completo, pois, “infelizmente, só conseguiu completar os três primeiros volumes, referentes às letras A e B” (HOLLANDA; ARAÚJO, 1993, p. 15). Tal limitação não impede uma referência, ainda que brevíssima, à Revocata de Melo, identificada, ao lado da irmã Julieta, como poetisa gaúcha, no verbete que trata de Amália Figueiroa (BITTENCOURT, 1969, v. 1, p. 12, 40; 1970, v. 2, p. 198).

Em *Mulheres de ontem – Rio de Janeiro, século XIX*, a pesquisadora Maria Thereza Caiuby Crescenti Bernardes busca apresentar depoimentos de homens e mulheres de letras sobre a condição feminina no Rio de Janeiro do século XIX. Ao final do livro, no Anexo intitulado “Mulheres de letras no Brasil do século XIX”, a autora realiza um “levantamento de escritoras e tradutoras que publicaram entre 1840 e 1890”, categorizando-as entre aquelas que residiam no Rio de Janeiro e as “que residiram em outros pontos do Brasil”. Neste último arrolamento, dá-se a presença de Revocata de Melo, apresentada como “natural do Estado do Rio Grande do Sul”, tendo publicado “prosa (teatro e redação de jornal) no Rio de Janeiro, Porto Alegre, Rio Grande, Pelotas e Buenos Aires” (BERNARDES, 1989, p. 10, 208).

Sobre uma interface específica da escrita feminina, a pesquisadora Valéria Andrade Souto-Maior escreve *Índice de dramaturgas brasileiras do século XIX*, “tendo como principal objetivo reunir e tornar acessíveis informações sobre a dramaturgia brasileira escrita por mulheres no passado”, de maneira a oferecer “as principais notas biográficas dessas escritoras, seguidas de suas respectivas bibliografias no campo da dramaturgia”. Neste rol de autoras, a escritora rio-grandense é registrada como “professora, jornalista, poetisa, cronista e dramaturga”, respondendo pelo pseudônimo Sibila, com a identificação dos lugares de nascimento e morte e destaque para fundação e direção da “revista literária *Corimbo*”, a redação no *Diário de Pelotas* e a

colaboração em vários periódicos. São citados como dramas de autoria de Revocata *Grinalda de noiva*, *Mário* e *Coração de mãe*, os dois últimos em coautoria com Julieta Monteiro (SOUTO-MAIOR, 1996, p. 11, 43).

O *Dicionário mulheres do Brasil*, organizado pela pedagoga ativista do feminismo Schuma Schumacher e pelo escritor Érico Vital Brazil se propõe a reunir “verbetes biográficos e temáticos, dados pessoais, fatos e processos sociais relativos às mulheres, muitos ainda inéditos na historiografia”. Neste sentido, tal dicionário “agrupa em um só volume informações que estavam esparsas em livros, teses, periódicos, ou guardados em arquivos de difícil acesso, ou ainda na lembrança das pessoas”. Os autores afirmam ainda que “o saldo do nosso empenho representa sobretudo um incentivo para a realização de novas pesquisas e novos desdobramentos”, que, por sua vez, “possam servir de referência para as gerações futuras” (SCHUMACHER; BRAZIL, 2000, p. 10).

Revocata de Melo tem um destacado verbete no *Dicionário de mulheres do Brasil*, sendo apresentada como “escritora, editora e abolicionista”. Ela é descrita quanto aos dados de nascimento e morte; seus laços familiares; seus pseudônimos – Sibila e Hermengarda –; suas colaborações na imprensa; sua participação no Clube Beneficente de Senhoras; suas ações em prol da abolição e dos flagelados da seca no Nordeste; e suas obras – *Folhas errantes*, *Coração de mãe*, *Berilos*, *Grinalda de noiva* e *Mário*, além das inéditas *Marinhas* e *Missal de ternura*. Tal dicionário enfatiza que “uma origem familiar ligada às letras fez de Revocata e sua irmã Julieta nomes importantes no cenário literário do Rio Grande do Sul”, estampando o retrato das irmãs Melo (**Figura 3**). Ganha relevo também o papel de Revocata no *Corimbo*, apontado como “o primeiro órgão literário da imprensa feminina no sul do país”, sendo descritas algumas das características da publicação (SCHUMACHER; BRAZIL, 2000, p. 477-478, 485).



Figura 3

Nelly Novaes Coelho, crítica literária e professora universitária, escreve o *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*, informando que seu livro “resulta de um minucioso levantamento da produção literária feminina brasileira, de ontem e de hoje”, tendo sido “organizado com o objetivo maior de oferecer um painel abrangente desta literatura e que pudesse servir de fonte para futuros estudos e pesquisas nesta área” (COELHO, 2002, p. 15, 751).

Este *Dicionário crítico* destaca Revocata como “poeta, contista, dramaturga, tradutora, professora, conferencista, abolicionista, federalista e jornalista atuante no meio político cultural gaúcho”, com a identificação de locais de nascimento e óbito, pseudônimo, parentesco, jornais e revistas com os quais colaborou, instituições a que pertenceu e obras que escreveu – *Folhas errantes*, *Coração de mãe*, *Grinalda de noiva*, *Mário* e *Berilos*. Ainda sobre a escritora gaúcha, Nelly Coelho relata que ela “fundou o jornal feminino de maior duração no Brasil” da virada do século, o “*Corimbo*, mantido durante seis décadas (1883-1943)”, esclarecendo a respeito de Revocata e Julieta, “embora não fossem a favor da independência econômica feminina, por meio do trabalho profissional” elas “se mantiveram graças à profissão de jornalistas e

editoras de jornal, atividade absolutamente insólita para ser desempenhada por mulheres” (COELHO, 2002, p. 564-565).

A professora e pesquisadora Hilda Agnes Hübner Flores elabora um *Dicionário de mulheres* e esclarece que o seu livro, mais abrangente na primeira versão, em sua reedição, volta-se “unicamente às literatas e autoras de trabalhos científicos, que acorreram em todo o país, de maneira expressiva”, de modo que, a partir da “análise do conjunto de informações, ajuizar acerca do evoluir da intelectualidade feminina, ao longo dos séculos, até confluir na chamada „história de gênero””, buscando o “reconhecimento de uma identidade feminina” (FLORES, 2011, p. 7).

A respeito de Revocata de Melo, tal dicionário apresenta seu retrato (**Figura 4**) e há um extenso verbete, identificando pseudônimo, local de nascimento e morte, filiação e parentes próximos. A escritora é categorizada como “jornalista, dramaturga, poetisa, cronista, professora, conferencista, abolicionista, federalista”, tendo mantido junto da irmã aula particular vespertina pelo menos até 1922. É citada sua ação junto ao *Corimbo* e como colaboradora em diversos periódicos e sua atuação junto da Associação Rio-Grandense de Imprensa, do Clube Beneficente de Senhoras, da Legião da Mulher Brasileira do Rio de Janeiro e da Loja Maçônica União Constante de Rio Grande, além do fato de ser patrona da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul. Hilda Flores ainda identifica as obras de Revocata: *Folhas errantes*, *Coração de mãe*, *Berilos*, *Grinalda de noiva*, *Mário* e *Heptacordium* (FLORES, 2011, p. 464).



Figura 4

O livro *História das mulheres no Brasil*, organizado pela escritora e professora universitária Mary Del Priore, pretende “construir a história das mulheres como quem refaz o mundo, para que o leitor tivesse ao seu alcance a paisagem histórica mais nítida possível” e dedica um capítulo especial voltado a “Escritoras, escritas, escrituras”, de autoria da professora universitária e pesquisadora Norma Telles. Ao tratar do tema, a autora cita várias representantes da escrita feminina espalhadas pelo país. Especificamente ao tratar dos jornais femininos, Telles destaca o *Corimbo* que, ao longo de sua longa existência, “cobriu qualquer aventura de mulheres brasileiras no campo das letras e nas várias profissões”. Referindo-se a uma rede formada por escritoras e jornalistas de norte a sul do Brasil, ela enfatiza que, no Rio Grande do Sul, dentre os “fios importantes dessa rede” esteve o *Corimbo* “das irmãs Revocata de Melo e Julieta Monteiro, ambas literatas que escreveram poesia, contos e peças teatrais” (TELLES, 2015, p. 426).

A mesma Mary Del Priore elabora *História da gente brasileira* que, em seu segundo volume, destina-se ao estudo do Brasil Imperial, analisando uma época em que, a “superfície dos fatos únicos e espetaculares encobre um mundo invisível feito de milhões de personagens anônimos”, de modo que “a superfície lisa encobre movimentos profundos que ajudam a compreender o passado”. Em tal obra, há um capítulo destinado às “Coisas de mulher”, explicando as vivências femininas daquele momento histórico, referindo-se também à escritura de natureza feminina, com a citação de várias publicações, dentre elas o *Corimbo*, apontado com “o mais importante” dos periódicos femininos e verdadeira “caixa de ressonância do feminismo brasileiro, editado pelas irmãs Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro”. Sobre tal jornal, a autora ainda comenta que “sua longevidade fez história”, trazendo temáticas variadas envolvendo o feminino e o feminismo, como “algumas das muitas teclas nas quais batiam seus editoriais e artigos” (PRIORE, 2016, p. 9, 296).

1.2.4 – Abordagens acerca da imprensa literária e/ou feminina

Finalmente, algumas abordagens que se voltam ao estudo da imprensa especificamente literária e/ou feminina ou ainda estritamente ao periódico

Corimbo trazem informações a respeito de Revocata Heloísa de Melo. Para tanto foram escolhidos os seguintes estudos na forma de amostragem, envolvendo alguns artigos, dissertações e tese que, como exemplos, se referem ao tema.

Um arrolamento de fontes voltado aos periódicos literários porto-alegrenses foi organizado por Athos Damasceno Ferreira, historiador e crítico literário, com o livro intitulado *Imprensa literária de Porto Alegre no século XIX*. O autor apresenta como propósitos da publicação “o de ampliar a bibliografia referente à história e à dinâmica do jornalismo rio-grandense, em setor ainda praticamente inexplorado”, em referência ao jornalismo literário; e “o de contribuir, segundo critérios críticos e ao ensejo da situação expressa e da qualificação comentada de cada periódico, para a divulgação e estudos dos ideais” desse periodismo. Ele dá especial atenção às características formais dos periódicos e aos responsáveis pela edição, como diretores, redatores e colaboradores. Foi neste rol que ocorreu a presença de Revocata de Melo como colaboradora da *Revista do Partenon Literário*, da *Revista Literária* e do *Contemporâneo* (FERREIRA, 1975, p. 11-12, 58, 131, 147).

Pedro Maia Soares, escritor e tradutor, em “Feminismo no Rio Grande do Sul”, aborda alguns dos representantes da imprensa feminina rio-grandense, dentre eles o *Corimbo*. O autor ressalta que seu “trabalho é subproduto de minha pesquisa sobre a imagem da mulher na ficção gaúcha”, na qual, “ao vasculhar bibliotecas e arquivos, surgiram vozes do passado reivindicando direitos para as mulheres”, as quais “estavam enterradas e mudas entre livros e papéis”. Diante disto, ele diz que pretende “trazer essas vozes à tona, contribuindo para que elas se incorporem no leito maior de uma possível história das mulheres brasileiras” (SOARES, 1980, p. 121).

Quanto ao *Corimbo*, Pedro Soares destaca a sua longevidade e “o fato essencial” deste periódico ter se transformado “numa espécie de caixa de ressonância do movimento feminista brasileiro”, traçando um breve histórico acerca da publicação. O autor descreve as relações familiares das irmãs Melo e cita que ambas “eram professoras e publicaram juntas contos, poemas e peças de teatro e escreveram para vários jornais diários”. Ele enfatiza ainda o papel de Revocata à frente do *Corimbo* e as suas dificuldades de sobrevivência já ao final da carreira, quando teria contado com o apoio da maçonaria e, ainda

assim, já octogenária, “era quase um monumento da cidade do Rio Grande” (SOARES, 1980, 145-146, 149).

A publicação dirigida por Revocata é tema da dissertação “Atuação literária de escritoras no Rio Grande do Sul: um estudo do periódico *Corimbo*, 1885-1925”, da professora universitária e antropóloga Míriam Steffen Vieira. A meta deste trabalho é analisar “elementos relativos à atuação literária de escritoras no período que se estende do final do século XIX a inícios do século XX”. A dissertação é alicerçada na premissa de que “a busca de reconhecimento literário por parte das escritoras também passava pelo reconhecimento social das mulheres”, ainda mais no que tange “à sua capacidade intelectual”. Desta maneira, segundo a autora, “as reivindicações veiculadas no *Corimbo* estavam pautadas pelo interesse das escritoras como um grupo social específico” (VIEIRA, 1997, p. 5).

Ainda que Míriam Vieira destaque que o seu “objetivo não foi realizar uma história do *Corimbo* e de suas redatoras”, a autora faz várias referências a escritoras sul-rio-grandenses, dentre elas as irmãs Melo, explicando que elas têm uma “origem familiar” com destaque para com o “seu vínculo às letras”. Também são enfatizadas as participações de ambas em outros periódicos, especialmente literários e suas atuações como docentes. Nessa linha, a autora afirma que, “assim como a origem familiar, as experiências literárias estão entre as justificativas apresentadas para a atuação literária” das duas irmãs, “constituindo-se como elementos que irão favorecer seu reconhecimento como escritoras”. Na dissertação ainda são apresentados os pseudônimos, as principais obras e ação de Revocata como “poetisa, prosadora, teatróloga, jornalista e educadora” (VIEIRA, 1997, p. 11, 91, 94-96, 159).

A professora e pesquisadora já citada, Hilda Flores realiza estudos sobre o periódico literário ao qual Revocata dedica sua vida e, entre eles, publica “*Corimbo* e feminismo”, visando a analisar como este jornal “refletiu os avanços e recuos que caracterizaram as lutas feministas no início do século”. O artigo destaca especificamente a folha literária, mas cita as irmãs Melo na qualidade de fundadoras do semanário e como “professoras, poetisas e teatrólogas”. Segundo Flores, as irmãs Melo defendem a instrução feminina, dando também “abertura jornalística para acolher pontos de vista mais abrangentes que os seus” (FLORES, 1998, p. 245-258).

Outro artigo publicado pela mesma Hilda Flores “O *Corimbo*”, objetiva abordar “um dos jornais mais significativos que circularam no Rio Grande do Sul e talvez no Brasil”. A autora explica que, sob a direção das irmãs Melo, o jornal “circulou na cidade portuária do Rio Grande, alimentando a literatura e a história por seis décadas”. O periódico é estudado em suas reações diante de eventos marcantes, e no que tange ao seus temários essenciais. Sobre Revocata de Melo são apresentados alguns dados biográficos, como nascimento, óbito, relações familiares e obras publicadas (FLORES, 2001, 183-188).

A imprensa literária sul-rio-grandense é analisada pelo professor universitário e pesquisador Mauro Nicola Póvas em sua tese, *Uma história da literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX*, cujo objetivo é o “estudo da produção poética de três periódicos do Rio Grande do Sul do século XIX: *O Guaíba, Revista do Partenon Literário e Corimbo*”, buscando “dois aspectos balizadores: a preservação da memória e a consolidação do sistema literário, que marcam presença em grande parte dos poemas das revistas analisadas”. Tal tese também se propõe a discutir “conceitos fundamentais da história da literatura”, visando a “propor um olhar revelador e renovador sobre um elemento pouco explorado nas literaturas brasileira e sul-rio-grandense, qual seja, os periódicos literários” (PÓVOAS, 2004, v.1, p. 5).

Ao tratar da temática proposta, Mauro Póvoas destina um capítulo específico para o estudo do *Corimbo*, no qual aborda as “irmãs Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro, as fundadoras e editoras do periódico, onde, aliás, publicaram a maior parte das suas respectivas produções literárias”. O autor analisa a produção intelectual realizada acerca do jornal, as coleções remanescentes, as suas diferentes fases e momentos estéticos e os escritores que nele colaboraram (PÓVOAS, 2004, v. 1, p. 116-121).

Ainda mais especificamente sobre as irmãs Melo, a tese de Póvoas afirma que Revocata e Julieta “sempre dividiam as responsabilidades das atividades do *Corimbo*”, mas, “a partir da morte de Julieta, em 1928, a direção da revista ficou unicamente nas mãos de Revocata”, a qual “conseguiu continuar a publicação do jornal ainda por mais quinze anos”, enfrentando toda

ordem de obstáculos como as “dificuldades financeiras e da dor pela perda da companheira sempre lembrada e homenageada nas páginas do periódico”. Ainda sobre elas, o autor ressalta que o *Corimbo* abria espaço mesmo para escritores desconhecidos, “o que confirma a importância de Revocata e Julieta na divulgação da literatura por mais de sessenta anos” (PÓVOAS, 2004, v. 1, p. 119, 121). Mais tarde, Mauro Póvoas lança o trabalho “O periódico rio-grandino *Corimbo* e a consolidação de um sistema literário sulino”, apresentando um estudo específico a respeito da publicação rio-grandina, no qual retoma o debate sobre o tema e traz informações imprescindíveis como a data exata do nascimento de cada uma das irmãs Melo, informação marcada pela imprecisão nos vários estudos biográficos a respeito das autoras (PÓVOAS, 2007, p. 29).

A pesquisadora e professora universitária Constância Lima Duarte elabora *Imprensa feminina e feminista no Brasil – século XIX: dicionário ilustrado*, apresentando um rol de jornais que “são a face visível de um vasto universo de papel construído para a leitora daqueles tempos”, os quais informam “sobre as transformações históricas e sociais em processo, enquanto a distraía na rotina de seus afazeres cotidianos”. Ainda a respeito de sua obra, a autora destaca que, “alimentado por fontes primárias raras ou de difícil acesso, este dicionário busca cumprir seu papel de mapa e guia norteador de novas pesquisas”, preenchendo “lacunas que persistem acerca da história da mulher brasileira na busca por seus direitos e na construção de sua identidade e de uma dicção literária própria” (DUARTE, 2016, p. 27).

Neste dicionário sobre a imprensa feminina e feminista, Revocata aparece no verbete acerca do *Corimbo*, apontado como “um dos mais importantes e talvez mais longo jornal editado por mulher em nosso país”, seguindo-se outras considerações a respeito do periódico. Quanto à biografia de Revocata de Melo, o dicionário destaca que ela “nasceu em Porto Alegre, foi poeta, teatróloga, educadora e colaborou em diversos jornais” e “publicou *Folhas errantes, Grinalda de noiva, Mário e Coração de mãe*”. Além disso há uma ênfase à ação da escritora gaúcha no Clube Beneficente de Senhoras, descrito como “entidade responsável por promover a mulher e realizar ações filantrópicas, como a implantação de um hospital para crianças e a realização

de cursos e de conferências dirigidos para o público feminino” (DUARTE, 2016, p. 277-281).

A ação de Revocata na imprensa literária é estudada também na dissertação *Corimbo: memória e representação feminina através das páginas de um periódico literário entre 1930 e 1944 no Rio Grande do Sul*, da pesquisadora em arte e professora universitária Caroline Leal Bonilha. A proposta do trabalho é a de “analisar a construção da representação da figura feminina através das páginas do periódico literário *Corimbo*”. A dissertação ressalta a longevidade e as características editoriais do jornal, de modo que “a combinação desses elementos fez do *Corimbo* o primeiro periódico literário dirigido por mulheres surgido no sul do Brasil”, bem como o “que se mantém por mais tempo sendo publicado” (BONILHA, 2010, p. 6).

A autora dedica um segmento de seu trabalho ao estudo de Revocata, abordando seu nascimento, laços familiares, primeiras experiências como jornalista, obras publicadas, vínculos com a maçonaria e participação no Clube Beneficente de Senhoras e as homenagens recebidas quando de sua morte. Acerca da escritora gaúcha, Carolina Bonilha afirma que “durante sua vida parece ter conquistado prestígio e respeito na sociedade rio-grandina”, tendo recebido “inúmeras homenagens da mais diversas instituições” e sido “agraciada com diplomas de membro honorário de clubes e associações”, bem como “foi dado seu nome a uma aula noturna ministrada na Biblioteca Rio-Grandense” (BONILHA, 2010, p. 59-67).

Revocata Heloísa de Melo convive com seu tempo, compartilha de sua história, atuando como agente ativo de seu tempo. Ela interage com seu contexto literário-cultural, com seu meio físico e com sua conjuntura temporal, resultando numa obra que acompanha toda a sua existência, desde a jovem escritora até a veneranda e veterana jornalista. A sua presença nas literaturas especializadas em termos biográficos, literários ou temáticos é recorrente, demarcando o que se convencionou denominar de fortuna crítica. Percorrer tal bibliografia serve para a verificação de seu reconhecimento como intelectual e

também para, como num puzzle, recolher vários pedaços de sua biografia, tão fragmentada e carregada de disparidades, de modo a buscar aprimorar, o máximo possível, o conhecimento sobre sua produção e suas vivências.

2 – A PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA DE REVOCATA HELOÍSA DE MELO

A escritora rio-grandense tem uma obra bastante significativa em termos de textos editados, principalmente por meio da imprensa, mas também atua como uma autora de livros. Alguns de seus títulos não passaram do projeto editorial, outros chegaram a ser anunciados, porém não saíram da condição de “no prelo” e ainda há outros que são indicados por seus biógrafos como na condição de produção bibliográfica, entretanto que não devem ter passado de textos publicados em continuidade por meio da imprensa periódica. Mesmo assim, com certeza, ela redigiu três obras – *Folhas errantes*, *Berilos* e *Coração de mãe*, as quais trazem em si algumas das características essenciais das formas de pensar e escrever de Revocata de Melo.

2.1 – *Folhas errantes*

O livro *Folhas errantes* é publicado por Revocata Heloísa de Melo e sua impressão termina a 21 de outubro de 1882, na Tipografia Hildebrandt, no Rio de Janeiro, revelando a necessidade de buscar prestação de serviços gráficos fora da província sulina. A escolha desta casa editorial pode ter se originado a partir de questões técnicas e/ou financeiras, ou ainda tendo em vista o próprio prestígio da Hildebrandt, a qual publica obras de diversos escritores, bem como em suas oficinas é impressa a *Revista Ilustrada*, uma das mais importantes publicações caricatas e ilustradas do Brasil do século XIX (SANT’ANNA, 2011, p. 211). Com um total de cento e nove páginas, mesmo que não seja um livro de grandes dimensões – 15 cm X 9,7cm –, *Folhas errantes* guarda certa característica de edição de luxo, uma vez que suas bordas são em tom dourado e sua encadernação original era em capa dura em cor verde – menção às folhas –, com o título e o nome da autora em baixo-relevo também dourado, padrão nem tão usual na maioria das edições de então. Tal livro se encontra no acervo da Biblioteca Rio-Grandense (**Figuras 5 e 6**).

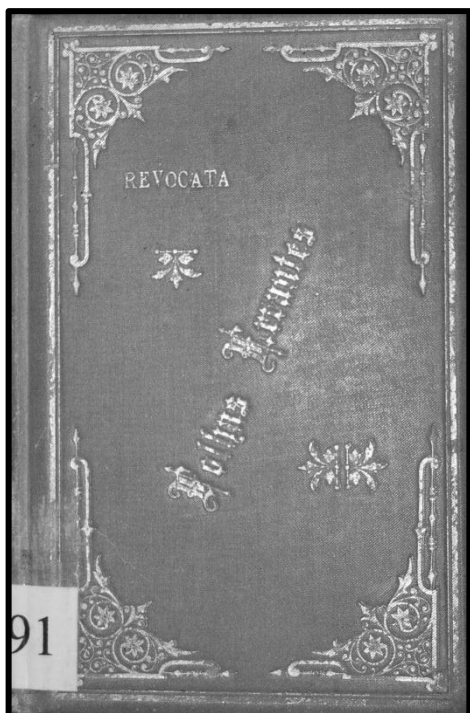


Figura 5

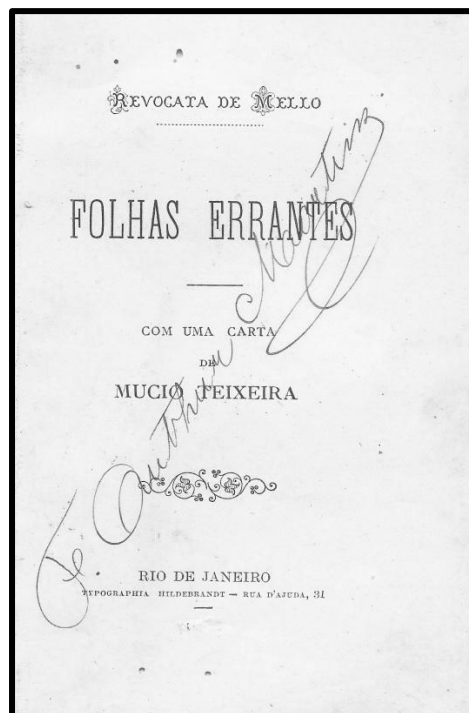


Figura 6

O título da obra inaugural de Revocata é uma alusão à estação outonal, típica inspiração para a lira literária, em clara referência à tristeza da morte das folhas que, errantes, pairam e voam pelos céus, e, como palavras, ululam lamentosas pelos céus. *Folhas errantes* é composto por vinte e dois textos, envolvendo contos e crônicas, dispersos ao longo do livro. Os textos que o compõem são: “Sempre”, “Uma tarde tempestuosa”, “Saudosa”, “Impressões de um canto”, “A música”, “Zulmira”, “Romance de uma noite”, “Crepúsculo”, “Noturno”, “Lúcia”, “Uma luta”, “Interrogação”, “A partida do soldado”, “Três épocas”, “Presságio”, “Lutadores do parnaso”, “O perfume”, “Alda”, “Um monge”, “O moço do gorro negro”, “Uma noite no mar” e “O solitário do mirante”.

Um hábito da autora em seus escritos, a dedicatória em cada um de seus textos, está também presente em *Folhas errantes*. Entre as pessoas a que Revocata de Melo dedica seus textos estão intelectuais reconhecidos como os escritores gaúchos Múcio Teixeira e Francisco Lobo da Costa, ou ainda os jornalistas Adelino Leonidas, Caius Graco, J. A. da Rocha Galo, Fileto Ramos, Estevam Leão Bourroul, Carlos Ferreira (MARTINS, 1978, p. 162-163, 215, 239, 472, 578-579; COUTINHO; SOUSA, 2001, p. 337). Sua família também se faz presente, com homenagens à Revocata Figueiroa de Melo, sua

mãe, aos irmãos, Julieta, João, Otaviano e Romeu, à avó Ana Passos e Figueiroa e ao cunhado, Francisco de Pinto Monteiro. No seio das dedicatórias há ainda nomes sem referência sobre os mesmos, como Amélia Calcagno Cardia, Maria Henriqueta Velho Teixeira, Etelvina Passos, Maria A. Pacheco, A. M. de Vasconcelos e Antônio Mercado.

No que tange a tais dedicatórias, Revocata de Melo faz alguns destaques em “Notas”, publicadas ao final do livro. Em relação a Múcio Teixeira e Lobo da Costa ela esclarece que, “dedicando algumas páginas a estes dois eminentes poetas, verdadeiras glórias de minha querida província” fora “levada, primeiro, pelo sentimento de gratidão àqueles que tantas vezes por meio da imprensa se têm lisonjeiramente ocupado de minha obscura pessoa”, bem como “pela amizade e profunda admiração que lhes voto”. Quanto a Adelino Leonidas e Caius Graco, ela afirma que “são pseudônimos de dois conhecidos escritores, que modestamente assim firmam as suas belas produções”. Revocata diz ser “a ambos credora de profundo reconhecimento pelas provas de apreço dadas aos fracos frutos de minha imaginação” (MELO, 1882, p. 105).

Ainda nas “Notas”, a escritora gaúcha destaca que também dedicara alguns de seus textos a Antônio Mercado e Fileto Ramos, enfatizando que não tinha “a subida honra de conhecer estes distintos publicistas, a quem sou imensamente grata, pelas delicadas e lisonjeiras frases com que me surpreenderam” ao tratar “de meus obscuros escritos e defeituosos versos”. Finalmente, também nas “Notas”, traz outro esclarecimento a respeito da pseudonímia por ela adotada, bem como sobre a compilação feita em relação a alguns de seus textos editados anteriormente junto à imprensa gaúcha e incorporados naquela publicação bibliográfica de 1882. Neste sentido, ela afirma que sob o pseudônimo Hermengarda já tinha “publicado em alguns periódicos da província, diversos escritos dos que se acham reunidos neste livro” (MELO, 1882, p. 106).

Outro recurso utilizado pela escritora gaúcha são as epígrafes que, ao lado de algumas citações das quais lança mão, revelam algumas das leituras da preferência de Revocata. Entre os autores citados por ela destacam-se o dramaturgo inglês William Shakespeare, os escritores franceses M. de Saint-Beuve, Victor Hugo, Alphonse de Lamartine e Joseph Méry; os portugueses Gonçalves Crespo, Pinheiro Chagas, Tomás Ribeiro e Alexandre Herculano; e

os brasileiros Castro Alves, Álvares de Azevedo, Múcio Teixeira, Amália Figueiroa, Julieta Monteiro, Revocata Figueiroa de Melo e Carlos Ferreira (PERDIGÃO, 1934, p. 141, 315, 326-327, 339, 367, 453, 455, 512, 541, 547; MARTINS, 1978, p. 215, 219, 361-362, 375, 578-579).

A dedicatória que aparece como uma epígrafe geral à obra é uma homenagem em forma de versos da autora à sua mãe – a poetisa Revocata Figueiroa de Melo:

Minha mãe, tu velaste por meus sonhos,
Por minhas noites de tristonho anseio;
É teu meu livro, meu sacrário d'alma,
Guarda-o para sempre em carinhoso enleio. (MELO, 1882, p. V)

No espaço do prefácio, *Folhas errantes* é antecedida por uma “Carta” do escritor Múcio Teixeira, convidado por Revocata para realizar a apresentação do livro. Diante do convite, Teixeira afirma que “é por demais lisonjeira e um tanto melindrosa a tarefa” a ele confiada, como “o mais obscuro dos admiradores” da autora. Em seguida, Múcio Teixeira passa a tecer elogios acerca de Revocata de Melo, descrevendo-a como “poetisa jovem e notável, que corre às batalhas do pensamento como vivandeira do ideal” e ainda como “uma clâmide feita de virtude e de mocidade, além dessa beleza vivamente constelada pelas fulgurações de uma fantasia opulenta” (MELO, 1882, p. VII-VIII).

O enfoque panegírico permanece, com novos elogios de Teixeira, ao afirmar que, “à semelhança do químico que ilumina de relâmpagos o seu obscuro laboratório”, Revocata “tem o prestígio de burilar nas *Folhas errantes* do seu itinerário de viagens fantásticas, todos os eflúvios de um roseiral de envolta com todos os lampejos de uma constelação”. No mesmo sentido, o escritor rio-grandense declara que o “livro é um misto das alegrias medrosas de mil noivas, atordoadas ao rio de mil crianças”, havendo nele “pássaros a voar numa região tão elevada, que a gente pensa que os seus trinos entre as estrelas são estrelas que trinam” (MELO, 1882, p. X).

Numa espécie de crítica literária ainda em embrião, normalmente baseada em um tom laudatório, como era bastante comum então, Múcio Teixeira enfatiza que a obra em pauta traz “a revelação de um engenho primoroso, e, mais do que tudo isso, é uma audácia”. O escritor explica que o

livro consiste numa “revelação porque descerra os reposteiros da galeria artística do palácio levantino de suas fantasias de moça”, e também, “audácia, porque é uma luva atirada à face do materialismo do nosso tempo”, uma vez que atesta “a robustez da organização sadia que resiste às fortes atrações do *meio* em que elabora”. Nesta reflexão, Teixeira, expõe a perspectiva de que em sua obra *Revocata* refletia também suas vivências (MELO, 1882, p. X).

Ao apresentar a obra, Teixeira tece algumas considerações sobre a vida literária de então, afirmando que naquela época existia uma “apatia literária da pátria Ocidental, diante do movimento impulsivo e vigoroso do pensamento moderno”. Segundo ele, a atividade do literato “é consumida em lutas estéreis”, e dela “não resulta nem uma orientação nova para o futuro, nem um alargamento correspondente ao desenvolvimento progressivo de nossas faculdades intelectuais”. Sobre as poucas possibilidades de expressão literária de então, Múcio Teixeira destaca que “o jornal é escasso entre nós e o livro quase que não existe”, além do que “a ciência é ainda substituída no ensino escolar pela filosofia metafísica, pela crítica pedantesca e pretenciosa”, trazendo certa influência do pensamento comtiano (MELO, 1882, p. XI-XII).

Também em referência aos ideais positivistas daquela época presentes no pensamento de Múcio Teixeira – tanto que uma frase de Augusto Comte serve de epígrafe àquela apresentação – o escritor declara que “é mister abrir novos horizontes à intuição positiva, às aspirações de uma geração impaciente por libertar-se dos velhos preconceitos, moldando-se às exigências de uma nova e mais fecunda vitalidade moral e social” (MELO, 1882, p. XII).

Já ao final da apresentação, Teixeira reitera que o escritor traz em sua obra a síntese de sua época e de seu lugar, explicando que “o poeta deve ser do seu tempo e muito especialmente de seu país”. Nesta linha, busca demarcar o espaço do literato na sociedade, afirmando que “o nosso tempo exige muito do cérebro, mas exige muito mais do coração”. Desta forma, detalha que “a sociedade deve progredir, mas a família é a base da sociedade”, manifestando a certeza de que não compreende “a família sem o sentimento” (MELO, 1882, p. XII-XIII).

Ao concluir sua “Carta”, Múcio Teixeira volta a enaltecer *Revocata* de Melo, dizendo que, “mais do que a ninguém” a ela “cabe a gloriosa missão de falar à alma nacional pela linguagem divina da poesia”. O escritor rio-

grandense encerra fazendo votos de que Revocata “continue a sonhar assim, por esses sonâmbulos do ideal”, os quais “despertam às vezes ao ruído triunfal das apoteoses” (MELO, 1882, p. XII). Apesar da abordagem predominantemente encomiástica, a apresentação traçada pelo intelectual gaúcho traz em si um olhar sobre as características da literatura, em especial a sulina, naquele momento, notadamente as dificuldades na publicação de um texto – ainda mais de um livro. Ressalta a inter-relação entre a produção literária e o meio histórico em que ela é elaborada, e o papel da literatura na sociedade de então. Finalmente, revela um reconhecimento intelectual para com a jovem autora de *Folhas errantes*.

O livro lançado por Revocata Heloísa de Melo em 1882, por meio de contos e crônicas, traz uma variada gama de temáticas, algumas das quais viriam a acompanhar toda a sua carreira. Os temas, por vezes, refletem algumas das vivências da própria autora, ao mesmo tempo em que trazem em si alguns das características do próprio pensamento romântico, que também deixa marcas em sua obra. Neste sentido, aparecem como assuntos preferenciais em *Folhas errantes* a morte, a guerra, as interfaces entre o ambiente e a natureza na criação literária, as manifestações artísticas, além de questões comportamentais. A matéria mais recorrente no livro são as relações homem – mulher, notadamente questões como os encontros e desencontros amorosos, as profundas paixões e as grandes tragédias envoltas em tal temática.

O escrito inaugural de *Folhas errantes* se denomina “Sempre” e envolve a temática familiar e a saudade. O texto revela a melancolia da autora em relação aos tempos da infância, lembrando a “infinita tristeza” trazida a todo aquele que “contempla as recordações da quadra infantil, perdida nas névoas do passado”, trazendo “dolorosa saudade despida de esperança”. Saudosista, Revocata relembra “os dias idos, os folguedos de criança, sempre esmaltados pelo astro da esperança”, considerando a doçura de tal época “na pureza do lar, na suave convivência da família”, na qual “as crenças, os sonhos ridentes desabrocham tão exuberantes de amena seiva”. Diante de tal quadro, a escritora interroga quem deixaria, “ao reler as páginas da infância, de sentir rolar-lhe pela face ardente e angustiosa lágrima e conclui que aquele era um

“tempo feliz”, o qual seria o seu “perene sonho” e do qual tinha “uma profunda saudade” (MELO, 1882, p. 15-16).

As tantas perdas com que sofre e a própria recorrência de tal temática nas composições literárias de então, fazem da morte um assunto de significativa presença em *Folhas errantes*. Assim, a finitude da vida, tão comum na obra de Revocata aparece em “Alda”, narrativa sobre a vida e morte de uma menina. Alda é descrita como “a criança loura que costumava ao cair da tarde assentar-se sob a copa do cinamomo”, mostrando “os seus grandes olhos a fitar o bando de garças e gaivotas”, ficando “muitas vezes horas inteiras com a face pendida na delicada mãozinha branca”. Mas ela transformara-se em “pálida florinha”, debruçada “à beira de um túmulo” e “seu olhar profundo e doce, amortecera-se a prematuras névoas do crepúsculo eterno”. Como que na passagem de menina a anjo, ela fora “coroada de brancas flores adormecera à sombra da esperança e despertara às portas do empírio” e “suas crenças de donzela como espirais dos altares, subiram aos pés de Deus”. O texto era uma homenagem à sobrinha da escritora, falecida muito precocemente e a ela é dedicada a única poesia da lavra da autora alocada no corpo do livro (MELO, 1882, p. 72-74):

Se a visses com as vestes de noivado,
Circundada de rosas de jasmim,
Adormecida no esquife mortuário,
Entre as nuvens de gazes e cetins...

Se a visses, branca filha dos amores
Com as faces banhadas de paltôr;
Os cabelos esparsos sobre os ombros
Os lábios comprimidos pela dor.

Se a visses como o lírio das encostas
Debruçado às lufadas do tufão;
Formosa como a luz das alvoradas,
Inundada d'um pálido clarão.

Apagar-se qual astro cambiante
Sumido nas caligens d'amplidão,
Como o eco de um canto peregrino
Perdido nos mistérios da solidão...

Doce arcanjo a surdina das aragens,
Virá sobre teu leito soluçar;
Dorme às nênias do anjo da saudade
Beijada pelos prantos do luar!

Em “Um monge” a autora volta à temática da morte, lembrando um “discípulo dos Anchietas e Vieiras” que morrerá cedo. O religioso “descansava em singelo ataúde”, sob o entoar de “salmos mortuários”, acompanhado apenas por seus irmãos, um “grupo de homens cujas fisionomias revelam uma vida despida de esperanças e alegrias”. A autora descreve minuciosamente o ambiente funerário, apontado como um “lúgubre quadro”, no qual se encontrava “o inanimado corpo de um mancebo pálido e belo; era um filho de Claustro”, vestindo “o tristonho burel de monge, representando assim a estátua do sofrimento”. Na sua “espaçosa frente” cingiam “vinte e três pálidas primaveras, desmaiadas ao túbio sol do desalento, mortas à míngua de benéfico rocío”. Como que numa absolvição, Revocata dizia ser “uma injustiça confundi-lo na culpa de voluntária maldade e hipocrisia, visto que a sua missão é sublime e grandiosa” (MELO, 1882, p. 75-77).

Associada à morte e trazendo reflexões sobre seus nefastos resultados, a guerra é temática presente na obra de Revocata. Os danos da guerra, tão marcantes nas vidas dos sul-rio-grandenses estão no conto “A partida do soldado” no qual a escritora reflete sobre as sequelas dos tantos confrontos bélicos nos quais o Brasil envolvera-se. No caso, a referência mais evidente é à Guerra do Paraguai, com a qual a autora convivera na passagem da infância à adolescência. O ambiente de guerra é apresentado detalhadamente, com a descrição de que “ao longe, na praça rufavam os tambores, os clarins chamavam à partida e os filhos de Marte corriam a seus postos”. E a narrativa prossegue, abordando um outro lado da guerra, mais voltado aos sentimentos e descendo às minúcias: “à voz da guerra marchavam, abandonando os afagos do lar, os carinhos das mães e esposas, os doces sorrisos das louras criancinhas”, além dos “infinitos poemas que se geram no âmago secreto de muitos corações” e “lá seguiam, coroados de novas esperanças, palpitantes de ardor marcial”. Voltando ao cenário bélico, Revocata destaca que tremulava “altaneiro o pavilhão nacional, cintilavam as espadas e as baionetas, enquanto a voz de mando ecoava pelos ares” (MELO, 1882, p. 57-58).

Em contraste com a cena de guerra, a escritora rio-grandina refere-se às “lágrimas de desolação” presentes numa “humilde casinha que se desenha à beira da estrada”. Tal lugar é identificado com as plagas gaúchas, pois na “pitoresca vivenda à tardinha passam as embalsamadas brisas do sul”, e nela

se ouve “o melancólico canto do tropeiro rompendo o silêncio da madrugada”. A mudança promovida pela guerra torna-se o fulcro da atenção da autora ao destacar que ali “parece ter passado um gênio de destruição”, pois “o sítio acha-se enlutado, a dor e o desespero substituíram o moço que alegrava essas paragens”. Revocata descreve que ele partira para a guerra, “e agora, assentada ao portal, chora a velha mãe”, que interroga sobre o destino do “filho estremecido”, perguntando “onde foi seu arrimo”. Na mesma linha, “a irmãzinha, com os olhos úmidos de amargurado pranto, acena-lhe um triste adeus”. Com tal texto, a autora incidia sobre um dos temas recorrentes de sua obra, as perdas levadas a efeito a partir dos confrontos bélicos, que tantos homens ceifaram das casas sul-rio-grandenses (MELO, 1882, p. 58-59).

As belezas da natureza e o ambiente como motivador e objeto da criação literária também se fazem presentes nos escritos de *Folhas errantes*. Na crônica “Uma tarde tempestuosa”, a autora descreve uma transição climática, da tempestade ao bom tempo, referindo-se a um ambiente familiar na cidade litorânea do Rio Grande, tão acostumada aos ventos e chuvas inclementes que tanto assustavam os navegantes e moradores da urbe, ao passo que a escritora não deixa de enxergar poesia em tal ocasião. Ela fala de uma “tormenta ao longe”, cortada pelo “clarão fulvo e fugaz”, dos raios, anunciando “a chuva em raivosas torrentes, impelida por furiosa refrega”. Passada a tempestade, venho, “no azul plácido e sereno, o cambiante refulgir das estrelas” e, “na atmosfera, boiava a silente poesia das noites estivais”, de modo que “viera a inesperada bonança, após a densa penumbra que tanto poetizara essa saudosa tarde” (MELO, 1882, p. 17-20).

Os sentimentos articulados com as sensações ambientais, notadamente no que tange a um momento do dia ficam demarcadas em “Crepúsculo”, no qual a autora descreve atenciosamente a transição do dia para a noite, associando-a a questões sentimentais, exaltando os “mundos de recordações saudosas”, trazidas pela “melancólica hora do crepúsculo”. De acordo com Revocata, do fim do dia “ficam as saudades que se abrigam nos desalentos de nossa alma” e “o frio marasmo no peito, após um sonho de esperança que se perdeu na escuridão do espaço”. Mas, em compensação, ela pensa que, do “triste contraste do tranquilo presente” vinha “a doirada esperança do porvir”. Diante disso, a autora declara que ama “a doce hora do crepúsculo”, uma vez

que esta “hora augusta e misteriosa”, arrebatá-lhe “às cismas da infância e aos sonhos do passado” (MELO, 1882, p. 43-45).

As percepções espaciais/ambientais associadas às temporais aparecem na narrativa sobre os três tempos das vivências humanas – pretérito, presente e futuro. Tal tema é abordado pela escritora gaúcha em “Três épocas”, no qual ela procura estabelecer definições, marcadas por certa melancolia, para cada um daqueles períodos. Sobre o passado, ela diz que “é a página solta do livro do coração”, ou “uma folha rasgada, cujos fragmentos o vento do indiferentismo lançou às praias longínquas dos mares do esquecimento”, ou ainda “uma flor esquecida cujas pétalas se dispersaram às lufadas da inconseqüência”, como qual “as efêmeras imaginações não se detém”, por não se importarem com o que já passou. O presente é visto como “a estátua da virgem meiga esperança”, bem como “a constante lembrança daquele que nos ocupa a imaginação”, estando cercado “de tantos suspiros, delírios, saudades e secretos martírios”, e, em síntese, “é amar e esperar”. Finalmente, a autora define “o porvir” como “da glória o sonho desfeito, da harmonia apenas um eco”, ou ainda como “coisa que vista através de um prisma semelhava miríades de brilhantes estrelas”, mas que, “perdida a ilusão, nada mais é que um enxame de pirilampos” (MELO, 1882, p. 60-62).

O constante contato com as águas é uma das características peculiares dos moradores do Rio Grande, cidade umbilicalmente ligada à sua condição portuária. Revocata Heloísa de Melo não deixa de retratar este ambiente, descrito em “Uma noite no mar”, no qual apresenta a paisagem do movimento de barcos no porto. Ela descreve uma “barquinha que seguia dentre feiticeiro cortejo de esquivas ondinas, cortando essa imponente vastidão, como um pássaro aquático” que roçava “as asas pelas arrendadas espumas”. A paisagem é completada pelas “embarcações ancoradas, brilhantes em seus vermelhos e esverdeados faróis”. O conjunto da descrição, somado à indicação de que era verão pode indicar que se tratava da noite da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, tradicional e histórica procissão realizada a 2 de fevereiro, na qual os barcos atravessam o curso de água entre o Rio Grande e a vizinha São José do Norte. Em tal panorama, a autora apresenta as atitudes dos representantes dos dois sexos, afirmando que “as moças pareciam presas de risonha cisma, enquanto os mancebos feriam os instrumentos, fazendo soar

gemebunda surdina”. E concluía declarando que “tudo era belo nessa noite de verão, que tão saudosa lembrança deixou em meu livro da alma” (MELO, 1882, p. 88-89).

As artes em si, as inspirações e sentimentos que levam à criação não só da poesia, mas também de outros campos artísticos também aparecem em *Folhas errantes*. O canto poético como bálsamo contra a tristeza é dominante em “Impressões de um canto”, no qual a narradora pena diante do “gênio fatal do desengano”, trazendo “o selo inexorável da fatalidade”. Mas tal espaço taciturno era quebrado por uma canção poética, perante a qual a alma da narradora “voava arrebatada nas asas da fantasia, ao enleio daquele suave canto, que jorrava torrentes de poesia celeste nos vastos plainos de meu árido cismar”. Diante disso, a alma da narradora, “enternecida com o canto do poeta, esvoaçava entre o céu e a terra”, surgindo a possibilidade de que “reflorissem suas ilusões”. Tal canto era encarado como o “doirado elo da flórea cadeia” que enlaçaria os “sonhos de moça aos festões de seus amores”. Em linguagem figurada, Revocata lembra que, diante das tristezas e amarguras da vida, a poesia poderia servir para mitigar tais males (MELO, 1882, p. 24-29).

Em seguida, na crônica “A música”, a autora volta-se a outra arte e os efeitos benéficos que ela poderia trazer à vida. A ideia chave ainda é mostrar o quanto as artes poderiam servir como lenitivo para os males que afligiam a humanidade. Para Revocata, “a música impressiona toda a criatura para quem o sentimento não é uma frase vã”, já que ela “prende, enleva e arrebatada em seus dulcíssimos enlevos”. A escritora revela que ama a música, pois ela “nos acompanha desde o berço infantil até o último marco da vida” e saúda a “doce irmã da poesia” a qual faz “olvidar as dores, falando em torrentes de lirismo às almas apaixonadas”. Em tom exortativo, Revocata de Melo exclama um “Salve” à “formosa peregrina”, afirmando: “Tu és a encantadora sibila: e coroada de gloriosas palmas, passas por nós deixando um rastro de fulgores” (MELO, 1882, p. 30-32).

Um debate sobre os rumos da poesia é a proposta da autora em “Lutadores do parnaso”, texto dividido em duas partes. Na primeira, o poeta se vê próximo de sua “companheira inseparável, uma virgem de laureis coroada, dedilhado engrinaldada lira”. A inspiração poética beija “a sonhadora fronte do visionário idealista”, enquanto “em derredor do templo, passam os vultos dos

grandes e gloriosos pensadores de todas as nações, a render-lhe seu preito”. Já a segunda parte traz a figura de um cavalheiro, “espada em punho” e com o peito carregado de “inveja cruel”, que, diante de “um turbilhão de sombras”, se depara com “o vulto do impossível a bradar-lhe: „Volve, ó Realismo, em vão tentas subir da poesia ao templo, onde ufano reinará eterno o imortal Lirismo!” (MELO, 1882, p. 66-68).

Expressando um gosto pessoal e associando-o à arte e a questões comportamentais, Revocata de Melo escreve a crônica “O perfume”, considerando tal essência como algo “atraente, doce e significativo”, bem como o “mágico distintivo de todas as pessoas de espírito”, ou ainda como o “ímã que seduz em todos os tempos e a todas as nações”. A autora descreve o gosto pelas fragrâncias em várias épocas e lugares diferentes e revela que “o perfume fala docemente à alma”, enfatizando que “as mais belas e célebres mulheres que têm existido, anunciavam-se a seus adoradores pelo aroma de que usavam com preferência”, distinguindo-as “como se fora por uma encantadora auréola”. Ao fazer referência ao fencimento, a escritora lembra que o gosto pelos perfumes poderia estender-se além da vida, ao invocar que permitisse “o céu que um dia, quando minha fronte sentir-se repousar na argila da morte, esparzam-lhe perfumes, cercando-a de odorosas flores” (MELO, 1882, p. 69-71).

Os sentimentos afloram em “Saudosa”, que apresenta o pranto de uma moça, identificada apenas por “*ela*” que, “pálida e tristonha”, lamenta a partida do ser amado e deseja que ele ainda guarde lembranças dela. Descrevendo um ambiente que muito lembrava o arenoso litoral rio-grandino, Revocata dizia que, “além, nas orlas da praia, espreguiçavam-se as vagas, beijando o quedo areal, enquanto *ela* suspirava, tendo a alma trucidada pela saudade eternal”. Lançando mão da figura shakespeariana, a autora faz menção à “pálida imagem” do “poético Romeu”, que poderia ter sido separado de sua amada pela fatalidade, diante do que “*ela*” também imagina sucumbir, dormindo “o sono sem fim”. A incerteza fica no ar quanto ao destino dos amantes, mas a tristeza aparece como determinante, pois “*ela*” continua a murmurar, “melancólica e chorosa, fitando no firmamento linda estrela luminosa” (MELO, 1882, p. 21-23).

As tantas faces de relacionamentos sentimentais são verdadeira tônica de *Folhas errantes*. As relações apaixonadas entre homem e mulher vêm à tona em “Zulmira”. A protagonista é descrita como uma moça extremamente formosa que, “engolfada num turbilhão de quimeras ou loucas utopias, atravessava a espinhosa senda que chamamos vida”. Um dia, Zulmira encontra o outro personagem, nomeado apenas como “ele”, o qual era “tão belo, como o lúcido ideal de suas criações de donzela”, vindo ela a amá-lo, “como Julieta a Romeu, o sonhador”, em nova referência ao casal shakespeariano. Ela sonha como o novo amor, mas “foi tudo uma simples ilusão” e o tom trágico vem ao final da história, com a morte da protagonista, tal qual “a flor que desabrocha pela manhã e à tardinha deixa cair as pétalas ainda impregnadas de suave aroma”. Mas a tristeza também seria o destino para “ele”, que passa a divagar “pelas sombras da noite, em busca de perdão” (MELO, 1882, p. 33-35).

A tragédia nas relações a dois também está presente em “Romance de uma noite” que descreve o encontro de olhares entre uma moça e um rapaz no “babilônico recinto” de um teatro lotado, carregado pelo “burburinho núncio das multidões”. Ela, mesmo à distância, apaixona-se por ele, mas, surpreendentemente o rapaz sucumbe “a um aneurisma do coração”. A desilusão passa a dominar o ambiente, pois “o horrído sopro da morte” derrubara “um flóreo tronco e com ele a tribo de quimeras e aspirações que ainda há pouco esvoaçara ali”. Revocata traz em seu escrito as paixões fulminantes e os trágicos términos – no caso de algo que sequer começara –, tão típicos de tantos textos literários. O arremate acontece com a moça encontrando flores no lugar onde o rapaz morreria, seguindo-se a descrição de que “a desgraçada donzela vira-o, amara-o e perdera-o nessa fatídica noite, e o seu sentimental romance legara-lhe apenas aquelas flores”, as quais passaram “do peito de um morto para a sua carteira de confidências” (MELO, 1882, p. 36-42).

Os desencontros amorosos aparecem ainda em “Noturno”, no qual a narradora descreve o que poderia ser um típico dia invernososo na sulina Rio Grande, ambientando o texto “em uma sombria tarde de agosto”, na qual “as densas camadas de neblina caíam lentas, desdobrando espessa cortina”, enquanto “o sopro glacial do vento rijo do norte sibilava impetuoso” e “algumas gotas de água principiavam a desprender-se da borrascosa atmosfera”,

aproximando-se “o surdo eco do horrído trovão”. Era o cenário para que a narradora encontrasse um homem “sombrio e tétrico, qual outro Hamlet” – em outra inspiração shakespeariana – que tinha “cabelos revoltos e o rosto iluminado por agitação febril”. O vulto lembrava o viajante gaúcho que se deslocava pelos pampas, vindo “envolto em uma longa capa, e as botas cobertas pela poeira das estradas”, atestando que havia “chegado de alguma jornada”. Mas a desilusão predomina novamente, pois aquele furtivo encontro só se repetiria mais uma vez, restando depois dele apenas a solidão (MELO, 1882, p. 46-48).

“Lúcia” traz também as desilusões amorosas, descrevendo a protagonista como uma moça “linda como as virgens dos quadros de Rafael e pura como o seio de uma rosa branca”, mas que, tal qual seu “nome merencório e saudoso como a derradeira nota do entristecido hino do extirpar do dia”, tinha “o olhar repassado de suave tristeza” e um “pálido semblante” marcado por “doce melancolia”. Segundo a narrativa, Lúcia um dia despertou e amou muito, mas aquilo durou apenas uma manhã, vindo em seguida a tragédia. A autora compara a breve vida da moça com as flores, dizendo que ela desabrochara “ao alvorecer da adolescência, e no sepulcro esfolhou as primeiras flores da mocidade”, e, “como as perfumosas *boas-noites*, sorriu ao aproximar-se das sombras do crepúsculo”, até que “pressentiu os gelos do desalento e foi cândida e formosa abrigar-se aos pés de Deus”, e “seu túmulo jaz solitário, debruçado à beira-mar” (MELO, 1882, p. 49-51).

A procura do amor impossível é o tema de “Uma luta”, texto em que aparece uma figura feminina em busca de alguém que “foi um poema infinito, peregrina cantilena eternamente ecoada no seio de profunda floresta”. Diante da morte do pretendente, ela “empalidecida percorre a vastidão dos mares, fita os longos páramos azuis, mas em balde não o vê”, ficando “louca, delirante como o gênio da desesperação”, evocando-o “a todas as horas e em todos os lugares”. Sem deixar de lembrar algum detalhe do lugar onde morava, no caso um vento típico da região sulina, a autora cita que aquela procura se estendia às “noites tempestuosas, ao rouco bramir de ríspido pampeiro, através de rubros fuzis”. E a busca era infinita pois, “quer desperte a estrela Vésper, quer descambe o sol no ocidente, ela prossegue sempre”, em clara alusão ao amor eterno, mesmo que inviável (MELO, 1882, p. 52-54).

Os laços sentimentais refreados pela morte são o mote de “Interrogação” que apresenta uma narradora e seu amado Eurico. Mais uma vez há uma alusão a Shakespeare, pois Eurico era descrito como alguém que tinha “o olhar inspirado, expressivo, iluminado, como embebido na fé”, entretanto, “no palor do semblante, na desordem dos cabelos” era semelhante a “um Hamlet”. A base do conto está na promessa pela qual ela pede a Eurico que, no caso da sua morte, ele continuaria a sonhar com ela, contando com a aquiescência do amado. Perante tal garantia, do além-túmulo, refletindo a perspectiva da possibilidade do amor que ultrapassa as fronteiras da morte, ela faz a cobrança: “E agora, que a noite é linda, e o jasmineiro vacila beijado pelo luar; pergunto se te esqueceste dessa promessa, firmada ali à beira do mar?” (MELO, 1882, p. 55-56).

As relações românticas e os desencontros amorosos se fazem presentes em “Presságio”, no qual Revocata de Melo lança mão dos personagens do medievo Heloísa e Abelardo e dos protagonistas do romance *Paulo e Virgínia* do escritor e naturalista francês Jacques-Henri Bernardin de Saint-Pierre (PERDIGÃO, 1934, p. 249). Ambientando os dois casais em cenários paralelos, a escritora encontra o ponto de interseção nos graves obstáculos interpostos ao amor. Sobre a separação, momento fundamental no desenvolvimento do texto, ela afirma que no “adeus da despedida” muitas páginas “do livro do coração se despedaçam nessa hora”, na qual era sentida “a dor da ausência” a trucidar “as fibras da alma” (MELO, 1882, p. 63-65).

Os amores considerados impossíveis são mais uma vez tema da escrita de Revocata em “O moço do gorro negro”⁷. Como em outros textos, os personagens não apresentam nomes e a protagonista-narradora conta que, aos quinze anos, quando vacilava “entre os folguedos infantis e as rosas literárias”, havia se enamorado de um rapaz que morava na casa vizinha e era observado por ela diariamente, através da janela de seu gabinete. Ela descreve o alvo de seus sentimentos como um “belo moço, pálido, dessa palidez que diviniza a fala às almas sentimentais”. Ele “usava um lindo gorro de veludo negro, que sobre a alvura da espaçosa fronte formava um belo contraste”. O “todo” que ela via na residência fronteira era apontado como tendo “um quê de

⁷ Texto completo nos anexos.

melancolia e poético”. A admiração cresce de dia para dia e vai se transformando em agonia, à medida que não há qualquer correspondência de parte do “moço do gorro negro” (MELO, 1882, p. 78-81)

Os desencontros sentimentais continuam a marcar o conto, e, diante da falta de resposta do moço, a protagonista busca a aproximação com a mãe do rapaz, obtendo êxito em sua investida, até que finalmente é convidada à casa dos vizinhos. No momento em que finalmente eles se encontram, ocorre a virada da história, quando ela descobre que o moço é cego. Apesar da constatação de que ele, “visto de perto, era mil vezes mais interessante” e que não deixasse de fitá-lo, ao invés do crescimento da admiração, dá-se o oposto e ela revela ver “sua alma soluçar pela sua desgraça e pelo fenecer de minha primeira ilusão”. Diante disso, a narradora conclui que não valeria a pena “um amor sem esperança” e, depois de muito chorar, resolve não voltar mais à janela de seu gabinete, fazendo “ali o túmulo em que jazia tão triste amor”. Ela ainda viria a mudar-se até nunca mais ter sequer uma notícia do moço do gorro negro. Ainda que a tônica do texto fossem as desesperanças amorosas, é importante ressaltar que a protagonista informa ao início que estudava francês, revelando um ponto de inflexão do pensamento de Revocata de Melo. Além disso tratava-se de uma jovem de apenas quinze anos que estabelece uma série de iniciativas em busca de seus intentos, demonstrando um tipo feminino diferenciado em relação aos padrões então predominantes (MELO, 1882, p. 81-87).

As melancolias das relações sentimentais marcam, ao lado de outros condicionantes como a morte e a guerra, o conto intitulado “O solitário do mirante”⁸, que encerra *Folhas errantes*. Após a descrição do ambiente no qual se passa a narrativa, a protagonista/narradora relata sua “ardente simpatia” por “um moço de luto” que habitava “o mirante de uma casa que ficava à margem fronteira” daquela para a qual ele se mudara recentemente. O rapaz é descrito como portador de uma “fisionomia, mais que triste, sombria”, de uma “extrema palidez”, com “os olhos mórbidos, pisados e com as pálpebras roxeadas” e “um imperceptível sorriso irônico”, parecendo estar “envolto em profunda tristeza”. A autora outra vez lança mão da imagem shakespeariana, informando que aquela “sombria figura fazia lembrar Hamlet” (MELO, 1882, p. 90-92).

⁸ Texto completo nos anexos.

A protagonista explica que tentara obter mais informações sobre o vizinho, mas não conseguindo descobrir o seu nome, pois era conhecido apenas como “*Solitário do mirante*”. Mais um difícil amor se anuncia no texto, quando a protagonista diz ter conhecido Graziela, vizinha que lhe contou sobre “o amor que nutria pelo belo solitário”, de modo que esta moça tinha “um viver árido e desalentado”, estando infeliz por não receber “sequer um olhar, ou um sorriso, em troca de tanto amor”. A trama prossegue até que Graziela resolve contar “a história do belo desconhecido”, revelando que “aquele moço chama-se Mário” e de sua infância soubera apenas que ele perdera sua mãe aos cinco anos, passando a contar com os cuidados do “pai, terno e solícito”, que velou pelo jovem (MELO, 1882, p. 92-94).

A tristeza de Mário começa a ser explicada pelo fato de, além de ter perdido a mãe, também fica órfão de pai, pois seu progenitor, “como dever de militar, teve de deixar o filho querido para combater pela pátria” na Guerra contra o Paraguai. As tragédias familiares trazidas pelas guerras, um dos temas que conta com predileção nos textos de Revocata, mais uma vez se verificam, pois na “Batalha de 24 de Maio, esse bravo terminou sua existência”, anunciado a morte do pai de Mário na Batalha Naval do Tuiuti, uma das mais importantes do conflito contra os paraguaios. O rapaz passa aos cuidados de um padrinho que o “mandou estudar na academia de São Paulo”, na qual se entregou “com ardor a seus estudos”, sem tempo para divertimentos ou distrações (MELO, 1882, p. 94-95).

Além da dedicação única aos estudos, Mário se dizia feliz, “pois tinha o coração isento de amor” e, portanto “era livre”, afirmando “que jamais amaria, porque o verdadeiro amor quase sempre nos torna vítimas de provações amargas e dolorosos martírios”. Entretanto o destino colocaria Helena no seu caminho, ela era “a mais linda moça de São Paulo, e talvez a mais instruída e inteligente”. Mário perdera sua liberdade e “agora sentia-se preso e talvez para sempre”, de modo que “grande metamorfose se operara em seu tranquilo viver”, pois, “desvairado, seguia a estrela radiante que o guiava”. A mudança fora movida pelo sentimento, já que “ele amava verdadeiramente”, encontrando-se iludido “com encantadas esperanças de um futuro de rosas” (MELO, 1882, p. 95-97).

O romance parecia ter tudo para dar certo, uma vez que “ambos, inspirados pela luz do talento, compreendiam-se como duas criaturas divinas”.

Namoraram por dois anos e já estavam com o casamento marcado para quando ele se formasse. Mas, como era tão comum nos textos da escritora gaúcha, o sentimento viria a incidir em tragédia, de maneira que “a fatalidade veio sombrear a felicidade de Mário”. A história contada por Revocata refletia uma situação muito comum no Brasil e no Rio Grande do Sul daquela época, constantemente assolados pelas pestes que arrancavam muitas vidas, notadamente em cidades portuárias. Assim, uma “terrível epidemia que então reinava, arrastando consigo centenares de vítimas, veio ferir de morte a desditosa Helena”. A “ciência foi inútil” para salvá-la e Mário acompanhou todo o seu sofrimento, até receber o último adeus, acompanhado de uma rosa por lembrança (MELO, 1882, p. 98-99).

O ambiente rio-grandense era normalmente um cenário preferido nas obras de Revocata, de modo que Mário, após jurar “eterna fidelidade” junto à sepultura de Helena, “no dia seguinte embarcou para o sul” e, lá chegando, “alugou aquele mirante, e ali tem vivido, nessa solidão, que casa com a de sua alma”. Mas a perda fora tamanha, de modo que “os médicos dão a Mário bem limitada existência”, estando em “tresvario de amor”. E a previsão se confirmaria ao final do conto, quando há a descoberta de que “o poeta que habitava aquele mirante expirou”, em “uma síncope tal, que quando chegaram para socorrê-lo, já não existia”. Mário é apontado como “mais um mártir de amor”, já que “foi sempre constante a lembrança de sua noiva”, pois a rosa que recebera de Helena, agora seca, acompanhou-o até os derradeiros instantes. Mais uma vez a fatalidade e o amor eterno se entrecruzaram nos escritos de Revocata de Melo (MELO, 1882, p. 98-103).

Em *Folhas errantes* há “narrativas introspectivas e contemplativas, de fundo romântico”, envolvendo aspectos como “o voo da alma, a fantasia, o desejo”, nos quais “o fio da subjetividade se desenleia numa torrente de ideias associativas a partir de um motivo ou tema”. Aparecem também “narrativas ficcionais com enredos simples, na sua maioria emoldurados por um tom sombrio”, o qual “sustenta situações dramáticas concebidas sob o signo de um romantismo exacerbado”. Em tais narrativas, muitas vezes, o amor encontra-se associado à fatalidade (SCHMIDT, 2000, p. 896).

Nesta linha, vários dos textos de *Folhas errantes* “convergem para os tópicos comuns – o amor idealizado, a solidão e a morte – apresentando elementos que desvelam os „chavões” românticos da época”. A autora

apresenta “um universo permeado pela dor e sofrimento, filtrado numa linguagem descritiva carregada de efeitos plásticos responsáveis por uma ambiência soturna”, a qual “projeta a dimensão interior de uma subjetividade marcada pela desilusão” (SCHMIDT, 2000, p. 896). Desta maneira, em tal livro, aparece uma jovem Revocata, ainda profundamente embebida nas inspirações românticas, mas já deixando que fossem vislumbrados alguns de seus olhares sobre o mundo que a rodeia.

2.2 – Coração de Mãe

A parceria das irmãs Melo chega à dramaturgia teatral e, em 1893, elas lançam *Coração de mãe*. A peça de teatro foi publicada no formato de um pequeno livro, com as dimensões de 15, 2 cm X 10, 8 cm, e um total de quarenta páginas. A publicação traz à folha de rosto, além do título, a identificação do nome das duas autoras – Julieta de M. Monteiro e Revocata H. de Melo, a explicação de que se trata de um “drama em três atos”, o ano e o local de edição (**Figura 7**). O livreto foi publicado na Tipografia da Livraria Rio-Grandense, uma das mais importantes casas culturais da cidade do Rio Grande daquela época, atuando como um significativo centro de convivência intelectual, tão comum naquela época. O exemplar encontrado pertence ao acervo da Biblioteca Pública Pelotense. Na dedicatória, as autoras ofereciam à obra “à memória de seus queridos irmãos João Corrêa de Melo e Otaviano Augusto de Melo (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 1-3).

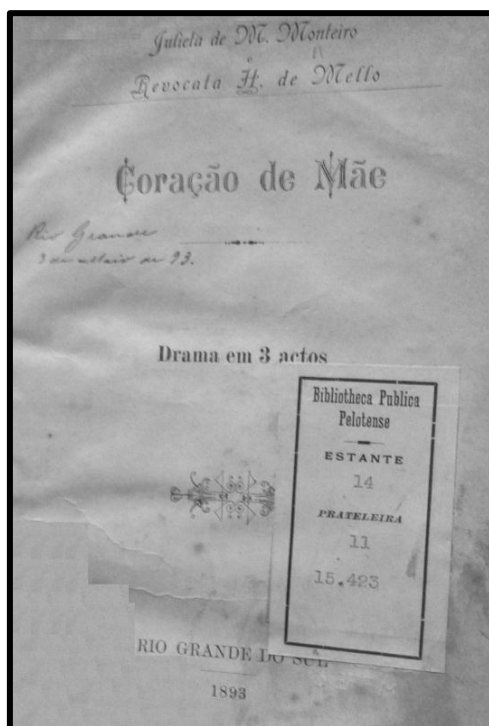


Figura 7

Como é comum nas publicações destinadas ao drama teatral, logo na abertura aparece a identificação dos personagens que compõem a peça: Lúcia Amaral, uma viúva de trinta e quatro anos, é a protagonista; Esmeralda, com quinze anos é a filha de Lúcia; Ascânio de Castro e Jaime Sá são dois médicos, o primeiro com trinta e sete anos e o segundo com trinta e cinco; Fernando de Campos é sobrinho de Lúcia e tem vinte e três anos; aparecem ainda Adelaide, uma criada, além de um criado e convidados de ambos os sexos. Buscando uma localização temporal, as autoras definem que as cenas eram contemporâneas ao tempo presente da publicação, apontando: “época – atualidade” (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 4).

Conforme anunciado na folha de rosto, o drama aparece dividido em três atos e, cada um deles fragmenta-se em cenas, com o objetivo de dar certa mobilidade à narrativa, bem como possibilitar a mudança de personagens em pauta. O primeiro ato apresenta oito cenas, o segundo, onze e o terceiro, dez. Tendo em vista as grandes dificuldades que o Estado do Rio Grande do Sul passava naquele ano de 1893, marcado pelo início de uma tremenda guerra civil, as autoras optam por cenários simples e com poucas exigências de adereços e utensílios. É o caso do primeiro ato, cujo “cenário representa um

gabinete elegantemente mobiliado: secretaria, estante, poltronas, quadros, estatuetas, etc.,etc.” (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 5).

A primeira cena do ato inicial apresenta a conversa entre Jaime e Ascânio e, pouco a pouco vai construindo os personagens, apresentando-os. Jaime é um médico que tivera um relacionamento com a protagonista quando ela era muito jovem, mas que se separaram, ele seguindo o caminho dos estudos, e ela vindo a casar-se. Ascânio também é médico e, como amigo do falecido marido de Lúcia, assumira a responsabilidade de velar pela viúva e pela órfã. Através de Ascânio, Jaime volta a conviver com sua paixão juvenil. Nesta cena inicial, a primeira referência é que a dona da casa – Lúcia – é uma pessoa letrada, pois Jaime, “de pé diante da estante lê alto os títulos das obras: *Atala, Rafael, Memórias de uma mulher, Jocelyn, Graziella e Tristezas à beira mar*. Diante de tais livros, Jaime exclama a respeito da anfitriã: “Quanto romantismo!...”, ao que Ascânio, folheando “um álbum de desenhos”, responde: “É uma alma extremamente sensível” (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 5).

No que tange a tais obras, três delas, *Rafael, Jocelyn e Graziella*, são do poeta, romancista e historiador francês Alphonse de Lamartine. *Atala* é do escritor francês François-René de Chateaubriand. O autor de *Memórias de uma mulher* é o romancista e dramaturgo francês Octave Feuillet. Já *Tristezas à beira-mar* pertence ao escritor, orador e jornalista português Manuel Pinheiro Chagas (PERDIGÃO, 1934, p. 287, 315, 512). Certos pontos em comum dentre estes livros é a incidência de protagonistas e/ou personagens femininas de destaque, dos encontros e desencontros sentimentais e das tragédias amorosas.

Ainda na conversa inicial entre os dois médicos, dá-se a continuidade da apresentação das personagens. Neste sentido, Jaime afirma ao colega que estava surpreso e julgara que Ascânio havia exagerado quanto aos elogios feitos à pessoa de Lúcia, uma vez que julgava não ser “muito possível que aquela adorável criança que conhecera há dezoito anos, em plena mocidade, hoje, viúva, mãe de uma jovem que conta já quinze primaveras” conservasse ainda “tão cativantes dotes do corpo e do espírito”. Sob o ar interrogativo do amigo, Jaime confirma seu pensamento sobre Lúcia, considerando que ela continuava “no caso de inspirar um afeto sincero, como na florente quadra dos

seus dezesseis anos”, pois era “bela, espirituosa e simpática” (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 5).

Diante dos elogios, Ascânio afirma que ia além, uma vez que Lúcia teria passado a ser “duplamente encantadora”, pois “na sua frente onde brilha esplendorosa a mocidade, irradia o talento”, de modo que, no passado, quando o colega a amara, ela “era simplesmente uma criança formosa; hoje é uma mulher adorável, uma mulher de ilustração”. Tendo em vista tal afirmação, Jaime lança um sorriso e diz que o amigo encontrava-se “um tanto entusiasmado” ao falar de Lúcia, ao que Ascânio mostra desconforto, “procurando disfarçar” e afirmando que Jaime tem “lembranças que parecem esquecimentos” (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 6).

A segunda cena é marcada pela brevidade, com a chegada de um criado que conversa com aqueles dois interlocutores. Ao empregado Ascânio pergunta se Lúcia iria demorar, obtendo por resposta que “a senhora não deve tardar”, pois fora “esperar o trem em que chega a menina”. Com a permanência de alguma dúvida, o criado reitera que “a senhora recebeu ontem à tarde um telegrama participando que a menina vinha por enferma” e “com certeza não se demoram”, já que “o trem deu há pouco o sinal de chegada” (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 6).

Os dois médicos, com o posterior acréscimo de Lúcia, compõem a Cena III. Ascânio informa ao outro que ele iria “ficar extraordinariamente pasmo vendo surgir repentinamente diante de ti a Lúcia de outros tempos”. Perante tal afirmação, Jaime pergunta se a menina era assim tão parecida com a mãe, ao que o outro responde que se tratava de “uma menina encantadora, galante, uma criança enfim a quem prezo e que me estima verdadeiramente”. Ascânio mostra-se preocupado com a enfermidade de Esmeralda e mais ainda com os efeitos que tais males poderiam trazer à mãe. Em tal conversa já fica revelado outro detalhe importante da trama, no momento em que Ascânio destaca que “qualquer incômodo que possa sobrevir” à Esmeralda, “é um golpe para Lúcia que a adora, e não pode ter comoções”, as quais poderiam “ser fatais”, já que ela “está sofrendo do coração” (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 6-7).

Jaime tenta atenuar a preocupação do interlocutor, afirmando que o mal de Lúcia não deveria passar de “um incômodo nervoso”, ao que o amigo contrapõe, dizendo que ela piorara há dois anos, pois sofrera “muito com a

morte do marido”. Diante da estranheza de Jaime quanto ao colega pouco se referir ao falecido esposo, Ascânio responde que “se tal tenho feito tem sido por mero acaso”, pois não encontrava “inconveniente em falar-te de Amaral, um de meus melhores amigos”, passando em seguida a descrevê-lo: “era uma grande alma, um nobre coração” (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 7).

Em seguida, no diálogo entre os médicos, aparece um trecho que se refere às mulheres de letras, aludindo à “ilustração” de Lúcia e buscando apresentar algumas de suas características:

Ascânio: Se fez a felicidade completa de Lúcia, ignoro. As mulheres de letras, as sonhadoras das utopias, são um tanto difíceis de ser compreendidas.

Jaime: São criaturas que geralmente merecem a nossa admiração, e poucas vezes o nosso amor.

Ascânio: Não, elas têm inspirado ardentes afetos e parece-me que nenhuma mulher, como elas, pode compreender o amor. O que não é fácil é satisfazer-lhes o coração. Querem tanto, tanto, que por mais que façamos julgam sempre que não foram tão amadas quanto haviam sonhado em suas longas vigílias. (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 7)

A conversa permanece e Ascânio conta a Jaime que “Amaral amava a esposa e estremecia a filha”, de modo que, “nos seus últimos tempos, o assunto de todas as suas conversações comigo, era a dor profunda que o dilacerava recordando a próxima separação eterna”, vindo a recomendar extremo cuidado para com elas. Diante disso, Jaime encara “fixamente o amigo” e pergunta se “nunca atravessou-te a imaginação a ideia de dar o teu nome à Lúcia”, já que assim poderia “mais facilmente velar por ambas” (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 7-8).

Tal tema traz a exaltação de Ascânio, exclamando que aquilo era impossível, mesmo que “Lúcia merecesse o mais ardente afeto, que a felicidade de minha vida dependesse do seu amor” e “ainda que fosse ela o único oásis que pudesse ser deparado no longo deserto de minha atribulada vida, nunca pensaria em desposá-la”. Perante a admiração do colega, Ascânio reafirma que um “casamento em tais circunstâncias” parecia-lhe “um abuso, um crime, um roubo”, pois estaria apossando-se “deslealmente de um depósito sagrado”, pois “a lembrança de Amaral será sempre a poderosa égide a proteger Lúcia, dos meus ardentes anelos”. Finalmente, Ascânio afirma que acima de tudo preferia manter o respeito à memória do amigo morto e a amizade da viúva e da órfã (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 8).

Ainda nesta cena, finalmente a protagonista faz sua aparição e sua descrição já revela a imagem da viúva, pois ela permanece trajando “rigoroso luto”. Após a troca de cumprimentos, Lúcia esclarece que a enfermidade de Esmeralda não passara de uma artimanha da menina para conseguir convencer o avô de que ela deveria terminar sua jornada de um mês de visita ao campo para retornar à cidade. Ascânio mostra-se desconfortável com qualquer possibilidade de aproximação entre Jaime e Lúcia, insistindo em partir, ao que o outro argumenta que ainda era cedo (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 8-10).

Retomando o gosto de Lúcia pelas letras, Jaime pergunta-lhe se ela “tem conversado muito com as musas”, e ela responde, sorrindo que “pouco, muito pouco, eu procuro-as muito, porém elas fogem-me desapiedadamente”. Com galanteio, Jaime contrapõe que Lúcia se engana, pois “as irmãs geralmente vivem em doce união”. Ascânio é chamado à conversa, mas mostra-se distraído, e Lúcia diz que ele está “com o espírito muito longe do corpo”, devendo estar a vagar “por desconhecidos mundos, levando por guia o coração”. Ascânio refuta tal possibilidade, dizendo que sua profissão não lhe dava “tempo para escutar o coração”, de modo que nunca o ouvia, estando “sempre a subjugá-lo um poder extraordinário: o dever”. Apesar da insistência dos outros dois, Ascânio, impaciente, insiste que era a hora dos visitantes se retirarem, para retornarem no dia seguinte (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 10-11).

Com a saída dos médicos, Lúcia se vê sozinha, desenvolvendo-se a quarta cena, composta inteiramente pelos pensares da protagonista. Ela acaba por reconhecer a retomada da atração por Jaime, mas considera tal perspectiva como inviável, confirmando aquilo que se poderia convencionar como o papel social idealizado para a viúva, ou seja, garantir a honra da memória do marido falecido e a continuidade do papel de mãe, não havendo espaço para novos amores:

Há coisas tão extraordinárias! O coração tem tantos mistérios... Pois será possível, depois de dezoito anos de ausência... Isto é um absurdo, uma loucura. É necessário buscar enquanto é tempo sufocar a chama que começa a atear-se. Perdoa-me Amaral, perdoa-me. Li algures que a aproximação de dois corações que já se amaram, constitui um perigo. Mas, quando esse afeto estava de todo extinto; quando outro ocupara por largo tempo o lugar que lhe pertencera; quando finalmente o longo espaço de dezoito anos pusera-se de permeio, como crer na

possibilidade dessa ressurreição? Não, não é o amor o que Jaime de Sá, inspira-me hoje. Meu coração está morto para o amor. Houve alguém que, se apoderando de toda a ternura, de todos os extremos, de todos os entusiasmos de minha mocidade, deu-me em troca um coração nobre e sincero. Não devo atraí-lo. Depois... eu já não tenho coração, já não devo tê-lo senão para o amor de minha filha. No entanto há um mês que desconheço-me; há um mês, sim; foi desde o fatal dia em que o Dr. Ascânio trouxe Jaime a esta casa. Parece que revivo. Muitas vezes, oh muitas vezes folheando o livro do meu longínquo passado, sinto-me estremecer de emoção na florescente quadra dos seus dezessete anos. Éramos duas crianças cheias de sonhos, de aspirações. Depois o destino separou-nos; ele buscou a luz da ciência, eu... busquei um novo amor. E hoje, hoje que, após tantas mutações no cenário da minha vida, torno a encontrá-lo por que fatalidade meu Deus, hei de sentir-me de novo presa a si? Não, não, procurarei fugir-lhe, e espero consegui-lo. (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 11-12)

A Cena V apresenta um novo personagem, Fernando de Campos que conversa com sua tia Lúcia. O jovem é descrito como uma pessoa fútil, que coloca a aparência como prioridade. Desta maneira, Fernando entra em cena “precipitadamente, vestido em todo o rigor da moda” e perguntando pela presença de Esmeralda. Informado de que ela chegaria mais tarde, o sobrinho continua a falar sobre suas preferências, mostrando um “chapéu que tem na mão” e informando que era “da última moda”, sendo ele “o primeiro que usa aqui”. No mesmo tom, Fernando, “alisando o cabelo com a mão”, pergunta se ali não havia um espelho e, mais uma vez sobre sua indumentária, destaca que as botinas que calçava pela primeira vez, eram “de uma elegância rara”, e também caras. Além disso, o rapaz anuncia que trocara seu relógio de bolso, por “uma peça magnífica”, acreditando “ter feito um negócio da China”. Lúcia mostra-se afável com o sobrinho, mas em pensamento afirma “Quanta frivolidade, meu Deus!” (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 12-13).

Finalmente deixando de lado os temas fúteis, Fernando parece preocupar-se com a saúde da tia, perguntando-lhe se ela viria a fazer “seu passeio campestre” naquele ano. Lúcia confirma que aquilo ocorreria muito breve, visto o conselho médico que ela deveria “deixar a cidade o quanto antes”, para que nisso encontrasse “algum alívio”. Tal passagem reproduzia um hábito muito comum nas cidades daquela época, nas quais o medo das epidemias fazia com que as pessoas se retirassem para o meio rural, fugindo dos miasmas que afligiam o ambiente urbano. Parecendo enveredar mais decisivamente por assuntos sérios, Fernando pede à tia “um valioso obséquio”, solicitando que ela não convide Jaime para aquela viagem ao campo, uma vez que tinha “um pressentimento” e não conseguia “simpatizar com semelhante

homem”. Lúcia mostra-se surpresa, desencadeando-se a sexta e breve cena, na qual um criado avisa sobre o almoço, partindo tia e sobrinho para a refeição (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 13-14).

A Cena seguinte, a de número VII, é também breve e traz pela primeira vez a presença de Esmeralda, a qual chega de surpresa e observa ao longe a mãe e primo almoçando. Nesta cena não há diálogos, resumindo-se ao pensamento de Esmeralda que demonstra alegria por reencontrar sua mãe, refletindo também sobre o primo, considerando-o um “pobre rapaz”, pois “é um belo coração, porém uma cabeça oca”. A oitava e última cena do primeiro ato é brevíssima, trazendo o emocionado encontro entre Lúcia e sua filha. Naquele momento, entretanto, a maior preocupação no pensar de Esmeralda, vem da carta que recebera de uma amiga, ou seja, é a vontade de conhecer Jaime, revelando em tais ideias a perspectiva da jovem enamorada, vislumbrando a apaixonante possibilidade de encontrar seu par, na perspectiva do romance tão idealizado nos escritos daquela época:

A maior novidade da nossa boa terra é a chegada do Dr. Jaime, que é um bonito rapaz, cheio de atrativos, elegante, tendo no olhar o fogo do gênio e nas maneiras o cunho da distinção. (...) O que me parece estranho é o que sinto desde que recebi esta carta! Alguém ouvindo-me diria: És filha de Eva e basta. Porém eu não costumo ser curiosa; mas agora, não sei, não posso explicar o que se passa em mim! Estava aflita, louca mesmo por voltar. Quem sabe? Será algum pressentimento! Mas... o que não compreendo é o silêncio da mamãe a tal respeito! Ela que tem tão bom gosto e aprecia tanto o talento e distinção!... Enfim, vejamos o que se passa. (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 14-15)

A viagem para o ambiente rural é o que caracteriza o Ato 2º de *Coração de mãe*. As autoras definem que “o cenário representa uma casa de campo”, na qual havia uma “sala com porta e janela ao fundo, por onde se vê arvoredos, morros ao longe, etc., etc.”. Mantendo a perspectiva da singeleza diante do quadro de dificuldades que marcava o Estado, elas descrevem uma “móvel simples”, contendo “quadros com paisagens, flores nas jarras e piano”, ouvindo-se “fora uma gaita que toca uma havaneira”. A primeira cena de tal ato é breve e mostra um pensamento solitário da criada Adelaide, prevendo a chegada dos dois médicos. A empregada constata que aquele seria um “dia de alegria para a menina”, ou seja, Adelaide já reconheceu “que o tal Dr. novo buliu com o coração” de Esmeralda (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 16).

O gosto de Lúcia pela leitura fica mais uma vez evidenciado na Cena II, na qual ela, solitária, entra com um livro na mão, tecendo mentalmente o comentário que tal obra agradava-lhe “em extremo”, pois era um “belo talento aquele que soube tão bem descrever as torturas de um amor infeliz”. Ainda sobre o livro, a protagonista realiza uma comparação consigo mesma: “Lésbia, esta mulher heroica e mártir, tem alguma paridade comigo”. A terceira cena mostra a chegada de Fernando, Ascânio e Jaime que se encontram com a anfitriã e todos “trocam os cumprimentos do estilo”. Lúcia afirma que chegara a duvidar “da aquiescência ao seu humilde convite”, imaginando que eles não deixariam “a cidade pela roça” ainda mais no dia de Natal (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 16-17).

Na Cena IV, Esmeralda é introduzida por Fernando ao convívio com os demais, desenvolvendo-se uma conversa que gira em torno da beleza e da juventude da moça. Durante as falas, há um breve desacerto entre Jaime e Fernando, o qual se retira. A quinta cena mostra a tentativa de Lúcia em “acalmar a confusão de todos”. A temática da leitura volta a ser o ponto central da peça, quando Ascânio observa o livro que Lúcia deixara sobre o sofá, perguntando-lhe quem era a autora identificada pelo pseudônimo de Délia. A protagonista mostra-se interessada e ressalta que “a autora desta obra é Maria Benedita de Bormann, uma rio-grandense distintíssima, atualmente na Capital Federal” (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 17-19).

A respeito do livro e de sua autora, que denotam o encontro da ficção com a realidade, Maria Benedita de Bormann, que escreve sob o pseudônimo de Délia, é uma “romancista, novelista, jornalista, pintora, pianista e cantora”, que “nasceu em Porto Alegre em 25 de novembro de 1853, vivendo no Rio de Janeiro até 23 de julho de 1895”. Foi esposa do Marechal José Bernardino de Bormann, seu tio, e militar que atuou na Guerra do Paraguai, do qual se desquitou. Uma de suas obras de maior destaque é exatamente aquela citada em *Coração de mãe*, o romance *Lésbia* (COELHO, 2002, p. 411; MARTINS, 1978, p. 99).

Tal livro tem por protagonista Arabela, conhecida apenas como Bela, e traz vários elementos que se identificariam com a luta pela emancipação feminina. A própria Bela consegue tal independência, após se separar do marido, passando a apresentar-se como Lésbia em seus escritos. Apesar da

tendência emancipacionista, os amores impossíveis e as tragédias amorosas também aparecem em tal publicação. É a própria autora que, se dirigindo “Ao leitor”, esclarece que “*Lésbia* termina pelo suicídio”, o qual, “longe de ser um ato irrefletido ou violento, é antes a consequência fatal do seu tormentoso e acidentado viver” (BORMANN, 1890, p. I, II).

A autora de *Lésbia* destaca ainda que seu livro é o “resultado de sentimentos amargos, mas encerra proveitoso ensinamento que lhe emprestará alguma utilidade”. Maria Benedita de Bormann prossegue afirmando que sua obra “é um romance à parte, porque, sendo a protagonista uma mulher de letras, a vida desta abrange maior âmbito e mais peripécias do que a existência comum das mulheres”. Ela ainda aconselha que “não se deve viver demasiado pelo coração, pois o fervilhar das paixões envelhece e cansa a alma” vindo a provocar um “desencanto de onde nasce o tédio que de manso leva ao suicídio” (BORMANN, 1890, p. II).

Finalmente, ao apresentar sua obra, Bormann destaca que “*Lésbia* viveu duplamente”, pois “conheceu todas essas dores cruelíssimas que são a partilha das almas eleitas e suportou-as com valor, crente de que cumpria um fadário”; até que, “mais tarde, preferiu morrer a trair o único ente que a amava” (BORMANN, 1890, p. III). Temas como um viés da emancipação feminina e o protagonismo de uma mulher escritora em um romance são pontos de interseção da obra de Maria Benedita de Bormann com as irmãs Melo. Além disso, elas são contemporâneas e conterrâneas, embora Bormann tenha vivido significativa parte de sua vida no Rio de Janeiro, somando-se a isto o fato de que elas tiveram contato com o livro em questão; não é para menos que o exemplar de *Lésbia*, pertencente ao acervo da Biblioteca Rio-Grandense, é aquele que pertencia à Revocata Heloísa de Melo e fora ofertado pela autora, em novembro de 1890, inclusive com dedicatória: “À distinta escritora D. Revocata de Melo oferece a autora. Rio de Janeiro, novembro de 1890” (Figura 8).

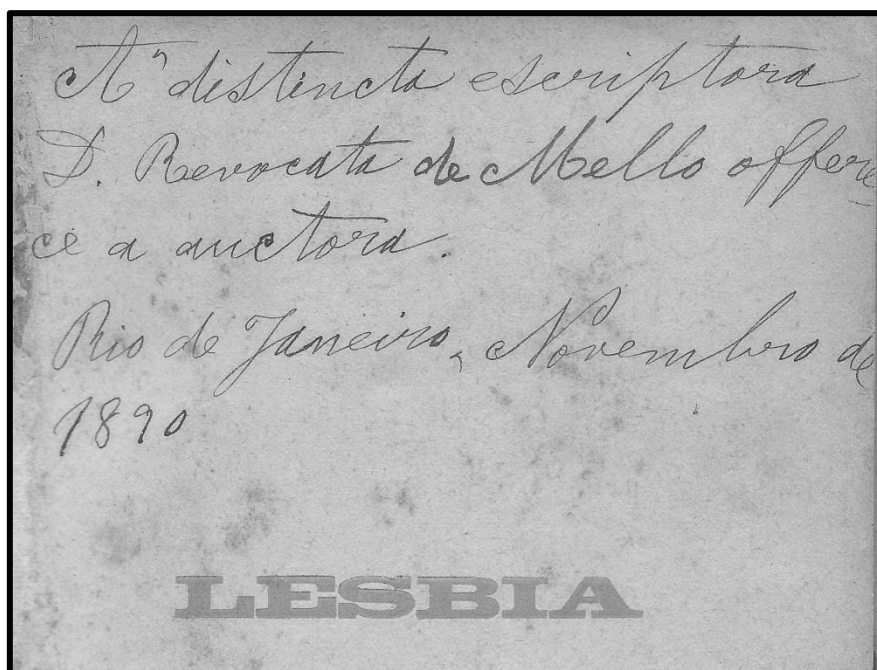


Figura 8

Especificamente sobre a obra *Coração de mãe*, retornando à cena em que os personagens dialogam a respeito do livro *Lésbia*, os temas literários passam a fazer parte da conversa dos personagens. Ascânio afirma que gosta “imenso da literatura, mas a ciência deixa-me pouco tempo para segui-la de perto”, uma vez que “a minha imensa clínica afasta-me completamente da poesia”. Voltando ao tema do livro de Maria Benedita de Bormann, Lúcia revela que “na verdade há muito não leio romance que tivesse o poder de sensibilizar-me tanto”, ainda mais “depois que a desgraça amordaçou-me o coração para a dor de todos os sentimentos alheios”. Ao folhear o livro, Ascânio destaca que “há aqui pensamentos sublimes e um grande estado de coração de mulher idealista”, elogiando uma “pena segura e hábil, de notável observadora do mundo social”, pedindo permissão para ler um trecho. Lúcia, preocupada com a juventude da filha, pede que Esmeralda vá verificar os trabalhos de Adelaide. Ao sair, a moça lança um olhar em direção a Jaime e, diante disso, Lúcia reflete que a menina sente-se impressionada pelo médico, enquanto Ascânio constata que a “pobre menina, ama Jaime com todo o entusiasmo tímido dos quinze anos” (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 19-20).

Com a saída de Esmeralda, já na Cena VI, Ascânio se vê com liberdade para ler um trecho de *Lésbia*, que versava sobre sentimentos e mocidade. Jaime aplaude a citação e Lúcia pergunta-lhe se ele “pertence ao número dos

sentimentalistas”. Ascânio elogia a obra em questão, afirmando que “este livro tem mesmo preciosidades”, principalmente quanto à “altivez com que Lésbia responde aos banais galanteios de um grotesco e enfatuado barão”, valorizando apenas a “nobreza do talento”, resistente a tudo e não carecendo “de ascendência, nem de posteridade” (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 20-21).

A volta de Esmeralda e Fernando acontece na sétima cena, a qual se volta a um passeio pelos campos que fora projetado pelo rapaz a pedido de sua tia. O calor inclemente, entretanto, frustra tal plano. Já na cena seguinte, a oitava, Esmeralda, que conversa avidamente com Jaime, pede-lhe que recite alguns versos, bem como solicita a Ascânio que, ao piano, acompanhe o amigo. Jaime, em princípio, parece não concordar com a ideia, afirmando que os “recitativos estão hoje sendo abolidos”, além do fato de possuir “uma memória infeliz”, não tendo chegado “a decorar por inteiro uma poesia por mais que ela agradasse”. Mas reconsidera, afirmando que havia “uma única em toda a minha vida que decorei aos dezoito anos e até hoje em que estou com trinta e cinco, lembro-me vivamente” (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 21-24).

A poesia que Jaime diz ter de memória é uma clara alusão ao tempo em que esteve, na juventude, enamorado de Lúcia, tanto que ele “recita um pouco voltado” para ela, a qual “disfarça com o leque a confusão em que está”. Versando sobre o amor romântico, o poema declamado por Jaime, já na Cena IX, traz à dramaturgia teatral o veio poético das duas autoras:

Tu ontem, loucura, de mim duvidaste,
De mim que te adoro numa ânsia febril,
De mim, que mil vezes de perto escutaste
Nos santos arroubos de um sonho gentil.

Por certo não sabes quanto é delirante
O afeto primeiro, para quem sabe amar;
Por Deus, foste um louco julgando inconstante
Quem tantas mil vezes jurou te adorar.

Não tenhas ciúme, jamais da minha alma
Teu nome querido se deve riscar;
Não tenhas ciúmes, dar-te-ei breve a palma,
A palma que dizes, tão louco anelar.

O tempo, oh! O tempo, cruel caminheiro
Que as crenças derruba lançando no chão,
Embalde há de um dia buscar traiçoeiro
Matar tão sincero, tão casta afeição.

No fundo sacrário que existe em meu seio,
Terá tua imagem por tempo sem fim
Asilo bendito, te juro, no enleio
Do afeto mais terno que inspiras a mim.

Jamais! Nem a ausência que a tantos quebranta,
Nem dias, nem noites de infindo dulçor,
Farão que eu esqueça promessa tão santa,
Afeto nascido com tanto fervor. (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 25)

Após a declamação, Jaime recebe os aplausos de Ascânio e Esmerada e até um elogio de Fernando. Mas Lúcia, “visivelmente contrafeita” afirma que ele soubera “dar cor a umas quadrinhas singelas, sem merecimento algum”. Jaime responde que, para ela, “a bela poesia que ousei recitar há pouco, não tenha merecimento algum”, bem como não deveria nem lembrar-se dela, mas para ele “é um tesouro”, vindo a sentar-se junto de Lúcia. A protagonista, em viva aflição, tem um forte mal-estar, vindo a ser por todos acudida. Na Cena X, apesar de alguma melhora, Lúcia prefere descansar, insistindo que todos devem aproveitar o jantar, enquanto ela repousa (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 25-27).

A undécima e final cena do segundo ato apresenta mais uma vez as reflexões de Lúcia, em desespero pelo amor que ressuscita, ainda considerando-o impossível, sobremaneira agora que ela percebera os sentimentos que Jaime despertara em relação a Esmeralda. Tendo em vista tal quadro, Lúcia confirma a perspectiva da mãe ideal, aquela capaz de todo e qualquer sacrifício em nome dos interesses de seus filhos e, no encerramento do Ato 2º, decide definitivamente que a prioridade é Esmeralda:

Enfim posso libertar-me por instantes da pesada cadeia de amarguras que prende-me a voz, o olhar, os gestos, quando estou perto de Jaime. Que suplício o meu! Como passados tantos anos, quando o meu coração transbordou de afeto, de crenças, por um outro coração que lhe era delicadíssimo, hoje, de novo acordado, parece que se dilata num ansiar sem fim! Será isto amor, meu Deus! Disse alguém “que o amor obedece à razão suprema e molesta-o a suprema loucura; ilumina e cega, vivifica e mata”. Eis o que se passa em mim. Ora a soberba edificação dos encantados palácios da fantasia onde ideamos todo o adorável poema da felicidade, ao lado daquele que é o sonho de todas as noites, o pensamento de todas as horas, a esperança de toda a vida. Ora a tortura, a angústia, o fantasma da dúvida, a cruel realidade. Amar e ser amada com extremos, na verdadeira compreensão desses pequenos nada de que se compõe o amor, porém que para nós as mulheres, importa tudo, e bruscamente pisar as flores com que nos querem tapetar a vida, fugindo à ventura, embora para errar ao acaso como uma alucinada, sem abrigo, sem destino, e viver ainda assim! Oh martírio sem nome! Tal é a minha sorte. Seja enfim o amor de Esmeralda a cruz do meu calvário. Só as mães poderão entender-me. Levarei ao cabo o sacrifício,

tragarei até as fezes o cálix da amargura, para ver um dia Esmeralda feliz junto de Jaime. O coração das mães não cansa de amar e sofrer. Temores, receios, vigílias, lágrimas, tudo abriga a grande alma dessas resignadas criaturas. Filha adorada, vai aos braços da felicidade que eu amordaçarei embora no túmulo, este amor fatal, imenso, intraduzível! (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 28-29)

Este pensamento da protagonista serve como uma transição para o Ato 3º, trazendo em si uma passagem de tempo e o encaminhamento do destino dos personagens. Mantendo a simplicidade em relação ao cenário, as autoras informam que, no terceiro ato, era retomado como ambiente o mesmo gabinete no qual se passara o primeiro. A cena inaugural mostra Jaime sozinho e absorto em suas reflexões, pensando que “está prestes a consumir-se o sacrifício”, ou seja, em algumas horas ele viria a ser “o esposo de Esmeralda”. Ele lembra que há dois meses luta para habituar-se à ideia de tal casamento, imaginando que desposar Esmeralda e viver junto de Lúcia seria impossível, de modo que deveriam partir em breve, para que conseguisse “a paz que anela” seu “despedaçado coração”. Jaime acaba por revelar que seu “sacrifício” só ocorrera “por amor dessa criatura incomparável”, ou seja, ele diz que só aceitara casar com Esmeralda porque aquele fora o pedido de Lúcia realizado quando parecia estar às portas da morte. Ele decide manter a promessa de não deixar Esmeralda sofrer, como “a mais eloquente prova do profundo amor” que sentia por Lúcia (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 30-31).

Na Cena II, Esmeralda junta-se a Jaime e eles conversam sobre os alcances dos sentimentos dele para com ela. A cena seguinte, com a saída de Esmeralda, traz um diálogo entre Jaime e Ascânio; este, percebendo a intranquilidade daquele, busca acalmá-lo, dizendo-lhe que ele está a casar com alguém que “não é uma mulher, é um anjo” e que a sua renúncia em relação à Lúcia acabaria por trazer a felicidade da mesma, por ver a filha bem casada. Ambos ainda conversam sobre o estado de saúde de Lúcia. Na quarta cena, Fernando junta-se aos dois médicos e conversam sobre os preparativos para o casamento (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 31-33).

A futilidade construída em torno do personagem Fernando fica ainda mais evidente na Cena V, quando ele conversa com Ascânio e comenta sobre as moças que frequentarão a festa em preparação. O rapaz demonstra particular interesse na filha de um visconde que, além de bonita, era herdeira de “uma fortuna mais que regular”. Neste trecho há uma alusão direta à

permanência dos casamentos por interesse, em detrimento do matrimônio motivado por razões sentimentais. É o próprio Fernando que diz que se Esmeralda fugira, ele encontrara Evangelina – a filha do Visconde – ou seja, permanecia a sua meta fundamental de conseguir um casamento arranjado que lhe garantisse um dote considerável. Os limites intelectuais apontados para Fernando ficam também evidenciados quando ele mostra um belo anel que comprara para ostentar na festa, ao que é atalhado com a pergunta de como ele poderia ostentar a joia recém-adquirida se estaria usando um par de luvas (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 33-35).

Na mesma ocasião, ocorre um diálogo entre Ascânio e Lúcia, quando o primeiro informa que Jaime pretende afastar-se dali pouco depois de realizado o casamento. Além disso, o médico insiste que Lúcia deve continuar tomando os devidos cuidados com a saúde, recomendando-lhe que destinasse “um tempo à vida campestre”, em nova referência ao hábito daqueles que tinham condições socioeconômicas de fugirem aos maus ares dos centros urbanos (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 35). O pensamento solitário de Lúcia compõe a sexta cena, na qual a protagonista reflete sobre suas amarguras e a respeito do sacrifício que estava a fazer em nome do amor filial:

Sinto-me mal. A vida abandona-me; o momento fatal aproxima-se. Pobre filha! Se ela soubesse quão cara comprou a sua ventura! Para que ela visse realizado o seu ardente anelo, sua mãe, a sua melhor amiga, aquela a quem ela idolatra, por quem fazia todos os sacrifícios, sorve gota a gota a taça do desespero. E vou testemunhar a união de Jaime, vou abraçá-lo como a um filho. É muito Senhor Deus! É enorme o castigo para o valor do crime. Amá-lo, pois seria crime amá-lo? Acaso obedece o coração, quando um poder extraordinário o faz pulsar violentamente? Tentei amordaçá-lo, comprimi-o, ordenei-lhe que emudecesse, mas... foi em vão! Animou-se reviveu, sonhou, enflorou-se de esperanças, de crenças, de ilusões, de anelos, de utopias! E, hoje, que profundo abismo, báratro insondável se abre diante de si, louco de dor, louco de desespero para ante a voragem e irrisão, coroa-se de rosas enlaçadas aos mártiros que o circundam e abençoa os seus algozes! Algozes! Algozes eles dois corações que me amam, duas almas sensíveis, ternas, duas estrelas que cintilam no escuro da minha tormentosa vida. Dois baixéis que vagarão de agora em diante unidos, buscando o porto do futuro que lhes alveja qual branca vela no horizonte. Oh, algozes não. À beira do túmulo eu vos abençoo. (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 36-37)

Uma Esmeralda assustada ao encontrar a mãe em prantos se faz presente na Cena VII, na qual a filha questiona Lúcia quanto ao motivo de sua tristeza, perguntando se aquele casamento não contava com toda a sua aprovação, ou ainda se ela não tinha confiança o suficiente em Jaime. A resposta de Lúcia traz em essência muito do pensamento vigente sobre o

papel social associado à maternidade, ao menos em termos idealizados. Neste sentido, Lúcia passa a discorrer sobre uma série de asserções em relação à questão do “ser mãe”, apontando-as:

 Ser mãe é esvaziar sorrindo o cálice do veneno, quando sabe que após ele virá delicioso néctar umedecer os lábios do filho amado. Ser mãe é deitar serenamente a fronte sobre agudos espinhos, para que o filho repouse em alfombra perfumada. Ser mãe, Esmeralda, é não ver o precipício que se apresenta sob nossos olhos, e caminhar, caminhar para a frente, quando o filho estremece do lado oposto. Oh, minha filha, ser mãe é ter tanta coragem, tanto valor, tão extremada força de vontade, que, firme, resoluta, quase feliz, crave vagarosamente o estilete na ferida sangrenta aberta no âmago do seio, encarando serenamente o sangue que goteja, se uma voz oculta repete-lhe: sangra, sangra mais, que dar-te-ei em recompensa todos os gozos que hás sonhado para a criança idolatrada que apertas ao seio. E eu sou Mãe, Esmeralda. Eis porque choro quando em volta de ti encontras apenas flores! (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 37-38).

Em resposta, Esmeralda, “profundamente comovida”, beija Lúcia, agradecendo à sua “santa mãe”, dizendo ainda que reconhecia “todo o valor do seu incomparável amor”, o qual seria retribuído com “muito afeto”. A jovem noiva busca tranquilizar a mãe, apelando para os necessários cuidados com a sua saúde e convida-a para que se preparassem, tendo em vista a recepção que se aproxima. A oitava cena descreve a chegada dos convidados, todos vestidos “com apurada etiqueta”. A criada Adelaide observa ao largo e seu pensamento compõe a breve Cena IX, na qual ela vê a cerimônia concluir-se e relembra suas previsões, ao constatar que dissera que “a menina morria por ele”, desejando que fossem muito felizes. Ao final, a empregada observa um rumor e verifica que Lúcia estava desmaiada. Era a preparação para o desfecho da peça (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 38-39).

A décima e derradeira cena do último ato traz a trágica conclusão do drama, com a morte de Lúcia diante da filha, do genro, do sobrinho, do amigo Ascânio e de alguns dos convidados. Os males que tanto lhe atormentaram chegavam ao ápice e o tamanho do sacrifício que fizera parecia ter-lhe tirado as últimas forças. Todos lamentam a fatalidade e diante das palavras de Ascânio se dá o encerramento, afirmando que “só as mães poderão compreender a grandeza daquele coração”, que passara a ser “afinal feliz”, uma vez que “a chaga que lhe coroa o viver, está para sempre cicatrizada. Sua frase final revela seus reais sentimentos em relação à morta, ao exclamar que

a chaga que consumia a sua própria existência nunca deixaria de sangrar. O pano caía pela última vez (MONTEIRO; MELO, 1893, p. 39-40).

Em *Coração de Mãe*, Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro ainda trazem conteúdos demarcados por uma inspiração romântica notadamente na questão do amor sem esperanças, as decepções sentimentais e a culminância com a tragédia, seguindo uma perspectiva bem comum ao drama de fundo teatral de então. Mas no livro também surgem questões diferenciadas, como um protagonismo feminino e, fundamentalmente, a abordagem de questões em torno da emancipação feminina, não é para menos a relevância dada ao livro da autora de Maria Benedita de Bormann, fortemente vinculado a tal tema. Nesta linha, em *Coração de mãe*, as irmãs Melo apresentam uma interação entre o ficcional e a realidade por elas vivenciada, bem como uma clara intenção de provocar a reflexão junto ao público.

2.3 – Berilos

O livro *Berilos* é lançado em 1911 e constitui mais uma obra escrita em parceria entre as irmãs Melo. O livro tem as dimensões 17,3 cm X 12,2 cm e não há referências à editora, indicando que se trata de uma publicação realizada pelas próprias autoras (**Figura 9**). O título é uma alusão a um mineral que, se trabalhado, adquire certo valor vinculado à preciosidade das pedras⁹, ou seja, traz consigo a intenção das autoras em apresentar uma joia literária ao público leitor. Na Biblioteca Rio-Grandense se encontram dois exemplares remanescentes de *Berilos*.

⁹ Berilo significa “mineral hexagonal, silicato de alumínio e glucínio, pedra preciosa” (FERREIRA, 2010, p. 305).

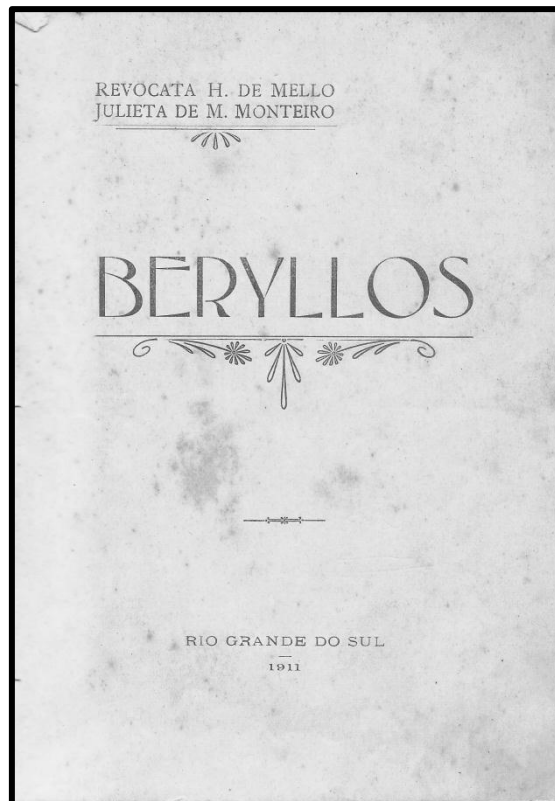


Figura 9

A colaboração entre as irmãs se restringe à edição do livro, uma vez que em *Berilos* ficam discriminados cada um dos segmentos por elas escrito, respectivamente. A obra possui trezentos e sessenta e quatro páginas e é dividida em “Primeiro Livro”, da lavra de Revocata, com duzentas e vinte e seis páginas, e “Segundo Livro”, de autoria de Julieta, que tem cento e trinta e oito páginas. Cada um dos “Livros”, por sua vez é dividido em duas partes.

O “Primeiro Livro” de *Berilos* traz na folha de rosto inicial a identificação da autoria – Revocata H. de Melo – e, no verso da mesma, suas obras. São citadas *Folhas errantes* e *Coração de mãe*, mas também, na condição de “a publicar” *Manifestações de palavras* e *Mosaicos*, a primeira voltada à transcrição de discursos e conferências e a segunda a pensamentos. Nas outras folhas de rosto aparece a dedicatória referente aos entes queridos perdidos por Revocata: “À pranteada memória dos meus adorados mortos – culto de eterno amor”, e aos seus sentimentos fraternos: “Aos idolatrados irmãos e amigos de sempre Julieta e Romeu – tributo do coração”. As duas partes nas quais se divide este primeiro livro têm denominações também ligadas ao título geral da obra, pois a primeira, com catorze textos chama-se “Reflexos”, ao passo que a segunda, “Cintilas”, é composta por vinte textos.

Tais nomes trazem em si tanto o reflexo e o tom cintilante das joias, traduzindo a perspectiva da reflexão e do cintilar do pensamento que pode estar presente na obra literária. Neste sentido, a primeira parte é composta por contos e a segunda, por crônicas somadas a breves pensamentos sobre diferentes conteúdos da vida em sociedade, envolvendo meditações pessoais da autora.

Desta maneira, “Reflexos”, a primeira parte, é composta pelos seguintes contos: “A despedida”, “A suicida”, “A confissão”, “A volta do filho”, “O dote”, “A esmola”, “O pêssego”, “O naufrago”, “Uma cena de campanha”, “A luta pelo amor”, “Narrativa de um cravo branco”, “O paralítico”, “Página de um livro íntimo” e “O retrato”. Já a segunda parte, “Cintilas”, é formada pelas crônicas “Aos corações que amam”, “A amizade”, “O coração da mulher”, “A sala de jantar”, “A oração”, “A avó”, “O egoísta”, “O luxo”, “O outono”, “Os estranhos”, “A lei do trabalho”, “O mar”, “A educação na família”, “A verdadeira virtude”, “Visita ao cemitério em dias de Finados”, “Carta a uma amiga”, “O médico”, “Os hóspedes”, “O ciúme” e “A enfermeira”.

Um dos costumes nas obras de Revocata de Melo – as dedicatórias – é mantido em *Berilos*, de modo que cada um, entre quase todos os textos, é ofertado a uma pessoa. Dentre os homenageados há nomes de destaque da literatura e do jornalismo e outros sobre os quais não recaem sequer uma simples informação. Nesta perspectiva, aparecem nas dedicatórias intelectuais brasileiros como Olavo Bilac, Inês Sabino, Andradina de Oliveira, Ibrantina Cardona, Alba Valdez, Carlos Ferreira, Vicente Carvalho, Cândida Fortes Brandão, Júlia Lopes de Almeida, Rosália Sandoval, Ana Aurora do Amaral Lisboa, Francisca Isidora Gonçalves da Rocha, Alfredo Melo e Presciliana Duarte de Almeida, além da escritora cubana Eva Canel (PERDIGÃO, 1934, p. 673, 677; MARTINS, 1978, p. 124, 215, 316, 359, 375; SCHUMAHER; BRAZIL, 200, p. 72-73, 274, 305-306; COELHO, 2002, p. 29-30, 217, 545, 571).

Dentre os homenageados aparecem também parentes da autora, como os irmãos Julieta de Melo Monteiro e Romeu Monteiro; e Manuel dos Passos Figueiroa e Júlio Melo, apresentados pela autora como seus primos. São citadas por Revocata, como amigas: Mariquinhas Chula, Amélia Lisboa, Lauducena de Melo Silveira, Marieta R. de Carvalho, Amélia Calcagno Cardia e Janoca Garnier. E, dentre aqueles nomes sobre os quais não há qualquer

referência, figuram: Matilde M. de Almeida, Cândida A. Pereira, J. Guelfreire, Belém de Sárraga e D. Dolores Ramos Otero.

A parte inicial do “Primeiro Livro” de *Berilos* é composta por contos que trazem temáticas variadas. Nestes escritos, Revocata Heloísa de Melo retoma muitos dos assuntos que desenvolve desde os primórdios de sua carreira e que se tornam recorrentes em sua obra. Ainda que interdependentes, eles guardam certa relação entre si e os principais temas são a condição feminina, a morte e a guerra.

As ideias de Revocata de Melo acerca do papel social feminino e a relevância da educação na formação da mulher ficam evidenciadas no conto “O dote”¹⁰. O texto retrata um melancólico e frio entardecer de inverno no qual um casal de velhos, somente ele identificado pelo nome de Eduardo, sem que haja indicação do nome da esposa, dialogam acerca de todos os esforços feitos para conseguir formar um dote para sua filha Helena. O espírito dominante é o de arrependimento pelo mau casamento de Helena. (MELO, 1911, p. 31-32) Por meio da conversa do casal se dá a defesa da instrução como condição fundamental para a formação feminina:

Quando buscava esclarecer-te o espírito, ficavas de mau humor, retrucavas-me até grosseiramente, e não querias que mandasse a menina à mestra, porque uma mulher para servir a um homem, basta que seja esposa fiel, incansável no serviço doméstico, e mais que tudo, possuidora de um dote!

Quantas rugas tivemos, porque querias à força demonstrar-me que a mulher que tem um dote em dinheiro é feliz, porque encontra facilmente um marido!

Tens razão mulher, os anos, a experiência, a força dos fatos observados, trouxeram-me a certeza do critério dos teus argumentos. Acompanha-me como um fantasma horrível, fere-me como um remorso, aquele dote que a custo dos maiores sacrifícios, destinei para o marido de Helena! (...)

E lembrar-me que trabalhei tanto, que fiz as maiores economias, pensando na felicidade da minha filha, e tudo isso que acumulei, passando até privações, foi para dar curso ao vício do tratante, do malvado, do vagabundo que soube iludir-nos até a hora de apanhar a presa! Juntar dinheiro para aquele odioso patife esbanjar, gastar à larga, com toda a sorte de infâmias, e a pobre Helena, longe de nós, passar fomes, frios, vergonhas, e não nos poder contar, nem mesmo por uma carta, porque eu, imbecil ignorante, cuidava que uma mulher não precisava aprender, bastava ter dote, para achar marido, e aí estava a sua felicidade! (MELO, 1911, p. 32-24).

A triste história de “O dote” termina em tragédia, quando o texto revela que o destino da infeliz Helena fora o túmulo. Entretanto, fica um rasgo de esperança, pois ela deixara uma filha, agora sob os cuidados dos avós e

¹⁰ Texto completo nos anexos.

Eduardo demonstra uma renovação de suas convicções, afirmando que a neta haveria de ir à escola e de “habilitar-se para os imprevistos da sorte”, não sonhando para ela “um dote em dinheiro e sim um marido honrado e educado” que a procurasse “para sua companheira pelo amor nobre que transforma em paraíso as agruras da vida”. A frase que encerra o conto é lapidar e conclusiva em relação ao pensamento em pauta: “Um marido alcançado pelo dote é um marido comprado” (MELO, 1911, p. 33-35).

As interfaces entre a pobreza e a condição social da mulher estão presentes no texto “A esmola”, que trata de uma “pobre velhinha”, abandonada à própria sorte em uma noite de inverno chuvosa, gélida e ventosa. A personagem tiritada “de frio e de pavor”, enfrentando a “solidão horrível” da pobreza, e pensa sobre a “parca e exígua refeição” com a qual contava para aquele dia. Ela chora diante da “tortura da miséria”, lamentando pelo “destino maldito” que lhe roubara o “filho adorado, operário honrado”, que tudo enfrentava “pela sua blusa de trabalho”. Apesar de toda a penúria, a velhinha não deixa de entregar seu último pedaço de pão à criança que bate à sua porta, pedindo algo para a sua mãe, “infeliz paralítica que passara o dia com fome”. A preocupação central do texto está relacionada com as mazelas sociais que historicamente afligiram o país, notadamente no caso de uma mulher em plena velhice e sozinha. A senhora perdera seu arrimo de família, sem poder contar com nenhum apoio e, ainda assim, dividira seus poucos víveres com alguém em condição de fragilidade social ainda mais intensa. A frase final bem revela o desamparo e a desesperança: “Deus velará por mim!” (MELO, 1911, p. 37-40).

A pobreza e o feminino também são a temática predominante em “O pêssego”, que tem por cenário um conceituado colégio, no qual a aceitação das alunas se dava a partir de “altas exigências”, de modo que “só as filhas de abastados proprietários” tinham condições de frequentar a “importante casa de instrução”. O texto se concentra na algazarra das meninas enquanto aproveitavam suas fartas merendas. A exceção era Branca, uma “galante”, mas pobre criança, só aceita por ser filha de uma fiel criada da mãe da diretora. Durante o recreio, enquanto as colegas aproveitavam a lauta refeição, a pobre menina se limitava a mastigar “tristemente um seco pedaço de pão”. Ela até “tinha ímpetos de implorar um pouquinho daqueles comeres”, mas a avó

ensinara-a a não fazê-lo. Seu único lenitivo era Pepita, colega que compartilhava com ela sua merenda. O cerne da história se dá com o desaparecimento de um enorme pêssigo do pomar, prometido ao professor de música. Apesar da existência de evidências de que Pepita era a culpada, Branca assume a culpa pela amiga, vindo a ser reconhecido por parte da professora “aquele sublime ato de abnegação”, apontando Branca, dentre as demais alunas – que a tinham acusado – como “a de mais nobres qualidades” e “a de melhor coração”. O texto deixa uma moral evidenciada, evocando que nem sempre a melhor condição social pode ser sinônimo de honestidade, podendo a integridade estar do lado mais pobre (MELO, 1911, p. 41-45).

O feminino, a natureza e o romance predominam em “Narrativa de um cravo branco”, no qual a própria flor, ganhando vida nas asas literárias, conta sua história. Ela, após colhida, foi entregue pelo jardineiro a “uma senhorita que era o mimo dos pais e que amava o belo como todas as almas repletas de ilusões”. Tal moça resolve presentear o cravo para uma amiga, “que tinha a imaginação cheia de poesia e o coração pleno de ternuras”. Esta, por sua vez, deu a flor para um “moço elegante, bonito, de olhar ardente e sorrisos francos”. Ao final da vida, já quando perdera o perfume e a beleza, o cravo se dizia feliz por ter sido guardado carinhosamente pelo rapaz, pois “servira de talismã de amor, e morrera na propriedade de um dono gentil”, que sabia “falar ao coração da mulher”. Era mais um retrato do amor romântico, tantas vezes atribuído como destino ideal nos caminhos do feminino (MELO, 1911, p. 63-66).

A figura feminina e o heroísmo ficam articulados no conto intitulado “O retrato”. A protagonista é Rosa, moça “criada na roça, filha de pais rústicos e vivendo unicamente para o labor material”. Tais condições de vida tiram de Rosa todas as possibilidades de estudo ou urbanidade, de modo que ela “nem sabia ler”. Apesar disso, a autora traça um outro olhar sobre Rosa, definindo que, “em compensação” à falta de formação, ela era “de uma natureza totalmente poética”, ou seja, mesmo que despreparada para as luzes do conhecimento, seus “grandes olhos, divinamente pensativos, buscavam de preferência as telas da natureza, tocadas pelos reflexos violáceos da tristeza”. Ainda que “os mais guapos rapazes da vila” pretendessem conquistar o coração de Rosa, ela permanece fechada às investidas, uma vez que preferia

se dedicar a um “amor ideal”, que destinava a um retrato colocado à cabeceira de seu leito (MELO, 1911, p. 75-77).

Em seguida, Revocata passa a descrever as circunstâncias pelas quais aquele retrato chegara às mãos de Rosa. O contexto narrado pela autora é identificado plenamente com as revoltas que marcaram as origens da República no Brasil, a Revolta da Armada e a Revolução Federalista. A narrativa remete à presença de um viajante que pernoitara na casa dos pais da protagonista, vindo da guerra e destinando-se à capital, “em honrosa comissão militar”. Em referência à rebelião da Armada, a autora descreve que aquela visita se dera bem na ocasião em que “fracassara na baía do Rio de Janeiro a importante Revolta de 6 de Setembro, que tantos rasgos de heroísmo alcançou da intemerata marinha brasileira”. O viajante saíra apressado, esquecendo-se de um retrato, o qual se torna objeto da paixão de Rosa, admirando a imagem do homem, sem saber ler o seu nome estampado abaixo da fotografia. O fim do conto era trágico, com a morte de Rosa aos dezessete anos, “vitimada por cruenta febre”, bem de acordo com os tantos focos epidêmicos que assolavam o Brasil e o Rio Grande do Sul naquela virada do século XIX para o XX. O retrato que marcava a história de amor acaba por ser encontrado e identificado como de Saldanha da Gama, denominado de “imortal brasileiro”. Dois pensamentos ficam expressos na narrativa, ou seja a impossibilidade da mulher identificar o alvo de seu amor, por não saber ler – relembrando a questão da relevância da educação feminina –, e o enaltecimento da autora para com um dos principais personagens da Revolta da Armada e que viria a ingressar também na Revolução Federalista, lutando contra os governos autoritários de então, buscando elevar o militar Saldanha da Gama à condição de herói nacional (MELO, 1911, p. 77-79).

Quanto às interfaces entre as temáticas abordadas na primeira parte dos escritos de Revocata, ocorre uma aproximação entre a condição feminina e a morte. Neste sentido, “A suicida” traz os dilemas de Regina, personagem única do conto que encara o suicídio como uma alternativa para a sua agonia, vendo tal atitude não como uma covardia e sim como “um meio extremo”, ou seja, o termo de um “viver que atrofia, aniquila o corpo e o espírito”. Regina considera que “saber morrer em certas circunstâncias da vida é um heroísmo”, afirmando que tinha “forçosamente de buscar a morte”. Ao longo do conto, em sua

solidão, a protagonista pensa e repensa sua atitude, trazendo diversas reflexões sobre o ato fatal que está por cometer e a culminância da história se dá com Regina sentada ao leito e disparando o revólver contra seu coração. Revocata leva ao leitor um tema complexo como o suicídio, mas também reflete sobre a condição feminina ao revelar, em meio ao texto, o motivo que a levou ao auto-sacrifício. A autora descreve que “Regina era moça, e não pode deixar de vencer-se pela fraqueza do sexo”; ela desejava “ter um coração rijo, um coração de ferro, mas a natureza despertou-a ainda para um pueril capricho”. Em outras palavras, a escritora descreve a situação da moça que perdera a virgindade fora do casamento, condição que à época era encarada com pleno preconceito e considerada como inaceitável. Os rígidos padrões de conduta moral e social acabavam por ser uma fator de imolação da figura feminina (MELO, 1911, p. 15-19).

A mulher e a extinção da vida também estão presentes em “A confissão”, texto composto por dois personagens, o marido, na cama, às portas da morte, não identificado por um nome e sua esposa Marina, que lhe dá as últimas assistências. O esposo agonizante conta a ela um segredo de um colega de farda – mais uma vez a autora traz à tona a recorrente vida militar gaúcha, na qual as condições de ser civil e militar confundiam-se nas vivências dos homens – que cortejara uma mulher supostamente casada e que com ele trocara correspondência. Com a morte do amigo, o marido ficara com as cartas e, agora moribundo, preferira mostrá-las à esposa para que ela não pensasse que era ele o traidor. Por mais que a história evidencie que o ato não passou da troca de missivas, a cada momento fica demarcado que a mulher em questão é a própria Marina que “estremece sem querer” ao ouvir o relato e prepara-se para “implorar o perdão” do marido, apercebendo-se então que ele morrerá. A autora mais uma vez toca em uma questão candente aos padrões morais de então, ou seja, aborda o princípio da fidelidade feminina, pelo qual a esposa tinha uma obrigação quase que sacrossanta para com seus votos matrimoniais, de modo que até mesmo uma troca de correspondências poderia ser considerada como uma traição (MELO, 1911, p. 21-26).

O final da vida, temática tão recorrente na obra de Revoca, também se faz presente no texto “O naufrago”. A maior parte da vida da autora foi passada na portuária cidade do Rio Grande, conhecida pelo comércio marítimo e pelas

atividades ligadas à pesca, mas também pelas amplas dificuldades oferecidas à navegação, ficando aquele trecho da costa gaúcha conhecido inclusive como cemitério de navios. Neste sentido, tal contexto serve também para que a escritora busque inspiração e, mais uma vez, aborde a questão da morte. O conto se passa em “uma noite de julho, nevoenta, gélida e triste”, bem de acordo com as condições do inverno rio-grandino, e retrata a chegada de um naufrago às proximidades da terra. O marinheiro, “bravo filho das ondas”, desdenhara “sempre da tempestade e da traição dos mares”, mas acabara se deparando com o “medonho impossível”. Ele vira seu navio afundar e escapara em uma “frágil canoinha”, vagando por dias “à mercê das ondas” e, vendo “uma nesga de terra”, empreendeu “luta aterradora” para chegar até ela. Mas o homem do mar não atinge seu objetivo, morrendo antes de chegar à praia, sendo encontrado por “pescadores aterrorizados”, ao encarar “aquele esquife marítimo com um cadáver no fundo”. Neste texto, a autora traz às suas narrativas um episódio que muitas vezes deve ter lido nas páginas dos periódicos locais que tantos sinistros marítimos divulgaram em suas notícias (MELO, 1911, p. 47-49).

O desespero e a proximidade da morte são os temas do conto “O paralítico”, narrativa da vida de Gastão, um artista que aprimorara seus talentos estudando na Itália, mas que, retornando à pátria, viu-se “repentinamente a braços com uma paralisia cruel”, ficando condenado ao leito e à cadeira de rodas. Era uma dura existência, “torturada em plena mocidade”, porém ele ainda conseguia utilizar o pincel e dar vida à sua arte. Mas até aquela mínima condição atenuante, foi perdida quando a paralisia chegou até mesmo aos braços. Só restavam os cuidados da “mãe extremosíssima”, e a tristeza impera até que ele lançasse o “derradeiro adeus” para o pincel e a palheta. A finitude humana, tema tão caro à obra de Revocata, que inclusive perdera um irmão também artista, vinha mais uma vez a marcar sua produção literária (MELO, 1911, p. 67-70).

Amor e morte compreendem o pano de fundo de “Página de um livro íntimo”, o qual se concentra num diálogo entre um homem e uma mulher. Ele conta “a história de seu amor, com tanto sentimento, com tanto ardor, com tanta alma, que a impressionara vivamente”, de modo que ela se sente “docemente atraída por ele”. Entretanto a história que ele descreve é sobre a

morte de sua noiva, e sua “amargura e tortura” é comparada à de Prometeu, Romeu, Eurico e Petrarca. Tal sentimento é descrito como uma “epopeia de amor”, na qual ele estava “sempre acompanhado pelo espírito da mulher amada, como se fora o seu anjo da guarda”. O amor além da vida era a moral do conto, julgando que “aquele homem, tão longe da vulgaridade dos homens, merecia bem ser amado por uma mulher capaz de compreender toda a imensidade de sua alma”. Mas fica demarcada a ressalva, com “a triste certeza de que o coração” daquele homem “estava profundamente adormecido para as paixões terrenas, guiando-o na vida o culto imáculo de uma recordação sagrada”, que marcaria sua existência no passado e no presente (MELO, 1911, p. 71-74).

A questão da morte também adeja em “A luta pelo amor”, texto que conta a história de Antônio, um jovem português que viera para as plagas rio-grandenses para tentar ganhar a vida. Nesse meio tempo, apaixona-se por Francelina, passando a contar com o “paraíso do amor correspondido”. Apesar de feliz com o romance, Antônio estava insatisfeito, pois não conseguia um trabalho que permitisse melhores condições de vida, vendo-se diminuído em “seu singelíssimo trajar”, diante “dos rapazes que procuravam disputar o amor de Francelina, envergando belos fatos domingueiros”. Apesar das dores do amor, Antônio decide buscar melhor colocação em outro lugar, tendo de despedir-se de sua amada. Após várias tentativas, o “jovem herói” consegue os progressos desejados, mas, ao procurar Francelina, descobre sua trágica morte, restando-lhe apenas conviver com a saudade e as lembranças da moça que não chegara a desposar (MELO, 1911, p. 55-62).

A guerra com a qual a autora convive tão proximamente foi outro tema inserido na parte inicial de *Berilos*. Nesta linha, “A despedida” descreve um quadro de guerra. A história trata de Gilberto, um militar condenado ao fuzilamento, que tem a última chance de visitar sua filha, antes da morte anunciada. Há fortes indícios de tratar-se da guerra federalista, encerrada alguns anos antes e que foi evidenciada pela violência. Gilberto poderia ser um prisioneiro, um traidor ou um desertor, cujo destino estava marcado. Disfarçado, ele consegue chegar até a vila em que morava e encontra sua Mimi dormindo, vindo a abraçar-lhe e aproveitando os últimos instantes em sua presença, tomando o cuidado para não lhe acordar, evitando revelar seu triste

destino, que se confirmaria, caindo fuzilado na manhã seguinte. Revocata revela nesse conto a realidade tão presente nas vivências sulinas, marcadas por guerras que ceivavam maridos e pais de família e, como ela mesma destaca, Mimi estaria abandonada aos infortúnios da orfandade: “E ficaria no mundo aquele anjo, sem os seus carinhos, entregue quem sabe a ingrato destino” (MELO, 1911, p. 9-14).

As sequelas dos conflitos bélicos estão mais uma vez presentes nos escritos de Revocata no conto “A volta do filho”, que retrata o retorno de um “garboso militar que fazia o encanto das moças da vila e a inveja dos rapazes de todos aqueles arredores”, mas que, “vítima da guerra” voltara como “um infeliz inválido”, com os braços “arreatados por uma bombarda inimiga”. A autora descreve que o rapaz atuara sob a força “sublime de heroísmo e amor pátrio”, indicando que ele lutara num dos tantos enfrentamentos bélicos que o Brasil realizou contra os vizinhos platinos e nos quais a participação dos soldados gaúchos foi fundamental. O jovem mutilado é recebido por sua mãe, uma “pobre velhinha” que havia “suportado por longos meses as agruras da saudade e as tempestades desabridas da pobreza”. O destino da personagem, chamado Álvaro, junto de sua mãe é caracterizado como tétrico, tendo em vista o inverno “horrível e impiedoso” que se aproximava, de modo que “a miséria os esperava com as fauces escancaradas, medonhas”. Por meio de seu conto, Revocata de Melo evidencia mais uma vez os horrores da guerra, que tanto ceifara muitos de seus conterrâneos, deixando abandonadas à própria sorte inúmeras famílias (MELO, 1911, p. 27-29).

As agruras da guerra voltam a ser retratadas por Revocata Heloísa de Melo no conto “Uma cena de campanha”, na qual é descrita a morte por fuzilamento de “um pobre rapaz de vinte anos, infeliz soldado a quem coubera a sorte de ser passado pelas armas”, por ter cometido a terceira deserção. A autora descreve a “campa onde dormia o sono eterno uma desventurada criança”, sem deixar de apontar a causa que o levava a cometer aquele crime militar. Ele abandonara o posto por três vezes, movido “pelo grande amor de filho”, para ir visitar “a mãe pobre e enferma”, deixando de lado até “a rigorosa disciplina militar, o amor da pátria e a voz ríspida do capitão”. A nobreza do moço fica retratada em seu último ato, ao pedir a um sargento que leve as moedas de seu último soldo para sua “velha mãe”. O recorrente tema dos

enfrentamentos bélicos tão comuns à formação gaúcha voltava à pauta nos escritos de Revocata, sem deixar de demarcar a injustiça da guerra que ceifava os filhos às suas famílias (MELO, 1911, p. 51-53).

“Cintilas”, a segunda parte do “Primeiro Livro” de *Berilos*, apresenta uma série de crônicas envolvendo reflexões pessoais da autora e abordando matérias diversificadas, muitas delas envolvendo questões comportamentais como amor, condição feminina, família, religião, tristeza, trabalho, instrução, ambiente natural, assistência social, morte e vida profissional. Alguns deles são assuntos recorrentes na obra de Revocata e estão associados a outros não tão comuns, de modo que sua variabilidade indica a sua apresentação linear e não temática. A maior parte destes textos que compõem a segunda parte é entremeada por breves sentenças, expressando pensamentos da escritora acerca de diversos tópicos relacionados à vida em sociedade.

O texto que abre a parte intitulada “Cintilas”, denominado “Aos corações que amam”, versa sobre um sentimento que, segundo a autora, não poderia ter fim – o amor, mostrando um caráter dicotômico para o mesmo, ou seja, “ele vive e viverá sempre” para “o martírio e a felicidade da criatura humana”. Pelo lado negativo, a escritora identifica causas em geral de fundo amoroso nas estatísticas criminais, na presença em hospícios, e nos atos suicidas. Mas, em outra perspectiva, afirma que “quem ama tem sempre a alma aberta para o belo”, principalmente quando o alvo da observação é a natureza; bem como declara que “quem ama compreende e admira todas as manifestações da arte”, como a música, a poesia e a pintura. Diante disso, Revocata conclui que “embora seja o amor um sofrimento, quem ama vive, sonha, pensa, deleita-se nos braços de uma quimera”, de modo que finaliza o texto, declarando que “o coração precisa amar” (MELO, 1911, p. 85-90).

Ainda em suas reflexões, Revocata escreve “A amizade”, opinando com certo descrédito que “os fatos que atestem a real existência desse sentimento, que tanto nobilita a criatura, são raros, muito raros”. Na definição de amizade, a autora reflete que “a amizade em sua fina cristalização é o refletor de uma dedicação sem limites” e “encerra uma poesia íntima”, a qual “melhor resiste à ação dos anos”. Revelando uma visão mais ampla de sociedade, a escritora afirma que “a amizade, tal como deve ligar as existências que se aproximam por intraduzível força de circunstâncias”, deve desconhecer “sexos, idades e

classes”, falando “mais alto que todas as nossas conveniências e interesses”. Finalmente, conclui que “o sublime sacerdócio da amizade é mostrar-se um espírito fora da órbita do egoísmo”, tendo “a alma moldada para as ações grandes e nobres” (MELO, 1911, p. 93-97).

Uma idealização do feminino aparece em “O coração da mulher”, crônica na qual a autora, defende que, apesar das exceções, “as mulheres, em sua maioria possuem um coração todo afeto, todo ternura, todo magnanimidade”. Segundo Revocata, “o coração da mulher é um ninho de afetos, um sacrário onde guardam-se tesouros de virtude, que o homem nem sempre sabe avaliar”. A propósito, a escritora exclama que “os homens falam muito das mulheres, porque não sabem compreendê-las”, de maneira que eles deveriam “render todos os cultos, todas as vassalagens de afeto” aos corações femininos. Considera também que “os homens têm ainda muito que estudar o coração feminino, de modo que seria feliz o homem que soubesse “a fundo conhecer o coração da mulher, porque gozará de uma ventura rara, cercado de uma tranquilidade invejável”. Acerca do tema, Revocata de Melo conclui que “o valor do coração da mulher” poderia ser comprovado pelos “maiores exemplos de sacrifícios e de abnegações” que “têm sido dados pela mulher, desde os tempos primitivos” (MELO, 1911, p. 101-105).

A convivência em família é outro tema contido na obra da escritora rio-grandense, a partir do texto “A sala de jantar”. Neste sentido, Revocata afirma que “francamente falando, o nosso paraíso é o nosso lar”, ainda mais quando ali existissem “a boa educação e o verdadeiro afeto”, unindo os familiares num “mesmo elo de cordialidade e respeito”. No âmbito da casa, a autora identifica a sala de jantar como “o ponto principal das reuniões de família”, no qual todos conversavam sobre as circunstâncias e relembavam as memórias do passado. Para ela, tal aposento representa “o santuário da família e a assembleia dos íntimos”, reunindo os parentes e as “amizades do coração”. Finalmente acerca do assunto, Revocata apresenta detalhes de como poderia ser organizada a sala de jantar para aprimorá-la como o lugar onde acontecia a “sublime poesia da família” (MELO, 1911, p. 109-113).

Em outra crônica, intitulada “A oração”, Revocata de Melo revela algumas de suas convicções religiosas. Segundo ela, “a oração é um bálsamo para a alma dos crentes”, ou seja, a partir da oração, “as nossas ideias, os

nossos pensamentos, os nossos projetos” moldam-se até só mostrar “o bem, a virtude e a resignação”. A autora explica que ao orar o indivíduo encontra lenitivo até mesmo para os crimes e as iminências da morte. Para ela, “a oração é tudo quanto há de meigo, doce e suavizador” e estabelecendo uma perspectiva idealizada acerca de fundamentos religiosos, a escritora sustenta: “Felizes dos povos em cujo seio a religião existe, cercada das verdades da palavra de Cristo, porque é de tão abençoada fonte que se levanta a fé” (MELO, 1911, p. 117-120).

O tema em torno do universo familiar volta à abordagem da autora com “A avó”, texto que define a figura que lhe dá título como a “criatura que representa na família a paz, o carinho e a ventura”. De acordo com Revocata, a avó atua junto aos netos de modo a “formar-lhes o coração para as edificantes peregrinações do bem e da virtude”. Tal membro da família é também definido como “o refúgio dos netos”, “a paciência evangélica do lar” e “a conselheira austera e complacente no seio da família”. Para a escritora, “a avó simboliza a religião e a moral, porque o seu vulto respeitável” apontava, “sempre com a palavra doce e cheia de convicção, os benefícios desses dogmas sagrados” (MELO, 1911, p. 123-125).

Outro assunto sobre o qual Revocata de Melo reflete está encerrado na crônica “O egoísta”, na qual opina que “do egoísmo origina-se muitas vezes a ruína da sociedade e do lar”. Segundo ela, “o egoísta não pode ser útil à família, não pode laborar na grande obra da perfeição humana”, nem “pode cumprir os deveres de bom cidadão”, pois, em seu coração “só tem guarida a inveja e as ambições torpes”. Na sua concepção, o egoísta vive apenas para si e as suas aspirações são “gozar e buscar para si toda a ventura que na acanhada órbita de seu enfezado raciocinar, compreende existir”, levando em frente sua “indiferença pelo próximo e extremo interesse pela sua pessoa” (MELO, 1911, p. 129-132).

Revocata traz nova reflexão demarcada no texto “O luxo”, no qual ela indica que este é um dos maiores males da humanidade. Segundo a autora, “a sociedade tem os seus inimigos encarniçados, algozes que trabalham infatigáveis para a sua ruína”, constituindo uma “trindade diabólica e fatal”, formada por “calúnia, intriga e luxo” e o pior deles era exatamente “a perniciosa paixão do luxo”. A escritora aponta misérias, ruínas, escândalos, vexações e

explorações, provocados pelo luxo e enxerga apenas um ser capaz de combater este mal – “a Mulher Mãe”. De acordo com este pensamento, era “preciso educar a criança sem princípios de grandeza e vaidade”, não apontando para elas potenciais superioridades em relação aos outros. Ainda a respeito do tema, pregava que “as boas e zelosas mães estejam em guarda à virtude de seus filhos, afastando-os de tão tortuosos caminhos”, uma vez que “a vaidade é terrível conselheira e jamais deixa de inspirar a fatal paixão do luxo” (MELO, 1911, p. 135-139).

Em uma crônica carregada de lirismo denominada “O outono”, a escritora gaúcha revela sua predileção por tal estação do ano. Ela saudava que “estamos em plena poesia do outono, há pelos céus umas nuances suavíssimas, uma transparência ideal”, na qual seria possível adivinhar “toda a grandeza desse mistério que o olhar não vara, porém que a alma que sonha, enlaça num êxtase indizível”. A autora descreve a estação em pauta, comparando-a às demais, e reiterava a afirmativa das belezas outonais, associando-as às melancolias da vida, exclamando o quanto “é belo o outono com as suas calmas e os seus núncios de tristeza” (MELO, 1911, p. 143-145).

Em “Os estranhos”, Revocata relata uma vivência pessoal pela qual, diante de “uma opinião sustentada em nossa presença, deixamos cair da pena as seguintes obscuras considerações”. A autora, lembrando seu passado de dores e perdas, nega-se a chamar de estranhos àqueles que, mesmo sem laços de sangue, “aparecem em nossa existência, tomando parte em nossas páginas de dor, com extremos e dedicação, como se constituíssem número na família”. Ela confirmava sua convicção de que tais pessoas “que partilham espontaneamente das nossas mágoas e sofrimentos” e os “que deixam o bem estar de seu lar, para estarem ao nosso lado nos transes da doença” não eram estranhos. De acordo com a autora, tais “criaturas” superavam questões de parentesco, já que sabiam “desempenhar junto de nós o nobilitante papel de amigo” (MELO, 1911, p. 149-152).

Ao revelar um pensamento avançado para os padrões da época, quando, em termos governamentais, a questão social era tratada como caso de polícia, Revocata de Melo propôs a valorização da classe trabalhadora por meio do texto “A lei do trabalho”. Para tanto, a escritora lança mão de várias propostas sobre o tema defendidas por escritores como o filósofo e literato

iluminista francês Denis Diderot e o poeta francês Victor Hugo. (PERDIGÃO, 1934, p. 229, 339). Ela destaca a nobreza e a honradez do trabalho, detalhando que o alvo de sua atenção eram os trabalhadores de “mãos calosas e endurecidas”, ou seja, aponta para a valorização do trabalho como um todo, mas dá maior ênfase ao papel “do artista e do operário”, ou seja, aqueles que “fazem as indústrias, desenvolvem as artes, sustentam as fábricas e oficinas, abrem as entranhas da terra e tiram de lá a riqueza do homem e a vida das nações” (MELO, 1911, p. 155-157).

Ainda na mesma crônica, Revocata reitera suas preocupações de cunho social, defendendo que “as sociedades modernas, à luz do novo século, não podem deixar de bem dizer essas vigorosas fileiras”, as quais “fazem do trabalho honrado a mais ardente aspiração da vida”, nobilitando-se “pelo labor” e unificando “a toda humanidade num mesmo pensamento, em uma tarefa de luta progressiva”. Para a autora um dos passos essenciais em direção a corrigir as mazelas vinculadas à questão social “é que a instrução popular seja alargada”, pois, “um povo ignorante não poderá, embora positivamente laborioso, atingir a esse grau de luz e progresso, reclamado pela sociedade moderna”. De acordo com tal ideia, ela concluía que nada via “de mais edificante que a batalha da vida sustentada pelas cerradas fileiras dos homens de mãos calosas”, os quais “já têm por evangelho o dever e a honra, mas que precisam trazer também por divisa a luz do espírito” (MELO, 1911, p. 157-161).

O convívio dos habitantes da cidade do Rio Grande com as águas oceânicas, por tratar-se de um porto marítimo, constitui uma constância e nas reflexões de Revocata, tal proximidade também se faz notar, como foi o caso do texto “O mar”. Citando o escritor português Antônio da Silva Ribeiro Alves Mendes (PERDIGÃO, 1934, p. 485), a autora realiza um manifesto pelo alvo de sua paixão, declarando que na natureza não havia algo “mais belo, mais empolgante e mais imponente” que o mar. Utilizando-se de diversos adjetivos, a escritora enaltece as belezas do mar, dedicando-lhe “um hinário de sensações, um poema de sentimentos e uma epopeia colossal” (MELO, 1911, p. 165-169).

As relações familiares e as práticas do aprendizado, temas tão caros à autora se manifestam em “A educação da família”. Para promover tal ação, Revocata ressalta a importância do amor, da virtude, do exemplo, do trabalho e

da religião. Um dos pontos mais enfatizados pela escritora quanto a este aspecto é o papel feminino, esclarecendo que “a educação na família cabe muito principalmente à mulher, que, no seio do lar, deve representar o carinho, o sacrifício, a paz, a economia e a religião”. Ainda que manifeste o reconhecimento pelo papel paterno, destaca que “a mãe é a primeira educadora, o primeiro guia, a responsável segura pelo bom ou mau desenvolvimento” daquelas “almas e vidas que, desde os primeiros vagidos, estão sob a sua guarda, que deve ser desvelada até o sacrifício” (MELO, 1911, p. 173-177).

As constantes ações de assistência social promovidas pelas irmãs Melo se fazem presentes na crônica “A verdadeira virtude”, na qual Revocata revela que o auxílio ao outro só seria virtuoso se não visasse à satisfação pessoal e buscasse apenas a gratidão alheia. Com um olhar crítico, a autora diz que agir “com a ideia de ver o nosso nome levado de boca em boca, entre os aplausos sinceros e o elogio bajulatório dos pobres de espírito” viria a constituir “uma das fraquezas do gênero humano”, sendo esta a razão de ser a virtude “tão rara e tão mal compreendida”. Ela explica também que aqueles que praticam a virtude “passam muitas vezes pela vida inteiramente obscuros e ignorados”. Acerca do tema, a escritora conclui que a verdadeira virtude está também associada ao sacrifício do personalismo (MELO, 1911, p. 179-182).

Um olhar crítico sobre hábitos da sociedade aparecia em “Visita ao cemitério em dia de Finados”. Na opinião da escritora, a saudade dos entes queridos e a visita ao “asilo dos mortos” não deveria prender-se exclusivamente a data convencional do dia 2 de novembro. Segundo ela, a “homenagem sagrada de amor e de respeito” àqueles “que importam uma parte de nossa alma, que valem muitas vezes as mais belas e saudosas páginas do nosso passado” deveria ser “feita muitas e muitas vezes, em outros dias do ano”. A autora opina que nos demais dias, “em que o cemitério está deserto”, seriam os ideais para “a dor, a saudade atroz que não tem a mitigá-la um vislumbre de esperança”, procurando-se “a solidão consorciada com a poesia solene e impressionável do silêncio”. Sobre a presença massiva de visitantes ao cemitério por ocasião de Finados, Revocata não deixa de apontar uma certa hipocrisia de parte de certas pessoas que ali compareciam para cumprir apenas uma tradição, sem maiores manifestações de respeito, havendo em

seus comportamentos até “mutações fáceis da lágrima para o riso”, diante do que ela concluíra: “positivamente, não compreendo a dor assim” (MELO, 1911, p. 185-189).

Em “Carta a uma amiga”, Revocata responde a uma pergunta feita em conversa anterior com uma amiga, a respeito daquilo que ela mais distinguia em um homem – “o talento, a ilustração ou a delicadeza”. Na forma de uma missiva, a escritora expressa “o que penso sobre o importante tema” e, para tanto, preliminarmente, destaca que as mulheres possuem “uma forma de sentir bem diversa daquela que predomina no homem”, tendo em vista que elas tinham por características “a fragilidade do organismo”, o retraimento a que eram “votadas desde a meninice” e o “escrúpulo da educação”, que as tornavam “imensamente delicadas de corpo e alma”. Neste sentido, a autora afirmava que “a mulher nasceu antes para ser adorada, que conquistada”, de modo que seria forçoso “compreender que a piedade, a tristeza, o sentimentalismo predominam e influenciam sobre a mulher de forma indiscutível e assaz manifesta” (MELO, 1911, p. 193-195).

Voltando ao tema central de “Carta a uma amiga”, a escritora enfatiza as virtudes tanto dos homens delicados, talentosos e ilustrados, mas conclui que “é positivamente compreensível que o homem delicado, na verdadeira acepção da palavra, é o que melhor pode traduzir as exigências do coração feminino”. Para ela, o homem com tal característica era “aquele que não zomba da sensibilidade” feminina, “que estuda o caráter da mulher, os seus gostos, a sua natureza”, sabendo “compreender o amor com todos os seus sacrifícios e heroísmos”. Revocata aponta que tal homem seria aquele que sabe respeitar as crenças femininas, realiza atos cavalheirescos, com “requintes de gentileza” e cerca as mulheres “de um sem número de atenções”. Finalmente, arremata a carta dizendo que o homem “que aliar à delicadeza de maneiras à adorável delicadeza de sentimentos”, não deixaria “de saber traduzir a grandeza de afeto que a nossa alma sabe guardar e dedicar” (MELO, 1911, p. 195-198).

Na expressão de vários de seus pensamentos acerca da sociedade que lhe cercava, Revocata de Melo realiza também algumas homenagens a certas categorias profissionais, como o faz na crônica “O médico”. De acordo com ela, “o médico é por excelência um missionário do bem”, um “apóstolo querido da ciência” e “o homem que faz jus a toda a veneração da sociedade”. Revelando

seus ideais igualitaristas, a autora defende que o bom médico “é aquele que não encontra distinções em sua passagem pelos hospitais, pelas enxergas, pelos tugúrios, pelos palácios, pelas câmaras dos nobres e dos milionários”. Além das questões ligadas à saúde do corpo, a escritora considera que “o médico tem o grande dever de saber uma linguagem toda de coragem”, fortalecendo seus pacientes não só física, mas também mentalmente, atendendo-os independentemente de qualquer circunstância. Segundo ela, “o médico esquece a família, a pátria, o seu bem-estar, os seus mais caros desejos”, com o objetivo de “acudir ao homem que pede-lhe a sua ciência e a sua doce dedicação”, de modo que, “nestas condições”, aquele profissional constitui “um anjo do bem, um pai da humanidade” (MELO, 1911, p. 201-203).

Regras de convivência social em meio à vida familiar são debatidas pela autora em “Os hóspedes”. Em primeiro lugar, ela explica que a chegada de um hóspede pode ser definida como uma calamidade que surpreende a “bem-aventurança e serena paz do lar doméstico”, quando “os hábitos, os gostos e as comodidades são sempre alterados”, pois, na casa, “passa tudo a sofrer mudança”. A escritora lamenta que nem sempre se pode contar com “o bom senso do hóspede”, o qual deve “compreender que é seu dever sujeitar-se ao regime e costumes daqueles sob cujo teto está abrigado”. Ainda assim, ressalta todos os esforços que devem ser empreendidos pela “boa dona de casa”, em nome das “leis da hospitalidade”, mesmo que “a presença de um hóspede” seja comparável “a uma luta pesada do corpo e do espírito, no tranquilo seio do lar”. Apesar do olhar crítico, Revocata abre uma exceção, referindo-se aos hóspedes com quem poderia “ter uma convivência eterna”, por valerem “uma epopeia” e deixarem “uma saudade imorredoura” (MELO, 1911, p. 207-210).

No que tange a detalhes das vivências humanas no campo sentimental, a autora elabora “O ciúme”, afirmando que, “de todos os sentimentos humanos que ferem o coração humano, nenhum tem de certo uma história mais cheia de sangue, de desesperos e crimes” do que aquele que servia de título ao seu texto. De acordo com ela, o ciúme era um “sentimento arrebatado e cruel”, por se lançar “infrene, derrubando tudo como um gênio de destruição” e para corroborar suas ideias lançava mão das impressões de autores franceses como o filósofo Paul Janet e o moralista Jean de La-Bruyère (PERDIGÃO,

1934, p. 198), destacando na “História um sem número de personagens infelicitados por este terrível tentador”. Tentando encontrar algumas de suas motivações, a autora compreende que tal sentimento era inerente ao ser humano, “não havendo quem tenha deixado de derramar a sua lágrima de ciúme, num desespero mudo” (MELO, 1911, p. 213-216).

Outra profissão lembrada por Revocata fica expressa em “A enfermeira”, homenagem a tal categoria profissional, afirmando que a mesma “é uma consolação em meio dos martírios da moléstia”, por ser “capaz de despedaçar essa nuvem de dúvidas e incertezas, que parece pairar sempre em torno do leito dos pobres enfermos”. Demarcando a possibilidade de uma ação profissional para o gênero feminino, segundo a escritora, “o encargo de cuidar de doentes devia ser sempre confiado à mulher”, uma vez que tal tarefa “está mais em harmonia com a sua natureza moldada a um sentimentalismo pouco vulgar no homem”, bem como “é esta uma missão de caridade”, a qual “veio direta de Deus ao coração da mulher”. A autora ressalta várias atitudes elogiáveis na prática da enfermagem e finaliza o texto com a saudação: “Bem hajas tu, boa enfermeira, resignada e amorosa” (MELO, 1911, p. 219-222).

Finalmente, no que tange às sentenças apresentadas por Revocata Heloísa de Melo, que se alternam com os textos em “Cintilas”, a segunda parte do “Primeiro Livro” de *Berilos* elas se aproximam do formato dos axiomas ou máximas que, em poucas palavras, expressam um forma de pensar. Nelas, a escritora reflete a respeito das mais variadas temáticas.

Uma destas frases traz uma correlação entre a passagem do tempo e as tristezas da vida, explicando que o transcorrer temporal não consegue apagar as mazelas e sofrimentos, mas, ao menos, colabora com a resignação, lenitivos para aqueles males. Nesta linha, a autora afirma que “o tempo não consegue apagar nomes nem fisionomias, que docemente se gravam em nosso coração”, mas, apesar disto, ele “tem um grande poder”, uma vez que “estanca as lágrimas e derrama o suave bálsamo da resignação sobre as mais fundas feridas da alma” (MELO, 1911, p. 91).

Também a respeito do tempo, refletindo sobre o devir cronológico e o saudosismo, ela destaca que “invocar o passado é estar em agridoce contato com a saudade”. Ainda quanto à mesma temática, a escritora destaca que “o tempo é igual para todos os homens, estes é que o ocupam de forma

inteiramente diversa”, desta maneira, não seria de admirar “que os frutos colhidos apresentem tão extraordinárias antíteses” (MELO, 1911, p. 147, 191).

Tendo passado por tantas dores e sofrimentos, advindos das tristezas inerentes à vida, mas também pelas constantes perdas familiares e dificuldades enfrentadas por causa dos conflitos bélicos e as possíveis perseguições oriundas do autoritarismo, Revocata de Melo parece ter conseguido assimilá-las e conviver com muitas delas, tanto que pregava um pensamento cheio de resignação, ao afirmar “a dor constitui um dos elos da cadeia da vida” (MELO, 1911, p. 99).

As breves reflexões de Revocata passam também por outro tema bastante caro à sua obra, voltado às inter-relações entre homens e mulheres. Nelas, a escritora revela os tantos encontros e desencontros que descreve ao longo de seus escritos, afirmando que “uma das felicidades da mulher é ver brilhar nos olhos do homem a quem deu o coração, uma lágrima de sentimentos pelos seus infortúnios”. Refletindo sobre a perspectiva de que o amor não tem idade, ela destaca: “em amor todos tem puerilidades, até os velhos” (MELO, 1911, p. 107, 217).

A forte presença da religiosidade é outro condicionante marcante em certos escritos de Revocata de Melo. Vários de seus textos têm alguma invocação à religião, especificamente, à cristandade, de modo que busca valorizar os fundamentos de devoção em detrimento de qualquer perspectiva não-religiosa. Tendo em vista tais ideias, a autora considera que “o ateísmo, roubando-nos essa doce crença nos serve de consolo nas desesperações da vida, materializa o espírito e torna a alma vazia de luz” (MELO, 1911, p. 115).

Educadora durante toda a sua vida, a escritora defende ardorosamente a educação como questão fundamental para o progresso das sociedades e estratégia para possibilitar uma ascensão social. Neste sentido, Revocata traz uma ideia associativa entre o ensino e o igualitarismo, pregando que a instrução deveria ser estendida a todos, independentemente de condições sociais. Este pensamento igualitarista, notadamente no que tange ao aprendizado fica expresso na sentença pela qual “a educação livre, sem distinção de classes, fora de todos esses preconceitos prejudiciais às nações cultas, atesta firmemente o adiantamento moral e social dos povos”. Na mesma linha, e lembrando sua recorrente luta pelo ensino feminino, ela defende que,

“do aperfeiçoamento da educação da mulher, depende a moralidade dos povos (MELO, 1911, p. 121, 171).

Na época da edição de *Berilos*, Revocata de Melo já está tarimbada nas questões de convívio social, e pronta a identificar tantas das mazelas que afligem tal convivência. É o caso de uma pesada crítica que faz à hipocrisia, tão presente na vida em sociedade. Nesta linha, afirma que “mais vale a convivência do indivíduo que patenteia-nos abertamente seu ignóbil caráter, que a do hipócrita iludindo-nos na nossa boa fé”. Segundo a autora, “do primeiro, o golpe não nos pode ferir à traição, do segundo, porém, todo o mal chega-nos de surpresa”. Ainda sobre os males sociais ela tece censuras aos invejosos e caluniadores, sentenciado que “inveja e calúnia são venenos fatais, mas sempre vencidos pela ciência da verdade”. Também no que tange aos convívios em sociedade, Revocata declara: “há rancores que são uma virtude, nobilitam o homem em vez de degradá-lo” (MELO, 1911, p. 127, 163, 211).

Boa parte da vida de Revocata Heloísa de Melo é voltada para variadas práticas de assistência social. Deste modo, utiliza largamente sua ação como escritora pública e seu prestígio como intelectual para promover ações de cunho social. Tais experiências de vida da escritora também está presente em uma de suas sentenças, segundo a qual “pela primeira das ciências, isto é, a ciência da moral, deve o homem guiar-se para cumprir o evangélico dever de ser bom e útil ao próximo”. Em sentido próximo, ela afirma que “uma alma boa, generosa, nobre, é um valioso tesouro no mundo (MELO, 1911, p. 133, 223).

O ambiente natural que tanto serviu de pano de fundo ou mesmo de personagem em muitos dos textos em prosa e em versos ao longo da obra da escritora rio-grandense, muitas vezes ambientados em cenários bucólicos não deixou de se fazer presente na expressão de pensamentos da autora. Desta maneira, ela destaca que “a natureza fala-nos ao coração com mais eloquência que todas as manifestações da arte” (MELO, 1911, p. 141).

Com uma vida inteira destinada ao labor, através das atividades como educadora e jornalista, Revocata valoriza o trabalho, mesmo reconhecendo os limites impostos pelas desigualdades sociais. De acordo com tal ideia, ela afirma que “o trabalho não transpõe o vestibulo das desgraças e privações da miséria, desassombrado percorre imensas áleas, sempre em confraternização com o dever, a justiça e a honestidade” (MELO, 1911, p. 153).

Um dos temas mais recorrentes em suas obras e uma constante em suas vivências pessoais e familiares, a finitude advinda da morte foi algo que esteve sempre presente ao longo da vida da escritora. A respeito do encerramento da existência, ela enfatiza que, “ante a grande solenidade da morte, apagam-se todos os ódios, esquecem-se todas as ofensas, desaparecem todas as máculas” (MELO, 1911, p. 183).

Convivendo com guerras, desastres naturais e hecatombes sociais que assolaram o mundo, tais como os tantos conflitos bélicos nos quais os brasileiros estiveram envolvidos, as tantas intempéries climáticas que afligiam o país, o Rio Grande do Sul e, notadamente a cidade do Rio Grande, com os constantes obstáculos ao movimento de navios, e a fome e miséria advindas da seca no Nordeste, contra a qual inclusive a escritora se mobiliza empreendendo campanhas, deram a Revocata um amplo convívio com quadros catastróficos. Quanto a tudo isto, ela conseguia ver, pelo menos, um fator positivo, ao destacar que “as grandes catástrofes são um vínculo potente a confraternizar os homens, onde desaparecem ódios e distinções, raças e preconceitos” (MELO, 1911, p. 199).

O último dos pensamentos expressos por Revocata Heloísa de Melo no livro *Berilos* está ligado à questão da soberania dos povos. A respeito do tema, traz a reflexão sobre um contexto histórico que vinha marcando a sua existência por diversos anos, ou seja, o autoritarismo castilhistaborgista que domina o Rio Grande do Sul por décadas. A escritora, à sua maneira, combate tal ditadura, de modo que não deixa de questionar sobre tal ausência de liberdades individuais, ao constatar que muito se apregoa “a soberania do povo, porém, antes que ele mostre o seu poderio, suporta as maiores humilhações, parecendo em vez de senhor, escravo”, ou seja, “é uma soberania sem pompas, e sem títulos” (MELO, 1911, p. 205).

Os textos presentes no “Primeiro Livro” de *Berilos* já refletem uma Revocata mais madura. Ainda aparecem certos conteúdos marcados por indícios do Romantismo, mas o conjunto da obra demonstra reflexões aprofundadas em relação à época de *Folhas errantes*. Desta maneira, o amor, a morte e a guerra, por exemplo, permanecem como temáticas recorrentes, porém agora com um olhar voltado a um pensamento mais crítico. Assim, suas “narrativas de caráter reflexivo configuram-se como preleções e representam,

de forma didática, clara e objetiva, tomadas de posição” da autora “em relação a temas contemporâneos, particularmente os que dizem respeito à condição da mulher” (SCHMIDT, 2000, p. 897). A maturidade de Revocata Heloísa de Melo demarcada em *Berilos* demonstra uma autora confiante em expressar mais abertamente algumas de suas convicções.

Estes três livros em destaque permitem uma significativa perspectiva acerca da obra de Revocata Heloísa de Melo, refletindo diferentes momentos da produção bibliográfica da autora. *Folhas errantes* foi seu livro inaugural, escrito no alvorecer de sua carreira, reunindo textos inéditos e parte de sua profícua lavra em meio à imprensa. *Coração de mãe* é uma parceria com a irmã Julieta, inclusive na redação do texto, e traz as suas particularidades por tratar-se de um material voltado à representação teatral. Já *Berilos* é outra parceria com Julieta, mas apenas no plano editorial, pois os textos de cada uma são independentes entre si e, nesta obra, fica bem mais evidenciada uma maturidade da autora em termos de suas vivências e de sua arte de escrever.

3 – UMA INCURSÃO À PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DE REVOCATA DE MELO

A ação de Revocata Heloísa de Melo em meios às atividades jornalísticas fica evidenciada, principalmente, por causa da longevidade, por motivo do periódico *Corimbo*. Mas a sua atuação é bem mais ampla, pois ela escreve em um variado número e gênero de jornais. Por meio de textos em prosa e verso, a escritora colabora com diversos periódicos, pois como é comum à época, os autores utilizam-se da imprensa para divulgar seus escritos, e, na mesma proporção, as publicações jornalísticas têm na colaboração dos intelectuais uma estratégia de atração dos leitores e de promoção e aprimoramento redacional das folhas, principalmente tendo em vista o prestígio cultural que a intelectualidade conta.

A participação de Revocata junto à imprensa é múltipla e dilatada, de modo que a abordagem desta dissertação representa apenas uma incursão à sua produção em termos jornalísticos, ou seja, constitui uma amostragem desta atuação, levando em conta os três principais centros urbanos sul-riograndenses da época – Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre. Os trabalhos da autora em periódicos são incontáveis, de modo que este levantamento leva em conta os jornais literários, a imprensa feminina e outros gêneros jornalísticos, como almanaques, semanários caricatos e diários que circularam naquelas três localidades.

3.1 – Periódicos literários

A imprensa literária evolui consideravelmente no Brasil, notadamente a partir das três décadas finais do século XIX, prosseguindo nas iniciais do seguinte. Os periódicos literários são normalmente frutos da iniciativa dos próprios autores ou de indivíduos ligados à difusão da literatura (SODRÉ, 1999, p. 196-199). Estas publicações “literárias e/ou culturais” não fazem “concessões ao mundanismo”, caracterizando-se “pela intertextualidade marcante” e pelo “predomínio do discurso analítico e crítico”. Elas misturam,

“em proporções bastante diversas, produção e crítica literária, debates estéticos, artigos de análises e opinião a respeito do país e seus dilemas”, além da “produção e divulgação científica” (LUCA, 2013, p. 114).

As revistas literárias chegam a constituir uma moda e elas resultam de uma “conjuntura propícia, definida pelo avanço técnico das gráficas, aumento da população leitora e alto custo do livro” (MARTINS, 2001, p. 40). No Rio Grande do Sul, o jornalismo literário também avulta em importância, de modo que o desenvolvimento da literatura sulina está “intimamente vinculado ao aparecimento da imprensa”, pois tais periódicos exercem “efetiva influência na produção literária” e na sua divulgação, já que “os primeiros autores rio-grandenses recorriam aos órgãos de imprensa devido às grandes dificuldades” encontradas “para a publicação e difusão de suas obras” (BAUMGARTEN; SILVEIRA, 1980, p. 12).

Deste modo, “esses jornais tiveram fundamental importância para o enriquecimento cultural sul-rio-grandense, permitindo uma maior popularização da literatura local e regional” (ALVES, 2005, p. 32). Esta imprensa “inspirada e atuante” anima “a vida intelectual da província” e infunde “vigor e sentido singular no processo” de evolução das letras no Rio Grande do Sul. Apesar “de acidentes de variada origem” este jornalismo “teve seu desenvolvimento impulsionado e assegurado por força de uma ação continuada e construtiva”, a qual lhe confere “realce e importância” (FERREIRA, 1975, p. 13).

De maneira crescente, o jornalismo tradicional, político e comercial, vai dando espaço também à existência de uma imprensa especializada, em meio a qual se destacou o periodismo literário, visando a atender interesses por leitura, voltados à cultura, às ciências e às humanidades, de modo que as folhas literárias progridem em tal “contexto social, especializando-se progressivamente no atendimento dessas novas necessidades” (RÜDIGER, 2003, p. 59-60). Em tais publicações são divulgados trabalhos de alguns dos mais importantes autores gaúchos, “bem como romances, contos, textos críticos e correspondência” entre os representantes da intelectualidade ligada “ao movimento cultural” sulino (BAUMGARTEN, 1982, p. 26-27).

Revocata Heloísa de Melo é uma destas intelectuais que atua intensamente junto à imprensa literária sul-rio-grandense. Um dos primeiros escritos da autora em tal gênero jornalístico ocorre exatamente numa das mais

relevantes publicações literárias do Rio Grande do Sul, a *Revista do Partenon Literário*. Foi “a Sociedade Partenon Literário a agremiação que publicou o mais conhecido e importante dos periódicos, a *Revista Mensal* (1869-1879), tornando-se o verdadeiro marco iniciador da literatura do Rio Grande do Sul”. Tal periódico fica reconhecido “pelo alcance de seus textos” em termos geográficos, pela presença de “sócios-correspondentes nas principais cidades” gaúchas e brasileiras, “o que fazia com que ele se espalhasse com rapidez por diferentes recantos” e por atuar “agrupando os principais nomes da literatura local da época” (PÓVOAS, 2004, v. 1, p. 74, 101, 106).

As mulheres tiveram seu espaço garantido na *Revista do Partenon Literário*, “numa significativa antecipação aos resultados que se colheriam na campanha da emancipação feminina, francamente apoiada pela agremiação” (FERREIRA, 1975, p. 58). Assim, “o naípe feminino representa uma das importantes contribuições do Partenon”, ao possibilitar a “efetiva participação das mulheres nas mais diversas questões sociais, fato que era raro na segunda metade do século XIX” (PÓVOAS, 2004, v.1, p. 107). Dentre as colaborações elaboradas por mulheres nas páginas desta publicação, Revocata Heloísa de Melo foi “a única representante feminina a publicar uma narrativa” mais extensa (SCHITZ, 2002, p. 76).

Na *Revista Mensal*, Revocata publica “O solitário do mirante”, texto datado com o ano de 1873. Tal conto foi republicado no livro *Folhas errantes*¹¹, em 1882, e é embasado na triste história de um rapaz que optou pelo autoexílio da solidão, após perder o seu amor, convivendo com a “sempre constante lembrança de sua noiva” até que, já com a existência abalada, também veio a morrer como “um mártir do amor” (REVISTA DO PARTENON LITERÁRIO, ago. 1874, p. 78-83). No conto, “a combinação amor e morte representa o exagero totalmente possível, já que ficou dito que morrer de amor também é transcender” (SCHITZ, 2002, p. 82).

Álbum Literário é o título de uma publicação literária que circulou na cidade de Pelotas em meados dos anos 1870 e na qual Revocata Heloísa de Melo teve participação, chegando a ser incluída, no cabeçalho como uma das colaboradoras da folha (ÁLBUM LITERÁRIO, 17 maio 1875, p. 1). Ao

¹¹ Ver capítulo 2 desta dissertação.

apresentar-se, este periódico afirma pretender jamais abusar “dos tipos para exercer vingança, nem vibrar ofensas ou calúnias” e, para tanto diz contar “com o concurso poderoso de robustas inteligências e reconhecida ilustração”. Desta maneira declara que sua meta é a de se elevar “à conveniente altura no grande mundo das letras” para bem merecer a atenção “dos seus desvelados protetores” (ÁLBUM LITERÁRIO, 1 mar. 1875, p. 1).

As participações de Revocata nas páginas do *Álbum Literário* são todas em versos. O primeiro destes poemas não tem título, é datado de março de 1875, e traz a perspectiva do sentimento romântico, comparando a saudade e a vida amorosa com as forças e belezas da natureza:

Quando alta noite em cogitar profundo,
Iluminar-te os sonhos vaporosos
À luz da inspiração;
E a merencória sombra da saudade,
Do passado lembrar-te as gratas horas;
Perscruta o coração!

Quando as brisas passarem suspirosas,
Trazendo-te em seu giro descuidoso
Uma pétala de flor;
Lembra alguém que te sagra puro afeto,
E que indelével escreveu teu nome,
Na página do amor!...

Quando as brumas da hora do crepúsculo
Envolverem as róseas lindas nuvens
E o céu de puro anil:
Quando o triste gemer do campanário,
Engolfar-te nas cismas langorosas;
Fita um prisma gentil!

Quando as saudosas virações marinhas
Enlaçarem às crenças prediletas,
Que embalam teu sentir
E o pensamento qual condor que sobe
Alar-se às amplidões da fantasia;
Medita no porvir!...

Deixa então que a imagem do passado
Suspenda o áureo véu de teus sonhos;
Ah! lembra-te daqui!
Pois também a minha alma estremecida
Muitas vezes se lança em mar de cismas,
Lembrando-se de ti! (ÁLBUM LITERÁRIO, 26 abr. 1875, p. 35)

Outro poema publicado pela escritora no *Álbum Literário* tem por data apenas o ano de 1875, e apresenta por título “Vigília”, invocando um dos temas prediletos da autora – a finitude da vida. Nos versos, Revocata compara o

adormecer com a morte e os horrores que podem vir na forma de pesadelos imaginários ou reais, ameaçando a existência. Permanece no poema um tom soturno e meditabundo bem apropriado no ato de encarar o encerramento da vida:

Da noite, às horas de mortal silêncio
Labuto em ânsias de vigília e dor,
E a fantasia sem os sonhos de ouro,
Pinta-me a vida num painel de horror!

Coberta a fronte dum livor funesto,
Vertiginoso e empanado o olhar,
Lábios trementes implorando a morte,
Qual termo certo de cruel penar.

Em lentos passos a cruzar a alcova,
Fronte caída num fatal langor;
Braços pendidos, os cabelos soltos,
Compridas vestes de funérea cor:

Lágrima ardente, que sulcando a face,
Diz que, perdida a mocidade está;
E que as quimeras dum viver de esperança,
Alma de ferro sepultou-as já...

Aí sofro as horas de martírio infindo,
Sem que nas trevas me lampeja a luz!...
Busca minha alma, divinal sossego;
Meu corpo junto de funérea cruz! (ÁLBUM LITERÁRIO, 3 maio 1875, p. 38-39)

A temática amorosa retorna aos versos inseridos pela poetisa nas páginas do *Álbum Literário*. Eles tinham por título “As letras” e eram datados de 29 de abril de 1875. O mote é o ato romântico tão conhecido de gravar o nome do amado no tronco de uma árvore, mas, partindo dessa premissa, a escritora faz uma analogia, a partir da passagem do tempo, entre o apagamento das letras gravadas e o desaparecimento do próprio sentimento:

No frágil tronco do jasmíneo arbusto
Teu doce nome com fervor gravei,
Cresceu a planta, arrebatou-me as letras,
Que tantas vezes com amor beijei!

Depois em tarde que não longe vai,
Sob esse arbusto me lembrei de ti;
E de uma noite de eternal lembrança,
A feliz data fui gravar ali;

Mas quando ontem quis de novo lê-la,
Busquei-a embalde, não estava ali;
Ah é presságio se apagou a data,
Meu Deus, quem sabe, teu amor perdi?! (ÁLBUM LITERÁRIO, 10 maio 1875, p. 44)

Um dos termos preferidos de Revocata e presente em muitos de seus escritos notadamente aqueles dos anos 1870 e 1880 – “cismar” – constitui a chave de fechamento de um poema sem título que ela publica no *Álbum Literário*. Os versos trazem um olhar perdido e saudoso que mostra o ambiente em detalhes, inter-relacionando os sentimentos com a paisagem. O pensamento e a imaginação, cheios de melancolia, pairam sobre aquele que se põe a cismar:

Quando a tarde descamba saudosa
Se envolvendo na plúmbea mantilha,
Quando o sol indolente repousa
E só reina das noites à filha,

Quando o toque das Ave-Marias,
Vem lembrar-nos a grata oração,
E plangente falar-nos de sonhos
Ideado por leda paixão;

Quando ao longe na praia deserta
Vem rouquenha bater a maré,
E os cachopos que surgem sombrios,
Se assemelham a vultos de pé.

Quando a brisa de leve perpassa
Espalhando os suaves odores,
Quando a folha de denso arvoredo,
De mansinho secretam amores;

Eu então recostada à janela;
Me parece teu canto escutar;
E com a face pendida na destra,
Passo as horas num fundo cismar! (ÁLBUM LITERÁRIO, 31 maio 1875, p. 56)

Outra das publicações de natureza literária em que Revocata insere textos de sua autoria foi o periódico pelotense *Progresso Literário*, que circulou na segunda metade dos anos 1870. Com base em seu título, ao publicar seu programa a folha afirma que “não é unicamente pelo desenvolvimento material que se deve ajuizar do progresso de uma cidade, de um povo ou de uma nação”, devendo também ser levado em conta o “desenvolvimento literário” em prol da “marcha da civilização”. O semanário ressalta a importância das letras para “a instrução de todas as camadas sociais”, de modo que, através dela, “o povo pode conhecer os seus direitos e os seus deveres”. O jornal se anuncia como “exclusivamente literário e recreativo”, voltando-se “a todos os amantes da boa literatura” e contando com a colaboração daqueles que “tenham a peito

o desenvolvimento das letras”, rogando que fossem “abençoadas as letras e os seus infatigáveis cultores” (PROGRESSO LITERÁRIO, 4 fev. 1877, p. 1-2).

Já na sua segunda edição, o *Progresso Literário* anuncia alguns dos nomes de seus colaboradores e, dentre eles, encontram-se os das irmãs Melo (PROGRESSO LITERÁRIO, 11 fev. 1877, p. 1). Em tal hebdomadário literato publicou “Lúcia”, descrevendo melancolicamente a trágica vida da personagem. Este texto viria a ser incorporado, alguns anos depois, ao conteúdo do livro *Folhas errantes*¹² (PROGRESSO LITERÁRIO, 22 abr. 1877, p. 1). Em outra edição do *Progresso Literário*, Revocata publica um poema encomiástico, alusivo “ao aniversário do distinto poeta” Lobo da Costa, não poupando adjetivos ao escritor sul-rio-grandense:

Hoje entre cores de esplendente rosa
A estrela d'alva deslumbrou no céu,
Surgiu na esfera em luminoso disco
Dourando as fimbrias de azulado véu.

Além dos ares, de harmonia eólia
Soaram notas de sublime canto.
Harpas vibradas por celestes gênios
Vagos perfumes de ignoto encanto.

O bosque, a brisa, a suspirosa forte
Lírios da encosta, o jasmineiro em flor,
Ricos de seiva, de perfume e galas!
Deram hosanas ao gentil cantor;

Ao inspirado do país das musas,
Gênio fadado para a luz da glória,
Raio de um astro que ilumina a pátria;
Florão brilhante do porvir na história!...

Ó salve! Salve! Teu nodal florente,
Bardo coroadado por condão divino,
A ti que enlevas nessa lira de ouro,
Que em cada nota repercute um hino.

Aceita o culto que rojar-te as plantas
Quis submisso, mas feliz também,
Pobre das luzes que o talento esparze,
Só tem as flores que desta alma vem! (PROGRESSO LITERÁRIO, 15 jul. 1877, p. 7)

Uma década depois, o *Progresso Literário* tem uma segunda fase e nesta também Revocata de Melo se faz presente, com a publicação do texto “A

¹² Ver capítulo 2 desta dissertação.

educação no lar”¹³. Em tal escrito a autora realiza uma preleção a respeito da importância do papel familiar na formação das crianças. Ela salienta que para tanto lhe falta não só “esclarecimentos de espírito”, quanto “a precisa prática”, mas, ainda assim, insiste em abordar “esse melindroso tema”, naquela “familiar palestra com as nossas benévolas leitoras”. A escritora justifica sua perseverança em discutir o assunto tendo em vista o papel da família e notadamente das mães para a realização da educação praticada nos lares. Para justificar suas afirmações, Revocata lança mão de citações do escritor e jornalista brasileiro Bernardo Saturnino da Veiga, acerca da necessidade de, ainda no lar, combater “as fraquezas de espírito” e propagar a “energia moral”. A partir daí, a articulista valoriza o papel dos exemplos a serem dados à infância, do estímulo ao trabalho e da “acurada educação moral”, como pontos essenciais na realização da educação no lar (PROGRESSO LITERÁRIO, 12 ago. 1888, p. 2-3).

Ainda no *Progresso Literário*, Revocata publica “Lopes Trovão” um texto panegírico ao jornalista e político brasileiro, defensor do pensamento republicano, José Lopes da Silva Trovão. O personagem era exaltado em seu retorno ao país, vindo da Europa e apontado como “democrata convicto” que sustenta “uma mesma crença” e “uma mesma convicção”, estando “à altura de merecer a vassalagem pública”. Além disto, a escritora ressalta a importância de salientar “o grande propagandista que em ativa e constante luta, por uma mesma ideia, reúne a sublimidade da palavra”, despertando o “mais vivo entusiasmo” e promovendo “a conquista da alma popular”. Segundo a autora, Lopes Trovão prosseguiria “glorificando a pátria”, de maneira que “um dia a História saberá fazer conhecer” a “grandeza” de seu “patriotismo” (PROGRESSO LITERÁRIO, 2 dez. 1888, p. 6-7). Naquele momento histórico, Revocata mostra-se aberta a novas experiências ideológicas ao elogiar uma liderança republicana.

Revocata Heloísa de Melo também marca a sua presença na imprensa literária da capital da Província, como foi o caso de *O Lábaro*, que circula em Porto Alegre no início dos anos 1880. No cabeçalho aparece “semanário científico e literário” e, ao apresentar “As nossas ideias”, o jornal, define sua

¹³ Texto completo nos anexos.

“profissão de fé”, projetando “hastear na craveira luminosa da civilização” um periódico que expressasse suas crenças, “apoiado nas verdades do positivismo”. Deste modo, a folha pretende olhar “pelo telescópio da ciência” e, “compulsando as doutrinas filosóficas” chegar “à conclusão lógica dos fatos” (O LÁBARO, 10 out. 1880, p. 1).

Apesar da busca por tal orientação, a publicação porto-alegrense não chega a afirmar-se como folha científica ou mesmo de cunho positivista, mas se torna um “periódico literário de apreciável presença nas esferas intelectuais da Província” para o qual houve a “colaboração de vários nomes da época, alguns já feitos, outros de estreantes promissores, mas todos bastante assíduos em suas colunas”. Assim, “nas colunas do *Lábaro* predominam as criações de caráter apenas literário, raramente encontrando-se ali estudos científicos ou ensaios filosóficos” (FERREIRA, 1975, p. 127, 129).

No *Lábaro*, Revocata de Melo publica “Uma tarde tempestuosa”, texto dedicado à sua irmã Julieta de Melo Monteiro e apresentando uma descrição minuciosa e romantizada de uma virada nas condições do tempo, da tormenta à bonança. Tal texto, assinado com o pseudônimo Hermengarda, viria a ser reproduzido no livro *Folhas errantes* (O LÁBARO, 26 dez. 1880, p. 1-2). Também utilizando o mesmo pseudônimo, a escritora apresenta na folha porto-alegrense o texto intitulado “Lúcia”, retratando mais uma vez os desencontros amorosos. O destino do conto “Lúcia” foi também ser republicado em *Folhas errantes*¹⁴. No “Livro de registro”, com o qual *O Lábaro* apresenta as matérias publicadas naquele número, o periódico informa que este último texto é “assinado por uma talentosa rio-grandense, cujo nome já está por demais conhecido na literatura” (O LÁBARO, 16 jan. 1881, p. 1-2).

Em época próxima, Revocata colabora com outra “publicação literária, crítica e instrutiva” porto-alegrense, a *Revista Literária*. Em sua apresentação, a folha diz mostrar-se “na arena da imprensa, modesta, vazia de pretensões, tão só com o objetivo de abrir caminho” para uma “mocidade brilhante do Rio Grande e recolher as produções com que ela dia a dia ornamenta a literatura pátria”. O periódico afirma que “aceita a colaboração de todas as pessoas que se consagram às letras” e solicita o concurso dos “laboriosos moços que na

¹⁴ Ver capítulo 2 desta dissertação.

imprensa e na tribuna têm dado tão levantada ideia de suas felizes aptidões”, contribuindo com “o esforço de cada um” para “firmar a sua existência no grande cenário das letras” (REVISTA LITERÁRIA, 6 fev. 1881, p. 1). Tal apelo da redação “encontra franca receptividade da parte de seus colegas e em torno da *Revista* se agrupam vários colaboradores” (FERREIRA, 1975, p. 131).

Dentre tais colaborações aparecem as de Revocata, com os textos “Romance de uma noite”, abordando uma paixão com final trágico, e “Uma luta”, versando sobre uma busca em direção a um amor impossível, ambos reeditados posteriormente no livro *Folhas errantes* (REVISTA LITERÁRIA, 4 set. 1881, p. 243-244; 20 nov. 1881, p. 314-315). Também na *Revista Literária*, a escritora manifesta seu gosto pelas artes musicais e, como fizera em prosa nas páginas da *Violeta* e de *Folhas errantes*¹⁵, enaltece “A música”, através de intensos versos que constituem verdadeiro manifesto de admiração e apresentam a importância da música em termos universais e ao longo da história:

Das artes luminosas é ela o ideal,
Levando o pensamento aos páramos sem fim,
Ao lado do progresso, esplêndido fanal,
Arrasta triunfante o manto de cetim!

Às vezes como um sonho, um floco alvinitente,
Desliza mais suave que as auras de Cedron;
Atrai a fantasia, seduz a toda a gente,
Bem como os sons divinos da lira de Anfion:

Gentil e delirante caminha ruidosa
Em meio à população, às grandes ovações,
Aí saúda a turba ufana e majestosa,
Seguindo a vozeria que vai nas multidões.

Ao lado dos heróis, dos gênios inspirados,
Em cântico festivo, em marchas funerais;
Na choça da serrana, nos campos floreados,
Também ela aparece em ternos madrigais.

Tão bela como a luz de noites argentadas
Derrama nos cismares poesia em turbilhões,
E sempre nos conduz às regiões doiradas
Enchendo de mistério o mundo das visões;

Foi musa que enflorou o lar de Paganini,
De Weber e Durante fiel constelação;
Saudou a Donizetti e à pálida Rimini
Sonoras harmonias da vasta criação.

¹⁵ Ver capítulo 2 desta dissertação.

Bellini o pensador sonhou em seu regaço,
Verdi deveu-lhe a glória imensa de encantar,
Tarquínia a poetisa cingiu-a num abraço,
Bebendo inspirações na luz de seu olhar.

Além da bela Itália, país das serenatas.
Sorri-se ao *lazzaroni* e aos Doges nos salões,
Na feiticeira gôndola em meio das volatas
Tem visto muita vez a chama dos vulcões.

Passou a idade média, as épocas lendárias,
Levando pelo braço os divos menestréis;
Envolta na beleza, em roupas argentárias,
Cingida pela coroa de vívidos lauréis!

E em todas as nações, antigas e modernas,
É vista como a Déa dos sonhos divinais;
Ostenta-se ao clarão de fúlgidas luzernas,
Eleva-se às alturas, revoa em espirais! (REVISTA LITERÁRIA, 11 set. 1881, p. 251)

No início dos anos 1880, Revocata de Melo publica vários textos na folha pelotense *Tribuna Literária*. Em sua apresentação, tal periódico afirma que nascera “para defender a causa das letras e das ciências”, destacando que “seu programa é bem simples”, e declarando que, “como órgão das ideias novas, não vem impor-se a quem quer que seja, mas tão somente desenvolver e cumprir a missão de que se incumbiu”, ou seja, “demonstrar a necessidade das educações literária e científica no teatro da vida humana em pleno século XIX”. Assim, o jornal literário define que, “despretensioso, pretende cumprir um dever – educar” (TRIBUNA LITERÁRIA, 1 jan. 1882, p. 1).

Como era comum à época, a *Tribuna Literária* juntou uma série de intelectuais para realizar uma “edição especial consagrada à Gemma Cuniberti”, “uma menina de extraordinárias qualidades teatrais” que naqueles primeiros anos da década de 1880 estrela várias peças no Brasil (SANDRONI, 1989, p. 14). Neste número, Revocata contribui com um texto em prosa, no qual enaltece a atriz, apontando a mesma como um “meteoro deslumbrador”, que, em sua “rápida passagem, enleva, arrebatada, deixando imorredoura impressão”, ou ainda como uma “assombrosa criança” que merecia o “panteão da posteridade” (TRIBUNA LITERÁRIA, 14 mar. 1882, p. 2). Além disso, a escritora rio-grandense apresenta um poema de circunstância homenageando a artista em pauta:

Gemma! estrela italiana
Raio de esplêndida luz,
De teu ser inteiro emana
Imã que prende, seduz.

O gênio, a glória, o talento
Foram beijar-te ao nascer?
Responde, artista portento,
Quem deu-te tanto saber?

Num sol de raio brilhante
Vieste, filha de Deus?
Dize, esmeralda gigante
Sonho dos anjos dos céus!

Por que soluçam as turbas
Quando tu choras, ó flor?
Por que é que as almas perturbas
Quando proferes – amor –?

Acaso em mundos mais belos
Viram teus olhos o sol?
Antes de teres anelos
Foste apurada em crisol?

Dize, estrela italiana,
Glória do século da luz!
Dize, gentil soberana:
Quem tal mistério traduz? (TRIBUNA LITERÁRIA, 14 mar. 1882, p. 3)

Outra colaboração de Revocata com a *Tribuna Literária*, na forma de poema, se dá com os versos intitulados “Jamais”. A escritora traz ao público o tema da passagem do tempo e a impossibilidade da recuperação de muito daquilo que ficou atrelado ao passado, julgando que tal tentativa é inútil, devendo os indivíduos procurar uma nova “jornada”:

É loucura buscar entre cinzas
Avivar um calor que morreu,
Não revive uma chama abafada
Nem o lírio que ao sol feneceu.

É em vão tentar ler o que o tempo
Na passagem com ânsia apagou;
Ah! não torna para junto do galho
Uma flor que a nortada levou...

Viandante, prossegue a jornada,
Vai, procura outro oásis, além,
Acharás uma sombra bendita
Onde a esperança floresça também. (TRIBUNA LITERÁRIA, 23 abr. 1882, p. 3)

Um periódico que conta com significativa participação de Revocata de Melo é o *Arauto das Letras*, folha literária editada na cidade do Rio Grande nos primeiros anos da década de 1880 e dirigida pelo irmão Otaviano. As irmãs Melo têm inclusive seus nomes estampados no cabeçalho do jornal, integrando a lista de colaboradoras da publicação. Na apresentação, o *Arauto* define que o seu fim é “o cultivo das letras”, anunciando que as suas “colunas se acharão constantemente à disposição de todos os nossos conterrâneos que quiserem dar expansão à sua imaginação” e “ao seu espírito”. Além disso, o jornal proclama que “a nossa bandeira será sempre a liberdade pela instrução” (ARAUTO DAS LETRAS, 6 ago. 1882, p. 1).

Delírios e fantasias expressos por meio de um desvanecimento poético são apresentados em “Devaneios”, um poema presente nas páginas do *Arauto das Letras*, com o qual Revocata de Melo traz ao público suas tantas “cismas”, com certa interação entre sonoridades, cores e sensações:

Voguemos sim ao palpitar das cismas,
Soltas as velas ao soprar do sul,
Vamos em busca de almejado porto
Sob horizontes de perene azul;

Das fantasias aos gentis relentos
Entrelacemos os suspiros meus;
Solta os cantares menestrel saudoso
Enquanto a arensa nos aponta os céus;

Eia, escutemos o quebrar das vagas
Dentre as espumas de arredondado véu
E o som queixoso de longínqua flauta
Envolto às vozes do alaúde teu.

Além doirando do porvir os serros
Vê como aurora despertando vem;
Em breve aos raios de outro sol mais belo
Nossas esperanças brilharão também! (ARAUTO DAS LETRAS, 13 ago. 1882, p. 4)

Ainda nos primeiros números do *Arauto das Letras*, Revocata reedita o seu artigo “A mulher e os seus direitos”, o qual já fora publicado na *Violeta*. Nesta versão, entretanto, há um acréscimo de dois parágrafos escritos logo antes do fechamento do texto. Tal trecho diz que “é da ordem, da atividade e inteligência da mulher, que mais depende o engrandecimento do lar, pois que os bons exemplos das mães são o espelho constante que os filhos têm diante de si”. Insistindo na questão da educação feminina, a autora questiona “quem

mais no caso de desenvolver nos espíritos vacilantes, que a mulher instruída, sensível, senhora de educação sólida”, que poderia “estender-se aos conhecimentos que imperam na vida doméstica da sociedade?”¹⁶. A reedição do artigo não deixa de ser um reforço da escritora em torno dos princípios que pretende difundir (ARAUTO DAS LETRAS, 20 ago. 1882, p. 1-2).

No âmbito da sintonia que por vezes havia entre os intelectuais, em constante sistema de dedicatórias, reciprocidades ou homenagens mútuas, as irmãs Melo em muito incorrem em tal prática, inclusive entre elas mesmas. Neste sentido, Revocata elabora o poema “Não te esqueças de mim”, em resposta aos versos homônimos anteriormente a ela dedicados pela irmã Julieta. O poema publicado no *Arauto das Letras* traz em si a essência de um perene amor fraternal que se manifesta ao longo de toda a existência conjunta de ambas e que se prolonga além, mesmo após a morte de Julieta:

Não te esqueças de mim quando de noite
Gemer a vaga num tristonho encanto,
E a cantiga do rude marinheiro
Do teu peito acordar dorido pranto.

Não te esqueças de mim quando à tardinha
Caírem da neblina os brancos véus
E plangentes descer no campanário
Convidando a mandar preces ao céu.

Quando de noite ao soluçar da aragem
A voz soltares num tristonho canto,
Lembra-te os sonhos de amoroso enleio,
Não te esqueças de mim que te amo tanto.

Não te esqueças de mim quando meus olhos
Com os gelos da mortalha se quedarem,
Quando as flores que coroam os finados
Junto a cruz de meu leito se enlaçarem.

E mais tarde, esquecido do passado
Volvido o tempo consumir-te o pranto,
Guarda eu te peço uma saudade ao menos
Não te esqueças de mim que te amo tanto. (ARAUTO DAS LETRAS, 20 ago. 1882, p. 4)

A partir da lembrança da perda da mãe, Revocata apresenta ao leitor do *Arauto das Letras* certas nuances de uma amargura que agita seu ser, encravada no corpo e na alma, falando de uma “Insônia da alma”. O âmago do soneto é uma analogia entre o dormir e o morrer:

¹⁶ Texto completo nos anexos.

Dorme o manto de estrelas cintilantes,
Dorme a noite num leito de neblinas,
Dorme a lua entre pálidas cortinas,
Dorme a crença no seio dos amantes,

Dorme alcião no berço das ondinas,
Dormem no céu os astros fulgurantes,
Dorme a tristeza das canções errantes,
Dormem lampírios nas gentis boninas;

Dorme entre arminhos a criança linda,
Dorme a poesia a peregrina infinda,
Dormem abismos nas soidões do mar

E então a ideia em turbilhão de cismas
Vai da vigília pelos vastos prismas,
Buscar abrigo num sonhado lar. (ARAUTO DAS LETRAS 7 jan. 1883, p. 3)

Um dos poucos textos em prosa que Revocata de Melo escreve no *Arauto das Letras* é uma saudação laudatória à atriz menina Francisca Julieta dos Santos, gaúcha, natural do Alegrete e que, à época contava apenas dez anos de idade (FONTES, 1998, p. 3). Em “Julieta dos Santos”, a escritora dirige-se à “mocidade vulcânica, pronta a precipitar-se em face dos notáveis acontecimentos, inflamada pelo ardor dos trópicos”, conclamando-a a “levantar um suntuoso pedestal para a diletta filha dos indômitos pampas”. Segundo ela, “os cultores do belo e grandioso” viriam a “coroar os progressos”, proclamando a jovem atriz como “soberana dos proscênios” (ARAUTO DAS LETRAS, 22 abr. 1883, p. 1-2).

Ainda em prosa nas páginas do *Arauto das Letras*, Revocata faz uma homenagem à “arte” para a qual dedica toda a sua vida, com o texto “A imprensa”. Segundo ela, “de todas as grandes invenções que fulguram no decorrer dos séculos é, sem dúvida alguma a imprensa a de mais aquilatado valor”, por representar “uma inquebrantável alavanca do progresso das nações”. Buscando historiar o tema abordado, a escritora define que, “como uma aurora nuncia de grandiosa e civilizadora marcha”, a imprensa “surgiu na nevoenta Alemanha” e, desde então, derramara “luz por todos os povos”, apresentando-se ao mundo “como fiel intérprete das ideias” e “a base principal para o desenvolvimento intelectual e social” (ARAUTO DAS LETRAS, 7 jun. 1883, p. 1).

Em prosseguimento de sua louvação à imprensa, a autora destaca que tal atividade “lançou a semente prometedora de abundante colheita nos conhecimentos das ciências, artes e indústrias”, vindo a “desfraldar nas ameias do futuro um rutilante estandarte”. Ainda sobre a ação da imprensa, Revocata afirma que ela “registra os mais grandiosos feitos”, imortaliza os “imponentes vultos” da história, luta “sempre em prol da humanidade”, leva em frente “o conhecimento e a educação moral e espiritual”, defende os “direitos do povo” e “sustenta as renhidas polêmicas que tanto ilustram as inteligências” (ARAUTO DAS LETRAS, 7 jun. 1883, p. 1).

Para a escritora rio-grandense, a imprensa conquistara “popularidade e entusiasmo”, os quais sintetizavam “a glória das nações”, agindo como “um abençoado santelmo que dardeja abismos, dissipando encadeadas sombras” e constituindo, portanto, “um luminoso invento”, caminhando ao lado de tantos outros que servem como “braços do progresso”. Ao concluir, Revocata mantém o tom de aclamação, destacando que “o nome de Gutemberg será repetido em todas as idades”, tendo em vista que, a partir “de sua grande obra, nasceu o livro e o jornal, poderosos baluartes da arena civilizadora de todos os países” (ARAUTO DAS LETRAS, 7 jun. 1883, p. 1).

Em sua última colaboração com o *Arauto das Letras*, a dor pela perda da mãe retorna aos versos de Revocata de Melo. O poema “O rosário dela” tem por dedicatória “Aos meus irmãos”, revelando que a poetisa divide com eles as angústias pela morte de sua progenitora. No soneto, ela relembra de passagens de sua vida e de momentos compartilhados com a figura materna:

Quantas vezes à noite, entristecida,
Sozinha ali à luz do lampadário,
Eu relembro essa era tão querida,
E choro contemplando este rosário.

Parece-me então vê-la junto ao leito,
Fitar-nos com tristeza e comoção;
E apertando o rosário contra o peito,
Dilatar-se ao fervor da devoção.

Depois empalidecida e suspirosa
Quem sabe numa cisma dolorosa
Unir aquelas mão de alvo cetim.

Depondo a cabeceira ao pé de Cristo,
Envolta da esperança em doce misto
O seu branco rosário de marfim. (ARAUTO DAS LETRAS, 7 jun. 1883, p. 2)

O *Pervígil*, editado na cidade de Pelotas no início dos anos 1880 foi outro dos periódicos literários com o qual Revocata colabora. Em seu programa, *O Pervígil* – cujo título lembra a pessoa que não dorme, o insone, em alusão ao intelectual que vara as noites em contato com as musas literárias – afirma que se apresentava “na confederação jornalística”, para ocupar “o mais modesto dos lugares”. A folha destaca que pretendia “levar o concurso de seus labores a grande causa moral social, cujo escopo é civilizar para progredir sem pretensões injustificáveis”, já que tinha “apenas o alento que provém da esperança de poder ser agradável quando não possa ser útil”. O semanário enfatiza sua busca em tratar “de todos assuntos, de todas as teses, sem entrar em profunda e detida análise, pois para tanto não tem forças” e, sem fazer “prevenções, proclama a necessidade da polêmica na altura do sublime apostolado que engrandece todos os povos cultos” (O PERVÍGIL, 2 jul. 1882, p. 1).

No *Pervígil*, Revocata de Melo publica o texto “Sempre”, apresentando por data novembro de 1881. Tal texto, que versa sobre “uma profunda saudade” sentida em relação aos tempos de infância, viria a ser inserido pouco depois das páginas do livro *Folhas errantes*, confirmando aquilo que a própria autora relatara na obra em questão, ao destacar que em tal publicação houvera a inclusão de textos editados junto à imprensa periódica¹⁷ (O PERVÍGIL, 21 jan. 1883, p. 2).

Mais tarde, ao final dos anos 1910, Revocata ainda tem importante participação em uma revista mensal literária fundada na cidade do Rio Grande. O *Tudo* tem por objetivo tratar de uma temática ampla, envolvendo “artes, letras, ciências, história, comércio, política em dosagem comedida, vida social e modas”. Em seu primeiro número, a publicação anuncia a meta de ser um “magazine” sem “predileções doutrinárias”, trazendo “todas as manifestações da inteligência humana, no estudo dos múltiplos problemas da vida, na explanação dos respectivos ideais” e “no culto dos respectivos credos” (TUDO, 15 jun. 1919, a. 1, n. 1, p. 3).

A relevância de Revocata de Melo no cenário literário e cultural fica bem evidenciada na publicação do *Tudo*, uma vez que é de sua autoria o primeiro

¹⁷ Ver capítulo 2 desta dissertação.

texto editado nas páginas do mensário, após o editorial inaugural. Para esta edição original ela escreve “Um traço histórico”, com o objetivo de exaltar a “epopeia sublime” da Revolução Farroupilha. Para ela, tal evento fora um “momento heroico, que recebeu o batismo de sangue dos indômitos filhos das coxilhas deste sul amado”. A autora sustenta que aquela revolução “guarda tantos e tantos feitos de assombroso valor”, de modo que não se poderia ver “na história dos povos, mais belos, mais vibrantes, mais nobres e abnegados lances de ardor guerreiro e patriótico” (TUDO, 15 jun. 1919, a. 1, n. 1, p. 4).

Seguindo em sua meta de enaltecimento da Revolução de 1835, Revocata afirma que naquela época ocorrera “um incontestável explodir de sentimentos generosos, de pronunciamentos de caráter, de altivez inconfundível, fazendo da guerra farroupilha, a verdadeira revolta popular”. Ela considera que os “antepassados de 35” foram “de uma coragem única, de um assombro indomável”, pois aqueles “centauros da liberdade” sacrificaram “tudo pela liberdade do torrão natal” e “foram sublimes nessa abnegação sem exemplos”. Neste sentido, a escritora, como veneradora “dessas tradições heroicas”, manifesta seu orgulho de haver “nascido de tão poderosos troncos” (TUDO, 15 jun. 1919, a. 1, n. 1, p. 4).

A Revolução Farroupilha constitui um evento histórico que foi reavivado na memória dos gaúchos a partir de literatos e historiadores que, como Revocata, defendem que tal revolta fora a antecipadora dos ideais republicanos no Rio Grande do Sul. Além disso, tanto castilhistas quanto federalistas reivindicam as heranças farroupilhas e a escritora não deixa de mostrar nas entrelinhas que, naquele conflito, ela é partidária dos oposicionistas. Nesta perspectiva, ela afirma que o movimento de 1835 “foi o mais vivo atestado da natureza indômita, potente, dos bravos gaúchos”, os quais, “em tempo algum”, desmentem “as suas exemplificadoras aspirações liberais, num ensinamento nobilíssimo que não se deve apagar da alma popular”. Ou seja, na sua concepção, tais quais os federalistas fizeram, cinquenta anos depois da Farroupilha, os gaúchos deveriam continuar lutando pela liberdade e contra o autoritarismo (TUDO, 15 jun. 1919, a. 1, n. 1, p. 4).

Na edição seguinte do *Tudo*, a escritora rio-grandense volta a ocupar as primeiras páginas após a matéria editorial do “magazine”. No texto refere-se à rigorosa estação invernal vivida na cidade do Rio Grande, na qual ela passou a

maior parte de sua vida. Em “O inverno”, Revocata revela certa preferência pelo clima invernosos, ainda que, preferencialmente, “cantem os poetas a primavera”. Lembrando uma de suas mais tradicionais expressões, ela afirma que “o inverno convida à cisma”, na “solene melancolia da natureza”. Segundo a autora, “o inverno é a estação do aconchego do lar”, de modo que, “na taciturna quadra hibernal, o nosso mais sonhado paraíso é o lar doméstico”. Descrevendo as condições climáticas daquela estação nas terras sulinas, destaca que “o frio, a chuva, as densas serrações, as ríspidas rajadas do pampeiro” chamam “à vida simples dos tempos patriarcais”. Além disso, a escritora considera que o inverno afasta as pessoas “dos bulícios”, trocados pela “poesia do silêncio que é o alento da inspiração” e pelo “conforto do lar, que é a vida da alma” (TUDO, 15 jul. 1919, a. 1, n. 2, p. 4).

Também no *Tudo*, Revocata escreve, em parceria com sua irmã Julieta, “A Vinícius”, uma homenagem ao escritor, poeta e jornalista Frederico Carlos de Andrade (MARTINS, 1978, p. 34), diretor intelectual daquela revista mensal e que atuara como colaborador no *Eco do Sul* e no *Tempo*, periódicos diários rio-grandinos, sob o pseudônimo que servia de título ao texto. As escritoras agradecem a homenagem que o poeta lhes prestara em uma daquelas colaborações, de modo que pretendem enfatizar, com “a nossa taciturna e cismadora pena”, que aquele preito, feito com “atraente espírito” e “com perolado talento”, ecoara na “nave das impressões íntimas de nossa alma, como voz harmônica no profundo de um ermo”. Elas destacam ainda a “sensibilidade de poeta” e a “imaginação de pensador”, de Vinícius, ao elaborar uma “página tão cheia de vida, tão saturada de benévolo sentir”, de maneira que ela ficaria “arquivada nesse erário íntimo em que dispomos com cuidado”, expressando “nosso indelével reconhecimento” àquela “artística e ebúrnea pena” (TUDO, 15 ago. 1919, a. 1, n. 3, p. 14-15).

Na mesma edição, Revocata de Melo publica o poema intitulado “Coração moribundo”, revelando um rasgo de esperança no porvir. O soneto inicialmente mantém o tom triste e taciturno, lembrando a tão comum temática da morte, inerente à obra da autora. Mas, nos últimos versos, ocorre uma virada, com o banimento dos males da vida, um certo renascimento e até o retorno de uma disposição de espírito pelo melhor:

Há longo tempo andava o desgraçado
Coração sob o peso da amargura,
Não tinha paz, nem luz, a desventura
O tinha preso à dor, crucificado.

Um desespero em vida amortalhado!
Noite perene, tenebrosa, escura,
Vendo ser ver, sentindo a sepultura
E a saudade implacável a seu lado!

Prestes a sucumbir, um sol brilhante,
Alvissareiro, em festa deslumbrante
Transformou-lhe a tristeza, a escuridão.

Baniu as mágoas, apagou-lhe as dores,
Fez despontar-lhe os sonhos como flores,
Trouxe de novo a vida ao coração! (TUDO, 15 ago. 1919, a. 1, n. 3, p. 21)

Ao final de 1919, Revocata de Melo dedica a crônica “O Natal” à sua irmã Julieta. Em boa parte do texto permanece uma perspectiva de certo entusiasmo, com a lembrança de que “é este um dia universalmente comemorado”, pois “todos os países, em meio do contraste das estações em que o apresentam, festajam-no poética e encantadoramente”. Ela considera assim que o Natal “constitui uma nota vibrante, uma face de formosas impressões e uma tela como que animada pelos divinos pincéis dos grandes mestres”. A escritora destaca ainda que a época natalina é propícia à lembrança dos entes “eternamente pranteados”, recordando dos familiares mortos até então. Ao final, a crônica retoma o tom carregado de melancolia típico da autora, a qual descreve que, ao olhar para o passado, juntamente de sua irmã Julieta, parecia descer sobre elas “uma avalanche de recordações, uma pesada noite, um crepúsculo tempestuoso, um espalmar de asas negras” que não as deixava “ver a face sedutora deste dia nimbado de eternas claridades” (TUDO, 25 dez. 1919, a. 1, n. 7, p. 6).

3.2 – Imprensa feminina

A imprensa feminina se caracteriza como aquela na qual a mulher pode atuar “como receptora e como produtora” do material a ser lido, sendo relevantes também o conteúdo e o tipo de linguagem dos periódicos. Tais publicações voltam-se a “alguns temas de grande interesse para o público

feminino (BUIIONI, 1986, p. 8, 21). No caso do Brasil, “a imprensa feminina começou no século XIX”, o qual “foi acompanhado de mudanças na estrutura de nossa sociedade”. Nesta época, “as áreas urbanas começam a ganhar vida própria, libertando-se pouco a pouco da supremacia rural” e, neste espaço, abre-se um leque de maiores possibilidades para o desenvolvimento do jornalismo, inclusive de uma imprensa especializada, como foi o caso daquela de natureza feminina, surgindo em várias localidades “as primeiras publicações dirigidas à mulher” (BUIIONI, 2009, p. 30-32).

Neste quadro, “no Brasil do século XIX, várias mulheres fundam jornais”, os quais visam a “esclarecer as leitoras, dar informações” e mesmo “fazer reivindicações objetivas” (TELLES, 2015, p. 426). Os periódicos inseridos na imprensa feminina “são surpreendentemente múltiplos em sua diversidade”, uma vez que há desde os feministas, passando pelos conservadores e mesmo aqueles que não se comprometem diante de tal debate. Também existem “os que se limitam ao passatempo; os que visam a certos segmentos, como a jovem, a mãe de família, a adolescente, a estudante”; e ainda aqueles “que se dedicam a temas específicos: literatura, educação, política, lazer, moda e humor”. No mesmo sentido, também circulam “os que trazem um pouco de tudo em suas páginas: poesia, romance, charadas e escritos militantes” (DUARTE, 2016, p. 22).

Deste modo, “a imprensa feita por mulheres contemplou diferentes iniciativas, abrindo espaço para a voz feminina” e algumas de suas reivindicações (MOREL; BARROS, 2003, p. 61). Passa a ocorrer um processo pelo qual advém a inserção da “mulher ao mercado do impresso, não apenas como *leitora*, mas como *produtora* de textos de periódicos” e ainda “como *consumidora* de produtos anunciados pela imprensa” (MARTINS, 2008, p. 69). Estas publicações, “concebidas como objeto de lazer, se revelam essencialmente normativas, definindo o papel social e determinando os padrões de comportamentos desejáveis para a mulher da época” (COHEN, 2008, p. 117). Nesta linha, “um espaço decisivo para o desenvolvimento da expressão feminina foi a imprensa dirigida e editada por mulheres”, que avança entre os séculos XIX e XX (HOLLANDA; ARAÚJO, 1993, p. 18).

As publicações femininas passam por verdadeiras metamorfoses ao longo do tempo, “seja no formato, no conteúdo”, ou ainda no que se refere “ao

público a que se dirigem” (KAZ, 2002, p. 19). Neste sentido, com a passagem deste tempo e destas modificações, “tanto os textos literários, quanto a imprensa feminina ajudaram a construir um perfil específico da leitora brasileira” (HELLER, 2006, p. 14). No caso brasileiro e sul-rio-grandense, há várias interfaces entre o jornalismo literário e a escrita feminina, existindo um conjunto de periódicos que constitui verdadeiro “empreendimento destinado ao público feminino que, ao longo do século XIX, começa a ganhar cada vez mais espaço no periodismo literário” (PÓVOAS; SILVEIRA, 2012, p. 101).

Assim, o jornalismo literário foi um dos campos jornalísticos em que o periodismo feminino encontrou bastante expressão, afinal “a imprensa feminina nasceu sob o signo da literatura” (BUITONI, 1986, p. 22). A representante gaúcha deste gênero jornalístico – associando imprensa feminina e literária – na qual Revocata de Melo tem maior participação é a *Violeta*, editada pela sua irmã Julieta de Melo Monteiro, e sendo Revocata a maior colaboradora da folha. Trata-se de um periódico literário, mas sua particularidade é exatamente a presença plenamente feminina na redação e colaboração de seus textos, bem como a meta de difundir temas voltados a promover a leitura entre as mulheres.

A *Violeta* circula na cidade do Rio Grande entre março de 1878 e julho do ano seguinte e “suas propostas editoriais já ficavam demarcadas pelo dístico estampado em seu cabeçalho”, se apresentando como literária, crítica e instrutiva. O periódico tem uma particularidade fundamental “ligada ao fato de que, além de ter uma mulher como redatora e proprietária”, também as suas colaborações eram “da autoria de representantes do sexo feminino”, bem como “o principal público alvo da folha” ser as mulheres. As principais seções do jornal eram as “„Rosas literárias”, na qual eram divulgados escritos em prosa, „Íris poético”, destinada aos textos em verso e „Miríades”, em que aparecia uma série de correspondências trocadas entre as leitoras” (ALVES, 2013, p. 130-131).

O jornal também faz “comentários acerca de periódicos e obras bibliográficas” e apresenta uma “„Revista dos jornais”, na qual eram citados os diversos periódicos com os quais a *Violeta* fazia intercâmbio, enviando e recebendo exemplares”. Esta prática revela os alcances do semanário, o qual “fazia permutas com publicações oriundas não só do Rio Grande do Sul, como

também de diversas localidades espalhadas” por todo o Império Brasileiro, “bem como do exterior, caso dos Estados Unidos e de Portugal”. Desta maneira, a folha leva sua mensagem a lugares longínquos, definindo-se “como um ensaio de jornalismo feminil, constituindo um dos primeiros tentames que se fazia na imprensa rio-grandense” visando a “mostrar que a mulher, além do encanto do lar”, poderia também atuar “na república das letras, nas lutas da inteligência e nos prélis da imprensa” (ALVES, 2013, p. 131).

Ao longo da existência da *Violeta*, Revocata “teve uma participação relevante”, já que “ela foi a mais importante colaboradora no jornal”, trazendo “textos em prosa e verso” e contribuindo “significativamente com o intercâmbio de trabalhos”. Mesmo que a publicação “mantivesse a característica básica de constituir uma iniciativa praticamente unipessoal” de Julieta Monteiro, “sua irmã acompanhou-a e auxiliou-a em muitas das etapas da elaboração do periódico”. Com “a assinatura de seu nome” ou “sobre a rubrica de um de seus pseudônimos”, principalmente Hermengarda, “Revocata de Melo foi a autora mais assídua” no quadro das colaboradoras da *Violeta* (ALVES; PÓVOAS; GEPIAK, 2016, p. 45).

Os trabalhos da autora “estiveram presentes na seção „Rosas literárias”, com escritos em prosa voltados à abordagem dos mais variados temas”. Ela escreveu também no “„Íris poético”, no qual, em menor escala, divulgava versos de sua lavra”. Revocata “participou ainda da seção „Miríades”, na qual entabulava vários diálogos com as leitoras do jornal, mantendo um estilo mais coloquial”, quase como se mantivesse uma conversa envolta em certa informalidade “com outras mulheres que compunham a rede discursiva na qual as informações/opiniões emitidas pelo periódico gravitavam” (ALVES; PÓVOAS; GEPIAK, 2016, p. 45).

Na seção “Rosas literárias”, o primeiro texto em prosa publicado por Revocata na *Violeta* é “Presságio”, versando sobre as barreiras que obstaculizavam as relações amorosas e que viria a ser incorporado ao conteúdo do livro *Folhas errantes*¹⁸ (VIOLETA, 31 mar. 1878, p. 1-2). Igual destino tem a segunda colaboração da escritora com o segmento “Rosas literárias”, vindo a também ser inserido naquele mesmo livro o texto “Noturno”,

¹⁸ Ver capítulo 2 desta dissertação.

e que igualmente tinha por tema os desencontros amorosos (VIOLETA, 14 abr. 1878, p. 1-2). No primeiro, a autora assina com seu nome e, no segundo, se utilizava do pseudônimo Hermengarda.

Também na seção “Rosas literárias” aparece outro texto publicado por Revocata de Melo na *Violeta*. Sob o título “Hossana!”, a autora trata de uma temática religiosa, alusiva à data corrente voltada à Semana Santa, envolvendo as comemorações cristãs referentes ao período entre a morte e a ressuscitação de Jesus Cristo. Sem dar nome ao personagem central, a escritora descreve o cenário onde teria ocorrido tal ressuscitar, sob o “cântico de glória” e “vozes angelicais” os quais demonstram que está cumprida a “augusta missão” e “consumado o tremendo sacrifício, radiante e majestoso”. Demarcando a influência da religiosidade em sua formação, como bem reflete o título do texto, referente a uma oração, Revocata afirma que, diante daquele momento, “nossas almas em saudoso e indizível arroubo aspiram ventura ao místico perfume das flores que entreabrem” (VIOLETA, 21 abr. 1878, p. 1).

A arte é enaltecida pela escritora em outra contribuição alocada na seção “Rosas literárias”, por meio do texto “A música” que, com poucas revisões foi reeditado no livro *Folhas errantes*¹⁹ e valoriza aquela “doce irmã da poesia” (VIOLETA, 2 jun. 1878, p. 1-2). Outra participação da autora na mesma seção ocorre a partir de uma necrologia. Sob o título “Ao passamento de Antônio Carlos de Castro Filho” ela faz uma homenagem a tal indivíduo sobre o qual não foram encontradas referências, revelando que este nome fazia parte de suas memórias infantis e jamais seria esquecido. Revocata esclarece que o homenageado vivera longe de sua terra natal e falecera recentemente e mostra-se pouco conformada ao questionar o motivo do amigo ter adormecido “sobre o colo de pálido anjo da morte”. Em mais um de seus textos voltados a um preito fúnebre, ela manifesta “uma lagrimosa saudade, lembrando a passada infância” (VIOLETA, 14 jul. 1878, p. 1-2).

Ainda no segmento “Rosas literárias”, Revocata de Melo publica um breve texto intitulado “A ti...”, voltado a lembrar o passado e trazendo um tema bem comum aos seus escritos da época, versando sobre os encontros e desencontros amorosos. Após descrever um cenário repleto de melancolia, ela

¹⁹ Ver capítulo 2 desta dissertação.

fala em separação, deixando apenas a permanência da possibilidade de que, no futuro, houvesse ao menos uma recordação (VIOLETA, 4 ago. 1878, p. 2). Também nesta seção da *Violeta* destinada aos textos em prosa, a escritora apresenta o conto “Zulmira”, este também incorporado ao livro *Folhas errantes*²⁰, tratando-se de outro escrito com tom dramático, no qual o sentimento romântico sucumbia tragicamente com o desaparecimento da protagonista (VIOLETA, 11 ago. 1878, p. 2).

Entre agosto e setembro de 1878, em forma sequencial na seção “Rosas literárias”, a *Violeta* publica o conto “Juramento de um dia”, de autoria de Revocata. O texto traz várias reflexões a respeito do amor romântico, com diversificadas incursões ao tema em escritos da literatura universal. A história trata de uma moça chamada Emelina cujo maior aspiração era “encontrar um peito onde se abrigue um luminoso raio” de amor. O sonho da moça acaba se concretizando nos braços de Jaime e eles passam a conviver enamorados, levando em conta a premissa pela qual “o amor para certas almas é uma necessidade, uma das poucas ambições do homem que compreende a poesia do coração”. Um tom de alegria compõe uma parte do conto, quando o casal vive as doçuras de uma paixão, entretanto, o teor melancólico não poderia faltar, até chegar o momento em que eles têm de se separar, sem antes fazer juras de amor eterno e de um retorno o mais breve possível. A tragédia preenche a história, pois Jaime demora três anos para voltar e, ao fazê-lo já não mais encontra sua amada, sabendo dela apenas notícias de que “enlouquecera de dor”, sem deixar de, até a morte, perambular balbuciando “ele não voltou mais” (VIOLETA, 18 ago 1878, p. 1-2; 25 ago. 1878, p. 3-4; 1 set. 1878, p. 2-3; 7 set. 1878, p. 3-4).

Também no segmento “Rosas literárias”, Revocata publica outro texto de conteúdo fúnebre denominado “À morte de minha chorada tia”. Era uma homenagem à escritora Amália dos Passos Figueiroa. Inconformada, Revocata de Melo lamenta que o “crepúsculo da morte” tivesse levado aquela “doce poetisa do sul” e lastima que a tia partisse tão cedo “em meio às sombras eternas, embalada ao funéreo canto do anjo dos túmulos”, deixando a poesia “enlutada numa manta de tristeza”. Revocata deseja que Amália durma,

²⁰ Ver capítulo 2 desta dissertação.

“enquanto nós soluçamos nas trevas da saudade lancinante, pela escura noite onde jamais brilhará a luz de teu inspirado olhar” e afirma que, perante aquela morte, restaria uma “querida lembrança” e rolariam “acerbas e dolorosas lágrimas” (VIOLETA, 13 out. 1878, p. 3).

Outra colaboração com a *Violeta*, nas “Rosas literárias”, traz um dos temas preferencias de Revocata de Melo – a morte. O texto lúgubre se justifica também como uma homenagem à data da edição, tendo por título “Dia de finados”. A autora descreve o merencório ambiente dos cemitérios, lugar no qual “chora a alma”, por causa dos “sonhos fanados em embrião” e da “aspiração ardente”, que “murchou enlaçada aos goivos e ciprestes”. Segundo a escritora, “cruel é a realidade da vida”, pois, com o seu fim, “pendem mirradas as vívidas quimeras e as ilusões que povoam os íntimos devaneios”. Pessimista, Revocata parece deixar de lado seus preceitos religiosos e a ideia do paraíso *post mortem*, afirmando que “negra e pavorosa deve ser essa tétrica morada”, não havendo “nem mais uma esperança ali”, a não ser “o sudário gélido e misterioso”. Diante de tal constatação, resta à escritora saudar seus entes queridos que tinham adormecido à “sombra desse impenetrável mistério” (VIOLETA, 3 nov. 1878, p. 2).

Duas partes do conto “O moço do gorro negro” são publicadas por Revocata na seção “Rosas literárias” da *Violeta*, trazendo a trágica história de um rapaz que sofre com as tristes desesperanças do amor. Mas a edição fica interrompida e o texto completo só aparece com a versão final editada no livro *Folhas errantes*²¹. Em ambas as partes do conto apresentadas nas páginas da *Violeta*, Revocata de Melo não lança mão de seu próprio nome e apela para o recurso do pseudônimo Hermengarda (VIOLETA, 29 dez. 1878, p. 2; 1 jun. 1879, a. 2, n. 49, p. 2-3).

O último texto publicado por Revocata nas “Rosas literárias” traz uma de suas temáticas favoritas, sob o título “A mulher e os seus direitos”²², o qual viria a ser republicado no *Arauto das Letras*, com pequeno acréscimo. Como epígrafe, a autora traz impressões de F. C. Santiago Dantas, militar e escritor brasileiro (BITTENCOURT, 1969, v. 1, p. 9), a respeito da função social feminina, enfatizando que “muitas mulheres têm na sociedade representado

²¹ Ver capítulo 2 desta dissertação.

²² Texto completo nos anexos.

papel importante, conseguindo tanta glória que grande parte dos homens bem pode invejar”. A escritora até reconhece que “a mulher é o anjo do lar, ente fraco por natureza”, entretanto estaria fadada “a grandiosas missões”, de modo que ela deveria também “nascer para grandes cometimentos”. Ela questiona o quanto “importa a fragilidade de matéria, quando o espírito pode alar-se, e a ideia rebentar cintilante, sublime e grandiosa” (VIOLETA, 1 jun. 1879, p. 1-2).

Na continuidade do texto, Revocata de Melo considera que “o gênio, esse meteoro deslumbrador, desconhece os sexos”, de modo que, “desde a antiguidade, em quanta fonte feminil tem ele derramado suas brilhantes fagulhas?!”. A escritora defende com ardor que a mulher – “por meio do estudo e das letras”, vem a procurar “a ilustração, a ciência, o dourado pomo da sabedoria aclarando o espírito e desterrando a ignorância” – torna-se “mais digna de louvores e de admiração que o homem”. Desta maneira, a autora enxerga que, sem se “afastar dos labores do lar” e da “da esfera doméstica”, a mulher poderia “dar amplo espaço às suas aspirações de glória” (VIOLETA, 1 jun, 1879, p. 1-2).

A escritora gaúcha sustenta que “é errôneo o pensar e até dizer que a mulher dada às letras falta aos deveres domésticos” e, diante de tal asserção ela protesta, afirmando: “conheço bem de perto uma senhora que apesar de dominada pela enfermidade e tendo a seu cargo numerosa família, criancinhas a quem jamais faltou o cuidado”, não deixara “de estudar, procurar livros científicos e no silêncio das noites ilustrar seu espírito”. Revocata comenta ainda sobre a mesma senhora que, “mais tarde quando suas filhas chegaram a idade do conhecimento”, influenciou-as em direção ao “amor pela literatura, dando-lhes bons e proveitosos livros, assim como a educação doméstica, que é a paz e a união da família”. A partir de tais reflexões a autora exclama: “Deixem-nos pois hastear nosso estandarte, soltarmos o grito” de “luta em prol de nossos direitos” (VIOLETA, 1 jun, 1879, p. 1-2).

Ainda em prosa, mas desvinculado de qualquer sessão da *Violeta*, Revocata publica um texto laudatório à data da independência nacional, intitulado “Sete de Setembro”. Ela saúda o “brilhante sol da liberdade” e a “aurora do mais glorioso dia para todos aqueles brasileiros que sentem no coração a chama do patriotismo”. Para a autora aquela era uma data de exultação, por ser o dia que “recorda que para sempre estão quebrados os

grilhões da escravidão”, devendo o povo soltar “o brado de vitória”. Deste modo, ela lembra que “em nossos ardentes corações não deve jamais deixar de pulsar o doce sentimento da gratidão, um entusiástico viva à memória do augusto herói”, em referência a D. Pedro I, estendendo a saudação à nação brasileira e ao Imperador D. Pedro II (VIOLETA, 7 set. 1878, p. 1).

Também de maneira independente em relação às seções tradicionais da *Violeta*, utilizando-se do pseudônimo de Hermengarda, a escritora rio-grandense publica um breve texto em prosa, cujo título limita-se a um ponto de interrogação. Mais tarde, tal texto identificado apenas como “?”, foi adaptado e inserido em *Folhas errantes*²³. Neste livro, o título também se modifica no formato, mas mantém o sentido, passando a denominar-se “Interrogação”, versando o texto sobre os alcances dos sentimentos, mesmo quando cessa o viver (VIOLETA, 29 jun. 1879, p. 3).

No que se refere às publicações em versos de Revocata de Melo, presentes na *Violeta* em menor número que as contribuições em prosa, elas espalham-se ao longo das edições, normalmente na seção “Íris poético”. Foi o caso dos versos intitulados “No álbum da Exma. Sra. D. Maria Rosália Pereira” – nome sobre o qual não foram encontradas referências – datados de abril de 1876, e trazendo em tons bucólicos uma mescla entre as belezas da natureza e o sentimento romântico:

É bela no espaço vago
A nuvem gázea e medrosa,
Da relva nos tabuleiros,
Destaca-se a cor da rosa.

Do manto longo e sidéreo,
Realça a luz das estrelas:
Na face d’argênteo lago
Marinhas flores singelas...

E vai saudoso mas belo
Do nauta o canto noturno;
Em túbio frouxo murmúrio,
Qual voz do gênio soturno!

Reboa a voz dos levitas
Do templo à mística nave,
E repercute das crenças
À virgem, das virgens – Ave!

Há nesta vida belezas
Tão puras tão sem igual,
Relevo do mais perfeito,
Formosas sem rival:

Tal é a diva candura,
Gentil e meiga donzela,
A refletir-te na face,
A par de uma alma singela!

Feliz que possa acolher-se
À sombra dos teus afetos;
No livro d’alma inscrever,
Um nome dos teus diletos!
(VIOLETA, 28 abr. 1878, p. 3)

²³ Ver capítulo 2 desta dissertação.

Na mesma seção, manifestando outro tema que marca sua existência, vinculado ao amor fraternal, Revocata publica um poema em homenagem à sua irmã intitulado “À Julieta”. Os versos têm a identificação de local e data – “Rio Grande, 78” e apresentam um desejo de união duradoura entre as duas irmãs, saudando a unidade entre ambas desde a infância – despertando o saudosismo – e o desejo da continuidade da admiração recíproca e da unidade familiar:

Ai irmã, que saudade tamanha,
Para sempre minha alma acompanha
Qual chorosa tristonha visão:
Mesmo em meio dos gozos da virgem
Vem-me às vezes sombria caligem,
Desmaiar tão rosada ilusão!

Tua imagem é sempre a meu lado,
Como d’antes no tempo passado,
Arroubada no mesmo sonhar;
Vendo a flórea estação dos amores,
Quando além se desdobra as cores,
De uma aurora de lindo raiar.

Quando as duas nas horas caladas,
Junto à mesa d’estudo assentadas,
Uma a outra tomando a lição,
Vinha meiga um sorriso de fada;
De mamãe, nosso anjo da guarda,
Nossa cara e perene afeição.

Sim, vivamos irmã carinhosa,
Com as lembranças da quadra ditosa,
Leda infância banhada de luz;
Recordando o sonhar de criança.
Quanto ao astro de doce esperança
Nossas crenças brilhavam à flux. (VIOLETA,
5 maio 1878, p. 2-3)

Em outros versos publicados no “Íris poético” da *Violeta*, Revocata de Melo presta um preito laudatório no qual o próprio título é uma dedicatória: “À Laudocena L. Coelho” – nome sobre o qual não foram encontradas referências – e traz várias comparações da homenageada com belezas naturais, notadamente de inspiração floral e de pedras preciosas, na forma de qualificativos:

Das roseiras da existência.
És um botão desabrochando,
És alva gota de orvalho
Em rósea pétala brilhando.

Tu és a doirada folha,
Do livro dos querubins,
É a perfumosa grinalda
D’entrelaçados jasmins:

Tu és brilhante safira
Dos tesouros do senhor,
És áurea concha que encerra
Lindas pétalas de candor.

Tu és a canção diletta
Da lira dum trovador,
És a estrela cambiante,
Que irradia em seu fulgor:

Tu és a mimosa e sublime
Como um suspiro de amor,
És o símbolo da inocência
Trescalando grato odor.

Tu és um elo doirado
Dessa cadeia de amores,
Que enlaça a pura existência
De teus bons progenitores.
(VIOLETA, 12 maio 1878, p. 2)

Um tom mais lúgubre volta a marcar os versos de Revocata intitulados “Fragmento”. Em um primeiro momento, a poetisa enfatiza muitas das amarguras da vida, com os tantos infortúnios e desesperanças que afligem a humanidade. Depois, tal qual um lenitivo, ela encontra na fé uma forma de alívio para tantos descaminhos, revelando a profundidade do espírito religioso na orientação da vida da escritora:

Assim como das dobras do poente
Se desatam as nuvens purpurinas,
Também do negro seio do infortúnio
Sobem aos pés de Deus preces divinas:

Quando e rígido sopro da desgraça
Nos arroja nas trevas da agonia,
Buscamos com afã no lenho sacro
Áurea crença do céu, que nos sorria:

Se fanados os sonhos de nossa alma,
Desmaiada a centelha que os seguia,
Alentamos ainda uma esperança,
E prostrados ao filho de Maria:

A ele o grande mártir do calvário,
O Homem Deus, o sábio Redentor,
Aquele que remiu-nos do pecado
Ao suplício, morrendo - por amor! -

Feliz pois o romeiro desta vida,
Que expira murmurando uma oração:
E jamais entre as lutas com o destino
Se olvida dos deveres de cristão. (VIOLETA, 7 jul. 1878, p. 3)

Ainda no segmento “Íris poético”, Revocata apresenta “Um sonho”, no qual traça um paralelo entre a natureza e uma relação amorosa a dois. De um lado as bucólicas belezas do dia, mas, de outro, os tétricos momentos noturnos, os quais acabam revelando que o singelo romance não passara de um sonho:

Foi um sonho feliz às nossas almas
No remanso de plácida bonança
Deslizavam num mar de doces cismas
Embalados ao canto da esperança.

Merencório descia o véu da tarde
Qual um manto de virgem vaporoso,
E surgiam da alma as áureas flamas
A desmaiar nas nuvens cor de rosa.

Do pintassilgo o mavioso canto
Soava em meio da mudez da selva;
Últimos raios do clarão da tarde
Caíam frouxos sobre um chão de relva,

Morosa a brisa num gemer plangente
Frisava as águas de gentil regato.
Que paz, que enlevo, que harmonia etérea
Nesse mistério da solidão do mato.

Quanto ideamos que país de rosas.
Leda existência num viver dos céus;
De nossos seios se elevava a crença
Qual sacro incenso para os pés de Deus.

Mas veio a noite e a pesada bruma
Do lindo quadro desmaiava a cor;
Eu vi desperta se esfolhar meu sonho,
Bem como ao norte se desfolha a flor. (VIOLETA, 1 dez. 1878, p. 4)

A dor das irmãs Melo pela perda paterna fica patente nas páginas da *Violeta* em sua edição do início de abril de 1879, na qual Julieta publica um texto em prosa à memória de seu “idolatrado pai” e Revocata, na seção “Íris poético”, apresenta os versos “Lágrimas a meu pai”. O poema traz uma das tantas inspirações da poetisa, no caso a morte, triste por si só, mas agravada no caso dos entes queridos. Estes versos, datados de fevereiro de 1879, se referem ao amor filial, à saudade e às insondáveis questões envolvendo o fim da vida:

Ai! acorda, meu pai, meu doce amigo.
Acorda, no meu peito há treva infinda
Qual noite tumular;
Eu te vejo tão frio, empalidecido,
Não, não durmas assim, eu te suplico,
Ai peço a soluçar!

Desperta, vem, eu quero-te a meu lado
Entre riso de amor, doirada esperança,
Pensar no meu porvir;
Sentir a doce luz de teus olhares,
Tuas vozes, a benção tão querida
Deu teus lábios ouvir...

Que placidez, meu Deus, e não desperta
A noite já findou, raiou aurora,
São horas de acordar;
Meu pai, em vão te chamo em meu soluço,
Beijando tuas mãos, em vão te chamo,
És mudo ao meu chorar!

É bem real, não sonho nem deliro,
Ei-lo envolto em fúnebre sudário...
Os pálidos brandões
Tétrica luz derramam, tão sinistra
Quão na minha alma a face do porvir
Já baldo desilusões!

Adeus, meu pai, adeus, a minha estrada
Será eu bem o sinto, agora caminho
De Gólgota sombrio...
Fatal saudade a treva do martírio,
Irá também à sombra enfim tranquila,
De algum cipreste esguio! (VIOLETA, 6 abr. 1879, p. 3)

Nas páginas da *Violeta*, Revocata de Melo ainda publica duas composições não localizadas especificamente em uma seção determinada. Um deles tem uma forte inter-relação com as próprias escolhas da poetisa em torno de sua vocação. Sob o título “Num livro”, aparecem reflexões sobre o significado da ação de escrever, muitas vezes surgindo tal ato como uma alternativa à solidão, mas o tom trágico, típico da autora gaúcha, permanece, com a constante desesperança diante do fim comum que serve de destino a todos as pessoas:

Não posso escutar em teu formoso livro
Soletrar uma nota de harmonia
Um sonho uma ilusão;
Falar-te das belezas que irradiam
Da aurora que deslumbra a mocidade
Se eu amo a solidão.

Se minha alma como a flor das boas-noites
Entre abre nas sombras merencórias
Do véu crepuscular;
Tristonha como o canto do barqueiro
Perdido além por solidões longínquas
Em noites de luar.

E mesmo como o lírio das encostas
Empalidecido às hibernais tormentas
Pendido aos vendavais!
Terna como um adeus de despedida
Banhado das lembranças tão saudosas
Dos lares paternais.

Não, não posso cantar! num chão de goivos
Alveja dentre as ramas do salgueiro
A lápide fatal...
Cedo bem cedo empalidecido arcanjo,
Levará meu suspiro derradeiro
À mansão eternal. (VIOLETA, 14 jul. 1878, p. 3)

O outro poema da autoria de Revocata de Melo não inserido no segmento “Íris poético” da *Violeta* traz mais uma vez a dedicatória como título, denominando-se “À Alice Telles Pereira da Cunha”, identificada pelos versos como uma criança, mas não havendo referências a seu respeito. A menina é enaltecida em suas feições infantis e inocentes, utilizando-se mais uma vez a autora de um recurso comum à sua escrita poética, ao tecer comparações entre as qualidades da homenageada e as belezas da flora. Além disso, a escritora deixa transparecer suas esperanças no porvir, notadamente a partir do papel desempenhado pelas crianças em relação ao futuro:

Alice meiga e formosa
Engraçadinha e mimosa,
Semelha um botão de rosa
A baloiçar-se no hastil;
É como a luz encantada
Que doura o céu da alvorada
Quando além da madrugada
Surge risonha e gentil.

É linda como as ondinas
Como as flores purpurinas
Ou como as notas divinas
Que vagam aos pés de Deus;
Travessa qual borboleta
Brincando viva, inquieta,
Buscando tocar a mela
De seus sonhos cor de céus.

Seus olhos tem tal viveza
Dentre essa ingênua beleza,
Nesse todo de pureza
Que envolve a casta cecém;
E a voz singela inspirada,
Suave, branda, afinada,
É como a nota encantada
Que a brisa suspira além...

Quem pode ver-te criança,
Sem retratar na lembrança
Esse sorrir de esperança,
Que paira nos lábios teus?
Sim, eu sei, depois de ver-te,
Quem poderá esquecer-te,
Deixar de muito querer-te,
Dileta filha de Deus?!

Tu que perfumas a vida,
Que fases sempre querida
Essa existência florida
De teus lares paternais;
Terás, - eu creio na sina –
Brilhante estrela divina,
Serás a luz peregrina,
Sempre junto de teus pais! (VIOLETA, 29 jun. 1879, p. 4)

Outra seção denominada “Miríades” foi bastante constante nas edições da *Violeta* e, em seu sentido, traz a perspectiva de um grande número, ou seja, a uma supostamente significativa quantidade de correspondências trocadas entre a redação, as colaboradoras e as leitoras. Um tom mais coloquial caracteriza tal segmento, quase como que reproduzindo um diálogo no qual se trata de assuntos variados, desde pequenas narrativas sobre dia a dia, passando por verdadeiros diários do cotidiano, e o estabelecimento de impressões sobre pessoas ou circunstâncias, até conversas acerca da vida alheia. As “Miríades” funcionam como uma crônica de amenidades e, várias vezes, é mais um mote para a narração do que efetivamente um contato através de cartas.

Assim, em diversos momentos, as “Miríades” constituíam uma crônica semanal, viando à narração dos acontecimentos da semana sob um viés feminino. Muitas vezes as pessoas ficam identificadas apenas por apelidos ou iniciais, demonstrando certo cuidado em não desvelar particularidades que não deveriam frequentar o espaço público da imprensa. Revocata de Melo, sob o pseudônimo de Hermengarda, atua como uma das mais ativas participantes das “Miríades” e, em várias destas participações, acaba por revelar alguns detalhes sobre sua vida e seu pensamento.

Em plena época da Semana Santa e as reflexões que à época cercavam tal data, na seção “Miríades”, Revocata traz alguns detalhes sobre as melancolias de sua inspiração, acirradas naquele momento. Mas apesar da tristeza, parece prevalecer, ao fundo, uma perspectiva otimista:

Estou hoje um pouco propensa à tristeza, não sei se será isto devido a impressão dos solenes mistérios, que desdobram sobre esta época tão lembrada para os fiéis, um lutuoso véu banhado em lágrimas de crentes e arrependidos....

Que querem? Trouxe do berço estas ideias, não me fazem impressão certas teorias novas; vá quem quiser procurando as trevas, que eu irei sempre em busca da luz. (VIOLETA, 21 abr. 1878, p. 3)

Em outra oportunidade, na seção “Miríades”, Hermengarda destaca uma de suas preferências quanto às estações do ano, a qual viria a aparecer em outros de seus escritos. Quanto às chuvas de maio, ela afirma que “são núncios do inverno que se aproxima tristonho e choroso” e, apesar da admiração pela “estação florida”, acaba por revelar “que há muita noite hibernal bafejada pelo gênio da poesia”. Diante disto, a escritora descreve um autêntico

dia invernosos em sua terra, referindo-se à época em que “a copiosa chuva despenha-se em frementes catadupas caindo rumorosa sobre o lajedo das calçadas e as rajadas de gélido sopro passam assoviando melancolicamente”, abrindo espaço para que, “sob o teto do lar, na doce paz da família”, pudessem ocorrer “amenos serões” (VIOLETA, 5 maio 1878, p. 3).

Mais adiante, também no segmento de correspondências, Revocata se diz triste, tendo em vista a partida de uma amiga, diante da qual “o nosso Rio Grande caiu de novo em completa monotonia”. O consolo da escritora parece se manifestar por meio da possibilidade de comparecer aos espetáculos teatrais. Ali, além das atrações das peças, poderia também ser espaço para o flerte, como a escritora descreve ao observar a reação de algumas raparigas ao se depararem no teatro com “um moço alto e moreno”, qualificado nos comentários daquelas como um “anjinho” e uma “visão encantada dos sonhos” (VIOLETA, 12 maio 1878, p. 2-3).

Uma manifestação de entusiasmo da escritora fica demarcada nas “Miríades”, ao contar sobre “uma agradável surpresa que me afastou por um pouco do meu mundo de cogitações”. Ela faz referência a um texto escrito anteriormente, uma “singela fantasia publicada em um dos números da nossa *Violeta*”, destacando que “tão fraca produção, mereceu belas e lisonjeiras frases repletas de elegância” escritas por um “ameno e inspirado cronista” de um “florescente periódico literário” publicado na cidade de Santos. Diante disso, Revocata dedica “a tão distinto cavalheiro a minha sincera e indelével gratidão, como tributo às suas tão honrosas quão animadoras palavras”. É mais uma constatação do alcance dos intercâmbios promovidos à época (VIOLETA, 2 jun. 1878, p. 4).

O ambiente cultural citadino também aparece nas missivas traçadas por Revocata, como ao descrever um sarau, no qual comparecera “uma sociedade pouco numerosa, porém muito escolhida”, havendo “dança, sortes e consulta ao oráculo”, além de um “jogo dos cartões, entre perguntas e respostas”. Mas a grande atração fora a presença de um poeta, “que muito concorreu para que esta noite deixasse saudosas recordações”, uma vez que era ele um “repentista consumado” e, “de momento a momento, improvisava espirituosas estrofes”. Na mesma ocasião, a escritora descreve um cenário bastante

propício a uma série de galanteios entre as moças e os rapazes presentes (VIOLETA, 16 jun. 1878, p. 3-4).

Os flertes voltam a ser assunto nas “Miríades” quando Hermengarda narra vários casos de aproximações entre os jovens, levando-a a concluir “que o amor aqui ainda não caiu em desuso”. Na oportunidade, ela anuncia o envio de exemplares da *Gazeta Mercantil*, nos quais estavam “insertos espirituosos folhetins” da lavra do “ilustre comprovinciano e ameno poeta Dr. Lobo da Costa”, identificando mais uma vez o profícuo intercâmbio literário típico daquela época (VIOLETA, 28 jul. 1878, p. 4).

Em outra edição das “Miríades”, Revocata se mostra inspirada, afirmando que “estou hoje verdadeiramente propensa à poesia”, propondo-se a comentar “uma elegante estrofe, pelo vigor de estilo e beleza de pensamento”. Tal apreciação era complementada pela avaliação de que os versos poderiam impressionar, por tratar-se de “um primor poético que deparei na primeira página de uma carteira de moça”; mas não passava de ironia, pois se tratava de um poema pobre em conteúdo e com erros ortográficos. Mantendo o tom jocoso, a escritora arremata a sua suposta avaliação: “bela inspiração, feliz daquele que a mereceu”. Após tal pilhéria, a correspondência passa a tecer vários comentários sobre os namoricos de ocasião (VIOLETA, 25 ago. 1878, p. 4).

O cotidiano político também está presente nas missivas de Hermengarda, como ao descrever que andava “a esperançosa mocidade alarmada com a luta dos partidos”. Mas a escritora atalha o tema, afirmando que ao menos aquele “ardor patriótico” poderia servir para “quebrar a monotonia de que se achava acometida a nossa sociedade, esse torpor e aborrecimento causado pela sensível falta de divertimentos e bailes”. De volta à temática política, ela narra as atitudes dos jovens conservadores e liberais, em referência às duas principais organizações partidárias da época imperial. Na mesma ocasião, os namoros voltam à pauta, bem como a jocosidade irônica, no anúncio de que estava por vir um “grande sucesso na literatura”, pois “está no prelo a interessante biografia da – „mulher nariguda ou arte de caluniar por inveja”” (VIOLETA, 15 set. 1878, p. 4).

Já ao final de 1878, Hermengarda faz sua última aparição nas “Miríades”, dando um título à sua colaboração – “Crônica – O que fazem

corações”. Os galanteios e namoricos aparecem novamente como mote de comentários jocosos, com a referência a nomes de moças que teriam praticado “um roubo de corações, cujos donos sem dúvida armaram um processo nos tribunais de Cupido”, mas que acabaram “presos pelas inquebrantáveis cadeias do himeneu”. Diante de tal narrativa, a missivista conclui: “Tudo por causa dos corações” (VIOLETA, 17 nov. 1878, p. 3-4).

Mais tarde, Revocata de Melo, independentemente da seção “Miríades”, publica uma correspondência nas páginas da *Violeta* endereçada à “Cara redatora”, ou seja, à sua irmã Julieta de Melo Monteiro. O objetivo da missiva é homenagear o escritor gaúcho Múcio Teixeira, que visitara a cidade do Rio Grande, descrito como “gênio predestinado, sublime e laureado poeta”. Revocata lembra “cheia de ufanía que a terra abençoada que deu o berço a Múcio Teixeira, foi o meu querido torrão natal”. Mantendo o teor laudatório, a escritora afirma que Múcio “possui o condão da poesia a par de uma irresistível simpatia”, além do que “suas frases fluentes, ricas de inspiração, repletas de lindas imagens, fazem com que as pessoas que gozam de sua convivência” lhe destinassem “uma amizade fraternal e profunda admiração”. Na conclusão da carta, Revocata mostra a certeza de que conta com a aquiescência da redatora e irmã Julieta. Ficava mais uma vez demarcada a rede de inter-relações entre os literatos gaúchos daquela época (VIOLETA, 15 jun. 1879, p. 2).

3.3 – Outros gêneros jornalísticos

3.3.1 – Almanques

Um gênero de periódico que tem significativa popularidade no século XIX, perdurando pelos primeiros tempos do seguinte é o almanaque. De periodicidade normalmente anual, este tipo de publicação reúne temáticas variadas, como informações utilitárias nas mais variadas áreas de ação humana, agendas de atividades sazonais e destaques de natureza diversificada quanto ao conhecimento humano. Desta maneira, os almanques trazem em suas páginas um misto de conhecimento popular e erudito e/ou científico, alternando informações úteis e imediatistas com reflexões mais aprofundadas.

O almanaque serve para os letrados, mas “ilustrado com signos, figuras imagens”, também se dirige “aos analfabetos e a quem lê pouco”. Ele “reúne e oferece um saber para todos: astronômico, religioso e social, científico e técnico, histórico, utilitário, literário e astrológico” (LE GOFF, 2013, p. 480). Assim, “sua estrutura apresenta uma ordem bastante peculiar”, pela qual “os conhecimentos históricos e científicos” aparecem “entremeados por literatura, poesia, teatro, juntamente com humor, passatempos, jogos e miríades de informações úteis” (MOREIRA, 1998, p. 144).

Tal periódico torna-se “um objeto capaz de preservar o essencial da sabedoria humana, uma espécie de compêndio passível de arquivar as verdades essenciais”, bem como “fornecer um modelo de organização do cotidiano e da vida em sociedade” (ANASTÁCIO, 2012, p. 55). Ao longo do século XIX, os almanaques “se tornaram um verdadeiro fenômeno editorial, aumentando em número, em espécies e em tiragens, em consonância com o enorme crescimento de seus leitores”. Tais publicações, “sem abdicar da sua função inicial de prognóstico”, além de permanecer oferecendo “informação rápida e sintética em vários campos”, promoveram também a “oferta de „literatura” para públicos específicos” (CHAVES, 2012, p. 112).

Os almanaques também se espalham pelo Brasil e fazem sucesso no Rio Grande do Sul. O apogeu deste tipo de publicação no caso sul-riograndense se dá a partir dos anos 1880 e se estende até as primeiras décadas do século XX. Nesta época, dentre os almanaques que circulam em terras sulinas, destaca-se o *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, editado na cidade do Rio Grande, “com predomínio da informação histórica” e contando com a presença de “nomes representativos da literatura da época”. Outro destaque é o *Almanaque Popular Brasileiro*, publicado na cidade de Pelotas e contendo em suas páginas “prosa literária e crítica”, além de “poemas de autores consagrados” (MOREIRA, 1998, p. 146-147). Ainda que em minoria, a presença feminina se estabelece nestes anuários, inclusive com a participação de Revocata de Melo.

O *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* circula desde o final dos anos 1880 e, na sua apresentação informa sobre todos os obstáculos antepostos àquele tipo de publicação, vencidos sem desânimo para levar em frente “o pesado encargo de colecionar os apontamentos que

pudessem interessar a todos”, de modo a mostrar “o desenvolvimento e progresso da província”. A redação do periódico destaca ainda que, apesar das dificuldades na obtenção de dados, optara por reunir “todos esses elementos esparsos” para “fazer um livro digno da aceitação e da proteção pública” (ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1888, p. 3).

No *Almanaque Literário e Estatístico*, Revoca publica “O Tiradentes”, homenagem laudatória ao personagem histórico. Primeiramente, a autora aponta que era um fato comum à evolução da história da humanidade a presença de “vítimas levadas em holocausto ao altar da pátria, por amor de uma ideia nobre e grandiosa, impulsionada pelo mais alevantado dos sentimentos”. Dentre eles, a escritora coloca Joaquim José da Silva Xavier, “o Tiradentes, de gloriosa memória”, como o “acérrimo propugnador da liberdade” e “grande exemplo de abnegação e coragem”. De acordo com ela, “para a nova geração, Tiradentes será o que não foi quando devia sê-lo”, ou seja, “o fanal que aparecia à pátria ainda em seu alvorecer para mostrar-lhe um futuro radiante”. Utilizando-se da História como a mestra da vida e dos personagens históricos como exemplo de moral, civismo e patriotismo, a articulista busca trazer lições ao seu tempo presente. O texto é datado de 21 de abril de 1889, e revela ampla simpatia para com Tiradentes, personagem que, pouco depois, viria a ser guindado como um dos símbolos da forma de governo proclamada em novembro daquele ano (ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1889, p. 172).

A outra colaboração de Revocata Heloísa de Melo com este *Almanaque* ocorre já no alvorecer do século XX e se dá através da publicação dos versos intitulados “Sofrer e viver”. No poema, a autora traz alguns dos temas bem comuns aos seus escritos – o amor e a morte e, como numa prece, primeiramente pede que o tempo leve ao esvaecer dos sofrimentos, para, ao final, reconsiderar, uma vez que as dores eram inerentes ao viver:

Maldizendo a minha dor,
a Deus pedi desta sorte:
– Faze que o Tempo, Senhor,
venha arrancar-me este amor
que aos poucos me traz a morte.

Minha súplica escutando,
o Tempo então se avizinha,
por ordem de Deus voltando,
correndo ou antes voando,
e para mim se encaminha.

– Eu vou teu mal serenar,
disse; e quando esse que adoro
foi do meu peito arrancar,
deu-me uma ânsia de chorar,
que só de lembrar eu choro.

Despertou-me essa paixão
mágoas cruéis, tão estranhas,
que aprendeu meu coração
que o mesmo em meu peito
as aflições e as entranhas.

E feliz com a minha dor,
diz minha alma arrependida:
– Ordena ao Tempo, Senhor,
que não me arranque este amor,
que é tirar-me a própria vida. (ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO
RIO GRANDE DO SUL, 1901, p. 244).

Já o *Almanaque Popular Brasileiro* é editado desde meados da década de 1890. Em sua primeira edição, a redação do periódico também destaca “as dificuldades inerentes a todas as empresas em seu começo”, as quais teriam sido vencidas, “se não com talento e brilhantismo, ao menos com boa vontade e dedicação”. Ao apresentar-se, a organização do anuário enfatiza que seu objetivo é constituir “um simples ensaio em publicações deste gênero”, solicitando a compreensão do público quanto a possíveis lacunas, imperfeições e “senões que se notam em nossa modesta publicação”. Os redatores, entretanto, garantem que não iriam poupar esforços para nas próximas edições “apresentar o *Almanaque* muito melhorado, com a parte de informação ampliada e a parte recreativa mais variada e interessante” (ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1893, p. 3).

Com o *Almanaque Popular Brasileiro*, Revocata colabora já em sua primeira edição, por meio do texto “Bruno Seabra”, uma homenagem a este poeta brasileiro. Lembra que o escritor morreria cedo, tendo sido “mais um dos tantos talentos ceifados no mais belo período da existência”, exatamente “quando o coração mais palpita, mais se sente impulsionado pelos arroubos da idade e dos sentimentos que ao fogo da mocidade crescem exuberantes de vida e seiva”. A autora gaúcha reclama que nenhum editor tivesse se lembrado

de “reimprimir o tão belo e delicado livro *Flores e frutos*, bem como outros pequenos trabalhos de mentalidade, deixados pelo malogrado moço”. Segundo ela, tal publicação em “muito concorreria para o brilho de nossas letras”. Além disso, a escritora sustenta que seria “justo que o nome do distinto brasileiro seja mais vezes lembrado, porque ele incontestavelmente possui cintilações que honram a pátria do gentil poeta”, o qual, ainda que “arreatado cedo, deixou fúlgidos atestados de seu grande estro” (ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1893, p. 88-89).

Revocata de Melo retorna às páginas do *Almanaque Popular Brasileiro* ao final do século XIX, publicando o poema “Um guerreiro”. Ela volta à temática da guerra e mesmo que não fizesse referência direta, era uma alusão à Revolução Federalista, que terminara recentemente. No soneto, idealiza o “guerreiro” que, em nome da pátria, enfrenta todos os perigos de uma “luta sangüinária”. Poderia ser um dos tantos rebeldes que lutaram contra o autoritarismo de Júlio de Castilhos e Floriano Peixoto:

Quisera ver-te ao sibilar das balas,
Dentre as falanges em subido ardor,
Bravo e potente parecer nas alas,
Brandindo a espada em marcial calor!

Ver-te altaneiro na avançada à frente,
Rompendo o fogo de canhão voraz,
Cabelo esparso, descoberta a fronte,
Sob um chuveiro de metralha audaz;

Depois, olhando os pelotões imigos,
Rir da Bombarda, desprezar perigos,
Destro na luta sangüinária, atroz;

Belo, marchando a procurar vitórias,
Expondo a vida, a mocidade, as glórias,
Da pátria ardente à poderosa voz. (ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1897, p. 170).

3.3.2 – Semanários caricatos

A imprensa caricata teve uma fase de apogeu no Rio Grande do Sul ao longo das três últimas décadas do século XIX e primeiros anos do seguinte, circulando vários títulos, especialmente nas cidades de Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande (FERREIRA, 1962, p. 8-9). Por meio “de imagens pejadas de ironia e simbolismo, associadas e/ou complementadas por escritos da mesma natureza” as publicações voltadas à caricatura “tiveram na prática de um humor

direto e incisivo um dos elementos essenciais que marcaram o seu norte editorial”. Este gênero jornalístico detinha “seus alvos preferenciais”, de modo que, “ao lado da crítica social e de costumes, os hebdomadários caricatos esmeravam-se na crítica de natureza política e às próprias atividades jornalísticas” (ALVES, 2006, p. 361).

Ainda que a temática predominante seja a de fundo crítico político e/ou social, a imprensa caricata também destinou espaço para textos de natureza literário-cultural. Neste sentido, vários literatos que obteriam certo renome e outros autores ainda em início de carreira colaboraram ativamente com os semanários voltados à caricatura e, dentre eles, está Revocata de Melo.

Uma das folhas caricatas com as quais Revocata colabora é o *Zé Povinho*, da cidade de Pelotas, semanário que circula por pouco tempo ao longo do primeiro semestre de 1883. Ao apresentar-se ao público, tal periódico afirma: “pretendo chegar ao país do belo ideal” e “à terra prometida dos risos e distrações”, tendo em suas “malas risos e alegrias, flores e perfumes, harmonias e esperanças para distribuir pelo caminho”. A publicação caricata diz ainda que o seu “itinerário de viagem” é guiado por “progresso, instrução e trabalho”, buscando “a irradiação das ideias úteis e generosas” e “a buzina da ciência através do espaço do porvir” (ZÉ POVINHO, 7 jan. 1883, p. 2).

A matéria prima essencial do *Zé Povinho* é o humor, mas como diz em sua apresentação, ele busca também a atender ao belo, à instrução e à irradiação das ideias, surgindo aí o espaço para os textos de autores mais reconhecidos. Neste semanário, Revocata, assinando com o pseudônimo de Hermengarda, publica uma breve crônica de nome “Um pensamento”, na qual traça uma melancólica reflexão sobre a vida em suas tristezas, desesperanças e descrenças.

Em “Um pensamento”, “Hermengarda” destaca o quanto “triste é a vida quando a seiva do amor lançada ao solo por inexorável destino, não é umedecida pelo meigo orvalho da ventura”. A escritora considera que a vida é “para sempre o estigma de um desejo, fervoroso, é verdade, mas sempre arrefecida pelo gelo de desânimo”, lamentando tal “cruel condição”, quando a pessoa já se via, “na mocidade, submergida no imenso bátrio da descrença!”. Desta maneira, a colaboradora da folha caricata destaca que, numa “quadra risonha de esperanças, a descrença é morte e quão triste é morrer na flor dos

anos”, de maneira que, na “hora, em que traço estas linhas” ficava oprimido o seu coração e ela caía “em profunda atonia” (ZÉ POVINHO, 6 maio 1883, p. 7).

Outra presença de Revocata na imprensa caricata sulina ocorre na “folha ilustrada e humorística” pelotense *A Ventarola*, que circula ao final dos anos 1880. Tal publicação se apresenta ao público com um “sonante programa” em versos, afirmando ser uma “catita e perfumada” que busca leitores, mas “de serrote, martelo e não de lira”. A redação promete ainda manter “com açúcar seu crayon adocicado, em alfinete a pena convertendo”, de modo a seguir “este prolóquio bem velhinho: *castigat mores ridendo*”, em referência à antiga expressão latina, pela qual a correção dos costumes poderia dar-se por meio do riso (A VENTAROLA, 10 abr. 1887, p. 2).

A escritora rio-grandense publica na *Ventarola* matéria denominada “Reflexões”, contendo uma série de pensamentos sobre diferentes temas, uma prática que viria a retomar no futuro de sua carreira. Dentre estas reflexões, algumas envolviam questões em torno das relações homem–mulher, analisando o tradicional padrão comportamental da época, que permitia a prática da traição por parte do homem. Segundo Revocata, “o coração da mulher é o juiz que, embora consciente da culpabilidade do homem, facilmente concede-lhe o perdão”, desta maneira, “perante essa autoridade secreta, julgam-se grandes culpados em que lhes seja imposto o golpe de pesada sentença” (A VENTAROLA, 26 ago. 1888, p. 6).

Ainda em referência à relação a dois, a autora opina que “uma esposa terna, educada, é a melhor conselheira para o homem”, pois “tem a guiá-lo a razão e o coração”. Sobre tema correlato, Revocata escreve que “o ciúme em todos os tempos se tem mostrado origem de males e desgraças”, bem como “o filho de grosseira alucinação” e, mesmo que “nascido do verdadeiro amor, subjuga a razão e tudo pode sobre os espíritos fracos” (A VENTAROLA, 26 ago. 1888, p. 7).

Detalhes do comportamento humano também passam pelo crivo de Revocata em suas “Reflexões”, como no caso do antagonismo entre altruísmo e egoísmo, quando ela sentencia que “o homem pratica o bem visando sempre ao interesse próprio, ainda mesmo que o não confesse”. A respeito das constantes insatisfações das pessoas, ela aponta que “só nos parece verdadeira ventura aquilo que não nos foi dado ainda alcançar”. Ainda, de

acordo com a escritora, versando sobre as inter-relações de afinidade, o ato de conhecer “as faltas daqueles a quem amamos, nos é mais penoso que suportar as suas ingratidões” (A VENTAROLA, 26 ago. 1888, p. 6).

A autora ainda demarca suas opiniões acerca da vida política nacional, destacando que aqueles que tinham verdadeiro sentimento pela pátria não deveriam aventurar-se no cenário político-partidário pela simples ambição do poder. De acordo com tal perspectiva, afirma que “o patriota de coração desdenha as seduções da política”, trabalhando “para que em sua pátria não haja poder algum superior às leis”, desejando “o direito da ordem e da justiça” (A VENTAROLA, 26 ago. 1888, p. 6-7).

Revocata de Melo ainda realiza uma importante reflexão sobre a sua maneira de ver a arte poética. Segundo a escritora, a poesia verdadeira é aquela que nasce dos próprios sentimentos e compreensões do poeta:

Para ser verdadeiro poeta é necessário inspirar-se na natureza, impressionar-se ante as grandes cenas onde a humanidade interpreta o sublime dos sentimentos bons e nobres; é preciso mais que tudo cantar de harmonia com o que lhe vai na alma, e não, sem orientação própria, falsamente moldar a lira ao que não lhe é natural sentir e compreender. (A VENTAROLA, 26 ago. 1888, p. 6-7).

Também na *Ventarola*, Revocata republica o poema “Insônia da alma” que, mais de seis anos antes, já aparecera nas páginas do *Arauto das Letras*, o qual traz uma analogia entre o sono e a morte (VENTAROLA, 22 set. 1889, p. 2-3). A autora volta a tecer algumas “Reflexões” nas páginas do caricato pelotense. Uma delas é sobre o papel da imprensa, considerando que, “se o jornal é o livro do povo, é mister que o jornalista seja consciencioso”, fazendo “escrupulosa escolha da leitura que oferece”. Diante disto, a escritora questiona o que poderia aprender “o leitor na discussão baixa e vergonhosa que desce até os últimos degraus da torpeza e da vilania” (A VENTAROLA, 20 out. 1889, p. 2). Revocata de Melo ainda faz considerações sobre o pensamento humano, como motor da imaginação, dos sentimentos, das vivências e da criação artístico-literária:

Muito mais rápido que qualquer pássaro voa o pensamento humano.

No mais pequeno lapso de tempo, atravessa desertos e sobe ao cume das montanhas; transporta-se ao passado e célere traz-nos à mente

as mais ditosas ou cruéis cenas de nossa vida. Visita os entes queridos de quem estamos separados por longos mares; para junto ao túmulo daqueles que amamos e que dormem já o interminável e gélido sono da morte; enche-nos por meio de uma lembrança feliz, o coração de esperança quando estamos prestes a sucumbir de desânimo e, finalmente, pode dar-nos inúmeros gozos e infinitos martírios no simples decorrer de alguns momentos. (A VENTAROLA, 20 out. 1889, p. 2)

As “Reflexões” de Revocata comparecem novamente nas páginas da *Ventarola*, desta vez dedicadas à escritora Inês Sabino. Novamente a temática é variada, mas envolvendo conteúdos pertinentes às inter-relações humanas. Em um destes pensamentos, a escritora defende um comportamento mais moderado, destacando que “a prudência é um facho salvador, quando as circunstâncias tendem a lançar-nos no abismo das exaltações perigosas”. Não mais do que uma coincidência, mas de forma curiosa, a autora tece tal consideração poucos dias antes da proclamação da República, que tantos radicalismos iria despertar (VENTAROLA, 10 nov. 1889, p. 2).

Em outra das “Reflexões”, a escritora retorna à temática dos sentimentos, afirmando que “as apreensões, as dúvidas de quem tem o coração cheio de amor e a imaginação repleta de fantasias” tornam-se semelhantes “àqueles cerrados véus de neblina que dão às manhãs de inverno uns tons sombrios”, no entanto, “ao descerrarem-se de todo, mostram mais bela a natureza, o sol mais ardente, o dia mais seguro e calmo” (VENTAROLA, 10 nov. 1889, p. 2).

A morte, temática que tanto acompanha a existência e a criação literária de Revocata de Melo também se fez notar em suas “Reflexões”, comparando-a à ação de um vento destruidor. Nesta perspectiva, afirma que, “como o siroco que em um momento tudo destrói, lançando em desesperação os incautos viajantes, a morte, sem piedade, derruba e some no abismo da eternidade”, com “a robustez, a beleza, o viço de uma vida cheia de aspirações, de mocidade e afetos” (VENTAROLA, 10 nov. 1889, p. 2).

As preocupações de cunho social também se fazem presentes nos pensamentos expressos pela autora nas páginas do hebdomadário caricato pelotense. Ela demonstra certo repúdio diante de setores representativos da oligarquia, ao afirmar que “a lisonja tem o seu império nas altas sociedades, onde avultam os títulos de nobreza e as etiquetas palacianas”. Na mesma

direção, a escritora não deixa de lembrar um tema com o qual muito se ocupa ao longo de sua vida, ou seja, a pobreza. Deste modo, ela enfatiza que “a miséria é uma fatal conselheira para o homem” (VENTAROLA, 10 nov. 1889, p. 2).

Mais tarde, já nos primórdios do século XX, Revocata de Melo colabora com outro periódico caricato intitulado *O Diabo*, o qual circula na cidade do Rio Grande, apresentando uma qualidade gráfica bastante diferenciada, inclusive com a utilização das cores na impressão. Não há exemplares disponíveis para conhecer o programa de tal folha, nem identificar diretamente as participações da escritora, mas o jornal rio-grandino *Eco do Sul* publicou notas a esse respeito. O *Eco* qualifica *O Diabo* como “simpática e bem cuidada revista”, voltada a “agradar sobremaneira ao público em geral”, tendo a parte ilustrada e o texto “confeccionados a capricho”. Neste semanário Revocata publicou pelo menos dois textos intitulados “Mentiras convencionais” e “A avó” (ECO DO SUL, 12 maio 1905, p. 2; 26 maio 1905, p. 2).

3.3.3 – Diários

Os jornais diários se caracterizam normalmente “por uma circulação regular e perene ao longo de várias décadas”, tendo em vista a “constante busca pelo equilíbrio entre a expressão mais evidente de suas convicções político-partidárias e seus interesses comerciais e financeiros de sustentação”. Mesmo chegando a “ter uma filiação ou simpatia partidária”, em geral, seus posicionamentos “tornavam-se mais intensos e abertos em períodos determinados e cronologicamente bem definidos”. Nesta linha, eles “intentaram constantemente incluir-se no seleto grupo dos praticantes de uma imprensa séria” (ALVES, 2002, p. 155).

Deste modo, os periódicos diários não deixam de mover suas campanhas e debates políticos, mas mantém certos cuidados com o tipo de linguagem utilizada e com a expressão mais exacerbada de suas convicções, uma vez que permanecem os interesses em vender assinaturas e espaço de material publicitário em suas páginas. Desde o final do século XIX e intensificando-se no seguinte, há também entre os diários uma crescente preocupação com a notícia, pois cada vez mais ocorre a necessidade de

apresentar ao público uma posição embasada na independência, na qual a informação se sobrepõe à opinião. A partir desta tendência, os jornais passam a apresentar-se “como veículos imparciais de informações responsáveis”, com “a divulgação profissional e verídica dos acontecimentos”. Era um novo jornalismo, “filtrado pela racionalidade emergente do mercado” (RÜDIGER, 2003, p. 76).

Revocata Heloísa de Melo convive com esta fase de transição da imprensa gaúcha, com a coexistência do jornalismo de certo predomínio político-partidário com aquele dito independente. A participação mais intensa da escritora ocorre na chamada pequena imprensa, principalmente no que se refere ao jornalismo literário. No entanto, não deixa de atuar também junto ao jornalismo diário, aparecendo como colaboradora em vários periódicos sul-rio-grandenses. Revocata chega mesmo a atuar na redação de um jornal diário, como muitos de seus biógrafos apontam, com a função de redatora do *Diário de Pelotas*, ainda na sua juventude²⁴.

A escritora chega a atingir um significativo reconhecimento intelectual, especialmente no âmbito regional. Assim, como era comum à época em relação aos escritores mais renomados, aos jornais diários interessa a inserção de suas colaborações como forma de aprimorar seus quadros redacionais e, por conseguinte, obter mais um atrativo em relação ao público leitor. Neste sentido, Revocata colabora com diversos periódicos diários, e tal atuação fica aqui demonstrada no quadro sul-rio-grandense através de uma brevíssima amostragem. Tal abordagem está veiculada às presenças da autora como colaboradora em diários gaúchos em três direções específicas: as colaborações de cunho encomiástico, voltadas às homenagens de personagens e/ou datas específicas; as de natureza literária, nas quais ela leva às páginas das folhas diárias textos vinculados à sua produção literário-cultural; e as de cunho político, nas quais a escritora, ainda que mais raramente, expressa algumas de suas convicções político-partidárias.

No que se refere aos textos encomiásticos, um hábito do jornalismo da época é o de reunir intelectuais para elaborarem colaborações acerca de uma

²⁴ A única coleção ainda existente de alguns exemplares do *Diário de Pelotas* encontra-se no acervo da Biblioteca Pública de Pelotas, mas o acesso a mesma se encontra inviabilizado por causa das precárias condições de preservação.

efeméride, data cívica ou comemorativa, ou ainda para homenagear um personagem em especial. Revocata está presente em várias destas oportunidades.

Uma delas é demarcada por um preito realizado em memória de Gaspar Silveira Martins, líder político dos federalistas, principal agremiação opositora do castilhismo, tendo em vista o traslado de seus restos mortais para o Rio Grande do Sul, os quais até então permaneciam no Uruguai, onde o político falecera. Nesta oportunidade, Revocata de Melo elabora um poema de circunstância em glória do homenageado do momento, publicando-o no periódico *O Maragato*, jornal editado na fronteira do Brasil com o Uruguai e uma das mais ativas vozes do federalismo anticastilhista. No soneto intitulado “O grande apóstolo da liberdade”, a poetisa reconstrói uma imagem heroicizada de Silveira Martins, considerando que ele teria atuado como um arauto de todos os princípios benéficos à sociedade e, acima de tudo, como um baluarte da liberdade, em oposição ao autoritarismo que domina o Rio Grande do Sul da época:

Quando *Ele* aparecia, audaz, febricitante,
A desprender o verbo em lavas de vulcão,
Era a força viril, formosa, radiante,
Era o poder ingente, a fibra de Sansão!

Prendendo as multidões, mostrava à mocidade,
Os moldes da justiça, as vozes da razão;
Desdobrava o pendão do amor e da verdade,
Entre caudais de luz, em larga inspiração.

Em meio às legiões dos filhos denodados
Desta terra de heróis, de feitos, de guerreiros,
Impávido seguiu, mostrando aos comandados

Que a santa liberdade em terra dos pampeiros
Há de fulgir, brilhar, trazendo entrelaçados
Do Direito os troféus, em rosas e loureiros! (O MARAGATO, 23 jul. 1913, p. 2)

Outro momento no qual se dá a reunião de intelectuais para saudar uma efeméride é aquele que marca o bicentenário da fundação da cidade do Rio Grande, em fevereiro de 1937. Nesta ocasião, há uma série de celebrações na localidade portuária, considerada o berço da formação histórica sul-riograndense. Em tal ambiente, os jornais locais também participam das comemorações, publicando textos alusivos à data. É o caso do *Eco do Sul*, que

deixara de ser editado em 1934, mas retorna numa edição especial para aquelas festividades e manifesta inclusive a perspectiva de voltar a circular, expectativa que não vem a se confirmar. No *Eco*, Revocata, verdadeira decana entre os redatores rio-grandinos, é a autora do primeiro texto da edição especial, intitulado “Cultuando o passado”, anunciado como matéria inédita.

Em tal texto encomiástico, a escritora afirma que “glorificar um passado” e “guardar tradições que tudo dizem do início de nossos passos em busca da vida civilizada” são deveres que enaltecem “os homenageados e homenageadores”. Desta maneira, refere-se às “belas e eloquentes comemorações ao bicentenário desta terra”, lembrando a figura do fundador Silva Paes e “seus intrépidos auxiliares” que, “tomando o bastão da honra e do sacrifício, impuseram-se às láureas da História”. Descrevendo a ação portuguesa na conquista do Rio Grande, a autora enfatiza “a avançada gloriosa inscrita dentre os cômoros, dentre a rudez das águas uivantes, dentre os entreveros dos bons e maus elementos”, num quadro em que “Silva Paes, o soldado lusitano, foi alma-cérebro” que levava em frente “o amor e o sacrifício pela terra nativa”. Para arrematar o texto que mitifica a imagem de Silva Paes, ela pede que o mesmo seja perpetuado no bronze, uma vez que ele “já está imortalizado em nosso espírito” (*ECO DO SUL*, 19 fev. 1937, p. 2).

Já para *O Tempo*, periódico que circula no Rio Grande desde 1906 e que alterna posições de busca da imparcialidade com outras de simpatia pelo pensamento anticastilista, também por ocasião das comemorações do bicentenário do Rio Grande, Revocata publica um soneto, cujo título é “Rio Grande”. Tal poema de circunstância traz uma cidade que ganha vida para avançar, vencendo intempéries e obstáculos, de modo que sua história deveria servir de exemplo para as gerações vindouras:

Levanta os braços teus, mostrando vida
Nas expansões da glória e do labor;
Tens a bandeira entre florões erguida,
E o povo exulta, em vibrações e amor.

Podes altiva, na moderna lida
Desdobrar teu roteiro com fervor;
Que os novos vendo a tradição relida
Compreendam, proclamem teu valor!

Que tenha o mar, na tiorba retumbante,
As vozes da cruzada de gigante,
Epínícios cantando à tua história.

E céus e terra, e campos enflorados,
Se levantem unidos, congregados,
Para o Te-Deum de luz, da tua glória! (O TEMPO, 19 fev. 1937, p.1)

Quanto às colaborações de cunho literário publicadas nas páginas de publicações diárias, Revocata tem participação nas páginas da folha rio-grandina *Eco do Sul* em vários momentos. É o caso do ano de 1881, quando a escritora publica no *Eco* dois de seus contos. O primeiro é “A partida do soldado”, apresentado como uma “recordação” e versando sobre as consequências de cunho social originas a partir da guerra. O segundo, “Romance de uma noite”, também publicado na *Revista Literária* de Porto Alegre, traz ao público a história de um trágico amor. Ambos os textos acabam sendo incorporados ao conteúdo do livro *Folhas errantes*²⁵. (ECO DO SUL, 30 jan. 1881, p. 1; 28 ago. 1881, p. 1).

Mais tarde, já na virada do século, quando a autora prepara um novo projeto editorial, há outras participações no *Eco do Sul*. Nesta oportunidade, a redação do *Eco* anuncia que “a festejada escritora e ilustradíssima colega tem a entrar no prelo uma nova obra literária”, cujo título seria *Páginas sem pretensões*. Segundo o periódico, “a referida obra, para cuja recomendação basta apenas o laureado nome da sua autora, compõe-se de duas partes”, uma “de mimosos contos” e “outra de pequenos artigos sobre vários assuntos”. Diante disto, o *Eco do Sul* anuncia que iria publicar alguns textos da lavra da escritora (ECO DO SUL, 31 dez. 1902, p. 1).

Um destes textos se intitula “A imprensa”, no qual Revocata enaltece “este poderoso invento que tem dado margem a milhares de controvérsias, concorrendo grandemente para a civilização e conagraçamento dos povos”. Segundo ela, o jornal “tem por dever semear o bem, honrando a sublime missão de advogado do povo a que se impõe como órgão público”, servindo “para levar o pensamento do homem às entranhas do desconhecido” e “para erguer esse foco de luz mesmo nos mais pequenos recantos da terra”. A jornalista defende ardorosamente a “extirpação da calúnia e da difamação” das páginas dos periódicos, evitando-se as “publicações indecorosas e torpes”, de modo que considera uma urgência “que se faça a extinção de tão vergonhoso

²⁵ Ver capítulo 2 desta dissertação.

atentado à sociedade e à moral” e, para tanto, caberia o esforço de “todos os representantes da imprensa” (ECO DO SUL, 31 dez. 1902, p. 1).

Pouco depois, o mesmo *Eco* publica “O pêssego”, conto envolvendo questões como pobreza, infância e integridade moral e que viria a ser incorporado na edição do livro *Berilos*²⁶ (ECO DO SUL, 3 jan. 1903, p. 1). Mais tarde, o *Eco do Sul* traz o projeto de uma nova seção denominada “Belas letras aos sábados”, na qual reúne vários expoentes da literatura, notadamente rio-grandense, para abrilhantarem sua primeira página com textos literários em prosa e verso. Revocata de Melo também participa de tal proposta, vindo a publicar “O Natal”, reeditando o texto anteriormente inserido na folha literária *Tudo*, por ocasião da data natalícia de 1919 (ECO DO SUL, 24 dez. 1925, p. 1).

Quanto às colaborações de natureza política, realizadas por Revocata de Melo em jornais diários, fica evidenciada sua postura de resistência ao regime castilhistas, que domina autoritariamente o Rio Grande do Sul ao longo de toda a República Velha. Mais uma vez, tais amostras exemplificativas se encontram nas páginas do *Eco do Sul*, tradicional opositor ao predomínio dos castilhistas no Rio Grande do Sul. Um destes artigos é do início de 1903, quando o jornal faz referência à “infâmia na fronteira”, descrevendo o atentado sofrido por periódicos federalistas²⁷. Anunciando a colaboração da escritora, o *Eco* destaca que “a alma da mulher rio-grandense vibrou também, nos mais nobres assomos de indignação, para protestar contra o banditismo infrene que levou à fronteira a desolação e o terror, o incêndio e a degola”, de modo que Revocata interpretara “o sentir da mulher patricia, inexcedível no seu amor à pátria e à liberdade”, trazendo a contribuição de um “vibrante, nobre, elevado e patriótico artigo” (ECO DO SUL, 2 abr. 1903, p. 1).

Na ocasião, Revocata de Melo traz ao público sua opinião sobre “Assaltos à imprensa” na fronteira gaúcha. Aparece em tal artigo um outro estilo da autora, mais vibrante e exortativo, manifestando ampla indignação com a situação vigente. Ela diz não conhecer “mais selvagem arbitrariedade, maior traição aos desabafos da consciência e do pensamento, mais revoltante testemunho de ignorância às leis do direito e da razão” do que os atos contra a

²⁶ Ver capítulo 2 desta dissertação.

²⁷ Texto completo nos anexos.

liberdade de expressão, como ocorrera com os jornais oposicionistas *Maragato* e *Canabarro* (ECO DO SUL, 2 abr. 1903, p. 1).

Para a autora, a liberdade de imprensa é “a primeira base para o desenvolvimento e civilização dos povos” e isto só poderia ser negado por aqueles a quem “a torpe ambição do mando não haja amordaçado a poderosa voz da verdade e da razão”. Nesta perspectiva, declara, sem necessidade de citar nomes, que somente os partidários do castilhismo optariam pela “reclusão do pensamento”. Reclamando da falta de liberdades individuais característica da vigência do autoritarismo castilhista, a escritora defende que “ao cidadão cabe o direito de agir e pensar de pleno acordo com a sua consciência” (ECO DO SUL, 2 abr. 1903, p. 1).

Revocata advoga a causa da livre expressão do pensamento, bem como a possibilidade de convivência entre convicções diferentes, uma vez que deveriam ser respeitadas as “opiniões alheias, para que sejam respeitadas também as nossas”. Cobrando atitudes das autoridades governamentais, a articulista afirma que seria preciso que “os poderes públicos lavrem e façam executar, com todo o rigor da justiça, a punição dos réus desse nefando crime, que importa na destruição do jornal, e, logo, na defesa popular”. Manifestando suas ideias contrárias ao autoritarismo e fazendo verdadeira exortação à liberdade de imprensa, Revocata assume nuances do jornalismo combativo, mas sem perder o estilo austero e a sobriedade, conseguindo atingir seu alvo, sem citar uma única vez o nome que designava o grupo adversário. O texto da jornalista revela também que as sequelas da Revolução Federalista ainda se faziam bem vivas, pois já havia passado um decênio desde o ano que tal guerra fora deflagrada (ECO DO SUL, 2 abr. 1903, p. 1).

Outro texto de fundo político assinado por Revocata ao lado de sua irmã Julieta, na primeira página do *Eco do Sul*, traz mais uma vez a público a posição que ambas moviam contra o regime vigente no Rio Grande do Sul. Neste sentido, trata-se de uma saudação “Ao glorioso Partido Federalista”, enfatizando o papel da “pujante legião federalista”. Associando convicção política com a dor da perda do irmão para o autoritarismo castilhista, as irmãs Melo lembram-se de Romeu, sempre “cheio de energias, com o mais eloquente dos cultos, em plena sagração do civismo”. Desta maneira, elas pretendem

“distinguir todos esses heroicos paladinos da nobre cruzada federalista” (ECO DO SUL, 28 ago. 1912, p. 1).

Em clara demonstração de suas convicções, as irmãs Melo revelam que suas almas jamais silenciariam “ante às sensações do indômito Partido Federalista”, tal qual “o espírito daquele querido lutador” – mais uma vez em referência a Romeu de Melo – “que a cruciante morte arrebatou-nos para sempre”. Para elas, as homenagens à lápide do “idolatrado e inolvidável irmão” significavam também “o expressivo preito do grande Partido, que lhe foi um ideal de todos os instantes”. Nesta linha, Revocata, junto à Julieta, não se escondem diante da repressão típica da época em relação à liberdade de expressão e manifestam abertamente sua postura oposicionista, utilizando-se das páginas de um dos mais importantes diários gaúchos da época (ECO DO SUL, 28 ago. 1912, p. 1).

Esta incursão não traduz o conjunto completo da produção jornalística de Revocata Heloísa de Melo, mas serve como uma amostra de suas colaborações espalhadas por tantos periódicos sul-rio-grandenses. A escritora tem uma carreira extremamente longa, de modo que seus textos jornalísticos foram publicados desde os anos 1870 até a década de 1940, não se restringindo ao Rio Grande do Sul, pois também há referências de matérias por ela assinadas em outros locais do Brasil e até do exterior. Mas esta amostragem serve para demonstrar o quanto significativa foi a sua participação nos mais variados gêneros jornalísticos gaúchos, com predominância dos literários, estendendo-se a outros estilos. Fica evidenciada a respeitabilidade que seu nome adquire, de modo que a presença de suas contribuições em prosa ou verso também poderiam ser sinônimo de prestígio para a folha que as editava.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de ser considerada uma época de muitos progressos e transformações sociais, o século XIX ainda guarda em si perspectivas significativamente conservadoras no que tange ao papel social da mulher. Isto é ainda mais evidenciado no Brasil e sua cultura tradicionalmente patriarcal, fenômeno também marcante na mais meridional unidade administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul. Este é, portanto, um ambiente pouco favorável a tendências que visam a qualquer avanço quanto ao feminino e à emancipação da mulher em suas relações socioculturais.

Ainda assim, algumas mulheres marcam suas existências pela perseverança, resistindo ao conservadorismo, à desconsideração e ao preconceito, atuando na resistência e optando pela ação, ao invés do conformismo. Muitas delas usam como arma de combate a “pena”, ou seja, fazem da arte de escrever não apenas uma forma de expressão de novas ideias, mas também uma estratégia de combate em busca da mudança e da revisão dos padrões sociais que as condenavam a condições subalternas na sociedade. Neste sentido, a escrita feminina, apesar de todos os percalços, avança e progressivamente atua decisivamente na criação de um novo lugar social para o feminino.

Uma destas escritoras é Revocata Heloísa de Melo, com a sua batalha incessante, que atravessa as tantas décadas de sua vida, sempre dedicada à expansão da escrita feminina. Ela é uma digna representante da intelectualidade de sua época e, como era comum então, atua em áreas diferenciadas, numa ação contínua e efetiva como jornalista, contista, cronista, poetisa, teatróloga, professora, oradora, entre tantas outras. Reconhecida em sua época, ela conquista o respeito entre seus pares e obtém certa notoriedade no contexto literário de seu tempo.

A menina Revocata nasce na capital da Província, mas ainda muito cedo passa a residir na litorânea cidade do Rio Grande, onde vem a passar todo o restante de sua vida. Cercada por uma família cheia de afinidades com as letras, encontra em casa o ambiente propício ao desenvolvimento da arte que iria marcar a sua vida. Ainda jovem começa a escrever e empreende tal

atividade de maneira praticamente ininterrupta até seus últimos dias. Tem na sua irmã Julieta uma parceira de todas as horas até o desaparecimento desta, o qual tanto sofrimento trouxe a Revocata.

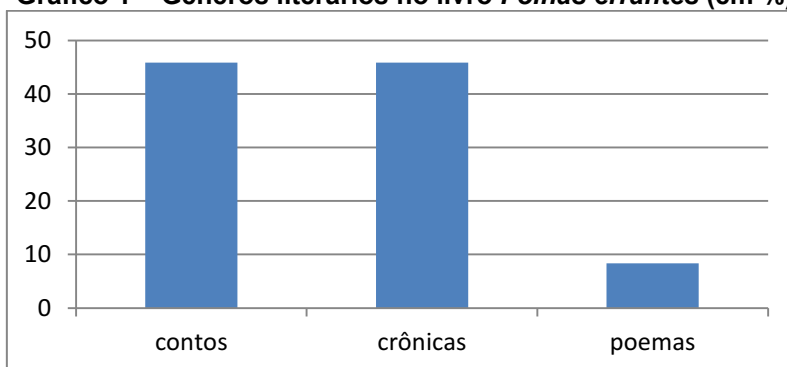
Mesmo morando no Rio Grande do Sul, tão distante do centro do Brasil, Revocata de Melo é tão exitosa em seus empreendimentos literários que consegue estabelecer uma rede de inter-relações com escritores de todo o país e até mesmo no cenário internacional. E tudo isto realizado num tempo no qual as comunicações e o transporte ainda têm significativas limitações. A carta continua a ser o principal modo de transmissão de notícias e informações, os vapores demoram em seus deslocamentos, e o telégrafo aproxima as regiões longínquas, mas ainda tem um custo significativo e é destinado a mensagens curtas, não se adaptando à escritura de cunho literário.

Para conseguir expandir seus horizontes, assim como a maior parte da intelectualidade de então, Revocata teve na imprensa periódica o mais eficiente veículo. Desta maneira, desde cedo ela já começa a escrever para jornais, obtendo sucesso na publicação de seus trabalhos. Com apenas vinte anos, consegue publicar um conto na *Revista do Partenon Literário*, uma das mais importantes publicações de seu gênero no contexto sul-rio-grandense do século XIX.

Daí em diante, ela não para mais e, ainda jovem, colabora em algumas das principais folhas literárias sul-rio-grandenses, como o *Álbum Literário*, o *Progresso Literário*, *O Lábaro*, a *Revista Literária*, a *Tribuna Literária* e o *Pervigil*. Revocata ainda tem participação importante no *Arauto das Letras*, folha editada por seu irmão Otaviano. Mas a *Violeta*, o projeto editorial inaugurado pela irmã Julieta ao final dos anos 1870, é o balão de ensaio para a caminhada que ambas viriam a consolidar no futuro. Mesmo sendo um típico representante da pequena imprensa e, portanto, de acanhadas proporções e curto período de existência, tal periódico atua na construção de uma imprensa eminentemente feminina – escrito por e dedicado às mulheres – e já atinge exitosa repercussão demonstrada pelo amplo intercâmbio que obtém com várias localidades de todas as regiões do Império e até com o exterior. Revocata atua como braço direito de Julieta, colaborando decisivamente na redação do pequeno jornal.

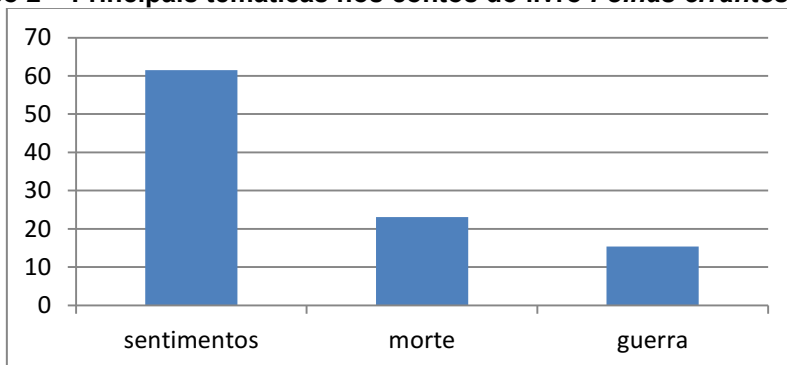
Nesta época de grande produção criativa por meio da imprensa, Revocata de Melo lança seu primeiro livro, *Folhas errantes*. Então conta com menos de trinta anos, de modo que é uma jovem Revocata que se manifesta por meio de uma série de contos e crônicas, distribuídos igualmente e predominando amplamente sobre os poemas que aparecem quase que apenas como ilustrativos nas páginas desta publicação original, refletindo uma característica de seu modo de escrever. Tal distribuição fica demonstrada no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Gêneros literários no livro *Folhas errantes* (em %)



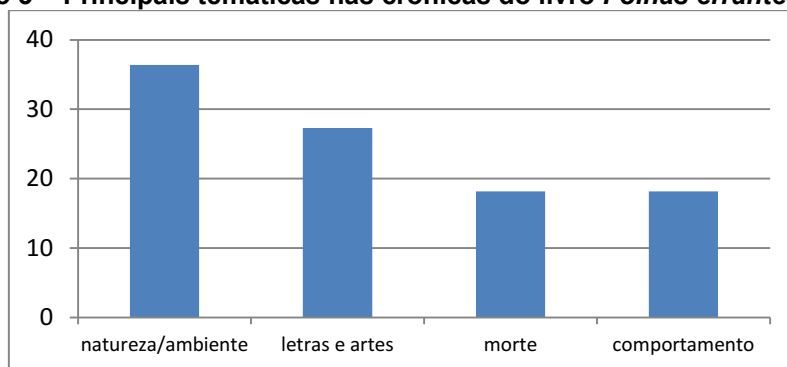
É efetivamente uma Revocata ainda encantada com os arroubos da juventude, aquela que se manifesta em *Folhas errantes*, deixando os tantos sentimentos de moça aflorarem em seus contos. Mas a influência romântica também deixa marcas no que se refere a um tom de amargura, de modo que amor e tragédia convivem paritariamente. Além disto, alguns dos temas que marcariam a carreira da escritora como a morte e a guerra já se fazem notar nos contos de seu primeiro livro, como fica evidenciado no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Principais temáticas nos contos do livro *Folhas errantes* (em %)



Também em *Folhas errantes*, apesar da experiência de vida ainda não tão expressiva, Revocata já deixa bem marcada sua vocação como cronista. São textos normalmente breves, que descrevem situações que trazem um misto de imaginário e realidade e/ou revelam certas vivências da autora. Como apresentado no Gráfico 3, nas crônicas da escritora editadas em seu primeiro livro há o predomínio das interfaces com a natureza e o ambiente, também uma influência romântica, mas já aparecem reflexões sobre o lugar social por ela ocupado, com discussões acerca de letras e artes. A tão recorrente temática da morte não deixa de aparecer e as questões comportamentais são presença constante nas reflexivas crônicas de Revocata.

Gráfico 3 – Principais temáticas nas crônicas do livro *Folhas errantes* (em %)



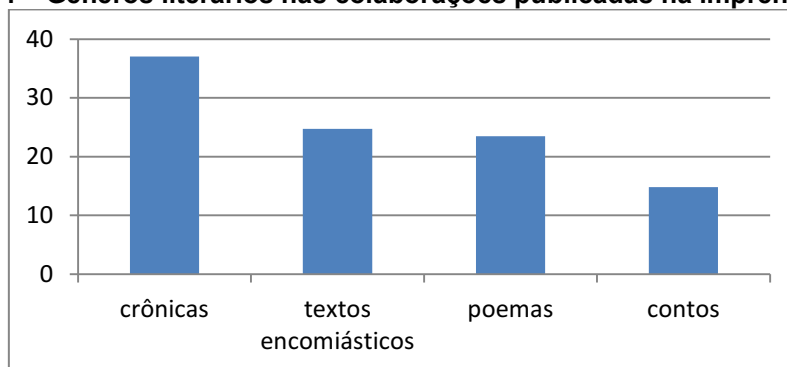
Após seu debute no ramo editorial de livros, Revocata de Melo dá início ao projeto de sua vida, passando a editar o periódico *Corimbo*, em outubro de 1883, antes de completar o seu trigésimo aniversário. De projeto, a revista se torna realidade e, com altos e baixos, avanços e recuos, mudanças de periodicidade e formato, continuidades e interrupções, ela atravessa as seis décadas que se seguem, acompanhando a própria existência da escritora. Apesar do *Corimbo* constituir o centro da ação de Revocata, ela não deixa de lado as colaborações com outros periódicos, mantendo a rede de inter-relações com outros intelectuais e, fundamentalmente, com a imprensa.

Seguindo a trilha iniciada nos anos 1870, Revocata continua a participar ativamente nas lides jornalísticas de sua época, com trabalhos editados em publicações de variados estilos jornalísticos. Nesta linha, ela permanece colaborando com folhas literárias, mas também com almanaques e diários. Importante destacar que a escritora mostra um pensamento progressista

quando às lides jornalísticas, uma vez que colabora inclusive com semanários caricatos, à época, muitas vezes vistos sob um prisma preconceituoso, por se dedicarem basicamente ao humor e ao jornalismo crítico-opinativo, chegando a ser considerados até como pornográficos, por alguns olhares mais conservadores. Pois Revocata não se deixa levar por tais preconceitos e apresenta algumas de suas reflexivas crônicas nas páginas de tais semanários.

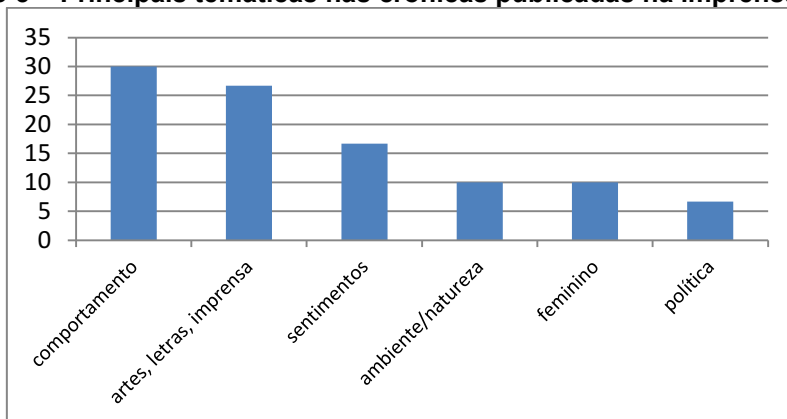
Em suas tantas colaborações publicadas na imprensa, levando em conta o levantamento realizado nesta dissertação, Revocata de Melo atua em variadas direções, predominando as crônicas, seguidas pelos textos encomiásticos e pelos poemas. Os contos ficam em menor proporção, notadamente por causa do espaço gráfico normalmente mais restrito nos jornais, levando à necessidade de publicar-se este tipo de texto em partes segmentadas. O gráfico 4 demonstra tal distribuição.

Gráfico 4 – Gêneros literários nas colaborações publicadas na imprensa (em %)



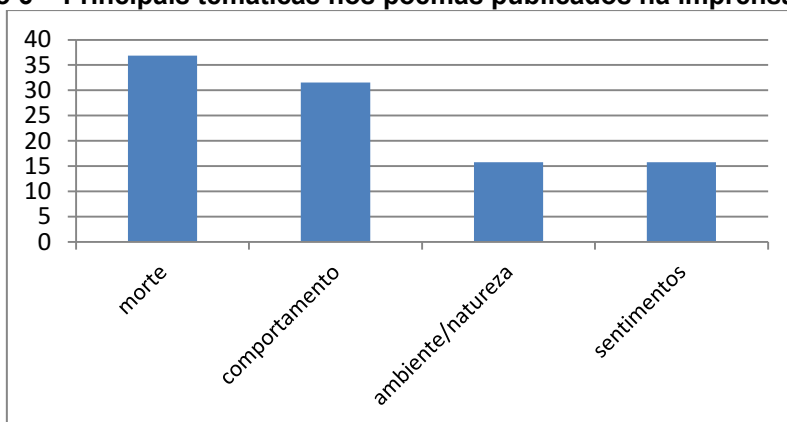
Neste sentido, o gênero que prepondera na produção jornalística de Revocata são as crônicas. São muitas as reflexões que ela publica nos jornais, somadas às tantas participações que teve nas “Miríades”, seção do periódico *Violeta*, na qual tem atuação decisiva. No que tange à temática de tais crônicas, as relações comportamentais humanas são as predominantes, num arco que envolve questões variadas que vão da religião a hábitos do cotidiano. Nas crônicas, suas áreas de atuação – artes, letras e imprensa – também têm relevo e os condicionantes sentimentais e as interfaces com a natureza e o ambiente, permanências da influência romântica, mantêm algum espaço. Há também ocorrências de debates a respeito da condição feminina e da política. O Gráfico 5 evidencia tais temas.

Gráfico 5 – Principais temáticas nas crônicas publicadas na imprensa (em %)



Não dedicando praticamente nenhum espaço em seus livros para os versos, foi nos jornais que a autora deu asas à sua ação como poetisa. O poema é uma das formas mais comuns dos escritores colaborarem com a imprensa, principalmente a literária, e Revocata não se furta desta faina, embora a poesia não fosse sua preferência como ressaltam alguns de seus biógrafos. A preferência pela poesia de parte dos periódicos prende-se também ao fato das proporções gráficas mais propícias e ao normalmente significativo gosto do público da época pela linguagem versejada, ritmada e rimada. Quanto aos poemas, Revocata dedica-os à morte, às questões comportamentais, ao ambiente e à natureza e às relações sentimentais, como apresenta o Gráfico 6. Tais temáticas são reflexo não só da influência romântica, como do meio que a cerca e das vivências da escritora.

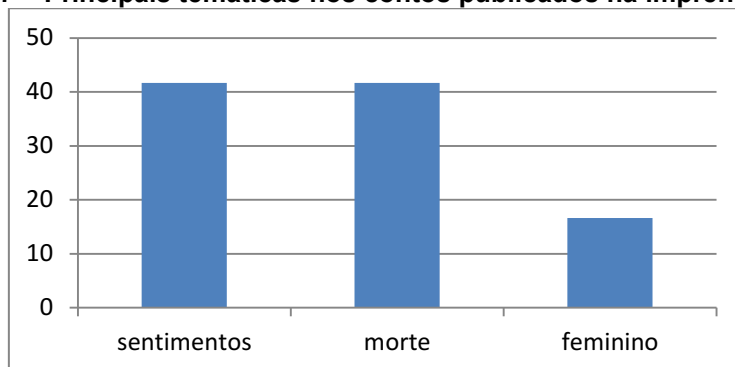
Gráfico 6 – Principais temáticas nos poemas publicados na imprensa (em %)



Ainda que em menor número, Revocata publica vários de seus contos nas páginas dos periódicos. Alguns deles chegam a obter sucesso e

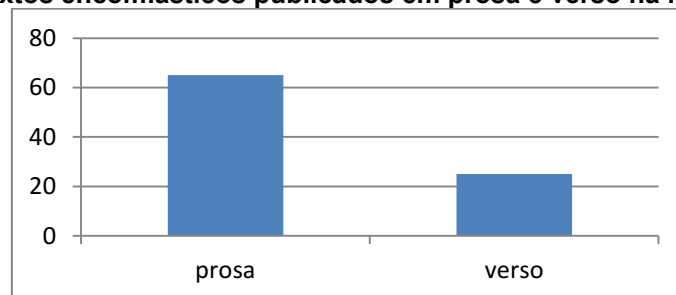
repercussão, tanto que vêm a ser reeditados quando da edição de livros. Também nos contos, a autora demonstra suas predileções pelas temáticas sentimentais, no tradicional misto de encontros, desencontros e tragédias; a morte permanece como um tema relevante e as condições do feminino também se fazem presentes, como pode ser verificado a partir do Gráfico 7.

Gráfico 7 – Principais temáticas nos contos publicados na imprensa (em %)



Como era comum em meio à intelectualidade de sua época, por diversas vezes, Revocata de Melo participa de edições especiais que visam a enaltecer indivíduos, acontecimentos ou datas cívicas, com a publicação de textos de natureza encomiástica. Tais homenagens não se restringiram a números especiais, havendo manifestações laudatórias espalhadas nas páginas de diferentes gêneros jornalísticos e a autora tem significativa ação na edição deste tipo de texto, em prosa ou verso, com predomínio daquela sobre este, tal qual era a própria tradição de sua carreira e conforme demonstra o Gráfico 8:

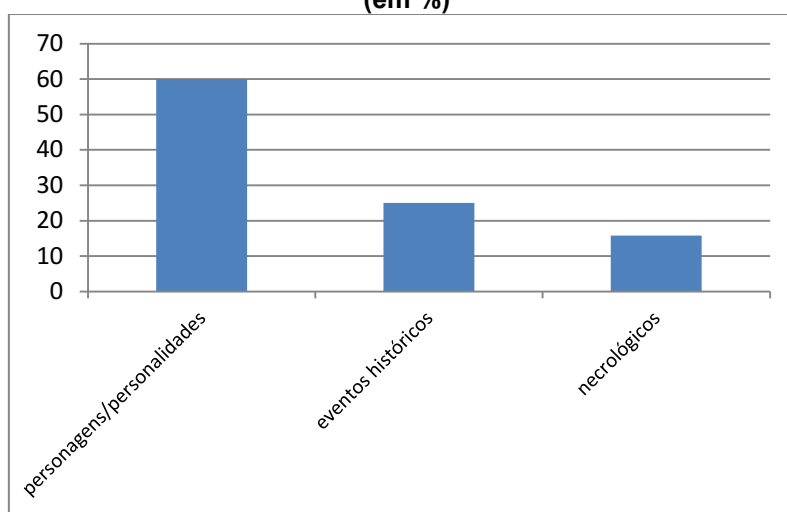
Gráfico 8 – Textos encomiásticos publicados em prosa e verso na imprensa (em %)



Os textos encomiásticos publicados pela escritora gaúcha junto à imprensa são de natureza variada, como panegíricos em louvor de personagens históricos ou personalidades de sua época, notadamente

literatos, jornalistas, artistas e políticos, contribuindo com a rede de inter-relações literário-culturais estabelecidas ao longo de sua carreira. Aparecem também poemas de circunstância e elegias em torno de datas cívicas e eventos históricos e também textos laudatórios em prosa ou verso de cunho necrológico, saudando um morto ilustre ou do nicho de relações familiares ou de amizade da autora. O Gráfico 9 apresenta tal distribuição.

Gráfico 9 – Textos encomiásticos publicados na imprensa – destino das homenagens (em %)

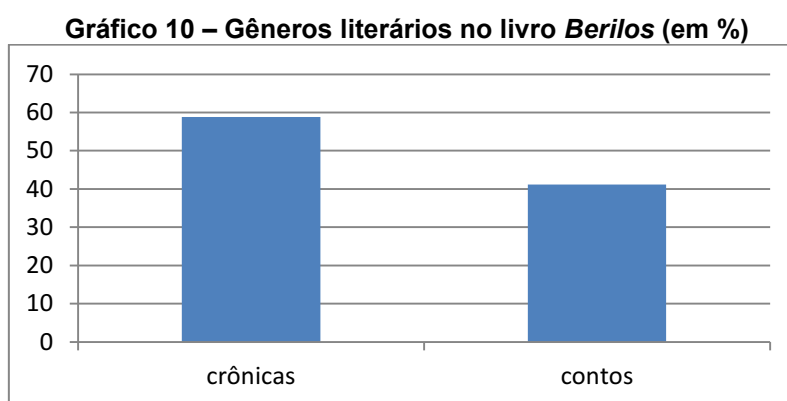


Dez anos depois do início da circulação do *Corimbo*, quando contava com trinta e nove anos, Revocata, em parceria com a irmã Julieta, atua também na carreira de teatróloga com o drama *Coração de mãe*. Elas desenvolvem a peça teatral com a descrição dos personagens, dos cenários – caracterizados pela sobriedade tendo em vista as dificuldades pelas quais o Rio Grande do Sul passa à época – e do desenvolvimento da trama. Sob o pano de fundo dos encontros e desencontros amorosos e a culminância trágica, as irmãs Melo trazem ao público a discussão de temáticas envolvendo a emancipação feminina e até mesmo rupturas com a tradição, chegando a sugerir opções de leitura acerca do assunto. É a escrita feminina avançando por meio da estratégia teatral, buscando exercer influência junto aos leitores e espectadores.

Na labuta da imprensa, somada à sua carreira docente, se desenrola a vida de Revocata. Nas décadas que se seguem ela convive com a guerra desenfreada, a afirmação do autoritarismo no contexto gaúcho, inclusive com a

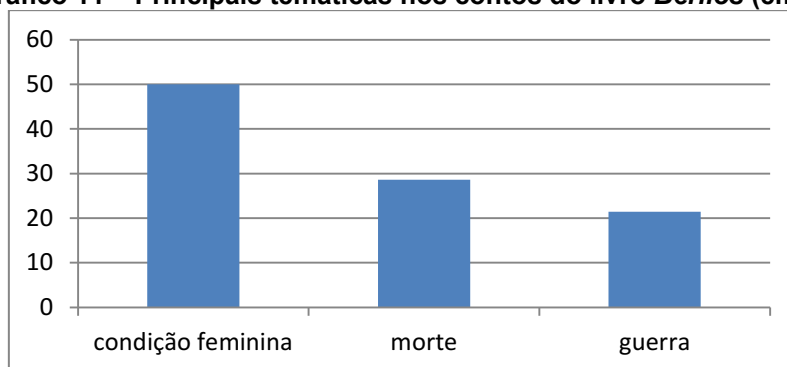
perseguição política de seu irmão Romeu. Neste tempo ela vai fixando suas posições político-ideológicas de oposição ao castilhismo e admiração pelo federalismo e consolida sua luta pela causa feminina, principalmente no que tange ao viés da educação da mulher como caminho fundamental para um novo lugar social.

Deste modo, é uma Revocata bem mais amadurecida, contando com quase sessenta anos, que elabora *Berilos*. Trata-se mais uma vez de uma parceria com a irmã Julieta, mas desta vez apenas no tocante à edição do livro, pois a redação dos textos é independente, cada qual ficando com um dos “Livros” que compõem o todo da publicação. Em *Berilos*, novamente não aparece a Revocata poetisa, apenas a cronista e contista, com preponderância da primeira, conforme demonstra o Gráfico 10:



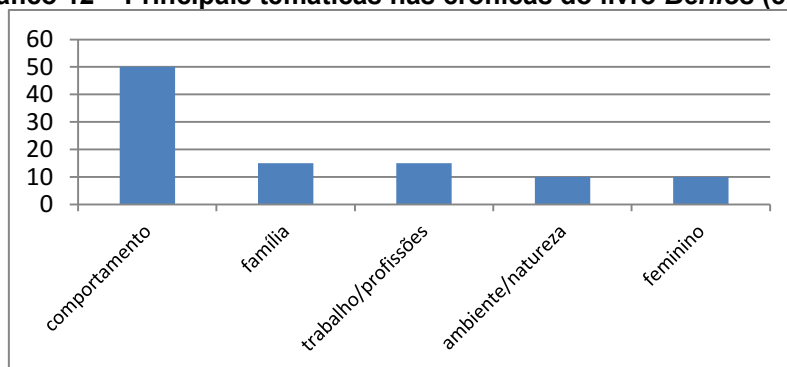
A maturidade de vida e de carreira da escritora fica evidenciada em *Berilos*. Os encantos sentimentais são deixados de lado, dando lugar a temáticas que visam a uma maior conscientização do leitor. Ela avalia a sociedade e mostra algumas de suas mazelas, de modo que ficção e realidade encontram-se no cerne da obra. Alguns dos temas que engatinhavam no primeiro livro ganham relevo nos contos publicados em *Berilos*, como mostra o Gráfico 11. A questão do papel social da mulher e a condição feminina passam a ser predominantes. A morte, inspiração literária e elemento marcante de suas vivências, também não é deixada de lado. A guerra, com a qual ela teve contato tão direto, também se faz presente. Mas, ao contrário de muitos literatos que tratam dos enfrentamentos bélicos muitas vezes para enaltecer e construir atos heroicos, Revocata prefere destacar os custos sociais da guerra.

Gráfico 11 – Principais temáticas nos contos do livro *Berilos* (em %)



A autora também traz sua maturidade nas crônicas, mais incisivas e até críticas em relação à sociedade. O comportamento humano, as relações familiares, o valor do trabalho e das profissões e o feminino aparecem como condicionantes de tal pensamento crítico, sem deixar de haver algum espaço para as inter-relações com o ambiente e a natureza, sua antiga fonte de inspiração. Tais crônicas reflexivas somam-se a pensamentos expressos pela escritora, evidenciando seu reconhecimento como intelectual, à medida que demonstra o apelo que suas ideias e convicções pessoais poderiam ter em relação ao público leitor. Os temas de tais crônicas ficam evidenciados no Gráfico 12.

Gráfico 12 – Principais temáticas nas crônicas do livro *Berilos* (em %)



A carreira de Revocata prossegue firme, colaborando com jornais e redigindo/gerenciando o *Corimbo*, tarefa nada simples em se tratando de um fenômeno de longevidade em termos de pequena imprensa. Além de *Folhas errantes*, *Coração de mãe* e *Berilos*, alguns de seus biógrafos indicam também

outras publicações solo ou em parceria com Julieta, tais como *Grinalda de noiva*, *Mário*, *Marinhas*, *Missal de ternura* e *Heptacordium*. A imprensa chega a divulgar um outro título – *Páginas sem pretensões*. E a própria autora anuncia *Manifestações de palavras* e *Mosaicos*, novas obras que deveriam ser lançadas ao público. A ausência destes títulos nos centros de pesquisa indica que a maioria deles não deve ter avançado da condição de projeto editorial, o que não prejudica a perspectiva de que a simples intenção de promover tais edições traz em si a presença de uma constante motivação criativa. Ainda assim, o percurso entre *Folhas errantes* e *Berilos* serve para demonstrar as principais características da sua obra.

A jovem escritora dos anos 1870 envelhece e se transforma na veterana e decana do jornalismo sul-rio-grandense. Os anos trazem o respeito e o reconhecimento. Ela consegue sobreviver às tantas epidemias que assolam o Brasil e o mundo, às guerras civis que estremecem o Rio Grande do Sul e aos grandes conflitos bélicos que agitam o contexto internacional. Mas também sobrevive a seus dramas pessoais, perdendo um a um os membros de sua família, até a culminância, com a morte de Julieta, tão chorada nos anos que se seguiram. Mas, mesmo assim, Revocata persevera e resiste às dificuldades, sem desistir de seus objetivos, escrevendo até as portas da morte.

Nesta longa trajetória, a autora tem uma atuação decisiva em termos de escrita feminina, não só agindo na redação de matérias jornalísticas e livros, como também participando ativamente de uma rede de escritoras e escritores que pretendem levar em frente a missão da difusão cultural e da leitura/escrita em meio às mulheres. Ela chega a ser considerada conservadora por alguns de seus biógrafos, notadamente quando comparada com os ideais feministas mais contemporâneos, entretanto, ela responde às realidades de seu tempo e faz da educação da mulher uma bandeira para, a seu modo, lutar pela emancipação feminina. O conjunto de sua obra literária revela uma constante inter-relação com o contexto histórico e com as suas vivências, numa perene interação entre a autora, a realidade e o leitor.

Revocata Heloísa de Melo escreve num período em que as circunstâncias normais poderiam levar as mulheres à passividade e ao desinteresse quanto às letras. Mas ela faz parte de um grupo seleto de escritoras, cuja atuação literária e jornalística promove a ação, a leitura e a

cultura no contexto feminino. Além disto, ela escreve e opina a respeito de temas variados, demarcando um espaço no qual as mulheres passam a ter voz e participação ativa na sociedade. A escritora tem o ponto alto de sua carreira na redação do periódico *Corimbo*. Mas, “além da inflorescência”, ela é uma prosadora e poetisa profícua e reconhecida, com uma produção intelectual que a coloca como importante representante da escrita feminina sul-rio-grandense e brasileira. Uma amostra de parte desta obra foi apresentada nesta dissertação. Quanto ao “aquém da inflorescência”, se houver oportunidade, será o mote para uma nova jornada.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes

ÁLBUM LITERÁRIO, Pelotas, 1 mar. 1875, a. 1, n. 1, p. 1.

ÁLBUM LITERÁRIO, Pelotas, 26 abr. 1875, a. 1, n. 9, p. 35.

ÁLBUM LITERÁRIO, Pelotas, 3 maio 1875, a. 1, n. 10, p. 38-39.

ÁLBUM LITERÁRIO, Pelotas, 10 maio 1875, a. 1, n. 11, p. 44.

ÁLBUM LITERÁRIO, Pelotas, 17 maio 1875, a. 1, n. 12, p. 45.

ÁLBUM LITERÁRIO, Pelotas, 31 maio 1875, a. 1, n. 14, p. 56.

ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DA PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL PARA 1889, Rio Grande, 1888, a. 1, p. 3.

ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DA PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL PARA 1890, Rio Grande, 1889, a. 2, p. 172.

ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL PARA 1902, Rio Grande, 1901, a. 14, p. 244.

ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO PARA O ANO DE 1894, Pelotas, 1893, a. 1, p. 3.

ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO PARA O ANO DE 1894, Pelotas, 1893, a. 1, p. 88-89.

ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO PARA O ANO DE 1898, Pelotas: Livraria Universal, 1897, a. 5, p. 170.

ARAUTO DAS LETRAS, Rio Grande, 6 ago. 1882, a. 1, n. 1, p. 1.

ARAUTO DAS LETRAS, Rio Grande, 13 ago. 1882, a. 1, n. 2, p. 4.

ARAUTO DAS LETRAS, Rio Grande, 20 ago. 1882, a. 1, n. 3, p. 1-2, 4.

ARAUTO DAS LETRAS, Rio Grande, 7 jan. 1883, a. 2, n. 2, p. 3.

ARAUTO DAS LETRAS, Rio Grande, 22 abr. 1883, a. 2, n. 14, p. 1-2.

ARAUTO DAS LETRAS, Rio Grande, 7 jun. 1883, a. 2, n. 16, p. 2.

A VENTAROLA, Pelotas, 10 abr. 1887, a. 1, n. 1, p. 2.

A VENTAROLA, Pelotas, 26 ago. 1888, a. 2, n. 74, p. 6-7.

A VENTAROLA, Pelotas, }.

A VENTAROLA, Pelotas, 20 out. 1889, a. 3, n. 134, p. 2.

A VENTAROLA, Pelotas, 10 nov. 1889, a. 3, n. 137, p. 2.

ECO DO SUL, Rio Grande, 30 jan. 1881, a. 28, n. 321, p. 1.

ECO DO SUL, Rio Grande, 28 ago. 1881, a. 28, n. 491, p. 1.

ECO DO SUL, Rio Grande, 31 dez. 1902, a. 48, n. 251, p. 1.

ECO DO SUL, Rio Grande, 3 jan. 1903, a. 49, n. 2, p. 1.

ECO DO SUL, Rio Grande, 2 abr. 1903, a. 49 n. 77, p. 1.

ECO DO SUL, Rio Grande, 12 maio 1905, a. 51, n. 107, p. 2.

ECO DO SUL, Rio Grande, 26 maio 1905, a. 51, n. 118, p. 2.

ECO DO SUL, Rio Grande, 28 ago. 1912, a. 58, n. 198, p. 1.

ECO DO SUL, Rio Grande, 24 dez. 1925, a. 71, n. 290, p. 1.

ECO DO SUL, Rio Grande, 19 fev. 1937, a. 82, n. especial, p. 2.

O LÁBARO, Porto Alegre, 10 out. 1880, a. 1, n. 1, p. 1.

O LÁBARO, Porto Alegre, 26 dez. 1880, a. 1, n. 12, p. 1-2.

O LÁBARO, Porto Alegre, 16 jan. 1881, a. 2, n. 2, p. 1-2.

O MARAGATO, Rivera, 23 jul. 1913, a. 17, n. 54, p. 2.

O PERVÍGIL, Pelotas, 2 jul. 1882, a. 1, n. 1, p. 1.

O PERVÍGIL, Pelotas, 21 jan. 1883, a. 1, n. 30, p. 2.

O TEMPO, Rio Grande, 19 fev. 1937, a. 31, n. 66, p. 1.

PROGRESSO LITERÁRIO, Pelotas, 4 fev. 1877, a. 1, n. 1, p. 1-2.

PROGRESSO LITERÁRIO, Pelotas, 11 fev. 1877, a. 1, n. 2, p. 1.

PROGRESSO LITERÁRIO, Pelotas, 22 abr. 1877, a. 1, n. 12, p. 1.

PROGRESSO LITERÁRIO, Pelotas, 15 jul. 1877, a. 1, n. 24, p. 7.

PROGRESSO LITERÁRIO, Pelotas, 12 ago. 1888, a. 3, 2ª fase, n. 7, p. 2-3.

PROGRESSO LITERÁRIO, Pelotas, 2 dez. 1888, a. 3, 2ª fase n. 23, p. 6-7.

REVISTA DO PARTENON LITERÁRIO, Porto Alegre, ago. 1874, a. 3, p. 78-83.

REVISTA LITERÁRIA, Porto Alegre, 6 fev. 1881, a. 1, n. 1, p. 1.

REVISTA LITERÁRIA, Porto Alegre, 4 set. 1881, a. 1, n. 31, p. 243-244.

REVISTA LITERÁRIA, Porto Alegre, 11 set. 1881, a. 1, n. 32, p. 251.

REVISTA LITERÁRIA, Porto Alegre, 20 nov. 1881, a. 1, n. 40, p. 314-315.

TRIBUNA LITERÁRIA, Pelotas, 1 jan. 1882, a. 1, n. 1, p. 1.

TRIBUNA LITERÁRIA, 14 mar. 1882, a. 1, n. 14, p. 2-3.

TRIBUNA LITERÁRIA, 23 abr. 1882, a. 1, n. 17, p. 3.

TUDO – mensário de artes, letras, ciências, história, comércio, vida social, etc., Rio Grande, 15 jun. 1919, a. 1, n. 1, p. 3-4.

TUDO – magazine mensal ilustrado – artes, letras, ciências, história, comércio, vida social, etc., Rio Grande, 15 jul. 1919, a. 1, n. 2, p. 4.

TUDO – magazine mensal ilustrado – artes, letras, ciências, história, comércio, vida social, etc., Rio Grande, 15 ago. 1919, a. 1, n. 3, p. 14-15, 21.

TUDO – magazine mensal ilustrado – artes, letras, ciências, história, comércio, vida social, etc., Rio Grande, 25 dez. 1919, a. 1, n. 7, p. 6.

VIOLETA, Rio Grande, 31 mar. 1878, a. 1, n. 3, p. 1-2.

VIOLETA, Rio Grande, 14 abr. 1878, a. 1, n. 5, p. 1-2.

VIOLETA, Rio Grande, 21 abr. 1878, a. 1, n. 6, p. 1, 3.

VIOLETA, Rio Grande, 28 abr. 1878, a. 1, n. 7, p. 3.

VIOLETA, Rio Grande, 5 maio 1878, a. 1, n. 8, p. 2-3.

VIOLETA, Rio Grande, 12 maio 1878, a. 1, n. 9, p. 2, 3.

VIOLETA, Rio Grande, 2 jun. 1878, a. 1, n. 12, p. 1-2, 4.

VIOLETA, Rio Grande, 16 jun. 1878, a. 1, n. 14, p. 3-4.

VIOLETA, Rio Grande, 7 jul. 1878, a. 1, n. 17, p. 3.

VIOLETA, Rio Grande, 14 jul. 1878, a. 1, n. 18, p. 1-2, 3.

VIOLETA, Rio Grande, 28 jul. 1878, a. 1, n. 20, p. 4.

VIOLETA, Rio Grande, 4 ago. 1878, a. 1, n. 21, p. 2.

VIOLETA, Rio Grande, 11 ago. 1878, a. 1, n. 22, p. 2.

VIOLETA, Rio Grande, 18 ago. 1878, a. 1, n. 23, p. 1-2.

VIOLETA, Rio Grande, 25 ago. 1878, a. 1, n. 24, p. 3-4.

VIOLETA, Rio Grande, 1 set. 1878, a. 1, n. 25, p. 2-3.

VIOLETA, Rio Grande, 7 set. 1878, a. 1, n. 26, p. 1, 3-4.

VIOLETA, Rio Grande, 15 set. 1878, a. 1, n. 27, p. 4.

VIOLETA, Rio Grande, 13 out. 1878, a. 1, n. 31, p. 3.

VIOLETA, Rio Grande, 3 nov. 1878, a. 1, n. 34, p. 2.

VIOLETA, Rio Grande, 17 nov. 1878, a. 1, n. 36, p. 3-4.

VIOLETA, Rio Grande, 1º dez. 1878, a. 1, n. 37, p. 4.

VIOLETA, Rio Grande, 29 dez. 1878, a. 1, n. 41, p. 2.

VIOLETA, Rio Grande, 6 abr. 1879, a. 2, n. 43, p. 3.

VIOLETA, Rio Grande, 1º jun. 1879, a. 2, n. 49, p. 1-2, 3.

VIOLETA, Rio Grande, 15 jun. 1879, a. 2, n. 50, p. 2.

VIOLETA, Rio Grande, 29 jun. 1879, a. 2, n. 51, p. 3, 4.

ZÉ POVINHO, Pelotas, 7 jan. 1883, a. 1, n. 1, p. 2.

ZÉ POVINHO, Pelotas, 6 maio 1883, a. 1, n. 18, p. 7.

Referências bibliográficas

ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: Editora da FURG, 1999.

_____. *O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina*. Rio Grande: Editora da FURG, 2002.

_____. A imprensa literária no sul do Brasil no século XIX: estudo de caso. In: VAZ, Artur Emilio Alarcon; BAUMGARTEN, Carlos Alexandre; CURY, Maria Zilda Ferreira (Org.). *Literatura em revista (e jornal): periódicos do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Pós-Lit. Faculdade de Letras da UFMG; Rio Grande: PPG em Letras – História da Literatura – FURG, 2005. p. 27-56.

_____. A imprensa. In: PICCOLO, Helga I. L.; PADOIN, Maria M. (dir.). *História Geral do Rio Grande do Sul – Império*. Passo Fundo: Méritos, 2006, v. 2, p. 351-372.

_____. *Violeta*: breve história de um jornal literário no contexto sul-rio-grandense do século XIX. In: *Miscelânea – Revista de literatura e vida social*. Assis, v. 14, p. 125-141, jul. – dez. 2013.

ALVES, Francisco das Neves; PÓVOAS, Mauro Nicola; GEPIAK, Luciana Coutinho. *Escrita feminina no sul do Brasil: textos jornalísticos de Revocata Heloísa de Melo*. Lisboa: CLEPUL; Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, 2016.

ANASTÁCIO, Vanda. Almanques. Origem, gêneros, produção feminina. In: *Veredas*. Santiago de Compostela, n. 18, p. 53-74, 2012.

BARROSO, Eloísa Pereira. História e literatura: um percurso metodológico no estudo da cidade. In: *Miscelânea – Revista de literatura e vida social*. Assis, v. 13, p. 57-75, jan. – jun. 2013.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre; SILVEIRA, Carmem Consuelo. O Partenon Literário: imprensa e sociedade literária. In: ZILBERMAN, Regina et al. *O Partenon Literário: poesia e prosa – antologia*. Porto Alegre: EST – São Lourenço de Brindes; Instituto Cultural Português, 1980. p. 12-16.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul (1868 a 1880)*. Porto Alegre: EST – São Lourenço de Brindes, 1982.

BERNARDES, Maria Thereza Caiub Crescente. *Mulheres de ontem – Rio de Janeiro, século XIX*. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1989.

BESSE, Maria Graciete. *Percursos no feminino*. Lisboa: Ulmeiro, 2001.

BITTENCOURT, Adalzira. *Dicionário biobibliográfico de mulheres ilustres, notáveis e intelectuais do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, v. 1, 1969; v.2, 1970.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1883/1902. v. 1 e 7.

BONILHA, Caroline Leal. *Corimbo: memória e representação feminina através das páginas de um periódico literário entre 1930 e 1944 no Rio Grande do Sul*. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2010 (Dissertação de Mestrado).

BORMANN, Maria Benedita de. *Lésbia*. Rio de Janeiro: Evaristo Rodrigues da Costa Editor, 1890.

BRAGA, Maria Ondina. *Mulheres escritoras – da biografia no texto ao texto da biografia*. Amadora: Livraria Bertrand, 1980.

BRANCO, Lúcia Castelo. *O que é escrita feminina*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1986.

_____. *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. 2.ed. São Paulo: Summus Editorial, 2009.

CANDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antônio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.

_____. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8.ed. São Paulo: T. A. Queiroz Editora, 2000.

CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*. 3.ed. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; CORAG, 2006.

CHAVES, Vania Pinheiro. O *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* na história da cultura e das literaturas de Portugal e do Brasil. In: MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *Percursos críticos em história da literatura*. Porto Alegre: Libretos, 2012. p. 111-122.

CHAVES, Vania; LOUSADA, Isabel; ABREU, Carlos. *As senhoras do Almanaque: catálogo de produção de autoria feminina*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal; CLEPUL, 2014.

COELHO, Mariana. *Evolução do feminismo: subsídios para a sua história*. Rio de Janeiro: Imprensa Moderna, 1933.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Org.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 103-130.

COSTA, Carlos. *A revista no Brasil do século XIX: a história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro*. São Paulo: Alameda, 2012.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, José Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. 2.ed. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Academia Brasileira de Letras, 2001.

COUTO, Anabela Galhardo. Literatura de autoria feminina: um patrimônio da palavra a reinventar. In: CASTRO, Zília Osório de (dir.); SOUSA, António Ferreira de; FAVINHA, Marília (coord.). *Falar de mulheres: da igualdade à paridade*. Lisboa: Horizonte, 2003. p. 43-52.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Forma e sentido do texto literário*. São Paulo: Ática, 2007.

DUARTE, Constância Lima. O poder da palavra: a imprensa feminista do século XIX à contemporaneidade. In: MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *Percursos críticos em história da literatura*. Porto Alegre: Libretos, 2012. p. 35-42.

_____. *Imprensa feminina e feminista no Brasil – século XIX: dicionário ilustrado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962.

_____. *Imprensa literária de Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1975.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 5.ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FISCHER, Antenor. *Dicionário de autores da literatura dramática do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Fischerpress, 2014.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Corimbo e feminismo*. In: *Continente Sul Sur – Revista do Instituto Estadual do Livro*, Porto Alegre, n. 7, p. 245-258, jan. 1998.

_____. *O Corimbo*. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 183-188, jun. 2001.

_____. *Dicionário de mulheres*. 2.ed. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011.

FLORES, Moacyr. *História do Rio Grande do Sul*. 8.ed. Porto Alegre: Ediplat, 2006.

FONSECA, Lydia Mombelli. Revocata Heloísa de Melo. In: ACADEMIA LITERÁRIA FEMININA DO RIO GRANDE DO SUL. *50 anos de literatura: perfil das patronas*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1993. p. 63-65.

FONTES, Henrique. *A companhia dramática Julieta dos Santos e o meio intelectual desterrense*. Florianópolis: Luz e Fontes do Saber, 1998.

FREIRE, Laudelino (org.). *Sonetos brasileiros* (século XVII-XX). Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1913.

GOMES, Celuta Moreira. *O conto brasileiro e sua crítica*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1977, v. 1 e 2.

GOTLIB, Nádía Battella. *Teoria do conto*. 5.ed. São Paulo, Ática, 1990.

HELLER, Barbara. *Da pena à prensa: mulheres e leitura no Brasil (1890-1920)*. São Paulo: Porto de Ideias, 2006.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de; ARAÚJO, Lucia Nascimento. *Ensaístas brasileiras*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

KAZ, Leonel. Um olhar sobre elas, as revistas. In: *Mulheres em revista: o jornalismo feminino no Brasil*. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social da Prefeitura da Cidade do Rio, 2002. p. 11-21.

KRUG, Guilhermina; CARVALHO, Nelly Rezende. *Letras rio-grandenses*. Porto Alegre: Globo, 1935.

LAMAS, Rosmarie Wank-Nolasco. *Mulheres para além do seu tempo*. Venda Nova: Bertrand, 1995.

LEENHARDT, Jacques. A construção da identidade pessoal e social através da História e da Literatura. In: LEENHARDT, Jacques & PESAVENTO, Sandra Jatayh (Org.). *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998. p. 41-50.

LEFEBVE, Maurice-Jean. *Estrutura do discurso da poesia e da narrativa*. Coimbra: Almedina, 1975.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 7.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Uma construção enviesada: a mulher e o nacionalismo. In: GOTLIB, Nádía Battella. *A mulher na literatura*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1990. v. 3, p. 56-66.

LOBO, Luiza. *Guia de escritoras da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006.

LOUSADA, Isabel. *Adelaide Cabete (1867-1935)*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género – Presidência do Conselho de Ministros, 2010a.

_____. Imprensa: amplificador da voz feminina. In: *Percursos, conquistas e derrotas das mulheres na 1.ª República*. CML, 2010b, p. 41-48.

_____. Carolina: por entre os itinerários da memória e da ciência. In: *Gaudium Sciendi – Revista da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa*, n. 2, jul. 2012, p. 108-117.

_____. Mulheres como nós? Da visibilidade ao mito – estratégias eficazes. In: *Revista Ártemis*, v. 19 n. 1, p. 47-51 jan. – jun. 2015.

LUCA, Tania Regina de. Tipologias de revistas no Brasil das primeiras décadas do século XX. In: MELO, Ana Amélia M. C. de; OLIVEIRA, Irenísia Torres de (Org.). *Aproximações cultura e política*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013. p. 109-122.

MACHADO, Antônio Carlos. *Coletânea de poetas sul-rio-grandenses (1834-1951)*. Rio de Janeiro: Editora Minerva, 1952.

MAGALHÃES, Isabel Allegro de. *O tempo das mulheres: a dimensão temporal na escrita feminina contemporânea*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987.

_____. Diferenças sexuais na escrita: ao contrário de Diótima. In: *Actas do Colóquio Escrita de mulheres*. Coimbra, Faculdade de Letras – Universidade de Coimbra, 2005. p. 9-23.

MAIA, Rita Maria de Abreu. *O amor e a pena feminina – escrita feminina e insurreição amorosa*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001 (Tese de Doutorado).

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: EDUS; FAPESP; Imprensa Oficial do Estado, 2001.

_____. Imprensa em tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Org.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 45-80.

MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1978.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix; Editora da Universidade de São Paulo, 1977-1978. v. 1, 4.

MELO, Luís Correia de. *Subsídios para um dicionário dos intelectuais rio-grandenses*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1944.

MELO, Revocata Heloísa de. *Folhas errantes*. Rio de Janeiro: Tipografia Hildebrandt, 1882.

_____. Primeiro livro. In: MELO, Revocata Heloísa de; MONTEIRO, Julieta de Melo. *Berilos*. Rio Grande: [s. n.], 1911. p. 3-226.

MENDES JÚNIOR, Antônio. *Brasil – História: texto & consulta*. São Paulo: Hucitec, 1989-1991. v. 2, 3, 4.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro ilustrado*. São Paulo: Saraiva, 1969. v. 1 e 3.

MINGOCHO, Maria Teresa Delgado. Nota prévia. In: *Actas do Colóquio Escrita de mulheres*. Coimbra, Faculdade de Letras – Universidade de Coimbra, 2005. p. 7-8.

MOISÉS, Massaud. *A análise literária*. 5.ed. São Paulo: Cultrix, 1977.

_____. *Dicionário de termos literários*. 12.ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

MONTEIRO, Julieta de Melo; MELO, Revocata Heloísa de. *Coração de mãe*. Rio Grande: Livraria Rio-Grandense, 1893.

MOREIRA, Alice T. C. Almanaque: fonte plural da história da literatura do Rio Grande do Sul. In: *Letras de hoje*, Porto Alegre, v. 33, n. 3, p. 143-149, set. 1998.

MOREIRA, Maria Eunice (Coord.). *Narradores do Parthenon Literário*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; CORAG, 2002.

MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro de. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MOURA, Maria Lacerda de. *Renovação*. Belo Horizonte: Tipografia Athene, 1919.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. In: *Estudos feministas*, Florianópolis, 11(1): 336, p. 225-233, jan.– jun. 2003.

_____. A ascensão das mulheres no romance. In: ARRUDA, Aline Alves et al. (orgs.). *A escritura no feminino – aproximações*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011. p. 17-27.

NEVES, Décio Vignoli das. *Vultos do Rio Grande*. Rio Grande: Artexto, 1987, t. 2.

OLIVEIRA, Américo Lopes de; VIANA, Mário Gonçalves. *Dicionário mundial de mulheres notáveis*. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1967.

OLIVEIRA, Andradina de. *A mulher rio-grandense – escritoras mortas*. Porto Alegre: Livraria Americana, 1907.

OSÓRIO, Ana de Castro. *A grande aliança* (a minha propaganda no Brasil). Lisboa: Tipografia Lusitana, 1924.

PERDIGÃO, Henrique. *Dicionário universal de literatura*. Barcelos: Portucalense Editora, 1934.

PEREIRA, Lúcia Miguel. As mulheres na literatura brasileira. In: *Anhembi*, São Paulo, a. 5, v. 17, n. 49, p. 17-25, dez. 1954.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2015.

PIRES, Francisco de Paula et al. (Org.). *Sonoras*. Pelotas: Livraria Universal, 1891.

PÓVOAS, Mauro Nicola. *Uma história da literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2004 (Tese de Doutorado).

_____. O periódico rio-grandino *Corimbo* e a consolidação de um sistema literário sulino. In: ALVES, Francisco das Neves (Org.). *Imprensa, história, literatura e informação – Anais do II Congresso Internacional de Estudos Históricos*. Rio Grande: FURG, 2007. p. 29-38.

_____. Fragmentos de história da literatura: relatos e resultados de uma pesquisa em Portugal. In: *Letras de hoje*, Porto Alegre, v. 47, n. 4, p. 356-364, out./dez. 2012.

PÓVOAS, Mauro Nicola; SILVEIRA, Louise Farias da. Guiomar Torresão e as “Cartas Póstumas” do periódico feminino *O Mundo Elegante* (1887). In: *Navegações*, v. 5, n. 1, p. 101-105, jan./jun. 2012.

PRADA, Cecília. *A pena e o espartilho*. 2.ed. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2010.

PRIORE, Mary del. *Histórias da gente brasileira*. São Paulo: Leya, 2016. v. 2.

REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

RODRIGUES, Sued de Oliveira (Org.). *Rio Grande nos versos dos poetas*. Rio Grande: Academia Rio-Grandina de Letras, 1989.

RÜDIGER, Francisco Ricardo. *Tendências do jornalismo*. 3.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

RUFATTO, Luiz (Org.). *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SABINO, Inês. *Mulheres ilustres do Brasil*. Rio de Janeiro: H. Garnier – Livreiro – Editor, 1899.

SANDRONI, Dudu. Antecedentes do teatro infantil no Brasil. In: *Cadernos de Teatro*. Rio de Janeiro, n. 120, p. 11-15, jan. – mar. 1989.

SANT'ANNA, Benedita de Cássia Lima. *Do Brasil Ilustrado (1855-1856) à Revista Ilustrada (1876-1898): trajetória da imprensa periódica literária ilustrada fluminense*. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

SCHITZ, Viviane Salatti. *Presença de mulher: a produção feminina na Revista da Sociedade Partenon Literário*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2002 (Dissertação de Mestrado).

SCHMIDT, Rita Terezinha. Revocata Heloísa de Melo. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. 2.ed. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 892-902.

SCHUMACHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. *Dicionário de mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar,

SILVA, Domingos Carvalho da. *Vozes femininas da poesia brasileira*. São Paulo: Conselho Estadual da Cultura, 1959.

SOARES, Pedro Maia. Feminismo no Rio Grande do Sul – primeiros apontamentos (1835-1945). In: BRUSCHINI, Maria Cristina; ROSEMBERG, Fúlvia (Org.). *Vivência: história, sexualidade e imagens femininas*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Brasiliense, 1980. p. 121-150.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUSA, José Galante de. *O teatro no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960. t. 1 e 2.

_____. *Índice de biobibliografia brasileira*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade. *Índice de dramaturgas brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1996.

SOUZA, Leal de. *A mulher na poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Leite Ribeiro & Maurillo, 1918.

SPALDING, Walter. Itinerário da literatura sul-rio-grandense. In: *Enciclopédia rio-grandense – o Rio Grande antigo*. Canoas: Editora Regional Ltda., 1956. v. 2. p. 189-220.

_____. Itinerário da literatura (1900-1957). In: *Enciclopédia rio-grandense – o Rio Grande antigo*. Canoas: Editora Regional Ltda., 1957. v. 3. p. 270-335.

SZONDI, Peter. *Teoria do drama moderno (1880-1950)*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

TACQUES, Alzira Freitas. *Perfis de musas, poetas e prosadores brasileiros*. Porto Alegre: Editora Thurmman, 1956.

TEIXEIRA, Múcio. *Os gaúchos*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurillo, 1921.

TELLES, Norma. Escritoras brasileiras no século XIX. In: GOTLIB, Nádya Battella. *A mulher na literatura*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1990. v. 3, p. 127-135.

_____. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 10.ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 401-442.

VIEIRA, Míriam Steffen. Atuação literária de escritoras no Rio Grande do Sul: um estudo do periódico *Corimbo*, 1885-1925. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997 (Dissertação de Mestrado).

VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense – autores*. Porto Alegre: A Nação; Instituto Estadual do Livro, 1974.

_____. *Dicionário bibliográfico gaúcho*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana; Editora e Distribuidora Gaúcha, 1991.

ZILBERMAN, Regina. Nos *Crepúsculos*, as “luzes das letras”. In: FIGUEIROA, Amália dos Passos. *Crepúsculos & outros poemas*. Rio Grande: Editora da FURG, 2011. p. 15-29.

ANEXOS

O solitário do mirante

Aos meus irmãos João, Otaviano e Romeu

Era um anjo, meu Deus! Triste e saudoso
Como um adeus do sol divino e belo,
Como uma prece em horas de repouso!
Deus lançara-lhe à frente o vivo selo
Dos que suspiram pelo eterno gozo
E sonham brandos, divinais anelos!
Seu sorriso era luz, sua voz um canto,
Sei peito a urna de um afeto santo.
(Carlos Ferreira – *Rosas Loucas*)

Bem me lembro: foi a vinte de novembro.

Eu passara uma tarde atribulada, vendo como de improviso, uma das mais virentes flores das minhas crenças deixava cair algumas pétalas, ao sopro da fatalidade: o pálido anjo da noite desdobrara o azulado manto, inundado de diamantinas chispas dos diademas da Virgem...

Era sempre a mesma ideia a torturar-me... previa que as vivas cores de um ridente quadro, traçado na alma, iam desbotar-se aos estragos da tormenta: uma dor infinita pesava-me sobre o peito, a fronte era abrasada por consumidora febre; a incerteza lacerava-me a vida, tornando-me quase insensata...delirava numa vigília horrível!...

Só pelas três horas da madrugada uma doce sonolência veio vagarosa cerrar-me as pálpebras, e sonhei.

Meu pai havia alugado uma casinha à beira do rio, onde tencionávamos passar o verão.

Já estávamos aí há um mês, quando notei que o mirante de uma casa que ficava à margem fronteira, era habitado por um moço de luto, que costumava à tarde embarcar em uma canoinha e passar para o outro lado.

Desde a primeira vez que eu o tinha visto, logo consagrara-lhe a mais ardente simpatia: havia reparado que sua fisionomia, mais que triste, era sombria: extrema palidez cobria-lhe as morenas faces, os olhos de um castanho escuro tinham uma expressão, que em outro tempo revelaria

vivacidade; porém hoje estavam mórbidos, pisados e com as pálpebras roxeadas; um imperceptível sorriso irônico frisava-lhe os lábios: usava os cabelos tão crescidos, que lhe cobriam o pescoço; sua estatura era mediana e o talhe franzino.

Parecia envolto em profunda tristeza.

Quantas vezes eu o vi à janela com a face pendida sobre a mão!

Essa sombria figura me fazia lembrar Hamlet, uma dessas sombras, que aparecem nas lendas alemãs.

Perguntei a várias pessoas que ser misterioso era aquele, seu nome; porém ninguém o sabia, era conhecido pelo de – *solitário do mirante*. Eu cada vez cismava mais naquele viver tão tristonho, tão despido de galas e divertimentos, que outros mancebos buscam afanosos e delirantes.

Afinal relacionei-me com uma moça chamada Graziela, que morava a pouca distância de minha casa. Uma amizade fraternal nos foi ligando como se nos conhecêramos há longo tempo; passávamos as horas, abraçadas e conversando intimamente.

Ela contou-me o amor que nutria pelo belo solitário; as poucas crenças que alimentava, as trevas que ofuscavam o seu céu de felicidade e o seu porvir tão despido de flores!

Era um viver árido e desalentado o da infeliz Graziela, que não tinha sequer um olhar, ou um sorriso, em troca de tanto amor!

Uma noite estávamos ambas à janela, ouvindo os harmoniosos sons de uma rabeça vibrada no mirante; a música que nos embalava em sidéreos sonhos era uma melodia triste e bela, como seria outrora o soluçar do imortal instrumento de Paganini.

- Oh! como será nobre, sentimental e capaz de grandes sacrifícios aquele que tão bem sabe exprimir as dores e as grandes agonias! - me disse Graziela. É que sua vida tem sido uma página lúgubre, tarjada de negro, onde há estrofes escritas com fel.

Graziela prometera contar-me a história do belo desconhecido.

Essa noite, sob a impressão dessa divina música, lembrei-lhe a sua promessa; a ocasião era oportuna.

Graziela fez-me sentar a seu lado, e começou assim:

“Aquele moço chama-se Mário; de sua infância sei unicamente que aos cinco anos perdera esse anjo chamado mãe, que é enviado por Deus, para nos mostrar a senda da virtude.

Seu pai, terno e solícito, velou pelo jovem, até a época em que, declarada a guerra com o Paraguai, como dever de militar, teve de deixar o filho querido, para combater pela pátria.

Aí, na sempre lembrada batalha de 24 de maio, esse bravo terminou sua existência.

Então, um bom amigo e padrinho do órfão mandou-o estudar na Academia de São Paulo; e para que se não queixasse de faltas pecuniárias, dava-lhe uma mesada com que pudesse passar, sem depender de pessoa alguma.

Os três primeiros anos de estudos correram entre flores; Mário passava uma vida deleitosa; a coroa do talento transluzia-se na pálida fronte, fazendo-o distinguir de seus mais inteligentes colegas.

Esquivava-se ele a divertimentos; fugia de tudo quanto era distração, para dia e noite, entregar-se com ardor a seus estudos.

Assim vivia Mario, feliz, pois tinha o coração isento de amor, era livre; e dizia que jamais amaria, porque o verdadeiro amor quase sempre nos torna vítimas de provações amargas e dolorosos martírios.

Uma noite em que Mário, encerrado em seu gabinete de estudo, empregava todas as suas ideias na leitura dessa produção sublime, o *Gênio do Cristianismo*, leitura em que embevecia muitas vezes, deixando após seu espírito divagar por mundos de idealismo, foi interrompido por um de seus lentes, que o vinha buscar para abrilhantar o sarau, que dava essa noite para festejar o aniversário natalício de sua filha Helena.

Mário agradeceu tanta honra, prometendo mais tarde lá aparecer.

Enquanto se foi preparar, recordou-se de que já por várias vezes ouvira de alguns estudantes elogios à Helena; como a mais linda moça de São Paulo; e talvez a mais instruída e inteligente: até um deles lhe havia recitado algumas poesias, dizendo-lhe que eram produções da bela jovem.

Pouco a pouco, estes pensamentos se foram apoderando de seu espírito, de modo que, quando saiu de casa, já fantasiava o anjo, que ia talvez prendê-lo com seus atrativos...

Quando o apresentaram à Helena, sentiu que era esse um dos momentos, em que, como diz Victor Hugo: - Qualquer que seja a atitude do corpo a alma está de joelhos.

Mário, que até ali fora livre como as aves do sertão, ou como o incenso que se perde na extensão dos ares, agora sentia-se preso e talvez para sempre!...

Em poucos dias, grande metamorfose se operara em seu tranquilo viver; desvairado seguia a estrela radiante que o guiava a uma vereda juncada de rosas, ou talvez, quem sabe?, coberta de urzes e cardos.

Mas ele amava verdadeiramente, e quando há amor assim, nós iludimos a nós mesmos com encantadas esperanças de um futuro de rosas!

Colocara a imagem de Helena no altar de suas mais puras crenças; fizera da vida um turbúlo, cujo perfume ondeava continuamente em torno de sua amada...

Aqui, Graziela fizera uma pequena pausa, suspirando ternamente; e apertando-me as mãos, continuara assim:

“Do nome dela, Mário compusera um poema que lhe ocupava a ideia constantemente: Helena fizera outro tanto por amor dele; ambos inspirados pela luz do talento, compreendiam-se como duas criaturas divinas. Assim passaram dois anos: de dia para dia mais se ateava o fogo desse amor; Mário resolveu pedir a mão de Helena; porém só lhe foi concedida para depois que completasse os seus estudos. Mas a fatalidade veio sombrear a felicidade do pobre Mário.”

“Estava ele no quinto ano, quando terrível epidemia que então reinava, arrastando consigo centenas de vítimas, veio ferir de morte a desditosa Helena.

Os médicos mais hábeis foram chamados, porém a ciência foi inútil; a terceira noite de sofrimento, essa pérola, que rolara do seio de Deus, e viera por pouco tempo abrilhantar a terra; esse anjo, bateu as cândidas asas e subiu em um raio de luz para a sua pátria celestial.

Mário até essa hora extrema estivera sempre de joelhos junto à cabeceira da pobre moça, procurando animá-la, falando-lhe do porvir que os esperava; porém ela com as faces banhadas de lágrimas olhava-o tristemente, recordava-se do passado, dizendo-lhe:

- Mário, quando pensei que tão cedo iria te deixar! Por que havia na nossa aurora de venturas surgir espectro da morte estendendo sobre mim a sua mortalha de gelo? Quanto é doloroso morrer na quadra feliz em que cingimos as vestes de noivado; quando temos na frente a capela de flores de laranja! É bem triste; mas Deus assim o quer. Recebe esta rosa que murchou-se no meu seio; foi a tua primeira dádiva de amor...Lembro-me ainda...foi em uma sala de baile... aos sons de uma orquestra divina. Hoje, ao desprender o derradeiro suspiro, eu te a restituo; guarda-a: e adeus, Mário! adeus! em nome do nosso amor nunca esqueças de mim!

Mário estendeu a mão para receber a rosa, porém soltou um grito, caindo nos braços do pai de Helena: os dedos que ele havia tocado estavam gélidos.

O triste pai e o desditoso amante, nesse amplexo doloroso, ficaram longas horas entregues a uma atonia, que semelhava a morte.

Depois do enterro de Helena, encerrou-se Mário em um quarto e aí conservou-se até o sétimo dia, em que vestindo o luto, que envolvia todo o seu ser, foi ao templo orar pelo repouso de sua infeliz noiva.

Aqueles que aí se achavam notaram a grande mudança, que se tinha operado nesse mancebo, no encovado das faces, na morbidez dos olhos, no ar taciturno e merencório, traduziam-se as dores que martirizavam esse coração, tão novel ainda, e já morto para as alegrias da mocidade!

Após a missa foi Mário despedir-se das pessoas que lhe eram mais caras; dali foi ao cemitério orar junto à sepultura de sua Helena, e jurar-lhe eterna fidelidade.

No dia seguinte embarcou para o Sul. Chegou há um ano, alugou aquele mirante, e ali tem vivido, nessa solidão, que se casa com a de sua alma!..."

O que te acabo de contar, soube-o por uma carta de um primo meu, que era estudante e amigo de Mário; como soubesse da simpatia que eu consagrava ao belo solitário contou-me tudo quanto sabia de sua vida. Eis aí por que tantas vezes choro nessas solidões em que me tens encontrado. Segundo me consta, os médicos dão a Mário bem limitada existência. Quantas noites não passo eu em cruéis vigílias, ouvindo os melancólicos harpejos de sua rabeca! Essa doce música, só é comparável à de Hoffmann, quando acompanhava o canto divino de sua Antonia! E eu ouvindo-o tresvario de amor; muitas vezes caio de joelhos, invocando seu nome; mas tudo é em vão, ele não

me ouve; e se me ouvisse talvez fosse indiferente à minha dor... Adeus, minha amiga, é tarde; longa vai à noite, adeus!...

Fui deitar-me, mas não pude conciliar o sono; aquela singular história fizera-me forte impressão.

Passei toda a noite em meditações, e logo amanheceu, levantei-me, não podendo mais suportar as ideias funestas, que se me encadeavam na mente. Mal levantei-me fui saudar as minhas flores, depois cheguei à janela e ouvi a dois moços que conservavam perto: - O poeta que habitava aquele mirante expirou esta noite: foi uma síncope tal, que quando chegaram para socorrê-lo já não existia.

- É mais um mártir de amor. Até os seus últimos momentos foi sempre constante à lembrança de sua noiva!

- A dádiva que ela lhe fez ao morrer, guarda-a ele apertada contra o coração.

- Não reparei - disse um terceiro moço, que se havia reunido ao grupo.

- Pois não viste? É uma rosa seca, em cujas folhas consegui ler esta estrofe:

“Adeus, ó rosa, desbotada e seca,
Que tantas vezes a chorar beije;
Adeus pra sempre minha flor diletta
Santa relíquia, que em delírio ame!

Aqui, finalmente, acordei: era já bem tarde, mas mesmo assim, senti não ver qual o fim da minha pobre Graziela.

REVISTA DO PARTENON LITERÁRIO, Porto Alegre, ago. 1874, a. 3, p. 78-83.
Folhas errantes. Rio de Janeiro: Tipografia Hildebrandt, 1882. p. 90-103.

A mulher e os seus direitos

Muitas mulheres têm na sociedade representado papel importante, conseguindo tanta glória que grande parte dos homens bem pode invejar; aos que vos julgam, senhoras de uma natureza inferior à nossa, apresentarei na história os exemplos de Judite, Semiramis, Joana D'arc, Catarina da Rússia, Carlota Corday, Mme. Stäel e Jorge Sand.
F.C. de Santiago Dantas.

É incontestável que a mulher é o anjo do lar, ente fraco por natureza, porém fadado a grandiosas missões; quer desempenhe os deveres de mãe, filha ou esposa, tem sempre uma tarefa árdua imposta primeiro pelas sagradas leis do coração, depois pela sociedade sempre vigilante, sempre pronta ao castigo severo, embora muitas vezes justo.

Assim também, por que não havia a mulher nascer para grandes cometimentos?

Que importa a fragilidade de matéria, quando o espírito pode alar-se, e a ideia rebentar cintilante, sublime e grandiosa!

O gênio, esse meteoro deslumbrador, desconhece os sexos; desde a antiguidade, em quanta fonte feminino tem ele derramado suas brilhantes fagulhas?!

A mulher que por meio do estudo e das letras busca a ilustração, a ciência, o dourado pomo da sabedoria aclarando o espírito; e desterrando a ignorância, é mais digna de louvores e de admiração que o homem; porque nem (pela sua sensibilidade meiguice e natural ternura) se poderá jamais afastar dos labores do lar; e luta para no estreito âmbito da esfera doméstica, dar amplo espaço às suas aspirações de glória.

É errôneo o pensar e até dizer que a mulher dada às letras falta aos deveres domésticos.

Protesto! - Conheço bem de perto uma senhora que apesar de dominada pela enfermidade e tendo a seu cargo numerosa família, criancinhas a quem jamais faltou o cuidado, o carinho imposto pelo dever de mãe extremamente amorável; não deixou por isso de estudar, procurar livros científicos e no silêncio das noites ilustrar seu espírito; e mais tarde quando suas filhas chegaram a idade do conhecimento, ajudada de um ilustre mentor, infiltrou-lhes o amor pela literatura, dando-lhes bons e proveitosos livros, assim como a educação doméstica, que é a paz e a união da família...

É da ordem, da atividade e inteligência da mulher, que mais depende o engrandecimento do lar, pois que os bons exemplos das mães são o espelho constante que os filhos têm diante de si.

E quem mais no caso de desenvolver nos espíritos vacilantes, que a mulher instruída, sensível, senhora de educação sólida, que possa estender-se aos conhecimentos que imperam na vida doméstica da sociedade?

Deixem-nos, pois, hastear nosso estandarte, soltarmos o grito não da rebeldia, nem da revolta anarquista, mas sim de apelo ao templo de Minerva, a luta em prol de nossos direitos.

VIOLETA, Rio Grande, 1 jun. 1879, a. 2, n. 49, p. 1-2.

ARAUTO DAS LETRAS, Rio Grande, 20 ago. 1882, a. 1, n. 3, p. 1-2.

O moço do gorro negro

A Carlos Ferreira

I

Tinha eu na época de que vou falar-vos, quinze ridentes primaveras a engrinaldar-me a frente; idade feliz de iriantes fantasias, em que alma sorri, vendo-nos vacilar entre os folguedos infantis e as rosas da adolescência.

Nesse tempo, tinha eu por costume levantar-me muito cedo para decorar minhas lições de francês, e sempre colocava-me à janela do gabinete, de onde devassava o jardim de uma casa que ficava fronteira a nossa.

Então via-o trazer uma cadeira, pô-la em meio do jardim e ali sentar-se, ficando por longo tempo em atitude de quem medita.

Que belo moço era ele, pálido, dessa palidez que diviniza e falha às almas sentimentais.

Usava um lindo gorro de veludo negro, que sobre a alvura da espaçosa frente formava um belo contraste.

Havia naquele todo, um quê de melancólico e poético, semelhante às azuis câmpulas do vale: quem o visse ali tão só, tomá-lo-ia por um cultor das belas artes, com as ideias ainda alteradas pela vigília de um profundo estudo; buscando ao ar da manhã e as mil belezas da natureza, dar livre expansão a seus pensamentos de artista.

Errônea suposição.

Na verdade o moço do gorro negro (como eu o chamava) era singular, e eu sendo criança ainda, não podia deixar de simpatizar com aquele viver fora do comum: não minto, sentia-me verdadeiramente atraída para ele...

Surgir uma manhã chuvosa ou agreste, era para mim pior que o desabar do cataclisma; sabia que embora o esperasse seria em vão.

Nas manhãs serenas e belas tinha sempre hora e meia de felicidade (o que nada é para quem ama), até que o sol viesse dourar-lhe a fronte; então com toda a tristeza, via-o retirar-se vagarosamente; meu olhar seguia-o através das verdejantes grinaldas que enfeitavam o caramanchão; e quem sabe como abafava um suspiro ao ver cerrar-se aquela porta de grades, após seu elegante vulto?

- Ai, só amanhã o tornarei a ver – dizia eu retirando-me da janela.

II

Porém o tempo passava, e ainda uma vez que fosse, não o havia visto olhar demoradamente para a janela em que me achava; nunca, apenas uma ou outra vez, um relancear de olhos, com toda a indiferença com que fitamos, o que pouco nos interessava.

Meu Deus, como isto torturava-me; quantas vezes fazia o firme propósito de pela manhã não ir à janela; e se fosse nem uma vez olhar para o lado do jardim; mas...qual! faltava-me certa força de vontade que tão necessária é nestas ocasiões.

Vivia na incerteza, a labutar numa multidão de conjecturas, era preciso de um só golpe terminar essa luta entre o coração e a razão; mas como? pensava eu...

Enfim, por uma dessas manhãs em que com toda poesia da alma fitava sua fisionomia correta e insinuante, o seu todo de romântico pensador; veio-me uma ideia feliz percorrer a mente.

Por várias vezes havia visto uma senhora idosa, porém extremamente simpática, encostada às grades do jardim, olhar com toda ternura e enlevo de uma alma de mãe o rosto descorado e belo do moço; era sua progenitora, não havia que duvidar.

Então busquei relacionar-me com ela.

III

Estávamos em dia de S. João; o sol esplêndido, a atmosfera límpida e serena, tudo anunciava uma verdadeira noite de festa.

Eu fora convidada para uma dessas reuniões tradicionais, que é costume fazer em louvor ao milagroso Santo.

Quis então, por um capricho, ou antes para obter um meio de falar àquela senhora, possuir uma camélia branca, que pela manhã havia visto aberta em seu jardim.

Mandeí rogar-lhe o obséquio de ceder-me aquela flor, fui feliz na minha primeira tentativa: em breve voltou o portador, trazendo-me, não só a almejada camélia como ainda outras flores enlaçadas em delicado ramalhete.

Como transbordei de alegria!...quão venturosa julguei-me, não imaginam: nessa bela idade, das mais pueris coisas, levantamos mágicos castelos; num fato tão natural entrevi a realização desse éden, que embalava-me a todas as horas, passei o dia num júbilo de felicidade; e à noite fui ao baile, dancei muito, tirei sortes, consultei o *Oráculo de Delphos*; porém sempre preocupada pela lembrança do moço do gorro negro, parecendo vê-lo a meu lado, falar-me, e até voarmos nas deslumbradoras asas de uma arrebatadora valsa de Strauss.

IV

Oito dias se tinham passado depois daquele em que me havia parecido ter encontrado o princípio dessa ventura que há tanto almejava; porém contrariava-me imensamente a frieza e indiferença com que era vista pelo meu belo vizinho; nem um leve indício da mais ligeira impressão, isto era horrível!

Com a sua progenitora o caso era inteiramente outro, cumprimentava-me com extrema delicadeza e agrado, convidando-me a ir passear a seu jardim.

Essa manhã estava bela e quente, o tempo tão seco como é raro no mês de julho, e para atender a um novo convite e aos desejos de meu coração, atravessei a rua num delírio de contentamento, e transpus o caprichoso mosaico que aformoseava o umbral desse paraíso que de certo não havia sido, nem seria, tocado pela espada de fogo do arcanjo enviado.

O que eu sentia nesse momento, o que ideava num tropel de várias ideias impossíveis de coordenar, o receio e alegria de que era tomada, tudo enfim me é impossível descrever.

Felizmente, a simpática vizinha veio ao meu encontro e com a maior afabilidade levou-me pelas mais curiosas ruas do jardim, a fim de ser-me possível admirar de perto o bom gosto, arte e luxo com que tudo ali estava aformoseado; fizemos assim uma longa digressão: faltando-nos, porém, chegar ao caramanchão.

Era ali que sorria-me o desejado oásis; como eu caminhava impressionada e trêmula: ia vê-lo de perto, mas surpreendi-me vendo que nos havíamos aproximado sem que ele se dignasse vir falar-me, ou pelo menos esperar-me de pé.

Que havia de fazer?...

Dei alguns passos para ele e estendi-lhe a mão, então sua mãe chegando-se, pôs-lhe a mão sobre o ombro, dizendo-lhe: “Meu filho, tens diante de ti uma senhora que está cumprimentando”

Ele não se fez esperar, pôs-se de pé e curvando-se respeitosamente fez-me uma profunda cortesia; mas olhando-me de um modo tão pouco expressivo, que constrangia-me; porém sua progenitora chegando-se a mim, disse-me baixinho com toda a tristeza: “Pois não vê que está falando a um cego, ignorava esta infelicidade minha?”

E eu, atordoada com tão inesperado golpe, não sabia que responder, procurando sentar-me, ou antes cair, sobre um bando de relva, junto dela... e aí formamos uma conversação geral sobre flores e manhãs agradáveis como aquela.

O moço visto de perto era mil vezes mais interessante: em seu todo havia um pronunciado cunho de distinção e delicadeza, completo pelo apurado órgão da voz doce e convincente, pela admirável pequenez dos pés; seria um tipo invejável se não lhe faltasse a primeira beleza da criatura, a luz do olhar, o espelho da alma, que a maior parte das vezes diz muito mais que os lábios.

Enquanto ele falava-me das horas passadas ali, (para mim tão breves e esperançosas) do sofrimento que a cegueira de gota-serena o havia feito vítima, eu não cessava de fitá-lo e em minha alma soluçar pela sua desgraça, e pelo fenecer de minha primeira ilusão; um raio de sol rompendo dentre os

flácidos festões do caramanchão veio de chapa bater-lhe na frente, e em minha alma, como um eco fúnebre, bradar: é tempo!

Levantei-me, despedindo-me saudosa de tão queridos vizinhos.

Rogaram-me que voltasse, prometi, mas o meu propósito era outro; que me valia um amor sem esperança?

Se, como diz o nosso mavioso poeta Lobo da Costa:

Amor sem esperança é como o cego
Que no pó do tropel nas praças rola;
É um canto sem eco que se perde,
Instantâneo ao partir-se da viola.

Chegada a casa, fechei-me em meu quarto e chorei, chorei muito pela perda dessas páginas íntimas, que tantas e tantas vezes me haviam trazido a vigília; mas ainda assim, tive uma vontade firme, fiz um juramento inquebrantável, cerrei a janela de meu gabinete e não mais aí tornei; fiz dali o túmulo em que jazia tão triste amor.

Passados alguns meses, mudamo-nos e do moço do gorro negro, nunca mais tive sequer uma notícia.

Folhas errantes. Rio de Janeiro: Tipografia Hildebrandt, 1882. p. 78-87.

VIOLETA, Rio Grande, 29 dez. 1878, a. 1, n. 41, p. 2.

VIOLETA, Rio Grande, 1º jun. 1879, a. 2, n. 49, p. 2-3.

A educação no lar

Sem dúvida parecerá a muitos uma temeridade nossa aventurar pareceres sobre o tão importante quão difícil cargo de educadora e mãe, quando falta-nos para isso, além de muitos esclarecimentos de espírito, a precisa prática, muitas vezes de mais valioso alcance que uma bem desenvolvida e acertada teoria.

Procuramos, no entanto, esse melindroso tema para esta familiar palestra com as nossas benévolas leitoras, pelo motivo de que, provamos-lhe com estas humildes asserções sobre uma questão aliás de interesse ao nosso sexo, o quanto nos é afeta a nossa educação do lar, aquela a que incontestavelmente devemos o nosso modo de proceder e sentir, aquela que

nasce sob os carinhos e cuidados da mais adorável e respeitada das criaturas, a mulher-mãe, única que na compreensão de sua sagrada tarefa, sabe, como acertadamente diz-nos um ilustre colega, que: “Educar os filhos é constituir a família, e constituir a família sobre a sólida educação, é organizar a sociedade, e organizar desse modo a sociedade é dar bases firmes e fecundas à grandeza e à prosperidade nacional”.

Positivamente, é de imensa responsabilidade ao país a educação da prole querida; de uma descuidada educação provém essas aterradoras tempestades, que no futuro servem para vedar-nos o abençoado caminho do viver, que nobilita e a que uma defeituosa e viciada educação não nos pode conduzir.

Quão pesada será a luta por vezes levantada no seio de extremosa mãe, cremo-lo verdadeiramente; o grande desejo de conceder perdão ao filho querido, deve dificilmente ficar abafado à voz da razão, do direito, que manda fazê-lo conhecer a gravidade da falta cometida, com a mesma justiça e severidade usada para com aqueles que lhe são estranhos.

Eis aí porque não nos cansaremos a encarar a educação do lar como o mais profícuo e salutar princípio ao desenvolvimento moral e social.

Faremos nossas as considerações seguintes, devidas à brilhantíssima pena de Saturnino da Veiga, tratando da educação dos filhos:

“Combater todas as fraquezas de espírito que possam comprometer a energia de que o homem deve ser dotado, para resistir a todos os males físicos e morais que a vida possa oferecer”.

Mesmo no caso de moléstia, que por sua rebeldia ou gravidade possa trazer ao espírito da vítima fracas esperanças de novas forças para o organismo, o desânimo é um mal imenso que só a educação pode impedir, e que, entretanto, parece passar despercebido nas casas de família.

A energia moral substituirá o desânimo inqualificável que quase sempre embrutece o indivíduo e que aos próprios males da vida ajuntará outros mais numerosos e intoleráveis.

Quais os que produzem a velhice precoce, a falta de paciência e justiça para apreciar alheios atos, donde frequentemente resultam antipatia e ódios?

Reconhecido está de há muito o quanto o exemplo influencia nos ânimos infantis – isto com exceções – assim como o pouco valimento mesmo da mais

cuidada educação dos mestres àqueles cujos primeiros passos foram dados sem a mais leve resistência, em meio da condescendência sem limites, na satisfação de todos os caprichos e vontades.

Contra todos os dados precisos à felicidade com que pela nossa índole, costumes e sentimentos podemos formar, parece-nos do mais poderoso alcance obstar a indolência dos filhos: sabemos bem as funestas consequências deixadas ao lar e à sociedade pelo indivíduo a quem o trabalho amedronta e enfastia; seja embora a criança cercada de todos os elementos possíveis a anunciar-lhe um futuro pleno de garantias, cumpre a bem de sua vitalidade física e moral inculcar-lhe atividade, predispô-la ao labor, à causa benéfica e sacrossanta do trabalho; o ócio obumbra os mais puros e límpidos sentimentos, ele aspira o aconchego do vício, que de seu horrível abismo seduz os incautos e aprisiona os fracos de espírito, os infelizes a quem faltou acurada educação moral.

Muito teríamos a expor sobre a educação dos filhos, terminamos, porém, dizendo: o coração dos filhos é o espelho moral onde vão refletir-se os mais pequeninos atos paternos, as mínimas insignificâncias passadas no lar, e que por tal modo se retratam as imagens boas ou más naquele espelho, que nunca mais esvaecem, perdurando a vida inteira.

Rio Grande – 1888.

PROGRESSO LITERÁRIO, Pelotas, 12 ago. 1888, a. 3, 2ª fase, n. 7, p. 2-3.

A infâmia da fronteira

A alma da mulher rio-grandense vibrou também, nos mais nobres assomos de indignação, para protestar contra o banditismo infrene que levou à fronteira a desolação e o terror, o incêndio e a degola.

Interpretou o sentir da mulher patricia, inexcedível no seu amor à pátria e à liberdade, a nossa ilustre colega Exma. Sra. D. Revocata Heloísa de Melo, diretora do *Corimbo*, em cujas colunas fulge o seu belo e vigoroso talento.

Honra-nos, cedendo estas colunas ao vibrante, nobre, elevado e patriótico artigo de D. Revocata de Melo.

Ouçamo-la: é a alma da mulher rio-grandense que fala pela sua pena diamantina:

ASSALTOS À IMPRENSA

Não conhecemos mais selvagem arbitrariedade, maior traição aos desabafos da consciência e do pensamento, mais revoltante testemunho de ignorância às leis do direito e da razão, que aquele que determina, pelo poderio da força bruta, o ataque, a destruição, o extermínio à imprensa.

O vandálico, desolador e atroz atentado de que acabam de ser vítimas os nossos ardorosos e ilustres colegas do *Maragato* e do *Canabarro*, órgãos de propaganda política rio-grandense, publicados em Rivera, Estado Oriental, com o assalto às suas oficinas tipográficas e com o derramamento do precioso sangue de intemeratos patriotas, certamente levantará um clamor de indignação e de desespero a todas as almas puras e a todos os espíritos nobres e alevantados.

A liberdade de imprensa está, de há muito, reconhecida como a primeira base para o desenvolvimento e civilização dos povos, e temos certeza que todo o homem de consciência, a quem a torpe ambição do mando não haja amordaçado a poderosa voz da verdade e da razão, estará ao lado daqueles que sejam agrilhoados ao poste infamante da mais vil das iniquidades – a reclusão do pensamento.

Por muitas vezes temos dado o nosso franco pronunciamento em causa de tão revoltante natureza, e ainda pelo último artigo em que o fizemos, um ilustre colega paulistano dispensou-nos seus eloquentes aplausos.

Não é, pois, sem inteira oportunidade que reproduzimos aqui algumas dessas nossas sinceríssimas considerações.

Se, como disse uma notável pena, foi a poderosa aparição da imprensa que a humanidade libertou-se da ignorância e do despotismo dos primitivos tempos; se a inteligência e a liberdade jaziam quase nas trevas, quando, da lendária Germânia, surgiu pela assombrosa imaginação de Gutemberg a luz precursora do progresso e da civilização, como pensarmos em coactar a imprensa?!

Quando os mais adiantados espíritos estão todos os dias, a todos os momentos, quer pelo jornal, quer pela tribuna, no comício popular, demonstrando as vantagens da liberdade do pensamento, como não

impressionar vivamente o espírito público um ataque brutal aos órgãos das defesas populares?!

A imprensa precisa viver, alar-se, dar curso às vozes daqueles que, no honroso posto de escritores públicos, estão a pugnar pelas suas crenças, pelas suas ideias. Ao cidadão cabe o direito de agir e pensar de pleno acordo com a sua consciência.

Não há país que se preze de caminhar para a civilização, de lutar pela perfectibilidade do seu povo, que não tenha estabelecido, como principal alicerce de engrandecimento, a liberdade de imprensa.

Se o jornal é o mais eloquente e vigoroso testemunho da progressiva marca intelectual e moral de uma nação, como querê-lo suprimir?!

O fato deste ou daquele não seguir o mesmo credo político que alimentamos, não julgar que a felicidade da pátria está no mesmo plano por nós traçado, não é razão bastante para que nos arroguemos ao direito de invadir-lhe a propriedade, destruir-lhe todos os elementos de trabalho e até, numa atroz perversidade, tirar-lhe à vida! Oh Deus, respeitemos as opiniões alheias, para que sejam respeitadas também as nossas.

Para que um país mostre-se grande e magnânimo, é necessário que, sob a sua vasta abóboda possam levantar-se todas as tendas da inteligência, da atividade e do labor honrado, muito embora de princípios opostos.

A imprensa, principalmente, deve ser acatada e respeitada, agindo que seja mesmo em terrenos diversos, logo que a linguagem pornográfica não lhe haja maculado as alvas vestes.

É preciso assim, é indiscutível, que os poderes públicos lavrem e façam executar, com todo o rigor da justiça, a punição dos réus desse nefando crime, que importa na destruição do jornal, e, logo, na defesa popular.

ECO DO SUL, Rio Grande, 2 abr. 1903, a. 49 n. 77, p. 1.

O dote

À Ibrantina Cardona

Caía a tarde sob uma neblina hibernal, sombria e tristonha como são geralmente as tardes de agosto.

Olhando a natureza melancólica, as árvores despidas da opulência da folhagem, os horizontes carregados de nimbos, um casal de velhos, junto a uma tosca janela, velados por uma pequena vidraça, conversavam num tom desanimado e amigável.

Dizia ele: - Mulher, quantas e quantas vezes tenho amaldiçoado a minha ignorância e a minha teimosia em não querer ouvir-te, quando de sol a sol, vergado ao trabalho, como se fora uma besta de carga, arfava de cansaço, sem conhecer dias de folga, com a ideia única de possuir um dote para nossa querida Helena!...

- Eduardo, o arrependimento é quase sempre tardio.

- Quando buscava esclarecer-te o espírito, ficavas de mau humor, retrucavas-me até grosseiramente, e não querias que mandasse a menina a mestre, porque uma mulher para servir a um homem, basta que seja esposa fiel, incansável no serviço doméstico, e mais que tudo, possuidora de um dote!

- Quantas rugas tivemos, porque querias à força demonstrar-me que quem tem um dote em dinheiro é feliz, porque encontra facilmente um marido!

- Tens razão, mulher, os anos, a experiência, a força dos fatos observados, trouxeram-me a certeza do critério dos teus argumentos. Acompanha-me como um fantasma horrível, fere-me como um remorso, aquele dote que, a custa dos maiores sacrifícios, destinei para o marido de Helena!

A mulher que tinha a cabeça pendida nas mãos, limpou os olhos com a ponta do avental, murmurando com a palavra entrecortada de lágrimas: - Ah! querida filha, que tanto sofreste, tanto foste suplicada por um marido algoz, que sem amor, esse sentimento sublime que ameniza as torturas da sorte, sem conhecimento do que seja o delicado e grande coração da mulher, deu-te a mão de esposo, unicamente para dispor do teu dote!

O velho abanou a cabeça: - É verdade, há um ano que a nossa desgraçada filha dorme nessa paz do túmulo, talvez a única que lhe foi dada depois que deixou o lar paterno!

- E lembrar-me que trabalhei tanto, que fiz as maiores economias, pensando na felicidade de minha filha, e tudo isso que acumulei, passando até privações, foi para dar curso ao vício do tratante, do malvado, do vagabundo, que soube iludir-nos até a hora de apanhar a presa! Juntar dinheiro para aquele odioso patife esbanjar, gastar à larga, com toda a sorte de infâmias, e a pobre Helena, longe de nós, passar fome, frios, vergonhas, e não nos poder contar, nem mesmo por uma carta, porque eu, imbecil, ignorante, cuidava que uma mulher não precisava aprender, bastava ter dote, para achar marido, e ali estava a sua felicidade!

- Ah! bruto que fui eu!

- Dinheiro que só servia para o martírio da infeliz menina, que tanto nos adorava!

A velha assentara-se chorando sempre.

Correra então para ela uma encantadora menina de quatro anos, bela, mimosa, palradora como todas as crianças e estendera-se os alvos bracinhos. A avó, num desses arroubos de ternura, incomparável, que bem espelham o amor que abraça um ser que vive e um ser que é de além túmulo, apertou-a ao peito, beijando-a docemente.

Eduardo passando as frias mãos nos louros cabelos da netinha: - Minha querida, hás de ir à escola, hás de habilitar-te para os imprevistos da sorte; não sonho para ti um dote em dinheiro e sim um marido honrado e educado que te procure para sua companheira pelo amor, pelo amor nobre que transforma em paraíso as agruras da vida.

- Um marido alcançado pelo dote é um marido comprado.

Berilos. Rio Grande: [s. n.], 1911. p. 31-35.